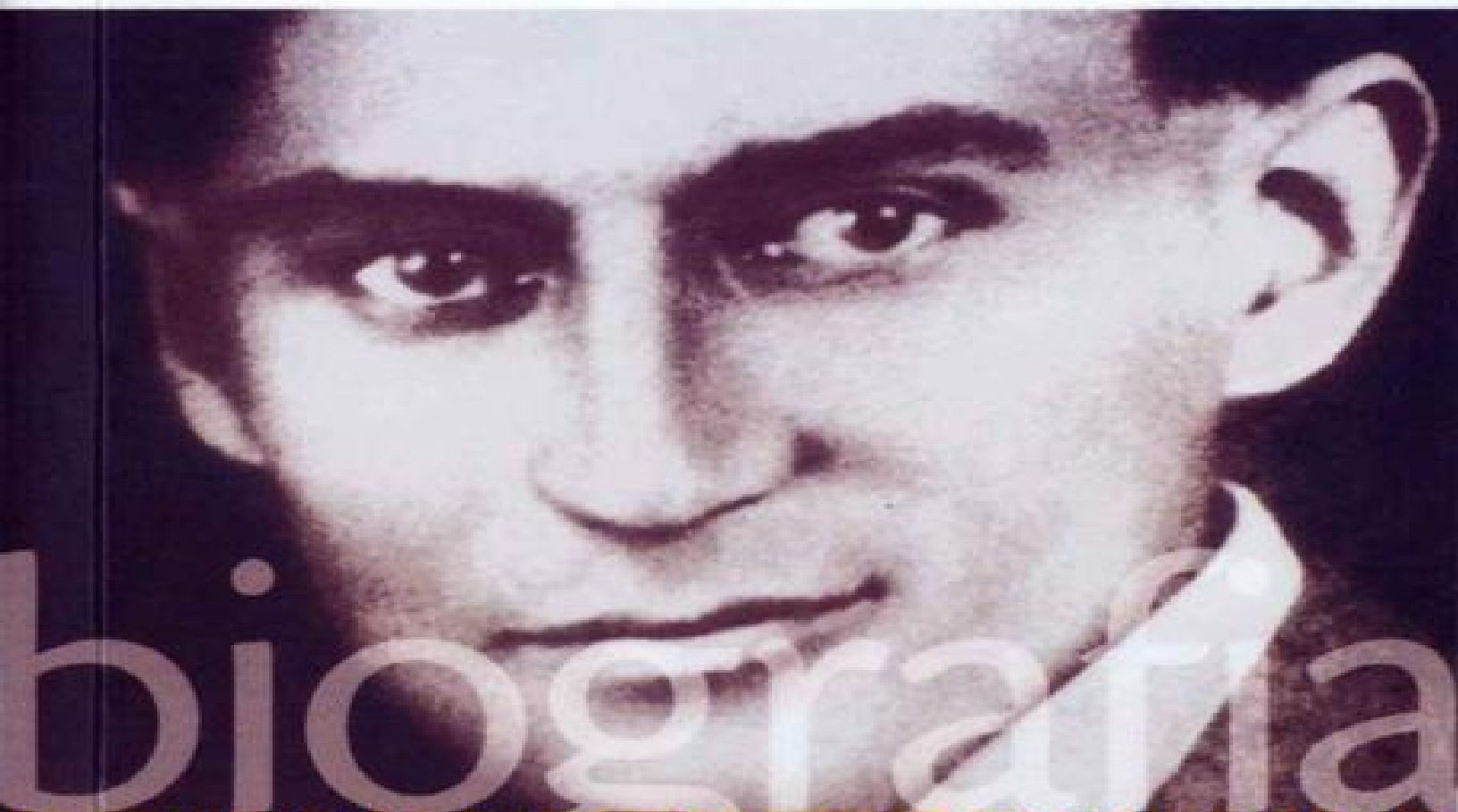
Kafka

Gérard-Georges Lemaire





biografia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Gérard-Georges Lemaire

Kafka

Tradução de Julia da Rosa Simões

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Para Patrizia Runfola, que, através de seus olhos negros, me fez descobrir a Praga de ouro.

O funeral de Kafka, funeral de um mundo

O corpo de Franz Kafka foi repatriado para Praga em um caixão selado pouco tempo depois de seu falecimento, ocorrido no sanatório de Kierling. Ele seria sepultado no novo cemitério judeu de Stanice, localizado no bairro periférico de Žižikov, não longe da estranha e maciça igreja que se ergue bem no centro de Vinohrady com sua fachada de tijolos construída pelo arquiteto esloveno Pleènik, com a colaboração de Otto Rothnager.

Os familiares do escritor viveram essa cerimônia não apenas como um drama pessoal, mas também como um acontecimento precursor de um outro drama que os envolveria a todos. E eles não tardaram a perceber os primeiros sinais. Max Brod registra em suas lembranças que o sepultamento ocorreu às quatro horas da tarde e que, quando acompanhou a família de seu infeliz amigo até sua casa, perto da praça da Cidade Velha, ele notou que o relógio da prefeitura "tinha parado às quatro horas e os ponteiros ainda indicavam o momento fatídico"[1] .

Uma centena de pessoas foi assistir ao enterro de um escritor que publicara muito pouco em sua língua materna e ainda menos em tcheco. Johannes Urzidil evoca esse dia de quarta-feira, 11 de junho de 1924, também marcando-o por augúrios muito inquietantes: "Para os poetas e os escritores de Praga, e sobretudo para os judeus alemães de Praga, foi um dia obscuro e triste"[2] . Esse dia, esclarece, começou com uma manhã serena e de quente atmosfera de verão. Mas ele percebe, retrospectivamente, que o que reuniu aquela pequena multidão foi a tomada de consciência do início de um fim. O tempo fechou um pouco no início da tarde. Urzidil traduz essa impressionante combinação do clima que se degradou e da apreensão de que ele logo é vítima por meio de um sentimento inelutável: "Mais nos aproximávamos da câmara-ardente, mais nos abandonava o senso do definitivo"[3].

O jovem então relata o que aconteceu quando o "triste cortejo" pôs-se em marcha, no momento preciso em que se transportou o caixão da câmara funerária à cova que fora aberta. Ele caminha atrás "da família": o pai, cuja silhueta alta precedia o caixão, e Dora Diamant, a última companheira do escritor, amparada por Max Brod. Depois, os velhos camaradas, os do Círculo de Praga: Felix Weltsch, Hugo Bergmann, Oskar Baum e também Rudolf Fuchs. Uma vez à frente da tumba, Johannes Urzidil é testemunha de uma cena dilacerante:

> Quando pousaram o ataúde, Dora Diamant soltou gritos lancinantes, e seus soluços dissiparam o eco das orações fúnebres judias, que expressavam a santidade de Deus e a fé profunda na esperança da redenção [...][4].

Então ele conclui seu testemunho com o relato do momento dilacerante das despedidas:

> Jogamos terra na cova. Essa terra ficou impressa em meu espírito. Ela era clara, grossa, argilosa, cheia de cascalho e pedras que repicavam ao cair no caixão. Depois a triste comitiva se separou. [...] Nenhuma palavra foi pronunciada. Finalmente o céu ficara nublado. Começou a chover[5] .

E é ele, o menos conhecido dos homens de letras, que faz o elogio fúnebre. Ele define o homem e o poeta frente a quem todos se inclinam e o proclama "a maior singularidade humana [que] ao mesmo tempo gerou a maior magia poética"[6]. Depois, dá ênfase à atitude ética de Kafka, que tinha algo de impressionante e terrificante. Mas, conclui, ele era um "fanático de sua verdade interior". E insiste no fato de que foi justamente essa busca da verdade que o destruiu.

No que restou da imprensa em língua alemã na nova República Tchecoslovaca, artigos necrológicos aparecem. A homenagem de Max Brod é publicada no *Prager Press* de 14 de junho. Dois dias mais tarde, um longo artigo de Felix Weltsch, publicado no *Selbstwehr Jüdisches Volksblatt*, insiste no talento inestimável de Kafka, mas também na especificidade judaica de sua obra: "A alma, que se exprime por meio desta língua, é antes de tudo uma alma judaica. Seu desespero é judaico, assim como suas preocupações e os ensinamentos que deles retira"[7]. Ele chega mesmo a afirmar que, havia muito tempo, "Kafka era sionista". Quanto a Rudolf Kayser, que publicou a novela *Um artista da fome*, ele veicula em sua própria revista o relato de sua única visita a Kafka.

Oito dias depois do enterro de Kafka, uma cerimônia comemorativa é organizada no teatro alemão de Praga, o Kleine Bühne. Preparada com devoção por Hans Demetz, um poeta e escritor dramático, ela tem início às onze horas da manhã em uma sala com capacidade para quinhentas pessoas. "Havia sobretudo judeus praguenses de língua alemã", informa Urzidil. "Não que os tchecos ou os praguenses de língua alemã que não fossem judeus ficassem à distância, mas o nome de Kafka tinha então peso para poucos dentre eles"[8]. Hans Demetz é o primeiro a tomar a palavra. Depois Max Brod o sucede, fazendo um longo discurso que tem como objetivo evidenciar que a obra de Kafka é o "espelho

profundo deste mundo". Em seguida Urzidil fala em "nome da nova geração"[9]. Finalmente, o ator Hans Helmuth Koch lê a cena do cemitério de "Um sonho" e "Uma mensagem imperial", o qual, "totalmente dominado pela emoção, termina num murmúrio", relata Max Brod, citando os críticos da época, em sua autobiografia[10].

Mas se, conforme a lógica, é o microcosmo judeu e germanófono que sentiu a necessidade de reunir-se em torno deste escritor, de quem muitos nada conheciam na época, isso não significa, no entanto, que os intelectuais tchecos tenham se mostrado indiferentes em face do desaparecimento prematuro de Kafka. Em 6 de junho, Milena Jesenská, o grande amor impossível de sua vida, publica uma nota no *Národni Listy* em que faz um retrato seu e recupera a beleza moral de sua atitude. A seguir, ela insiste no caráter no mínimo insólito e profundo de seu conhecimento do mundo, com a vontade de comunicar a seus leitores que sua literatura ainda está por descobrir. Eis sua conclusão: "Todos os seus livros descrevem os horrores de segredos mal-entendidos e de culpabilidades involuntárias entre os seres. Ele foi um homem e um artista dotado de uma consciência tão aguda que ouvia mesmo onde os outros, os surdos, se sentem em segurança"[11]. Dois anos mais tarde, ela escreve um novo artigo, intitulado "A maldição das melhores qualidades". Nele, evoca a existência do diário íntimo de Kafka e, entre outras coisas, narra uma anedota muito reveladora do caráter do escritor, de seu pudor e de sua bondade: o pequeno Franz tinha em casa vinte hellers, que sua mãe lhe dera para comprar guloseimas; impressionado e comovido por uma mendicante, quer dar-lhe uma parte de seu dinheiro; mas esses dez kreutzers, ele os dá de esmola um por um, fazendo a cada vez uma volta completa no conjunto de casas, para cumprir seu gesto de caridade.

E Milena Jesenská não é a única a prestar uma homenagem ao falecido escritor. O *Ceske Slovo* de 5 de junho já anunciara brevemente a notícia do falecimento do literato. Depois, Maria Pujnamova redigiu uma pequena nota no *Tribun* de 15 de junho, na qual escreve a seguinte frase desconcertante: "As obras de Kafka são como estruturas magistrais daquilo que jamais será consumado..."[12]. Por sua vez, o tradutor Ian Grmela, em *Pramen V 1* (1924-25), declara que "Kafka fez parte dos raros escritores tcheco-alemães que viviam intensamente na literatura e na arte tchecas, que ele seguia em suas diversidades"[13]. Finalmente, o jornal do partido comunista tchecoslovaco publicou em 17 de agosto, em seu suplemento dominical, a tradução de "Um

relatório para uma academia", com uma nota muito elogiosa:

> Com ele desapareceu um dos raros poetas alemães, uma alma sensível e pura, que detestava este mundo e fazia sua autópsia com o escalpelo agudo de sua razão. Kafka vê na organização da sociedade a miséria de uns e o poder e a riqueza de outros. Ele ataca em suas obras, de maneira imagética e satírica, os poderosos deste mundo. Seu magnífico conto "O foguista" foi publicado no *Cerven* de S. K. Neunmann[14].

É aliás esse último que redige a nota necrológica de Kafka nas páginas culturais do órgão teórico do partido, declarando: "Foi uma alma sensível [...], que amava os explorados e atacava impiedosamente os ricos, de maneira muito complicada, mas ao mesmo tempo muito comovente"[15]. É curioso constatar que é exclusivamente a extrema-esquerda que assim enaltece Kafka, sem imaginar o debate político de que o escritor será causa durante a Guerra Fria. Uma nova geração de escritores tchecos apodera-se dele e o faz um de seus porta-vozes a título póstumo.

O que pode então inquietar tanto essa pequena comunidade judaica, que, apesar dos reais e violentos surtos de febre anti-semítica antes e depois da declaração de independência pelos grupos nacionalistas tchecos, está no entanto protegida pelo reconhecimento de um estatuto das nacionalidades – havia então três: a alemã, a húngara e a judaica –, votado durante a primeira presidência esclarecida do filósofo Masaryk? Por que a morte de Franz Kafka pôde a tal ponto cristalizar essa surda inquietação? Em um ensaio apaixonante que escreveu no fim da vida, Felix Weltsch, um dos freqüentadores fiéis das reuniões do café Arco, discerne a causa na "perda da consciência judaica"[16] em uma Praga que, no século XVIII, era conhecida como uma "mãe em Israel"[17]. Sem dúvida, a questão é mais complexa. Mas é verdade que os judeus de Praga se queriam "alemães", desejando sem reservas a assimilação social e cultural, renunciando cada vez mais a seus valores ancestrais, à sua história e mesmo a seus fundamentos religiosos.

> Os dois fatores fundamentais [continua Weltsch] – consciência religiosa e consciência étnica – buscam reatar com o terceiro, perdido, a consciência lingüística que redescobre a língua à qual outrora foram ligados em uma comunhão criadora. Esse despertar, esse triplo despertar, acontece à luz da sina de Franz Kafka[18].

Claudio Magris, em um artigo intitulado "Por que você nasceu em Praga?", menciona uma pesquisa feita pelo jornal germanófono *Prager Tagblatt* no início

dos anos 1920. Ela tem por objetivo entender o motivo dessa lenta mas irrefreável deserção da cidade por sua intelectualidade de língua alemã. Magris resume-a assim:

> Na escrita, a situação histórica sem solução está associada a uma realidade além da história, e o caráter indissolúvel de contradições se cristaliza em suas oscilações permanentes, em suas elisões, graças às quais busca-se um lugar móvel e livre onde se proteger das tensões políticas e sociais. A literatura que se quer essência da realidade substitui a realidade inexistente e transforma a presença simultânea de aportes inconciliáveis em sua razão de ser[19].

Ele discerne, por esse viés, de que forma Kafka assume um lugar crucial em uma crise em que, incapaz de cortar o cordão umbilical como um bom número de seus contemporâneos pôde fazer, ele se mostra pouco capaz de aceitar plenamente essa relação íntima e indissolúvel com Praga:

> Kafka [constata Magris] sublinha seu não-pertencimento ao mundo praguense, mas também sua incapacidade de se distanciar desta *no man´s land* onde encontra sua verdadeira pátria de expatriado, sendo a incapacidade de se desfazer desse vínculo baseada em uma recusa incessantemente reafirmada, portanto, no amor-ódio[20].

Assim, esse luto foi o luto por um homem que personalizara, em sua maneira de viver e em seus textos, o crepúsculo da Praga judia e germânica (uma minoria no seio de outra minoria bastante ínfima, presa entre o martelo do nacionalismo tcheco e a bigorna do anti-semitismo alemão), que viu pouco a pouco seus artistas e escritores desertarem-na: Hugo Bergmann para Jerusalém (como mais tarde Max Brod), Franz Werfel, Gustav Meyrink e Hermann Ungar para Viena, Otakar Kubín e Georg Kars para Paris, Friedrich Feigl para Berlim, como Kafka tentara fazer sem sucesso em uma fuga final e desesperada; sem falar de Rainer Maria Rilke, que, antes de todos, fizera suas malas para levar uma vida errante em grande parte da Europa, de Trieste a São Petersburgo, o mais longe possível de Praga.

---

[1]. Max Brod, *Franz Kafka, souvenirs et documents*, p. 241.

[2]. Johannes Urzidil, “11 juin 1924”, em *Les Métamorphoses de Kafka*, p. 46.

[3]. *Ibid.*, p. 47.

[4]. *Ibid.*, p. 49.

[5]. Johannes Urzidil, “In memoriam Franz Kafka”, em *Lettres françaises*, n. 13, março 2005, p. 5.

[6]. *Ibid.*

[7]. Felix Weltsch , “Franz Kafka est mort”, em *J’ai connu Kafka*, p. 14.

[8]. Johannes Urzidil, “11 juin 1924”, *op. cit.*, p. 49.

[9]. *Ibid.*, p. 50.

[10]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 223.

[11]. Milena Jesenská, “Kafka”, em *Vivre*, p. 124.

[12]. “Kafka”, *Europe*, novembro-dezembro 1971, p. 3.

[13]. *Ibid*., p. 4-5.

[14]. František Kautman, “Kafka et la Bohême”, em *Europe*, *op. cit.*, p. 69.

[15]. *Ibid*., p. 70.

[16]. Felix Weltsch, “Grandeur et décadence de la symbiose juive-allemande: le cas de Franz Kafka”, em *Métamorphoses de Kafka*, p. 27.

[17]. *Ibid*.

[18]. *Ibid*., p. 30.

[19]. Claudio Magris, “Pourquoi êtes-vous né à Prague?”, em *Métamorphoses de Kafka*, p. 21.

[20]. *Ibid*.

Uma família sob o signo do corvo

A história da família Kafka condensa em si mesma, sem sombra de dúvida, a história da maioria das famílias judias que se instalaram na Boêmia. Depois da Guerra dos Trinta Anos, que foi particularmente sangrenta e provocou na Boêmia, assim como em várias outras regiões da Europa, uma desertificação das zonas rurais no final do século XVII – Alena Wagnerová observa que "a população da Boêmia representava então somente um terço do que fora em 1618"[21] –, decidiu-se trazer para trabalhar, nos domínios senhoriais, judeus dos países limítrofes do *Yiddishland* e de Viena. A nobreza local só pode se felicitar por essa nova população, que, graças à sua experiência comercial, permite desenvolver o investimento dos produtos agrícolas e dos negócios em geral. Por outro lado, os recém-chegados estão sujeitos a impostos especiais, o que se torna uma fonte de rendimentos não desprezível para os fidalgos, em parte arruinados pelos recentes acontecimentos. Essa população deslocada está longe de se lamentar do destino que lhe é atribuído, apesar de numerosos constrangimentos, pois ela geralmente está instalada sob a proteção da aristocracia que a emprega, colocando-a fora do alcance dos comerciantes locais, que vêem em seus membros perigosos concorrentes. Além do mais, quando a imperatriz Maria Teresa tenciona, em 1744, expulsar todos os judeus de Praga, antes de, por que não?, enxotá-los da Boêmia e de todo o Império, os funcionários e os nobres da província se insurgem contra esse projeto, que ameaça seriamente seus interesses.

Existia então uma lei que limitava o número de lares judeus, a *Familiantengesetz*. Promulgada em 1726, ela controla severamente as casas judias das aldeias e dos burgos, sendo que para cada família era atribuído um número, o *Familianstelle*, só transmitido ao filho mais velho. Nem a viúva pode obtê-lo depois da morte do marido. Os filhos mais novos não têm direito nem de casar, nem de ter filhos. Essa lei draconiana é algumas vezes driblada, pois os judeus protegidos sob a autoridade direta dos senhores, os *Schutzjuden*, nem sempre são *Familianten* submetidos às regras do famoso registro. O reverso da medalha é que seus patrões podem muito bem retirar seu apoio.

Durante o século XVIII, a comunidade aldeã ainda observa as prescrições religiosas tradicionais com muita devoção. Mas uma profunda evolução se produz. Primeiro, os judeus falam um "alemão judeu", isto é, um alemão

permeado de expressões em iídiche. Logo o ensino do alemão se propaga pelas escolas judaicas que seus filhos freqüentam. Em grande parte dessas famílias campesinas fala-se o tcheco durante a semana e o alemão no dia de Sabá. As relações com a comunidade cristã são geralmente muito boas, a ponto de os aldeões judeus assistirem à missa no domingo e os aldeões cristãos freqüentarem a sinagoga no sábado.

Em 1849, a supressão da lei discriminatória e restritiva do *Familiantenbuch* e a criação, no seio do Império Austro-Húngaro, de um novo estatuto para os judeus, então colocados sob a proteção direta do imperador Francisco José, provocam uma grande imigração para as cidades, onde irão prosperar e continuar sua assimilação.

Podemos recuar a árvore genealógica dos Kafka ao ano de 1802, data do casamento de seu ancestral, Josef Kafka. Sem dúvida ele foi o primeiro a usar esse nome, que significa “gralha” em tcheco e que nessa região da Boêmia é relativamente comum. Ele se estabelece em Osek (que também pode ser escrito Wosek, Wohsek ou Ossek). Seu segundo filho, Jakob, é o pai de Hermann, por sua vez o futuro pai de Franz Kafka. Em sua juventude, Jakob compartilha um quarto com seus cinco irmãos e irmãs, come mais batatas do que seria razoável e nunca está muito bem vestido. Aos seis anos, já está nas estradas entregando carne. Ele se torna açougueiro e realiza o *shekht’n,* o abate ritual, sem dúvida ajudado pelo empregado da sinagoga. No entanto, também abastece as casas cristãs dos arredores. Não sendo o primogênito, ele não pode se casar. Mas encontra uma jovem de seu gosto, Franziska Platowski, com quem vive na ilegalidade e tem filhos também ilegítimos, provavelmente abençoados em segredo pelo rabino. Quando a lei da emancipação é promulgada em 1849, como muitos outros casais clandestinos eles podem enfim celebrar seu casamento, em 16 de julho. Hermann nasce pouco depois, em 1852, em casa, no nº 35 da Rua dos Judeus. Em sua família, todos são muito devotos e observam as grandes festas. Durante o Sabá, chamam uma *shabes goyte,* empregada cristã que realiza as tarefas proibidas aos judeus nesse dia. À tarde, o chefe de família lê o *Khumesh,* os cinco livros de Moisés, e ensina o hebraico a seus filhos.

Depois da cerimônia do *bar mitzvah,* o jovem Hermann, tendo entrado na idade adulta, vai a Pisek trabalhar na casa de um parente, Ludwig Kafka. Mais tarde, ele se tornará vendedor ambulante. Julie, sua futura esposa, relatou esses duros anos de aprendizagem: “Meu marido saiu de Wosek aos catorze anos de idade e precisou garantir sua subsistência. Aos vinte anos, foi soldado e chegou ao posto de *zugsführer* [chefe de comboio]”[22]. Transferido para o segundo

regimento de engenharia, ele emprega-se em uma equipe técnica. Após três anos, é liberado e pode ir trabalhar em Praga, por volta de 1875, na casa de seu primo Angelus, que é comerciante de vinhos e bebidas alcoólicas por atacado. Em 1880, Hermann ainda vive com seu primo na Karpfengasse (Kaprová) e atua como representante de seu pequeno negócio.

Nesse mesmo ano, ele conhece uma jovem, Julie Löwy, que mora na casa Smetana, na esquina da Eisengasse com a praça da Cidade Velha. Ela nascera em Bad Podebrady, a sessenta quilômetros de Praga. Seu avô, talmudista conhecido e respeitado, possui um próspero negócio de tecidos. Seu pai é originário de Humpolitz e é comerciante de tecidos. Seus irmãos se converteram ao catolicismo e escolheram Lanner como novo nome. Franz Kafka fará de sua família materna uma imagem quase mística:

> O bisavô de minha mãe era ainda mais sábio que o avô, gozava de igual consideração junto aos cristãos e junto aos judeus; durante um incêndio, sua devoção provocou um milagre, o fogo passou por cima de sua casa e poupou-a, enquanto todas as casas à volta queimavam[23].

Jakob Löwy, o pai de Julie, vendeu sua casa e sua loja em Podebrady para ir morar em Praga. Quanto à sua mãe, Esther Porias, morreu de tifo aos 28 anos. Tendo seu pai casado logo depois de seu falecimento, a seus três irmãos somaram-se dois meio-irmãos.

Hermann Kafka e Julie Löwy se casam em 3 de setembro de 1882. Reúnem suas famílias e seus amigos no palácio Goldhammer, na praça da Cidade Velha. Logo depois, Hermann abre uma loja de “linhas, tecidos e quinquilharias” no lado norte da mesma praça, bem no centro da cidade, no nº 12 da Zeltnergasse (hoje Celetná). Julie lembra de ele a ter desposado quando entrava “em seu trigésimo ano. Ele se estabelecera com poucos recursos financeiros e, como éramos trabalhadores, tornou-se um homem respeitado”[24]. Passados cinco anos, a loja é transferida para a Stockhausgasse (hoje Vezenška), pois a região norte da praça seria submetida a demolições. Hermann se empenha sem restrições para desenvolver seu negócio, o que ele consegue muito bem. Ele se instala novamente na Zeltnergasse, agora no nº 3. No ano seguinte, oferece a mais aos fregueses luvas, sapatos de pano com solas de couro, roupas de baixo. Em 1906, decide bruscamente abandonar sua oficina e vende todo seu estoque antes de mudar-se para o outro lado da rua. Em 1912, mais uma vez, muda-se para instalar seu negócio ao lado do palácio Kinsky, na praça da Cidade Velha.

Apesar de seu comércio conhecer uma relativa prosperidade, não lhe faltam

problemas. Ele é denunciado anonimamente por causa de uma banca no exterior da loja, sob o pretexto de que os transeuntes cristãos correm o risco de nela rasgar suas roupas nos domingos pela manhã, quando vão à missa. Em 1884, ele é acusado por um capitão de polícia de perturbar o descanso dominical. Quatro anos mais tarde, está novamente no banco dos réus, dessa vez por ter comprado mercadoria suspeita; acaba sendo perdoado, mas perde seu grau de perito junto ao tribunal de comércio. Ele também precisa enfrentar um caso mais grave de dinheiro falso, sendo alvo de diversas denúncias por parte de seus vizinhos tchecos. Em seus diários, Franz Kafka declara a que ponto seu pai era atormentado por todos os aborrecimentos causados pela loja: “Esta noite, meu pai não conseguia adormecer, tão agitado que estava pelas preocupações causadas pela casa de comércio e pela doença que provocaram. Compressas no coração, náuseas, sufocamentos, vaivéns entre os gemidos [...]. Ele caminha de um lado para o outro gemendo e balançando a cabeça”[25]. Durante o mês de outubro de 1911, ele olha com admiração para o pai, pois este soube convencer a maior parte de seu pessoal que queria pedir demissão a ficar: “Graças às suas boas palavras e à sua cordialidade, sua grandeza e sua força de outrora, sua experiência e sua inteligência, ele conseguiu resgatar quase todos com conversas ou encontros privados”[26].

Hermann é, portanto, um homem que se fez com a força das próprias mãos, atingindo os objetivos a que se propusera na juventude, mas ao preço de muito trabalho, de muitos sacrifícios e também de amargas dificuldades que a família várias vezes teve de enfrentar.

Max Brod conservou a imagem dos pais de Kafka à época em que se juntava a Franz na loja, desejoso de ajudá-los depois de suas aulas na universidade:

> Lembro-me particularmente dos incontáveis pares de pantufas que eu via sobre as prateleiras, enquanto Franz [...] em vão queria tentar ajudar seu pai sobrecarregado com o peso do trabalho ou ao menos mostrar sua boa vontade, arrancar-lhe um olhar afetuoso ou uma palavra de aprovação. Sua mãe também era uma colaboradora ativa do marido, que aliás não poderia passar sem ela; durante algum tempo, também notei a presença de uma irmã de Franz[27].

A irmã caçula de Franz, Ottla, de fato trabalhou algum tempo com os pais. Ela preferia então se ocupar na loja a ficar trancada na casa da família, sufocante demais para ela.

[21]. Alena Wagnerová, *La Famille Kafka de Prague*, p. 27.
[22]. *Ibid*., p. 5.
[23]. *Diários*, 25 de novembro de 1911, p. 200.
[24]. Alena Wagnerová, *La Famille Kafka de Prague*, p. 58.
[25]. *Diários*, p. 34-37.
[26]. *Ibid*., p. 110.
[27]. Max Brod, *Franz Kafka*, *op. cit.*, p. 16.

De uma infância, outra

A infância de Franz Kafka é sem dúvida comparável, em termos, à dos filhos da nova burguesia de seu tempo. De sua tenra idade ele não conserva quase nenhum vestígio em seus escritos íntimos. Em compensação, na *Carta ao pai* ele narra um episódio traumatizante de seus primeiros anos, que põe em cena um Hermann Kafka furioso. A criança pede água com insistência, o pai se zanga e o pune: "[...] me tiraste da cama, me levaste para a *pawlatsche* e me deixaste ali sozinho, por um bom momento, só de camisola de dormir, diante da porta trancada"[28]. Para o pequeno Franz, esse é o primeiro ato de aprendizagem da obediência, que se concretizaria com uma grande incompreensão: "Conforme à minha natureza, jamais consegui entender a relação existente entre a naturalidade do ato insensato de pedir-por-água e o extraordinariamente terrível do ato de ser-levado-para-fora"[29]. Ele acredita lembrar-se de ter sentido esse castigo injusto como uma prova de força entre um "homem gigantesco" e um pequeno menino indefeso que tem a sensação de não ser absolutamente nada.

Como grande parte das crianças da época, ele não foi criado por sua mãe, mas por empregadas. Ele recorda isso com amargura a Felice Bauer, em dezembro de 1912: "Vivi então por muito tempo sozinho e lutei com amas, velhas babás, cozinheiras mal-humoradas e tristes governantas, pois meus pais ficavam constantemente na loja"[30]. A primeira dessas mulheres que cuidou dele se chama Marie Werner, mas ela é apelidada familiarmente de *Slecna*, isto é, Senhorita, pois só fala o tcheco. Mais tarde ele fará dela um retrato pouco lisonjeiro em uma carta enviada a Milena Jesenská: "Nossa cozinheira [era] uma pequena mulher seca e magra, com nariz pontudo e bochechas encovadas, amarela, mas sólida, enérgica, superior..."[31]. É uma solteirona endurecida, judia, de caráter tímido e apagado. Ela chegou à casa dos Kafka logo depois do casamento destes e ali ficou muito tempo, para criar as crianças.

Quando Franz Kafka faz sete anos, ele precisa entrar na escola, que era obrigatória na Áustria desde 1744. Não é sua mãe – que estava grávida de sua irmã Gabriele e quase parindo –, mas a famosa cozinheira que o acompanha, em 16 de setembro de 1889, para iniciar esse novo e decisivo contato com o universo pedagógico. Este toma a forma da *Deutsche Volks und Bürgerschule*, logo em frente à escola tcheca, um prédio de aspecto bastante intimidante no

Fleischmarkt, um mercado de carnes há alguns anos substituído por um mercado de peixes. Franz se adapta rapidamente a esse microcosmo e logo faz amizade com vários colegas de aula. Ele se arranja para voltar para casa, a dois passos dali, na companhia deles, como lembra Hugo Hecht:

> Voltávamos sempre em grupo e seguindo diferentes trajetos. Kafka quase sempre fazia parte de nosso grupo, que passava em frente à sua casa antes de chegar a seu destino. É claro, raramente tomávamos o caminho mais curto. Era tão agradável perambular por todas aquelas ruelas tortuosas, ver as vitrinas ou dar uma olhadela nos pátios[32].

Seu amigo de infância a seguir o descreve como um menino pacato, estudioso, em boa sintonia com o professor de terceira e quarta série, Moritz Beck, e com excelentes notas: “Ele sempre foi um bom aluno, muitas vezes o primeiro da turma; os professores gostavam muito desse bom aluno, calmo e discreto”[33]. Na famosa carta que Franz escreve a seu pai em 1919, ele dá a essas primeiras experiências escolares uma versão bem diferente, pois declara ter tido de ultrapassar os obstáculos que o ensino nunca cessava de colocar à sua frente: “Eu pensava jamais passar do primeiro ano primário, mas consegui e até recebi um prêmio...”[34]. Ele confessa a Milena Jesenská, décadas mais tarde, o quanto detestou aquela instituição: “A escola, para mim, em si, já era um objeto de terror, e a cozinheira ainda queria torná-la um objeto de pavor”[35]. Ele conta que suplicava, mas que ela o puxava com todas as forças, vencendo sua resistência: “Eu me agarrava nos painéis das lojas, me grudava nas pedras angulares das esquinas, não queria dar nenhum passo a mais antes que ela me poupasse, eu a puxava para trás pela saia (ela também não tinha uma tarefa fácil)...”[36]. Ele associa intimamente, aliás, essa figura ameaçadora da empregada ao que considera os malefícios causados por sua educação.

Apesar das recomendações do professor de Franz, que aconselha seus pais a que ele fizesse uma quinta série facultativa, eles decidem o contrário e ele se vê obrigado a prestar o exame de admissão para o ginasial em 1893. É aprovado sem dificuldade. A partir de então, a questão passa a ser se ele deve entrar no liceu, que o destinaria a uma carreira na administração ou nos negócios, ou em uma *Realschule*, que confere uma formação mais pragmática. Hermann Kafka, em seu desejo de ascensão social, escolhe dedicar seu filho às humanidades clássicas. Assim, ele ingressa no *Alstädter deutsches Gymnasium*, mais exatamente no “Staatgymnasium mit deutscher Unterrichtsprache in Prag-Alstadt”. Era “considerado o mais severo de Praga”, destaca Max Brod. “Não

era muito freqüentado, e havia poucos alunos nas amplas salas de aula [...]. Temíamos os professores...”[37]. Ele está instalado no magnífico palácio Kinsky, um dos grandes edifícios barrocos de Anselmo Lurago construídos para o conde Goltzentre entre 1755 e 1765, cuja fachada, muito ornamentada, dá para a praça da Cidade Velha. Hugo Hecht recorda suas enormes dimensões: “A asa senhorial que dava para a rua era absolutamente magnífica; o liceu também abrangia, recuados da rua, prédios muito alongados que tinham dois grandes pátios. Era ali que os alunos, sob a vigilância dos professores, encontravam-se durante o recreio das dez horas”[38]. Ele tem uma excelente reputação de nível em seu ensino e de rigor em sua disciplina. Durante os dez meses do ano escolar, estuda-se 24 horas por semana – oito horas para o latim durante os três primeiros anos, três para o grego, quatro para a gramática alemã para os mais novos, três para a geografia (que é então a matéria preferida do adolescente), sendo o resto do tempo dedicado à matemática (que o desagrada) e à literatura. A história, reduzida somente a uma hora, só é ensinada aos mais velhos. O tcheco, assim como a caligrafia (caracteres gregos e góticos), só é obrigatório durante os dois primeiros anos, uma vez por semana. Os alunos podem fazer aulas facultativas de tcheco, de francês e de educação física. Kafka se inscreve nos três, apesar de seus pais, em casa, terem contratado uma governanta francesa, srta. Bailly, para que ele pudesse aprender a língua de Racine. Ela vai se dedicar a essa tarefa durante dez anos, não sem dificuldades.

Aqui também a imagem do aluno-modelo apresentada por Hugo Hecht está bastante distante da do próprio Franz Kafka:

> Durante os oito anos que passou nesse liceu, ele sempre foi um aluno muito bom, e algumas vezes ganhou prêmios. Ele tinha média em todas as matérias, menos em matemática. Apesar da melhor boa vontade do mundo – até fez aulas particulares –, ele não conseguia fazer progressos nessa matéria. Era muito bom em todas as matérias literárias, em língua, em literatura, em filosofia, mas não se sentia muito à vontade quando se tratava de um saber mais concreto como a geografia, a mineralogia, a geologia ou a física. Mediante trabalho e perseverança, ele no entanto alcançou resultados nessas matérias[39].

Esse liceu, renomado por ser muito conservador, tem a particularidade de ser constituído por professores austríacos que, regra geral, assumem a peito sua missão junto aos alunos, na maioria judeus de boas famílias. Um outro condiscípulo de Kafka, um tcheco, Zvendo Vanek, enfatiza o seguinte aspecto: “Meus camaradas de aula eram sobretudo filhos de ricas famílias judias de industriais e comerciantes. Éramos poucos de outra confissão, o que nos

obrigava a abandonar a sala quando o rabino chegava para a aula de religião”[40]. Klaus Wagenbach explica no que consistia esse ensino religioso:

> Duas aulas por semana. Explicação da Bíblia, até a morte de Moisés. História de Josué e dos Juízes. Capítulos escolhidos do Êxodo no texto original. O ensinamento da religião judaica – duas vezes por semana até o último ano –, incluindo a leitura do Antigo Testamento (versão alemã, páginas escolhidas do texto), alguns excertos do Talmude e a história do povo judeu[41].

No final de seus estudos secundários, Kafka tem a sorte de ter dois excelentes professores: Emil Gschwind, um antigo pianista residente no colégio, que possui uma vasta cultura clássica e ensina latim, grego e principalmente filosofia, e Adolf Gottwald, que ensina biologia, física, botânica, zoologia, mineralogia e astronomia. Esse último se revela um ótimo pedagogo, que sabe insuflar o amor pela ciência em seus alunos. Kafka é pouco receptivo. No entanto, sofre influência do primeiro. Ele se apaixona por Spinoza, depois pelas teorias de Charles Darwin. Ele conhece então Hugo Bergmann, futuro discípulo de Franz Brentano, que tem uma certa ascendência sobre ele e com quem mantém discussões animadas sobre assuntos austeros e elevados:

> É assim que me lembro em todo caso de ter tido com Bergmann, durante os anos de liceu, freqüentes discussões sobre Deus e sua possível existência, discussões que eu não levava muito longe – é provável que eu já me cansasse facilmente –, mas às quais dava um ar talmúdico que ou encontrara em mim espontaneamente, ou copiara dele. Nessa época, eu me baseava por iniciativa própria em um tema descoberto em uma revista cristã – *Die Christlische Welt*, acho –, em que se encontravam confrontados um relógio, o mundo, o relojoeiro e Deus, sendo que a existência do relojoeiro deveria demonstrar a de Deus. A meu ver, eu podia perfeitamente refutar isso frente a frente com Bergmann [...][42].

Bergmann confirma que Kafka adotara essa “filosofia”: “Na época, Franz passava por uma fase de ateísmo ou panteísmo, e ele queria me dissuadir totalmente de minhas crenças judaicas”[43]. Oskar Pollak, que com a ajuda de Hugo Hecht o “converteu” ao ateísmo, torna-se o amigo íntimo de Kafka. Ele o faz descobrir a revista *Der Kunstwart* e, ao mesmo tempo, o pensamento de Friedrich Nietzsche, que é seu co-fundador.

Seja como for, Kafka nunca se vê retrospectivamente como o aluno dócil, disciplinado e aplicado que parece aos olhos de todos. Ele se abre com Max Brod, que relata essa curiosa autodepreciação: “Mais tarde, Franz me contou que só passara em matemática ‘chorando durante seus exames’, e graças a Hugo Bergmann, que permitira que ele copiasse seus deveres”[44]. Ele parece considerar o colégio uma provação quase insuperável:

> Eu pensava jamais passar do primeiro ano primário, mas consegui e até recebi um prêmio; porém, eu certamente não haveria de ser aprovado na prova de admissão para o curso ginasial, mas consegui; mas então por certo eu seria reprovado já no primeiro ano do ginásio, porém não, também ali não fui reprovado e segui sempre adiante e adiante. Mas o efeito disso não foi uma confiança renovada, pelo contrário... [...] Muitas vezes eu via mentalmente a assembléia medonha de professores (o ginásio é apenas o exemplo mais homogêneo, mas em toda parte ao meu redor as coisas eram parecidas), que iria se reunir quando eu tivesse passado pela *prima*, quer dizer, quando já estivesse na *sekunda* ou, passada esta, na *tertia*, para investigar esse caso único, que clamava aos céus para ser explicado, e perguntar como eu, o mais incapaz e por certo o mais ignorante, havia conseguido chegar sorrateiramente até aquela série e, uma vez que a atenção geral estava voltada a mim, naturalmente eles me cuspiriam para fora sem mais delongas, para júbilo de todos os justos libertados desse pesadelo[45].

Mas entre a realidade da escolaridade e a lembrança que Kafka tem dela, com a soma dos medos, angústias e frustrações que dali retirou *a posteriori*, é claro que existe a imensa margem do imaginário, que lhe sugeriu a representação calamitosa de si mesmo, como atesta esta passagem de seu diário:

> Então me acontece às vezes acreditar que durante todos os meus anos de liceu, e mesmo antes, eu era capaz de pensar com bastante rigor, e que, se não posso mais julgar de maneira imparcial hoje em dia, é somente porque minha memória mais tarde enfraqueceu; também percebo em outros momentos que minha memória ruim só me favorece e que me revelei de uma preguiça de espírito muito grande, pelo menos nas coisas insignificantes em si, mas pesadas em conseqüências[46].

É nessa dúvida perpétua e nessa perpétua negação de suas qualidades intelectuais e de sua faculdade de julgamento que é preciso considerar a visão que ele conserva de seus oito anos de liceu.

A educação de Franz Kafka não se encerra quando ele deixa o Gymnasium: ela continua em casa. Havia, é desnecessário dizer, as sempiternas lições de francês ministradas pela srta. Bailly, que teria, diz ele, tentado seduzi-lo ao ler-lhe *Sonata a Kreutzer*[47]. Havia também as enfadonhas e inúteis lições de piano e violino. Ele não demonstra nenhuma disposição para a música, conforme confessa a Felice Bauer:

> Meu professor de violino, desesperado com minha falta de memória musical, preferia me fazer pular por cima das batutas que ele segurava, e meus progressos em música consistiam em ele levantar a batuta um pouco mais alto a cada aula[48].

Mas o que mais parece tê-lo feito sofrer é a forma de educação mais fundamental e mais profunda – a educação dos pais. Ao redigir sua longa, dolorosa e ambígua carta a seu pai, que não sabemos se é puramente

autobiográfica ou puramente literária, mas a partir de sua história familiar, Kafka declara toda a sua aversão pela maneira como seu pai o educou. No que se refere a isso, ele é incansável. Como seu pai é aquele que detém a autoridade suprema no assunto – "uma vez que eras meu educador verdadeiro"[49] –, é o único responsável pelo que ele, Kafka, se tornou:

> O fato é que tuas medidas educativas acertaram o alvo; não me esquivei de nenhuma investida da tua parte; assim como sou (naturalmente não levando em conta os fundamentos e influências da vida), sou o resultado da tua educação e da minha obediência[50].

E ele entra nos detalhes dessa relação que teve como objetivo fazê-lo um homem à altura das ambições do pai: "Teus recursos oratórios , eficazes ao extremo e jamais falhos, pelo menos no que diz respeito a mim, eram: insultar, ameaçar, ironia, riso malvado e – curiosamente – auto-acusação"[51]. Ele corrige imediatamente essas acusações esclarecendo que o pai nunca o insultou de maneira direta. E acrescenta: "Reforçavas os praguejos com ameaças e então isso já valia também para mim"[52]. E enumera a infinita gama dessas ameaças. Além do mais, ele confessa não ter podido suportar o que chama "educação pela ironia": "E cada uma dessas perguntas era acompanhada por um riso irritado e uma cara feia"[53]. Essas páginas raivosas, veementes, em que abundam paradoxos, acabam sob uma forma ainda mais paradoxal, quando ele admite sua derrota e imagina seu pai falar nestes termos:

> Portanto, agora tu já terias conseguido o bastante com tua insinceridade, pois provaste três coisas: primeiro, que tu és inocente; segundo, que eu sou culpado; e, terceiro, que tu estás disposto, por pura grandiosidade, não só a me perdoar, mas, o que dá mais ou menos no mesmo, a provar e crer pessoalmente que eu, mesmo contra a verdade, também sou inocente[54].

E o acusador retira esta terrível e paradoxal conclusão: "A isso respondo que, de primeiro, toda essa objeção, que em parte também pode ser voltada contra ti, não provém de ti, mas de mim"[55]. De forma que essa longa e dramática acusação contra o pai transforma-se em acusação contra si mesmo.

É preciso ler essa carta com muitas precauções. Para a posteridade, Hermann Kafka passa por um personagem odioso, quase monstruoso, que, de excesso de cólera em punições exemplares, dedicou a maior parte de seu tempo a tiranizar seu filho, entravando seus desejos, suas aspirações e sua vocação de escritor, colocando-o definitivamente em um labirinto de complexos esmagadores. O

humor mordaz da inversão de ponto de vista, ao final da carta, chega ao ápice quando o pai toma a palavra e demonstra que o filho inventou essa história para justificar sua total incapacidade de enfrentar a vida: “Que te importa se agora és incapaz para a vida, eu é que sou o responsável e tu apenas te espreguiças tranqüilamente e te fazes arrastar, física e espiritualmente, por mim pela vida afora”[56]. O humor, às vezes patusco e muito negro, assume aqui toda a sua significação, pois é impossível cortar o nó górdio.

E no entanto é verdade: Franz foi o total resultado da educação de Hermann. Ele teve a possibilidade de dar o salto qualitativo a que seu pai tanto aspirara. Mas isso ocorreu de maneira diametralmente oposta a suas previsões, pois o filho, que tem em mãos todas as cartas do êxito social, na visão desse pai exigente não faz nada, frustrando assim todas as suas expectativas. Franz faz parte de uma geração de jovens que foram educados com zelo e que, alguns dentre eles, revelaram-se intelectuais talentosos (filósofos, juristas, jornalistas, professores, pensadores, políticos, médicos), mas pouco engajados na vida ativa, pelo menos não o suficiente para concretizar um grande sonho de êxito no mundo real. Em suma, as aspirações dessas duas gerações, a do pai e a do filho, convergem porque os filhos ultrapassaram em tudo os pais, mas divergem porque ao concretizar os desejos desses últimos eles perdem de vista o real objetivo, que é o poder e a riqueza. O objetivo da carta de Kafka não é descrever o caráter de seu pai nem sua vontade de hipotecar o destino do filho, mas dar conta de um qüiproquó absoluto. Max Brod lembra que Kafka, adulto e já tendo esboçado sua obra literária, sempre buscou “uma aprovação paterna que lhe era no entanto impossível obter”[57]: ele até dedicou-lhe uma de suas mais belas narrativas, *Um médico rural*. Ele elucida melhor essa relação informando-nos de que Hermann demonstrava uma grande indiferença frente à sua ambição literária: “Franz seguidamente citava a resposta com que este recebeu o livro (onde certamente não havia má intenção). Ele disse apenas: ‘Coloca em cima do criado-mudo’”[58]. Outra vez, Franz deu-lhe as *Mémoires* de Benjamin Constant. E outra ainda, leu-lhe a novela intitulada “Le Soutier”, que ele ouviu com impaciência e “a mais extremada repugnância”[59].

“Ao lado do pai, eis a mãe”, exclama Max Brod, “ideal de razão na desordem da infância”[60]. Kafka esboça seu retrato em 1911, demonstrando-lhe afeição, mas destacando, no entanto, um de seus defeitos, como que indicando uma reserva imperceptível:

> Minha mãe trabalha o dia inteiro, esteja feliz ou triste, como se pode ver, sem reivindicar a menor

consideração por sua própria situação; sua voz é clara, forte demais para uma conversa informal, mas benéfica quando estamos tristes e quando a ouvimos subitamente após algum tempo[61].

Franz percebe-a de uma dupla perspectiva, em uma visão com dois focos, como seu narrador diz ao pai: “É certo que minha mãe era de uma bondade ilimitada comigo, mas para mim tudo isso estava relacionado a ti, ou seja, em uma relação nada boa. Inconscientemente ela exercia o papel do batedor na caça”[62]. Por um lado, o amor materno, indefectível, infinito, protetor; por outro, um dos pilares desse sólido casal, colado: “[...] mamãe restabeleceria o equilíbrio pela bondade, pelo discurso sensato, [...] pelos rogos, e eu me veria trazido mais uma vez de volta à tua órbita [...]”[63].

Em última análise, é o círculo vicioso da ligação filial que o faz cair na armadilha; os cuidados de sua mãe são impotentes para protegê-lo, no fim das contas só apertando mais as malhas da rede. Brod, que continua a freqüentar Julie Kafka até 1934, deixou dela um breve retrato, suficiente para entendermos a que ponto Franz, criança, precisou refugiar-se junto a ela em face da autoridade do pai: “Era uma mulher doce e amável, extremamente inteligente, eu deveria dizer cheia de sabedoria”[64].

---

[28]. *Carta ao pai*, p. 25.
[29]. *Ibid.*
[30]. Carta a Felice Bauer, O.C. IV, p. 166.
[31]. Carta a Milena Jesenská, O.C. IV, p. 937.
[32]. Hugo Hecht, “Douze ans en classe avec Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 34.
[33]. *Ibid.*, p. 36.
[34]. *Carta ao pai*, p. 74.
[35]. Carta a Milena Jesenská, O.C. IV, p. 938.
[36]. In: Max Brod, *Franz Kafka*, p. 22.
[37]. Hugo Hecht, “Douze ans en classe avec Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 38.
[38]. *Ibid.*
[39]. *Ibid.*, p. 39.
[40]. Zvendo Vanek, “Souvenirs d’un camarade de classe”, em *J’ai connu Franz Kafka*, p. 47.
[41]. Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunesse*, p. 38.
[42]. *Diários*, 31 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 207-208.
[43]. Hugo Bergmann , “À l’école et à l’université”, em *J’ai connu Kafka*, p. 27.
[44]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 22.
[45]. *Carta ao pai*, p. 74.
[46]. *Diários*, 31 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 207.

[47]. *Sonata a Kreutzer*, novela do romancista russo L. Tolstói (1828-1910). (N.T.)
[48]. Em: Claude David, *Franz Kafka*, p. 53.
[49]. *Carta ao pai*, p. 36.
[50]. *Ibid.*
[51]. *Ibid.*, p. 37.
[52]. *Ibid.*
[53]. *Ibid.*, p. 39.
[54]. *Ibid.*, p. 93-94.
[55]. *Ibid.*, p. 96.
[56]. *Ibid.*, p. 95.
[57]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 43.
[58]. *Ibid.*, p. 44.
[59]. *Ibid*. ou *Diários*, p. 249.
[60]. *Ibid.*, p. 41.
[61]. *Diários*, 23 de outubro de 1911, O.C. III, p. 122.
[62]. *Carta ao pai*, p. 44.
[63]. *Ibid.*
[64]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 11.

A vida em família

Franz Kafka, durante toda a infância, a adolescência e mesmo mais tarde, não conseguindo sair da matriz familiar quando encontra um emprego, permanece sob a influência do pai, influência que assume em sua vida um aspecto pesadelar. Max Brod corrige, no entanto, a visão negativa que transparece na correspondência de seu amigo e na *Carta ao pai*: “Franz permaneceu toda a vida à sombra de seu pai, homem imponente tanto física como moralmente – ele era grande de tamanho e largo de ombros”, no entanto, acrescenta: “A veneração que ele tinha pelo pai era infinita, tinha algo de heróico e podia mesmo conter muitos elementos exagerados àquele cujo olhar, menos apaixonado, não estava tomado – como era o meu caso – pela atmosfera do lar. Seja como for, seu exemplo foi essencial para a formação de Franz”[65]. Bem mais tarde, Franz confessa a Felice Bauer: “Já lhe disse que admiro meu pai?”[66]. É seu dever, ao mesmo tempo, corrigir essa apreciação positiva revelando o reverso da medalha, que não a anula: “Que ele é meu inimigo e eu o dele, conforme nossas naturezas determinaram, isso tu sabes; [...] minha admiração pela pessoa dele talvez seja maior do que o medo que ele me inspira”. E na *Carta* o filho é obrigado a admitir: “No fundo és, pois, um homem bom e brando [...], mas nem toda criança tem a resistência e o destemor de procurar tanto quanto for necessário para encontrar a bondade”[67]. Ele, portanto, também constata que essa relação conflituosa teve como resultado uma oposição que somente o paralisou, mantendo-o em um estado de dependência humilhante: “Recentemente, dei-me conta de que fui vencido por meu pai quando criança e de que a ambição me impede de abandonar o campo de batalha durante esses anos, apesar de eu ser constantemente vencido”[68].

Quanto à sua mãe, ela também está sob a dominação deste homem e quase sempre aparece como uma figura situada à sombra do marido. Franz a revê jogando cartas com ele à noite, uma espécie de ritual cotidiano ao qual ela deve se curvar. Ele experimenta uma espécie de tristeza ao assistir à degradação de sua fisionomia; o peso dos anos e os tormentos das numerosas maternidades a esgotaram: “[...] minha pobre mãe, que jamais teve tempo para manter seu corpo em bom estado, que aliás não saberia como fazê-lo e que agora está inchada e

deformada por seis partos e uma vida de trabalho...”[69].

Franz é o único menino da família. Ele teve dois irmãos: o primeiro, Georg, nascido em setembro de 1886, morreu de sarampo na primavera de 1887; o segundo, Heinrich, nascido em setembro de 1887, também morreu em tenra idade, vítima de uma otite. Mais tarde, três irmãs nasceriam.

Gabriele, apelidada Elli, vê o dia em 22 de setembro de 1889. Hermann não a amará muito. Franz também não terá muita afinidade com ela, mas retrospectivamente tomará sua defesa na *Carta ao pai*:

> Por exemplo, a Elli, com quem estive bravo durante anos. Era para mim uma festa da maldade e da satisfação com a desgraça alheia quando, quase em cada almoço, eu ouvia a respeito dela algo como: “Ela tem de sentar dez metros distante da mesa, essa moçoila espaçosa”, e quando tu, então, irritado em tua cadeira, sem o menor vestígio de amabilidade ou de capricho, mas sim na atitude de um inimigo encarniçado, procuravas imitar, de modo exagerado, a maneira como ela sentava, extremamente repulsiva para o teu gosto[70].

Quando ela chega aos vinte anos, apressam-se em casá-la. Seus pais encontram um noivo conveniente, nada mais, Karl Hermann, um comerciante, para quem um dote de trinta mil florins é um argumento de peso. O casamento é celebrado em 27 de novembro de 1910. O casal tem seu primeiro filho, Felix, no ano seguinte. Uma filha, Gerti, completa o quadro familiar em novembro de 1912. Ela é, portanto, a primeira a deixar a casa dos Kafka.

Valerie, familiarmente chamada Valli, nasce em 25 de setembro de 1890. É a mais equilibrada das três irmãs. Ela tem verdadeira aptidão para a retórica, expressa-se com desenvoltura e, jovem, dá mostras de uma cultura geral muito boa. Com a irmã já casada, sua vez chega rapidamente. Seus pais, para acelerar a coisa, recorrem a uma casamenteira profissional. Franz fica um pouco desconcertado com o aparecimento dessa mulher: “Em presença de uma casamenteira que veio à nossa casa ao meio-dia para uma de minhas irmãs, experimentei um constrangimento que, por diversos motivos, me colocava um peso opressivo nos olhos. A mulher usava um vestido ao qual a idade, o desgaste e a sujeira conferiam um reflexo cinza claro”[71]. E ele completa seu quadro com um retrato físico dessa mulher, que o marcou ao mais alto grau. Um futuro marido é rapidamente encontrado. Ele se chama Josef Pollak. Ainda é apenas um pequeno empregado. Mais tarde, fundará uma fábrica de papel. A união é celebrada em 19 de dezembro de 1913. Eles têm uma filha, Marianne, no ano seguinte.

Franz também não tem muito em comum com Valerie. Ele descreve suas

irmãs e suas condições de mulheres casadas sem a menor complacência, mas com uma ponta de compaixão:

> [...] havia minha irmã mais velha, que há dois anos ainda era menina e que, depois de dois partos, por negligência e ignorância mais que por falta de tempo, tem um corpo cujo aspecto já se assemelha verdadeiramente ao de minha mãe, e usa um decote estranho com esse corpo todo inchado. E, se olharmos atentamente, até mesmo minha segunda irmã já se parece com a mais velha[72].

Em compensação, ele desenvolve uma ligação privilegiada com a pequena caçula, Ottilie, que recebe o apelido de Ottla. Ela nasce em 22 de outubro de 1892. Quando fala com um terceiro, ele não hesita, como um Páris impiedoso, em declarar a quem vai sua afeição: " [...] tenho três irmãs, uma casada, outra noiva; sem prejuízo de meu amor pelas outras, a solteira é de longe a que eu mais amo"[73]. Como ele, ela sente muito cedo um grande desejo de independência, sem sombra de dúvida com mais resolução. Aos dezessete anos, ela trata de ajudar seus pais na loja e não torce o nariz à tarefa. Franz fica admirado frente ao ardor que ela emprega em seu trabalho:

> Ottla, trabalha em nossa loja desde as sete e quinze, para a abertura (meu pai só chega às oito e meia), e lá fica para almoçar; levam-lhe a refeição, ela só volta à tarde, por volta de quatro ou cinco horas, e durante a temporada também fica até o fechamento[74].

O problema com Ottla é que seu espírito de independência a leva a rejeitar o casamento. Ela chega a freqüentar em segredo um jovem, Josef David, um tcheco, ainda por cima cristão, a partir de 1912. Este, além do fato grave de não ser judeu, pertence a um meio relativamente modesto: seu pai é o sacristão da igreja de Santo Estevão e tem dinheiro até o fim do mês graças a seus dons para a caligrafia. Josef David é empregado da caixa econômica municipal, apesar de ter feito estudos superiores. Ele é convocado para servir em abril de 1915. No ano seguinte, para poder vê-lo durante a licença, Ottla aluga uma das pequenas casas do Hradcany[75], na ruela do Ouro, onde teriam vivido os alquimistas da corte do extravagante Rodolfo II[76] e, mais verossimilmente, onde teriam trabalhado os laminadores de ouro que se refugiaram nas barracas de madeira construídas nessa colina, depois do incêndio do bairro de Malá Strana, em 1541. É assim, aliás, que ela vai proporcionar a seu irmão a possibilidade de trabalhar com total tranqüilidade nesse bairro deserto, à noite. Em 1917, ela confessa a Josef David, que está no *front*, não escondendo seu desejo de abandonar a família e escapar dos projetos do pai: "Eu gostaria que meu pai tivesse mais

consideração por mim”[77]. De fato, ela se prepara para partir. Tenta encontrar uma escola de agricultura em que jovens mulheres possam ser admitidas. Sonha, a certa altura, em migrar para a Palestina. No fim das contas, assume a responsabilidade de administrar uma fazenda que pertence a um membro distante da família, Hugo Hermann, em Zürau (hoje Sirem), nos confins da Boêmia ocidental. Quando seu noivo secreto é desmobilizado ao final de 1918, ela precisa confessar a seus pais essa relação, que está longe de agradá-los. Mas eles acabam aceitando a situação e recebendo o pretendente. Este lhes causa boa impressão, mas mesmo assim observam a Ottla que é uma pena não poderem conversar com ele em alemão. Ottla procura então um lugar em uma propriedade agrícola, mas em vão. Cansada de resistir, a família decide comprar-lhe uma pequena propriedade na floresta da Boêmia. Enquanto isso, Josef David se esforça com vontade para terminar seus estudos de Direito, a fim de obter um doutorado. Ottla também retoma seus estudos e presta os últimos exames na primavera de 1919. Eles se casam em 15 de julho de 1920. Mas não terão um casamento muito feliz. Ottla só pode se felicitar que o amor fraterno de Franz não se desmente jamais.

Com a vinda ao mundo de todas essas filhas, chega uma nova governanta em 1º de outubro de 1902, Anna Pouzarová. Ela conhecera Hermann Kafka em Stakonice e fica exclusivamente encarregada de cuidar das três irmãs. É ela que leva Valli ao colégio particular de Schönborn e as duas outras à escola municipal da Rua dos Açougueiros (hoje Masne Ulice). Em suas memórias, ela conta que essas “jovens meninas eram muito gentis, trabalhavam seriamente”[78]. Além disso, ela também deve preparar o café-da-manhã de Franz. Havia então, na casa dos Kafka, uma cozinheira, Fanny, bela mulher nos trinta anos. Franz parece ter tido excelente relação com essas empregadas. E a velha senhora enfatiza esse fato:

> Quando Franz vinha a nosso encontro na cozinha, ele era sempre gentil com a cozinheira e comigo. Não era um jovem que ria facilmente e não gostava muito de tagarelar. Mesmo seu olhar, quando estava alegre, ainda tinha algo de sério. Ele nos perguntava como estávamos e se tínhamos muito trabalho. Fanny às vezes se queixava porque o sr. Kafka lhe dera uma bronca. Franz se contentava em balançar a cabeça, mas, com esse único gesto, ele se mostrava para com o pessoal da casa mais compreensivo que os outros membros da família[79].

Elas foram para ele, de certa forma, uma família paralela.

E, apesar da relativa solidão que ele enfrenta, devido ao fato de que quando criança não podia brincar com as irmãs, pois a diferença de idade era grande

demais, a vida em família nem sempre foi tão sombria quanto ele nos faz crer, como se a completa dominação do pai lançasse uma sombra pesada sobre tudo. Na qualidade de mais velho, ele tem ascendência sobre suas irmãs, que parecem aliás obedecê-lo com docilidade. Para o aniversário de seus pais ele escreve pequenas peças de teatro que dirige, mas nas quais não atua. Suas irmãs é que são as heroínas. A governanta, que também tem um papel, fala sobre isso:

> Era o aniversário da sra. Kafka e, segundo o que disseram suas irmãs, Kafka escreveu um primeiro projeto de peça. O ponto culminante da obra era uma cena de felicitação. As meninas e eu devíamos encenar a partir de um texto escrito previamente por Franz. Nós ensaiávamos várias vezes, devíamos saber o texto de cor[80].

Esses espetáculos infantis, aos quais às vezes o tio Richard Löwy assistia, intitulam-se *Georges de Podiebsad*, *O saltimbanco*, *Fotografias que falam*. Mais tarde, ele escolherá sainetes dramáticos de Hans Sachs. E a governanta continua o relato desses acontecimentos:

> Chegou o dia da estréia. O público tomara lugar no salão, a cena ocupando todo o espaço da sala de jantar, e a porta de comunicação transformada em cortina de cena. [...] Acho que nossa entrada em cena foi muito bem-sucedida e que representamos bem. As meninas me colocaram um par de óculos para que em "cena" eu passasse o ar de uma mulher instruída[81].

Em 1903, em uma carta enviada ao amigo Oskar Pollak, Kafka faz uma discreta alusão a essas minúsculas peças: "Não faltará nada das coisas da infância"[82]. Além disso, sua autoridade sobre as três mais novas não se limita às festas familiares. Ele insiste para que elas levem uma vida saudável, obrigando-as a fazer ginástica regularmente, como lembra a governanta: "Quando não fazia muito frio, as meninas se estendiam totalmente nuas sobre o tapete e faziam os exercícios de respiração que Franz exigia de tempos em tempos"[83]. Já despontava nele a vocação para a vida esportiva e sadia, de que ele seria adepto convicto. Sempre sob sua tutela, as meninas deviam igualmente nadar, remar e fazer patinação no gelo. Finalmente, ele insistia muito para que elas aprendessem a ler e a falar o tcheco como ele, com a governanta, que lê para elas passagens do célebre romance de Božena Némcová, *Babicka* (Vovó), que Franz aprecia acima de tudo (e que continua a apreciar depois de adulto). Sem dúvida ele quer então se mostrar à altura do pai, investido dos mesmos poderes e guiando seu pequeno mundo feminino com pulso de ferro.

[65]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 11.

[66]. Carta a Felice Bauer, 24 de agosto de 1913, O.C. IV, p. 470.

[67]. *Carta ao pai*, p. 24.

[68]. *Diários*, 2 de dezembro de 1921, O.C. III, p. 517.

[69]. Carta a Felice Bauer, 25 de junho de 1913, O.C. IV, p. 420.

[70]. *Carta ao pai*, p. 40.

[71]. *Diários*, 30 de outubro de 1911, p. 135.

[72]. Carta a Felice Bauer, 23 de junho de 1913, O.C. IV, p. 420-421.

[73]. *Ibid*., 1º de novembro de 1912, O.C. IV, p. 29.

[74]. *Ibid*., 5-6 fevereiro de 1913, O.C. IV, p. 276.

[75]. *Hradcany*: distrito do Castelo, um dos cinco distritos de Praga à época, situado ao redor do Castelo de Praga (os outros são: Cidade Velha ou Staromesto, Cidade Nova ou Nové Mesto, Malá Strana e a antiga judaria ou Josefov). (N.T.)

[76]. Rodolfo II de Habsburgo (1552-1612): imperador do Sacro Império Romano, rei da Boêmia e rei da Hungria. (N.T.)

[77]. Ana Wagnerová, *La Famille Kafka de Prague*, p. 202.

[78]. Anna Pouzarová, “J’ai été la gouvernante de la famille Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 69.

[79]. *Ibid*., p. 74.

[80]. *Ibid*., p. 79.

[81]. *Ibid*., p. 80.

[82]. Carta a Oskar Pollak, 6 de setembro de 1903, O.C. III, p. 565.

[83]. Anna Pouzarová, “J’ai été la gouvernante de la famille Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 72.

Os anos de universidade, ou o início de uma vida dupla

Em julho de 1901, Franz Kafka e 22 de seus colegas de aula recebem o *Reifenzeugnis*, a *maturitat*, que é o passaporte para a universidade. Ele não recebe nenhuma distinção. Mas o essencial fora feito: transpor o obstáculo que lhe parecia intransponível. Ele precisa então escolher seu caminho. Seu pendor natural teria sido inscrever-se em filosofia na universidade Ferdinand-Karl. Desnecessário dizer: seu pai considera essa hipótese "sem recursos". E ele francamente considera *meshugge*[84] a idéia de escolher uma disciplina que não leve a nada de prático, ou quase. Sem dúvida, ele fez de tudo para convencer *Herr Sohn*, "o senhor meu filho", a renunciar à idéia. Depois de algumas semanas de férias, Kafka cede à sua vontade, aliás sem muita discussão, somente se rendendo à razão. Por mais curioso que pareça, ele acaba se inscrevendo em química. Talvez não quisesse se separar dos amigos, Oskar Pollak e Hugo Bergmann. Esse último tinha uma explicação para essa escolha ao menos inesperada:

> Os primeiros passos de nossos estudos universitários, nós os fizemos juntos. Naquela época, a situação era tal que se um judeu, tendo terminado seus estudos universitários, recusasse ser batizado para tornar-se funcionário do governo, ele só teria a opção da medicina ou do direito, duas profissões que permitiam trabalhar por conta própria. Como essas duas vias não nos interessavam, tivemos de buscar outras alhures, e nos aconselharam a estudar química, pois parecia haver possibilidades de emprego para os judeus na indústria química. É por isso que fomos os dois ao instituto de química da universidade alemã de Praga, dirigido por um judeu convertido, o professor Goldschmied[85].

Bergmann e Kafka logo se deram conta de que não eram feitos para essa disciplina. Bergmann, no entanto, vai até o fim de seu primeiro ano e depois se dedica à matemática, à física e à filosofia. Quanto a Kafka, ele não agüenta mais do que quinze dias e opta finalmente pelo direito. E ali, nas "letras", isenta completamente o pai, pois este nada lhe teria imposto: "Claro, aqui tu me deste inteira liberdade em teu jeito generoso e nesse sentido até paciente. Em todo caso também nisso tu seguiste o tratamento geral dispensado aos filhos pela classe média judaica [...]"[86]. Ele prossegue esclarecendo que não estava em condições de gozar de tal liberdade. E conclui: "Para mim, portanto, não houve

propriamente liberdade na escolha da profissão”[87]. Porém, trata-se de uma liberdade sob alto controle, pois a escolha dada aos judeus na época era bastante reduzida, e, para evitar um conflito grave com seu genitor, ele opta por uma solução que não lhe agrada: “[...] tratava-se pois de encontrar uma profissão que, sem machucar demais a minha vaidade, estivesse mais próxima de permitir essa indiferença. E o Direito era, pois, a mais evidente”[88].

Franz se inscreve, portanto, na faculdade de direito no segundo semestre. Ele precisa assimilar os princípios fundamentais das jurisprudências romana e alemã. Mas a história do direito o aborrece. Durante os seis primeiros meses, ele sente um enfastiamento profundo. É indiferente às aulas de direito romano, alemão e austríaco do professor Pfaff, assim como às de direito canônico do professor Singer, tudo isso à razão de vinte horas semanais. Durante o verão de 1902, ele tentará uma escapatória. Decide em primeiro lugar seguir os cursos de germanística e de história da arte. Assim, no mês de agosto ele se inicia em literatura alemã e sobretudo em poesia, sob a orientação de Hartmann von Aue, e em sintaxe do alto alemão moderno, com os exercícios de estilo e os comentários das cartas de Gestenberg, um grande crítico do século XVIII, sobre as características da língua alemã. Seu professor nessa disciplina, August Sauer, é uma sumidade. Ele dirige desde o outono de 1901 a revista *Deutsche Arbeit*, que tem como missão pôr em evidência as realizações culturais dos alemães da Boêmia. Apesar do caráter intimidante desse programa e de seu nacionalismo pangermânico exacerbado, Kafka descobre, graças a ele, Hebbel, Stifer e Grillparzer. Quanto à história da arte, ele estuda a estatuária cristã e a pintura holandesa. A visita do bom tio materno, Alfred Löwy, que é um brilhante homem de negócios, acena-lhe alguma esperança. Ele se elevara à posição de diretor-geral das estradas de ferro espanholas, ao longo de uma carreira tumultuada. Franz Kafka escreve a seu amigo Oskar Pollak:

> É por causa dele que estou em Praga. Pouco antes de sua chegada, concebi a estranha idéia, infelizmente muito estranha, de rogar-lhe [...] de encontrar uma maneira de me ajudar nesse tipo de coisas, de me guiar a algum lugar em que eu possa colocar a mão na massa[89].

Mas o tio de Madri, que possui nacionalidade francesa desde 1890 e será consagrado oficial da legião de honra em 1905, é evasivo, questionando-se sobre sua eventual saída de seu posto na Espanha. Ele portanto não poderia ajudar o sobrinho sem saber o que o amanhã reservaria a si mesmo. Esse homem corado no entanto não cessa de fasciná-lo, de diverti-lo e fazê-lo sonhar. Franz faz dele

um retrato rápido dez anos mais tarde: “Meu tio da Espanha. O corte de seu casaco. A influência de sua proximidade. Os detalhes de sua personalidade. Sua maneira de atravessar a antecâmara para se dirigir ao lavabo. Ele não responde se lhe dirigimos a palavra nesse momento”[90]. Em suma, essa tímida tentativa de escapar ao curso inexorável de seus estudos falhara. Mas ele ainda busca uma saída. No final do outono, parte para Munique, provavelmente instigado por um de seus amigos, Paul Kisch, irmão do jornalista e escritor Egon Erwin Kisch, e talvez mesmo por ele. Seu objetivo? Estudar a germanística em solo alemão. Novamente é um fiasco. Ele lá fica apenas uma semana, e mantém-se muito lacônico sobre essa escapada.

Assim, ele retoma seus estudos no terceiro semestre, como se nada houvesse acontecido. Esse segundo ano compreende cursos jurídicos – direito privado, direito comercial e cambial, processo civil, direito penal, instrução criminal, assim como direito administrativo, geral e austríaco, ciência econômica e política, legislação financeira, cursos de história e filosofia do direito e, finalmente, estatística geral austríaca. Esse fardo não o impede de seguir outros cursos, de filosofia, na faculdade. Ele está então sob o domínio de professores que infundem respeito, como Horaz Krasnopolski, o jurista mais respeitado de seu tempo, tão pomposo quanto fastidioso, ou como o conselheiro áulico Josef Ulbrich, reitor da universidade e co-autor do *Dicionário nacional austríaco dos termos administrativos* [Österreichisches Staatswörterbuch], a quem seu colega Guido Kisch descreve “com seu rosto exangue e lívido eternamente mal barbeado, cuidadosamente vestido, a cabeça pendida e jamais levantando os olhos, que ele mantinha cravados em sua escrivaninha”[91]. E não podemos esquecer Anton Rintelen, que ensina direito civil e é um grande especialista dos processos do tribunal (o único ao mesmo tempo jovem e dinâmico), nem Ludwig Spiegel, que parece um rabino.

Em 18 de julho de 1903, Kafka é aprovado em seu primeiro exame de história do direito, sem muita dificuldade. Ele passa com três votos sobre quatro, exatamente “satisfatório”[92]. Na *Carta ao pai*, ele enfatiza as ânsias que acompanham as revisões que enfrenta, em vistas desse exame: “[...] nos poucos meses antes das provas, com prejuízo dos nervos, eu alimentava o espírito literalmente de serragem, que além do mais já tinha sido mastigada por mil bocas antes de mim”[93]. Cansado pelo exame, ele passa duas semanas na casa de repouso Veado Branco [Weisser Hirsch], nos arredores de Dresden. Apesar disso, os exames vão se encadear a um ritmo extenuante. Em 16 de março de

1906, ele ainda precisa ser aprovado no de direito nacional e internacional. Enquanto se prepara, ele escreve, um pouco constrangido, a Max Brod:

> Não poderei ir à exposição nem amanhã, nem depois. É que fiz uma besteira me apresentando para as provas cedo demais, enquanto meus conhecimentos são mais que insuficientes. Seria um pouco ousado, portanto muito bom, se eu não precisasse pensar no atestado médico que me farei atribuir para poder retirar-me[94]...

Graças à sua abnegação, ele recebe mais uma vez um resultado "satisfatório", com três votos sobre cinco a seu favor. Ainda falta o exame final, chamado de *Rigorosa*, que trata dos direitos romano e alemão ("supérfluo pelo supérfluo", suspira ele). Em 13 de junho, ele recebe a nota satisfatória unanimemente. Cinco dias mais tarde, é oficialmente doutor em direito.

Na primavera de 1906, Kafka já começa um período probatório no gabinete de seu tio, situado no Alstädter Ring (na praça da Cidade Velha). Por que a pressa? Kafka antecipa essa pergunta em termos inequívocos "para não perder tempo, pois desde o início eu tinha a intenção de abandonar a profissão de advogado"[95]. Dessa vez, esse é o ponto final. Mas ele ainda precisa fazer um estágio obrigatório de um ano junto ao tribunal da cidade. Para ter acesso a uma carreira na administração, os diplomados em direito precisam fazer esse estágio em um tribunal civil, depois mais um no tribunal correcional. Ele acalenta vagamente a idéia de estudar no ano seguinte na Export Akademie de Viena, mas logo desiste.

Todos esses anos atribulados, marcados pela laboriosa ascensão para obter a distinção universitária, que ele conquistou como o cumprimento de um dever, Franz Kafka felizmente os aproveitou em vários outros campos. Sua descoberta dos frutos proibidos da cultura, que lhe são recusados na esfera desses estudos rebarbativos, ele a deve primeiro a antigos camaradas de liceu e aos novos amigos que pôde fazer na universidade.

Paul Kisch será um dos primeiros colegiais próximos a ele a fugir de suas origens aderindo a uma corporação de estudantes chamada "a cores", isto é, um círculo nacionalista ultraconservador cujos membros ostentam sobre seus bonés cores distintivas. Ele escreve então um ensaio explícito, "Hebbel e os tchecos" [Hebbel und die Tschechen]. Kafka não partilha de seu pangermanismo, mas tem o mesmo gosto pela tradição literária alemã. Kisch vai, a seguir, estabelecer-se em Viena e trabalhar no jornal *Neue Freie Presse*. Quanto a Rudolf Illový, ele introduz Kafka às idéias socialistas. Mais tarde, o descreve como um homem pacato, excessivamente modesto. Depois o perde de vista. Na verdade, ele

também parte para Viena em 1898 e trabalha na redação do *Neue Freie Presse*. Outro amigo do liceu, Ewald Felix Přibram, também teve coragem de romper com seu universo familiar. Emil Utitz o tem em alta estima e o respeita, como a maioria dos colegiais, pois ele ousara abandonar a comunidade religiosa sem no entanto se converter ao cristianismo.

De todos esses jovens com quem teve uma relação contínua no liceu, Kafka só continua a freqüentar, por certo tempo, Emil Utitz e Hugo Bergmann. Utitz mais tarde se tornará professor em Halle e em Praga, antes de ser deportado para Theresienstadt[96] e escapar por milagre. Bergmann, que publicou com a idade de dezoito anos, sob o pseudônimo de Ernst Limé, uma antologia de poesia intitulada *Dos últimos enigmas da vida*, levará uma nova vida na RDA, depois de militar nos escalões comunistas. Bergmann torna-se muito cedo um fervoroso partidário do sionismo: ele, aliás, emigrará para a Palestina em 1920, onde se tornará professor da universidade hebraica de Jerusalém. Kafka alude a seu engajamento e às conversas apaixonadas que tiveram: “Lembro-me de discutir várias vezes com Bergmann, nos anos de estudo, sobre Deus com um tom talmúdico, [...] ou encontrado espontaneamente, ou copiado dele”[97]. Em 1899, sua amizade se deteriora. Kafka só o verá uma vez depois da universidade, quando ele voltar a Praga para fazer uma conferência sobre o sionismo em 1923; ao final dela, Kafka irá a seu encontro para dizer-lhe com efusão: “É para mim que fizeste esta exposição”[98].

Sob essa dupla influência, ele se une ao círculo bastante fechado de Franz Brentano. Este gozava então de grande reputação em Praga e mesmo no exterior. Não era um personagem banal. Antigo monge dominicano, ele abandonara o hábito para poder casar. Perdendo sua cátedra na universidade, teve de se exilar em Florença, tanto o escândalo causou repercussão. De forma que o brentanismo se desenvolve e faz adeptos em sua ausência. Franz Kafka é iniciado nesse culto durante o verão de 1902, enquanto faz um curso privado com Anton Marty, um discípulo de Brentano que seis anos mais tarde publicará um ensaio, *Pesquisas para o fundamento da gramática e da filologia geral* [*Untersuchungen zur Grundlegung der allgemeinen Grammatik und Sprachphilosophie*] – assunto que não deixaria Kafka indiferente. Emil Utitz, que pretende então elaborar uma estética estritamente brentanista, também comparece:

> Todos os dias, do meio-dia às treze horas, Marty lia seus apontamentos: com uma voz lenta e grave, renunciando a qualquer ornamento retórico. Ele era um pedagogo de primeira. No seminário, não deixava passar nenhuma observação sem examiná-la completamente. Os ouvintes aos poucos adquiriram

> o hábito de pesar suas palavras: o ar fresco e puro dessa ciência não-desnaturada dava suas cartas de nobreza durante essas horas inesquecíveis... Ele era tímido e receoso[99].

Parece que Kafka continuou a freqüentar esse curso até 1905, e que teria rodado no exame proposto. Mas Max Brod, que freqüentara as lições dadas por esse "velho senhor respeitável", jamais cruzou com Kafka...

Outro importante local do brentanismo triunfante é o café Louvre, situado no número 20 da Ferdinandstrasse (hoje Nàrodni). Brod, que também é um dos jovens membros admitidos nesse círculo erudito, conta em sua autobiografia no que ele consistia:

> Em Praga, no "café Louvre" [...], um cenáculo de filosofia se reunia a cada quinze dias, às horas da noite, em uma peça tranqüila à parte, que dava para o pátio. Era, realmente falando, uma dependência da universidade alemã, onde a doutrina de Franz Brentano ecoava com uma força quase ilimitada. Um pensador de verdadeira originalidade como o professor Christian van Ehrenfels, que se considerava, sem dúvida, aluno de Brentano, mas desenvolvera idéias de maneira independente, estava completamente isolado na faculade de letras de Praga. Ehrenfels adquiriu importância mundial como o fundador da *Gestalttheorie*, que, hoje em dia, tem valor quase universal, mas é verdade que seguidamente esquecem-se de mencionar seu nome como o do verdadeiro autor desta descoberta[100].

E Brod, que não se lembra mais de como foi introduzido nesse meio, explica como, pelo menos no início, ficou cheio de entusiasmo: "O que era belo nesse círculo é que não se associava a ele nenhuma marca de espírito sectário, de associação, tínhamos a sensação de estar lá unicamente para o serviço da pura verdade da pesquisa..."[101]. Ele conserva a grata recordação de um livre confronto de opiniões contrastantes, sem que oposições às vezes fundamentais provocassem um conflito ou uma ruptura. Isso era tão verdadeiro que mesmo os estudantes presentes podiam tomar a palavra durante a assembléia constituída essencialmente por eminentes professores, como Eisenmeyer, um psicólogo; Alfred Kastil, o grande inimigo do modernismo em todas as suas formas; Oskar Kraus, conhecido por sua *Meyeriade* e que se ocupará da edição póstuma das obras de Brentano; Anton Marty, que raramente está presente, pois é idoso e de saúde frágil, só se deslocando para ir ensinar no Clementinum; o doutor Max Lederer; Leopold Pollak; e, finalmente a sra. Berta Fanta e sua irmã, Ida Freund, que estão entre as primeiras mulheres admitidas na universidade. Max Brod faz uma exposição sobre "a evidência moral", na verdade contra ela, "destacando o critério schopenhaueriano de que todo princípio moral repousa na piedade"[102]. A exposição depara-se com uma fria desaprovação, mas tem como conseqüência um debate que se prolonga por mais duas noites...

Por que Franz Brentano tem uma tal aura em Praga? No início, Kafka dedica-lhe uma grande admiração, porque Brentano refutara notavelmente a psicofísica de Fechner, um sistema para medir as sensações de que ele ficara saturado e que tanto o incomodara no liceu. Atualmente, uma teoria dessas faria rir, mas na época foi tomada muito a sério. Além disso, Brentano é um feroz adversário de Immanuel Kant e propõe uma teoria dos fenômenos psíquicos derivada dos utilitaristas ingleses: Locke, Leibniz, Bentham, entre outros. Um de seus alunos mais ilustres é Husserl, fundador da fenomenologia, que descobriu a partir dos ensinamentos de Brentano, de quem no entanto rapidamente se afastou. Brod propõe uma filiação posterior com Scheler e Heidegger. Mas aqui não se trata de derivar da doxa representada pelas *Quatro fases da filosofia e de seu estado atual* [Die vier Phasen der Philosophie und ihr augenblicklicher Stand]. Brentano tem uma concepção singular da moral que repousa sobre uma teoria da língua:

> Um uso mais amplo da língua permite, em suma, chamar “melhor” o que é bom, frente ao que é ruim ou simplesmente indiferente, e mesmo o que é ruim diferentemente do que é ainda pior... como reconhecer se uma coisa é realmente melhor? Pressupondo o simples conhecimento do bem e do mal, parecemos buscar essa idéia em certos atos preferenciais que contenham signos distintivos da exatidão[103].

Todo esse edifício especulativo repousa em uma divisão dos fenômenos psíquicos em três categorias – as imagens, os julgamentos e os ímpetos do coração –, subentendendo-se que somente o julgamento pode decidir-se por um comportamento moral julgado justo. Essa é uma das questões mais debatidas no café Louvre.

Difícil saber o que Kafka extraiu dessas grandes discussões. Uma única coisa é certa: ele conservou um autêntico interesse pelos trabalhos de Franz Brentano, pois dez anos mais tarde pede a Gustav Janouch para emprestar-lhe *La Leçon de Jésus*, que está com ele. Mas ele não fala mais de Brentano com Max Brod. Esse último, contradizendo a tese de Klaus Wagenbach segundo a qual o brentanismo teria exercido influência profunda e duradoura sobre Kafka, acredita preferencialmente que é preciso relacionar os primeiros escritos deste à leitura de Søren Kierkegaard e de Henrik Ibsen. Em sua *Une vie combative* [Streitbares Leben], ele ressalta que seu amigo ia raramente às reuniões brentanistas:

> No cenáculo do Louvre, Kafka [...] já fora introduzido por mim. Na época em que eu participava das seções, seu interesse por debates filosóficos abstratos já estava completamente apagado. Ele ia a contragosto ao café Louvre, eu precisava categoricamente obrigá-lo a fazer uma visita com todos os meus talentos de persuasão[104].

Em 1906, ano em que começa a abandonar as reuniões do Louvre, Kafka freqüenta de maneira irregular o círculo da sra. Berta Fanta, a mulher de um rico farmacêutico, Otto Fanta, que morava na casa chamada "do Unicórnio", cuja loja conservava o charme antiquado de um estilo Restauração. Brod descreve a dona da casa como uma mulher "de grande nobreza de pensamento e que se interessava de maneira muito fervorosa pela filosofia"[105]. Essencialmente, as pessoas que ela convidava à sua casa para as "reuniões kantianas", em que se discutiam tanto a *Doutrina da ciência* de Fichte como a *Fenomenologia do espírito* de Hegel, são as mesmas que freqüentam o café Louvre. Mas o círculo de relações não cessa de se expandir, e seu salão não tarda a ser um dos centros mais interessantes de Praga. Albert Einstein ali irá depois da guerra, quando ensinar em Praga: "Einstein uma vez nos deu o prazer de interpretar uma sonata de Mozart para violino, enquanto eu me encarreguei do piano"[106], escreve Max Brod. O professor Gerhard Kowalski ali deu uma conferência sobre a teoria das quantidades ("os números transfinitos de Cantor"). Fala-se também de ciência, psicanálise e da teoria da relatividade. Cruza-se com o ginecologista e poeta Hugo Salus e o compositor Otto Klemperer. Além de Brod, outros conhecidos de Kafka comparecem, como Hugo Bergmann e Felix Weltsch. Kafka parece continuar freqüentando a casa da sra. Fanta até 1914, mas com cada vez mais reticências, conforme indicado por um bilhete enviado a Brod: "Amanhã, para a casa de Fanta, não irei mesmo, não gosto de ir"[107]. Como sempre, várias lendas *post mortem* foram formuladas, quando Kafka ficou universalmente conhecido. Brod conta uma delas, que se refere a essas reuniões:

> Else Bergmann [a filha de Berta Fanta] relata, em sua crônica familiar, que Kafka compusera em casa de sua mãe, para uma reunião de carnaval, uma paródia dos *Mestres cantores*[108] que encerrava alusões satíricas ao círculo dos brentanistas. Pois bem, essa paródia é minha: é sem dúvida a coisa mais tola que jamais escrevi [...]. O sainete deveria ser representado improvisando-se no estilo de uma *commedia del'arte*[109].

Como, aliás, Kafka poderia pensar algo parecido, ele que não entendia nada de música?

Em sua iniciação à filosofia, Franz Kafka revela uma curiosidade imensa e profunda por questões que estão freqüentemente fora de seu alcance ou que só o afetam de longe. Ele já demonstra uma relativa "ausência", ou melhor, um desejo de ouvir, de contemplar à distância as idéias que animam seus contemporâneos, sem jamais tomar partido diretamente e evitando alardear suas

próprias convicções. Em suma, fazendo aparições fantasmáticas.

---

[84]. Adjetivo iídiche que significa tolo, louco, insensato. (N.T.)

[85]. Hugo Bergmann, “Á l’école et à l’université” , em *J’ai connu Kafka*, p. 23-24.

[86]. *Carta ao pai*, p. 70.

[87]. *Ibid.*, p. 75.

[88]. *Ibid.*

[89]. Carta a Oskar Pollak, O.C. III, p. 560.

[90]. *Diários*, 4 de setembro de 1912, O.C. III, p. 289.

[91]. Ernst Pawl, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 128.

[92]. O *satisfatório* é o grau de “suficiente”, *genügend*, nos exames orais de doutorado (os demais eram *gut mit Auszeichnung*, *gut* e *nicht genügend*). (N.T.)

[93]. *Carta ao pai*, p. 75-76.

[94]. Carta a Max Brod, 19 de fevereiro de 1906, O.C. III, p. 582.

[95]. Em: Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunesse*, p. 122-123.

[96]. *Theresienstadt*: campo de concentração para os judeus da Boêmia (localizado na cidade de Terezin, a sessenta quilômetros de Praga), que depois eram levados às câmaras de gás dos campos de extermínio. A fortaleza ali construída no século XVIII oferecia as condições ideais para abrigar o gueto judeu, considerado gueto-modelo pelo regime nazista. (N.T.)

[97]. *Diários*, O.C. III, p. 207.

[98]. Hugo Bergmann, “À l’école et à l’université”, em *J’ai connu Kafka*, p. 29.

[99]. Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunesse*, p. 99.

[100]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 191.

[101]. *Ibid.*, p. 195.

[102]. *Ibid.*, p. 196.

[103]. Em: Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunesse*, p. 104-105.

[104]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 198.

[105]. *Ibid.*

[106]. *Ibid.*, p. 200.

[107]. Carta a Max Brod, 6 de fevereiro de 1914, O.C. III, p. 726.

[108]. *Os mestres cantores de Nuremberg* [Die Meistersinger von Nürnberg]: famosa ópera de Richard Wagner (1813-1883). (N.T.)

[109]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 199.

Duas amizades sob o signo da literatura

Durante seus primeiros anos na faculdade de direito, Franz Kafka perde de vista a maioria de seus amigos do liceu. Pelo simples e bom motivo de que nada realmente o ligava a eles. Um único aluno verdadeiramente lhe importava, Oskar Pollak, que, já no Gymnasium, demonstrava mais maturidade que ele. Apaixonado pelas teorias de Darwin, ensinadas pelo professor Gottwald, ele as adotara e fazia de tudo para converter Kafka. “Mas eu acho que ele sabia um pouco mais [sobre a sexualidade], no penúltimo ano de escola, principalmente porque o garoto mais próximo dele nessa época era Oskar Pollak, um dos mais maduros”[110], afirma Hugo Hecht, que se lembra que Pollak preparara uma exposição sobre as teses genéricas de Haeckel[111]. Hugo Bergmann o descreve como um ser transbordante de vitalidade, até na maneira de falar. “Ele estava mais adiantado que todos nós, fascinado pela história da arte, pelas ciências naturais e pela filosofia hindu”[112].

É ele que apresenta a Kafka a revista *Der Kunstwart*. Revista bimensal de poesia, música, belas-artes, artes aplicadas, ela é dirigida por Ferdinan Avenarius desde outubro de 1887. Friedrich Nietzsche foi seu co-fundador. Kafka torna-se assinante em 1900, ou no início de 1901, e continua a lê-la até 1909. A revista tem como objetivo defender a “pureza do estilo alemão”, misturando nacionalismo e uma concepção relativamente conservadora das artes da época. Nela encontramos escritos de Georg de Ompteau e de Cesar Flaischen, reproduções de obras dos artistas Karl Harder e Ludwig von Hoffmann. Mas também podemos descobrir textos de Liliencron, Spitteler, Dehmel, bem como obras de Marées, Puvis de Chavannes e Ferdinand Hodler. Mais importante ainda, Kafka conhece, sem dúvida pela primeira vez, os nomes de Stefan Georg, Hugo von Hofmannsthal e Friedrich Hebbel.

Oskar Pollak é profundamente marcado pelo espírito dessa publicação, como prova um artigo publicado em setembro de 1907, que fala sobre “A antiga e a nova beleza de Praga”, em que denuncia, sem sutilezas, todo “o horror dessa gama de estilos a partir do grego”. Quanto a Kafka, a questão é mais delicada. Mas como observa, não sem fundamentos, Klaus Wagenbach, algumas idéias defendidas pela *Der Kunstwart* podem ter, a seus olhos, alguma importância. Como o que escreveu Paul Schulze-Naumburg em 1899: que um artista precisa

cultivar como lema “só ter uma única idéia clara e bem construída, em vez de dez que o seriam menos”[113]; ou como o que declarou Avenarius: “É preciso cavar mais fundo e construir mais solidamente no *fundo*, isto é, portanto, a vida real”. Sem sombra de dúvida, essas injunções respondem às preocupações do jovem escritor, que até então só escrevera ensaios literários.

Pollak o apresenta a uma outra revista em 1903, *Die Neue Rundschau*, que tem um espírito mais amplo e se insurge contra os academicismos. Quando Kafka escreve pela primeira vez a Oskar Pollak, sela sua amizade com este lembrando que ela não data de ontem: “Faz três anos que nos falamos, em vários aspectos não distinguimos mais o teu do meu. Seguidamente não consigo dizer se tal coisa é de mim ou de ti, talvez isso também aconteça contigo”[114]. Citemos também esta outra carta, que não é uma declaração de amor, mas mais precisamente a confirmação de uma cumplicidade ou de um entendimento *à revelia* – sinal de um entendimento profundo, mas também de uma carência e de um limite:

> Sem floreios morais nem enfeites: quando falamos um com o outro, ficamos incomodados por coisas que queremos dizer e não podemos dizer abertamente, mas que proferimos de tal maneira que nos entendemos de través ou fingimos que não ouvimos – até mesmo quando rimos um do outro [...]; como repetimos continuamente a experiência e jamais dá certo, acabamos ficando cansados, descontentes, inconformados. Se tentássemos escrever a coisa, seríamos mais leves ao falar...[115]

Nas cartas seguintes, Kafka mostra-se leve, divertido. Sente-se livre para dizer as coisas assim como elas lhe ocorrem, sem a menor reserva. Ousa mesmo (e é preciso imaginar o que isso deve ter lhe custado) ajudar Pollak a relacionar-se com o encanto feminino quando este passa algum tempo em Libuch, em 12 de agosto de 1902. A seguir, fala sobre seus passeios, seus momentos de ociosidade em seu quarto ou sobre um incidente que opôs Utitz a Brod. À medida que o tempo passa, ele muda a tonalidade e assume o tom da confidência. Ele não esconde: “Pois quero algo de ti, e não por amizade ou um acesso de confiança, como se poderia acreditar, mas por egoísmo, unicamente por egoísmo”[116]. Ele lhe participa de suas leituras, suas impressões, fala do Graben ao domingo, confessa sua atual esterilidade literária, envia-lhe seus poemas, professa-lhe suas convicções sobre o papel e a importância do livro. Essa correspondência é breve, pois seu amigo partirá para um castelo na província, para ali ser preceptor. Depois irá a Roma para continuar seus estudos sobre a arte barroca. Ele pede que ele seja “uma janela para a rua” – mais tarde, Kafka fará disso um conto chamado justamente “A janela da rua”.

> De todos os jovens, és o único com quem realmente falei, e, se me acontecia falar com outros, só era de passagem, ou por tua causa, ou por teu intermédio, ou em função de ti. Entre várias outras coisas, também eras para mim uma janela através da qual eu podia escrever sem a rua. Sozinho eu não conseguia, pois, apesar de meu tamanho, ainda não consigo chegar à altura do parapeito[117].

E sua última carta está cheia de tristeza. Nela, ele conta a história de um sábio "cuja sabedoria estava oculta" e de um louco. No final, o sábio salta ao pescoço do louco e o abraça, gritando três vezes obrigado. "Por quê? A loucura do louco era tão grande que mostrara ao sábio sua sabedoria"[118]. Ele encerra essa última missiva com uma formulação paradoxal, que se tornará seu *modus operandi*: "Tenho a impressão de ter te prejudicado e de ter que te pedir perdão. Mas não reconheço nenhuma culpa em mim"[119]. Pecado confessado, meio perdoado – ainda que se precise saber de que falta se trata. Teria havido algum desentendimento, alguma disputa?

O certo é que Kafka está magoado. E assim Oskar Pollak sai de sua vida para atuar como preceptor na província. Ordenança durante a faculdade, ele se apresentará como voluntário em 1915 e será morto no *front* de Isonzo, diante do exército italiano. Apesar de sua pouca idade, ele deixa atrás de si um trabalho impressionante e ainda inédito quando de sua morte. São encontrados dois volumes, prontos para impressão, de *A ação artística sob o papa Urbano VIII* [Die Kunsttätigkeit unter Papst Urban VIII], assim como anotações sobre os papas do fim da Renascença, Inocêncio III e Alexandre VII Bórgia, sem falar das anotações sobre Pietro da Cortina e outros pintores do século XVI. Estranha ironia do destino, Brod observa: "O erudito que consagrara a maior parte de sua vida ao culto da arte italiana caiu sob fogo italiano"[120]. Suas primeiras pesquisas, como os *Arkitechturlenmaärchen* (*Contos dos arquitetos*), foram recebidas com entusiasmo por seus colegas. Hugo Bergmann redigiu um necrológio na *Bohemia* de 4 de julho, em que lembra o jovem notável que Pollak havia sido:

> A variedade de seus interesses era inesgotável, mas, se alguma coisa o entusiasmava, o arrebatava, ele se dedicava por inteiro, esquecendo todo o resto, logo se tornando um fanático e um profeta. Foi assim que ele estudou as Upanixades, a Bíblia, Lutero, São Francisco de Assis, os novelistas italianos do Renascimento (com que pureza ele lia o *Decameron*!), foi assim que ele tocou alaúde e praticou esportes[121].

Um de seus parceiros na Suíça, J. A. F. Orben, que ensina em Genebra, faz

seu elogio fúnebre na *Neue Züricher Zeitung* (27 de agosto). Ele se encarrega de lembrar que Pollak não se contentou em freqüentar as bibliotecas e os arquivos, mas desejou ter um contato íntimo com as obras e os monumentos que quis estudar:

> Muito cedo víamos no Vaticano seu rosto bronzeado e sabíamos que no dia anterior ele trouxera dos lugares mais distantes do Lácio uma rica colheita de anotações e negativos dos castelos de campo e das igrejas de Barberini. Com o mesmo espírito empreendedor, ele sentava fosse na frente de uma pilha de livros provenientes da administração da Fabbrica di San Pietro, da biblioteca Barberini ou da câmara das contas papais, fosse na frente de volumes raros do Seiscentos [...]. Ele fez maravilhas na interpretação de anotações quase estenográficas encontradas nesses livros administrativos, das quais podem aparecer a cada instante fatos importantes sobre Gian Lorenzo Bernini[122].

Enquanto isso, outro jovem imiscui-se na vida e logo na correspondência de Kafka. Trata-se de Max Brod. Este relata em suas memórias: “Conheci Franz Kafka durante meu primeiro ano na universidade, em 1902-1903, provavelmente já durante o semestre de inverno de 1902”[123]. Ele relembra as circunstâncias de seu encontro: “Encontramo-nos pela primeira vez no ‘hall de leitura e de conferências dos alunos alemães’. A sala de reuniões estava situada na Ferdinandstrasse (agora Nàrodni)”[124]. Ele explica que essa associação, a Lese und Redhalle des deutsches Studenten in Prag, é de orientação “alemã liberal”, isto é, contrária às idéias nacionalistas, mas também fechada aos ideais sionistas, ainda que vários alunos judeus fizessem parte dela. De fato, por duas vezes, em 1904 e em 1907, a direção da sala fez uma requisição à universidade para que se interditasse a organização de estudantes sionistas Bar Kochba, fundada, sob o nome de Maccabea, em 1848, para disseminar a cultura alemã na universidade. Ela se democratiza e se liberaliza em 1892, quando os pangermanistas se separam para fundar uma nova organização, a Germania. A “Halle” se confirma cada vez mais como o centro intelectual de Praga. Ela possui uma excelente biblioteca, e suas atividades mantêm-se sempre complementares às da universidade. Ela organiza conferências, seguidamente proferidas por ilustres representantes da cultura alemã, concertos, exposições, grupos de discussão sobre assuntos muitos diversificados. À época de Kafka e Brod, ela conta com aproximadamente 450 adeptos, na maioria judeus, mas quase todos convertidos ao cristianismo ou em todo caso adeptos convictos da assimilação. Ela é controlada por um conselho administrativo monopolizado por aspirantes políticos que a utilizam como um trampolim para suas ambições. A ironia do destino quer que seja Bruno Kafka, um primo direto de Franz (eles têm um

bisavô em comum, Josef Kafka), cujo pai, Mortiz, fora durante certo tempo o representante legal dos assuntos de Hermann Kafka, que se encontre à frente do conselho administrativo. Mas Franz jamais o vê. Brod insiste no fato de que Franz "só mencionou muito mais tarde seu parentesco com Bruno Kafka e sua admiração por este homem enérgico..."[125]. Este não se interessa pela vertente cultural da associação, e Brod tem uma discussão com ele sobre isso. Mais tarde, Bruno Kafka terá uma brilhante carreira. É verdade que ele tem todos os trunfos nas mãos: casa-se com a filha do "rei do couro" da Boêmia, Max Bondy, que compra o grande periódico de língua alemã *Bohemia* e lhe confia a responsabilidade editorial. Graças a essa máquina de guerra, Bruno abre seu caminho na política, alça-se na direção do partido dos social-democratas e toma assento no primeiro parlamento tchecoslovaco (ele acusa então Max Brod de querer provocar uma cisão no seio do partido com seus imperativos sionistas). Somente a morte põe um fim à sua ascensão irresistível, em 1931, quando tem apenas cinqüenta anos.

Apesar do desentendimento entre o conselho e os jovens intelectuais dos diversos departamentos culturais, a "Halle" mantém seu prestígio, organizando reuniões sobre Gottfried Feller, Nietzsche, Grillparzer e conseguindo convidar escritores prestigiosos como Gustav Meyrink, Paul Leppin, o jovem prodígio Franz Werfel e também outros estrangeiros. Kafka, inscrito na seção literária e artística, encarrega-se, de agora em diante, de fazer contato com os futuros conferencistas, conseguindo manter-se autônomo, apesar da má vontade do comitê:

> Lembro-me [escreve Brod] de que tínhamos convidado Detlev von Liliencron para vir a Praga fazer uma conferência e que o comitê não queria entregar os honorários combinados ou no mínimo nos propunha uma quantia insuficiente. Comparados ao comitê, com suas reuniões dançantes e suas bebedeiras, éramos, na nossa seção, os defensores do espírito[126].

Graças a uma dessas conferências, Franz Kafka conhece Max Brod. Uma noite, este se encontra atrás do púlpito para falar de Arthur Schopenhauer: Brod guarda dessa noite uma lembrança muito viva, pois é a primeira vez que fala em público. Seu discurso suscita algum interesse:

> Eu era então um schopenhaueriano fanático e decidido, e nessa qualidade eu considerava literalmente um crime de lesa-majestade as mínimas contradições que pudessem formular contra as teses de meu ídolo; assim, sem rodeios, simplesmente tratei Nietzsche de "charlatão"[127].

Kafka fica estupefato com este *Wunderkind*, que só tem dezoito anos e que, como ele, recém saiu do liceu. Ainda sob influência da revista *Kunstwart* e nietzschiano convicto, ele considera questão de honra abordar aquele jovem presunçoso e brilhante exegeta, para deixar em pedaços o "indiferentismo" do autor de *O mundo como vontade e representação*. Brod nos revela como se desenrolou essa discussão, que selará sua amizade:

> Depois dessa exposição, Kafka [...] acompanhou-me durante o caminho de volta. Ele assistia assiduamente a todas as reuniões da "seção"; até então nós apenas espreitáramos um ao outro. Foi aliás difícil reconhecê-lo, ele que tão raramente tomava a palavra e era de maneiras tão modestas; até seu elegante terno completo azul-marinho, tudo nele participava desse retraimento e dessa reserva. Mas naquele momento algo em mim deve tê-lo atraído, e ele foi mais expansivo que de costume. No entanto, nossa interminável conversa começou com críticas bastante duras dele à simplicidade de meus julgamentos[128].

O que acontece entre eles durante essa discussão inflamada não se assemelha exatamente a afinidades eletivas, em seu sentido usual. É antes a revelação de uma mesma paixão compartilhada pela literatura. Brod toma logo consciência disso e trata de comunicá-lo: "A verdadeira explicação é a seguinte: nós nos sentíamos os dois francamente atraídos pela atividade literária, mas isso não queríamos confessar..."[129]. É aliás notável que essa relação tenha se consolidado durante um segundo encontro e durante um novo retorno de Gustav Meyrink. Brod freqüenta na época um pequeno grupo muito fechado, que se reúne em volta desse último e dos escritores que se reúnem no café Central, fortaleza do germanismo praguense. Ele descreve esse importante local da literatura fantástica nestes termos:

> Em um dos cantos da sala de xadrez, a mesa estava reservada para Meyrink e seus acompanhantes. Falávamos baixo, muito baixo, nos regulávamos pela voz calma, levemente audível, do mestre. [...] Os assuntos de conversação à mesa de Meyrink eram, primeiramente, obscuras alusões a acontecimentos sociais que eu não entendia e que tinham relação, de alguma forma, com os sofrimentos da injustiça com que Meyrink não conseguira conformar-se inteiramente; em segundo lugar, a novela de Meyrink que acabara de ser publicada em *Simplicissimus* e a história extraordinária em que ele estava trabalhando... [130]

Entre esses fiéis encontra-se o estranho e inquietante Paul Leppin, autor de *Severins Gangs in die Finsternis*.

Voltemos à famosa reunião em que ocorre o segundo encontro entre Brod e Kafka. Brod elogia o valor de *A morte violeta* [Der violette Tod], de Meyrink, que acaba de ser publicado. Kafka não aprecia muito esse literato, que vê o mundo através do prisma distorcido do oculto e do esoterismo, que não consegue

evitar saturar suas frases com adjetivos enfáticos. Brod torna-se insistente:

> Então eu citei-lhe “belas passagens” que sabia de cor, entre as quais a “morte violeta”, de Meyrink, em que as borboletas eram comparadas às páginas dos grandes livros mágicos. Kafka não parava de torcer o nariz. Isso lhe parecia rebuscado e visionário demais; ele fugia das obras em que se traía o intelecto e detestava esses modos de classificação[131].

Eis como nasce uma amizade...

Max Brod não é nem belo nem de boa aparência. Stefan Zweig lembra-se, ao vê-lo em 1904: “Vinte anos, pequeno, frágil e infinitamente modesto...”[132]. Atingido pela cifose na infância, ele ficara marcado fisicamente de maneira indelével. Compensou essa peça pregada pelo destino com uma inteligência fina e aguda e com um raro acúmulo de dons. Zweig fica muito impressionado com a imensidão do alcance de seus interesses e também com seu faro inato para descobrir novos talentos:

> [...] ele fala dos músicos tchecos Smetana e Janáèek, que ele apresentou ao mundo, sempre dos outros, nunca de si mesmo, de suas próprias melodias e sonatas. Perguntamos sobre seus escritos: como resposta, ele põe nas nuvens um Franz Kafka perfeitamente desconhecido e que ele vê como verdadeiro mestre da nova prosa e da nova psicologia. Falamos de seus próprios poemas, mas ele se esquiva: veja Franz Werfel, é ele o maior poeta lírico de nossa época. Assim, esse jovem poeta se dedicava a tudo o que lhe parecia grande... seus dons são inúmeros, um único no entanto lhe falta – o mais nobre defeito para um jovem de sua espécie: a audácia da determinação[133].

Quando Brod encontra-se com Kafka, já escreveu uma antologia de poemas e colabora com várias revistas, entre elas *Kunstwart*, o que serve para ser acusado por Emil Utitz durante uma das reuniões do café Louvre – humilhação que ficará como uma cicatriz vergonhosa durante boa parte de sua existência e que sua obra atesta diversas vezes. Em 1908, ele publica seu primeiro romance, *Schloss Nornepygge*. Nos anos seguintes, escreverá mais 82 obras, sendo dezessete de poesia, romances, dentre os quais o belíssimo *O astrônomo que encontrou Deus* [Tycho Brahes Weg zu Gott], ensaios, biografias, suas lembranças de Kafka e, naturalmente, suas autobiografias. Músico de talento, ele compõe peças para piano, sonatas e *lieder*, além de escrever como crítico musical no *Prager Tageblatt*. Ele é um ardente defensor de Leoš Janáèek, contribui para a divulgação do compositor Carl Nielsen. Apesar de tomar parte no combate para impor uma poesia alemã de feitio moderno, ele também é um dos primeiros admiradores de Jaroslav Hašek, o imprevisível e extravagante autor de *Aventuras do bravo soldado Schweik* [Osudy dobrého vojáka Švejka za

svìtové války], também contribuindo para seu reconhecimento internacional. Sem falar da paixão precoce pela filosofia, que o levou a adotar a doutrina pessimista de Schopenhauer, que conduziu seu espírito a um perdão universal e que nunca deixou de obcecá-lo no desenvolvimento de sua obra literária. Nela existem, confessa, "debates de minha consciência e do conhecimento real (Schopenhauer, a questão religiosa, a antigüidade). Tentei falar algumas coisas em meus livros: *Stefan Rott*, *Beinahe ein Vorzugsschüler*, *Die Rosenkoralle*... "[134].

Como observou tão bem Zweig, Brod entendeu quase imediatamente que Kafka possuía um bem precioso – um talento subjacente, que ele sabia não possuir no mesmo grau. Ele escreve em seu diário, no início de sua história em comum, esta simples constatação: "Vejo em Kafka o maior escritor de nosso tempo"[135]. Em 9 de fevereiro de 1902, ele publica um balanço da nova literatura de língua alemã na revista *Die Gegenwart*. Ali evoca personagens já conhecidos, como Meyrink e Wedekind. Coloca ao lado deles o nome de Kafka, que ainda não escrevera quase nada e principalmente nada publicara:

> É um indício do alto nível atingido pela literatura alemã que tenhamos atualmente diversos autores capazes de satisfazer a critérios extremamente elevados e que, por sua arte e sua ferocidade, embelezam a existência em seus aspectos mais diversos. Heinrich Mann, Wedekind, Meyrink, Franz Kafka e o autor deste fragmento pertencem a essa santa confraria[136].

Quando recebe a revista e lê o artigo de Brod, Kafka escreve-lhe uma curta carta em que a gratidão, o mal-estar incômodo, mesmo um visível embaraço e o humor se misturam: "Então é o Carnaval, sem dúvida o Carnaval, mas de todos o mais agradável. Bem, então terei dado um passo de dança neste inverno. O que me alegra principalmente é que ninguém veja a necessidade do meu nome naquele lugar"[137].

Essa admiração, que surgiu como uma intuição fulgurante, não quer dizer que ele não esteve presente quando seu amigo fez as primeiras tentativas poéticas. Durante o verão de 1904, Kafka dá de cara com um ensaio de Hugo von Hofmannsthal publicado em fevereiro na *Neue Rundschau*. Trata-se das *Conversações sobre o poema* [Das Gespräch über Gedichte]. Essas páginas foram redigidas depois do caso da *Carta a Lord Chandos* [Ein Brief, ou Brief des Lord Chandos an Francis Bacon], que fizera muito barulho, como uma espécie de defesa e ilustração. O que interessa a Kafka aqui é que essas considerações incitam a ir ao fundo de si mesmo para poder emergir novamente

à superfície e colocam em evidência o caráter assustador, a força e a necessidade das coisas exteriores. Esse duplo movimento em direção ao mais íntimo (o mais profundo e portanto o mais escondido) e ao mais à superfície leva ao que é mais evidente. Isso o leva a seguir os passos do escritor. Brod pensa retrospectivamente que esse impulso foi dado pela *Carta a Lord Chandos*, mas sua memória o trai. As conclusões que ele tira dessa relação com o autor de *A mulher sem sombra* [Die Frau ohne Schatten] são, apesar disso, esclarecedoras:

> Kafka dá um passo a mais que Hofmannsthal. Em Hofmannsthal, a experiência só pode ser expressa por intermédio das palavras; em Kafka, ela toma uma força tão excessiva que o herói é obrigado a se defender dela, buscando dissolvê-la por meio de palavras e de representações afastadas dela, para perdurar somente como aquele que faz a experiência[138].

Se Kafka é sensível ao ensinamento de Goethe – ele quer ouvir a "voz da natureza de doces inflexões" –, ele encontra no poeta austríaco um forte ressurgimento desse pensamento:

> Para dar-me um exemplo da prosa que o agradava, Kafka citou esta frase de Hofmannsthal: "O cheiro da pedra úmida no vestíbulo". E ficou longo tempo em silêncio, não acrescentou mais nada, como se essa modesta impressão da vida familiar devesse falar por si mesma. Isso me causou uma impressão tão profunda que ainda sei, hoje, a rua e a casa em frente à qual conversávamos[139].

Sentimos despontar, no entanto, uma reserva em relação ao estilo sofisticado demais, que é então o de Kafka, e aos efeitos de certas admirações que o convenceram a seguir essa via, em particular a propósito dos poemas que Kafka deu a Oskar Pollak, mesmo que, com o passar do tempo, ele os apresente como os anunciadores da obra por vir:

> Quando travei conhecimento com Kafka, ele estava recém superando seu período maneirista, de feitio miniaturista, por assim dizer gótico, em que, sob influência de *Kunstwart* [...], ele caíra ocasionalmente na teutonomania [...]. Tudo, mesmo os pequenos poemas do início, dá uma impressão de autenticidade, impressão de algo único. Somente a secura do coração e a incompreensão ali encontram material para crítica[140] .

Em sua autobiografia, Brod descreve a rápida metamorfose de sua caligrafia, reveladora da metamorfose de seu estilo:

> A escrita também mostra que só pode tratar-se dos primeiros tempos de nossa amizade; é uma escrita gótica, mais tarde Kafka utilizará os caracteres latinos. Sua escrita sofreu uma certa evolução. Às espirais góticas do início corresponde um estilo rico, ornado e às vezes preciosista. Numa época anterior, as cartas endereçadas a Oskar Pollak são em uma linguagem ainda mais maneirista. Nos primeiros ensaios, o estilo é às vezes francamente pretensioso[141].

Conseqüentemente, é com esse debate, que coloca em cena Meyrink e Hofmannsthal, que inicia uma rara cumplicidade que subentende uma complementaridade bastante estranha. Brod tentou explicar a natureza especial dos laços que eles mantinham enquanto seguiam seus estudos de direito:

> Que não se imagine [...] que em toda essa relação de amizade eu tinha um papel dirigente, educador, e que Kafka era o aluno obediente. O que havia de belo e de único em nossas relações mútuas era, por assim dizer, que alternávamos o papel dirigente, que nos completávamos e que tínhamos tanto a dar um ao outro que ora um, ora outro tomava a iniciativa[142].

O laço que une então Max Brod e Franz Kafka, e que os unirá até o fim, é o único que Kafka cultivou, apesar de desentendimentos passageiros e de acessos de raiva, crises, disputas e súbitas incompreensões. O que o afasta de Brod o aproxima, e não é seu ciúme possessivo que romperá esse fio condutor. Não, Kafka não conhecerá intimidade tão intensa com outro homem, apesar de ter tido grandes amizades, principalmente com jovens.

---

[110]. Hugo Hecht, “Douze ans en classe avec Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 40.
[111]. Ernst Haeckel (1834-1919): biólogo alemão que popularizou as obras de Darwin na Alemanha. (N.T.)
[112]. Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunesse*, p. 56.
[113]. *Ibid*., p.99
[114]. Carta a Oskar Pollak, 2 de fevereiro de 1902, O.C. III, p. 557.
[115]. *Ibid.*, p. 556-557.
[116]. *Ibid.*, 6 de setembro de 1903, p. 564.
[117]. *Ibid.*, 9 de novembro de 1903, p. 567.
[118]. *Ibid.*, 27 de fevereiro de 1904, p. 576.
[119]. *Ibid.*
[120]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 71.
[121]. *Ibid.*, p. 73.
[122]. *Ibid.*, p. 72.
[123]. *Ibid.*, p. 54.
[124]. *Ibid.*, p. 56.
[125]. *Ibid.*, p. 57.
[126]. *Ibid.*
[127]. *Ibid.*
[128]. *Ibid.*, p. 58.
[129]. *Ibid.*, p. 55.
[130]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 234-235.
[131]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 58-59.

[132]. Em: Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunesse*, p. 142.
[133]. *Ibid.*
[134]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 158.
[135]. *Ibid.*, p. 221.
[136]. Em: Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 171.
[137]. Carta a Max Brod, 12 de fevereiro de 1907, O.C. III, p. 586.
[138]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 210.
[139]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 59.
[140]. Max Brod,*Une vie combative*, p. 219.
[141]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 59.
[142]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 219.

A entrada na vida

O ano de 1907 está marcado por importantes mudanças na vida de Franz Kafka. A primeira é a enésima mudança de sua família. Isso o concerne no mais alto grau, pois ele ainda mora com ela. Em 20 de junho, os Kafka deixam o nº 3 da Zeltnergasse (hoje Celetná nº 2), perto da velha Pulverturm (a Torre da Pólvora), para instalar-se no terceiro andar de um edifício no número 36 da Niklasstrasse (hoje Pařižká třída, a Avenida de Paris). É um prédio moderno, rebatizado de "O Barco", que se ergue no bairro de Josefstadt – que substituiu o antigo gueto, cuja destruição fora votada dez anos depois do nascimento de Franz, em 1893. Os trabalhos começados em 1900 vão até 1914. O que não passava de um bairro bastante mal-afamado, insalubre e superpovoado, de que a população judia em sua maioria desertara e que só abrigava alguns judeus muito pobres e um punhado de ortodoxos que não queriam abandoná-lo por preço nenhum, a partir de então se integra ao resto da cidade, graças principalmente ao plano diretor de Alfred Husting, que simplificou ao extremo o traçado das ruas. O edifício onde mora a família Kafka dá para o Vltava (que os alemães chamam Moldau), com uma vista para o cais, a bacia, a ponte, a colina onde foi construído o Belvedere. De seu quarto, Franz pode ver a igreja russa e uma estátua barroca em tamanho maior que o natural. Enquanto suas três irmãs dormem no mesmo quarto, ele goza de um espaço só seu, sendo sua janela a última, à esquerda, no terceiro andar.

> Um dia [escreve Friedrich Thieberger], estávamos olhando pela janela que dá para a Ringplatz [praça da Cidade Velha]. Então Kafka me disse: lá era meu liceu, e lá, em frente, a universidade, e um pouco mais adiante, à esquerda, meu escritório. Toda a minha vida, disse, traçando pequenos círculos com a ponta dos dedos, se inscreve nesta pequena circunferência[143].

Nada mais verdadeiro. Quando ele nasceu, seus pais moravam em um velho edifício chamado "Zum Turm" (À torre), situado na antiga Maiselgasse (hoje Jàchymova), na esquina da Carpfengasse (hoje Karpová), na junção exata do antigo mundo judeu com o mundo cristão. Conta-se que ele remontava ao ano da graça de 1409 e que pertencera a um escrivão municipal, Ulrich von Falkenau, depois ao escrivão-geral Johan Tousek, amigo íntimo do futuro papa Aenas Silvius. Reconstruído entre 1717 e 1730 pelo arquiteto Kilean Ignace Dientzenhofer no estilo barroco, ele primeiro foi o presbitério da igreja São

Nicolau, antes que seu monastério fosse secularizado por Joseph II e assim se tornasse, em 1787, um conjunto residencial de aluguel. Esse edifício, que teve tão longa história, foi totalmente destruído por um incêndio em 1897 e substituído por um novo conjunto residencial em que pelo menos foi preservado o portão original[144]. Os Kafka o haviam abandonado bem antes desse drama. Em maio de 1889, eles mudam-se para a praça Venceslas, sendo-lhes roubados, quase imediatamente após sua instalação, um cesto de lençóis e roupas de baixo. Em dezembro do mesmo ano, eles mudam novamente de domicílio e se encontram então na Dušni, depois, em 1887, no número 2 da Niklasstrasse (hoje Larežka). Um ano mais tarde, eles moram no número 2 da Zeltnergasse (hoje Celetná). Em 1889, encontram nova moradia, que dá para o Alstädter Ring (praça da Cidade Velha), contígua à prefeitura, a casa "Minuta", assim chamada por supostamente estar a um minuto de qualquer ponto da cidade. Essa casa do século XVII não tinha mais em sua fachada os magníficos grafitos em preto e branco, então recobertos por um reboco cinza. Na esquina do edifício, um leão ainda montava guarda. Sua pata dianteira segurava um cartucho, último vestígio de uma farmácia chamada Au Lion Blanc, ali localizada de 1712 a 1750, mais tarde substituída por uma tabacaria. Eles ali ficaram sete anos. Foi lá que nasceram as três irmãs de Franz. Setembro de 1896: a família, tendo aumentado consideravelmente, precisou procurar um apartamento maior. É por isso que voltam para a Zeltnergasse, dessa vez para o número 3, na casa chamada "Três Reis". É essa casa que Max Brod freqüenta no início de sua história comum com Franz Kafka, e é ali que eles trocam idéias sobre filosofia e literatura: "Se a leitura de Platão se dera por iniciativa minha [...], Kafka em compensação me fez conhecer Flaubert. Foi dele que adquiri essa paixão. [...] Na maioria das vezes, essas leituras aconteciam no pequeno quarto de Kafka, na casa paterna [...] às vezes também na minha casa"[145]. Brod fica impressionado com as obras de arte que encontra naquele quarto. E essa decoração que o surpreende será a que descreverá em seu romance *O reino encantado do amor* [Zauberreich der Liebe], publicado quatro anos após a morte de Kafka e que ele retoma em suas memórias: "Seu modesto mobiliário – uma cama, uma mesa, a velha escrivaninha marrom escura, quase negra, poucos livros, mas uma desordem de folhas escritas – acompanhou Kafka em todas as suas casas em Praga"[146].

Kafka encontra-se agora no apartamento da Niklasstrasse, como contávamos no início deste capítulo, onde tem o privilégio de uma "segunda saída, pela cozinha e pela casa de banho"[147], aproveitando-se, assim, de uma relativa

autonomia na família. Em 1907, ele tem 24 anos, termina seus estudos com êxito e está prestes a entrar na vida ativa. A escolha pela Agenzia Generale delle Assicurazioni Generali, cuja sede social fica em Trieste, então o grande porto austro-húngaro no mar Adriático, deve-se certamente a um conjunto de circunstâncias. Seu pai, que tem boas relações com o vice-cônsul americano Weissberger, pai do representante dessa companhia de seguros em Madri – e aqui podemos suspeitar da influência do tio de Madrid, Alfred Löwy –, conseguiu do diplomata uma carta de recomendação. Assim, Franz Kafka deposita sua candidatura em 1º ou 2 de outubro de 1907, explicando em uma carta de motivação que não tem "a intenção de permanecer na magistratura", que fala alemão, tcheco, francês e inglês e que tem familiaridade com a estenografia alemã. Ele é imediatamente contratado.

Como ressaltam Elena e Stelio Vinci:

> [...] o trabalho impõe-lhe uma nova relação com o tempo. Como se constata em sua correspondência desse período, ele enfatiza o problema do tempo, tema recorrente em sua obra, a ponto de assumir às vezes um caráter paradoxal, ao mesmo tempo obsessivo e racional. O escritor encarava o valor do tempo em toda a sua plenitude, e a consciência de sua brevidade e sua preciosidade aumentou o sofrimento de ser forçado a "desperdiçá-lo" com longas horas passadas no escritório, como estas linhas o confirmam: "Do trabalho não me queixo como da lentidão do tempo pastoso. De fato, o horário do escritório não pode ser subdividido, até à última meia hora sente-se o peso das oito horas como durante a primeira. Muitas vezes, é como viajar de trem noite e dia e ao chegar ao fim felizes, não pensando nem no trabalho da locomotiva, nem na paisagem acidentada ou plana, atribuir qualquer efeito ao relógio que temos à nossa frente, na palma da mão"[148].

Kafka assumiu com absoluta abnegação essa iniciação ao mundo do trabalho – assim como Max Brod, que por sua vez entrou na administração dos correios com certa resignação. É portanto sem pesar e sem emoção que ele cruza o limiar do prédio da sociedade, localizado à praça Venceslas. Ele recebe um módico salário de apenas oitenta coroas. Também recebe uma formação para lidar especificamente com seguros de vida e é predestinado a cumprir missões no exterior. No entanto, sente certa dificuldade em adaptar-se à sua nova condição. Ele escreve em outubro:

> Quanto ao escritório: estou nas *Assicurazioni Generali*, com a esperança, todavia, de sentar-me um dia nas poltronas de um país longínquo, de ver através de uma janela de escritório campos de cana-de-açúcar ou cemitérios muçulmanos; os seguros em si me interessam bastante, mas no momento meu trabalho é triste[149].

Um mês mais tarde, Kafka se questiona muito sobre seu futuro. Ele desabafa em uma carta do mês de novembro: "Ignoro se obterei em breve um posto e se

ele será longínquo, isso sem dúvida não ocorrerá no próximo ano: o melhor seria que a sociedade me colocasse na rua, isso não é totalmente impossível”[150]. Ele se sente preso em uma armadilha. Só consegue pensar em partir, em fugir de Praga e de seus dias de ritmo vazio, em ir para as margens do Adriático: “Estou aprendendo italiano, pois pode ser que eu vá primeiro a Trieste. Nesses primeiros dias, devo ter apresentado um ar muito comovente para os sensíveis a essas coisas. Seja o que tenha sido feito, eu tinha a impressão de ser desqualificado...”[151].

O que consome Kafka é que ele precisa trabalhar das oito da manhã até as seis horas da tarde, o que significa que à noite ele não tem a menor energia para escrever. Ao fim do ano, ele só tem uma idéia em mente: deixar seu emprego para entrar na administração. Ele já discutiu isso com Max Brod e esclarece as coisas em um pequeno bilhete, encantado em saber que seu pai poderia recorrer a dois conhecidos, mas inquieto que soubessem que ele está descontente com sua situação atual. E ele precisa admitir: “Naturalmente, se eu conseguir um lugar nos correios, o que ainda é muito duvidoso, será preciso passar por tais explicações”[152].

Mas os esforços de seu pai não chegam aos resultados esperados. Isso não o desencoraja. Em junho de 1908, ele escreve a Brod para anunciar-lhe: “Passei minha manhã de domingo e o início da tarde solicitando um cargo – absolutamente, terrivelmente em vão...”[153]. Assim, em 10 de junho, ele envia uma carta ao diretor da Companhia de Seguros contra os Acidentes de Trabalho para o Reino da Boêmia: “O abaixo-assinado roga à Direção da Companhia de Seguros [...] que acolha favoravelmente o pedido que lhe faz para ser admitido como auxiliar”[154]. Ele explica que freqüentou um curso de seguro do trabalho na Escola Superior de Comércio de 3 de fevereiro a 30 de maio. A salvação vem de um antigo amigo do liceu, Ewald Felix Přibram. Seu pai é um homem influente, que teve êxito nos meios conservadores das altas finanças e da indústria. Ele participa do conselho de administração de várias sociedades importantes. Entre outras, é o presidente dessa companhia de seguros contra os acidentes de trabalho. Graças a essa ajuda providencial, seu requerimento é recebido favoravelmente e ele começa um estágio experimental no mês de julho, como auxiliar no departamento dos acidentes industriais. Para ele é um grande alívio, ainda mais porque essa instituição teoricamente não quer empregados judeus: Kafka será o único entre as 250 pessoas que ali trabalham. Anos mais tarde, ele comentará essa curiosa situação: “Ele, o primeiro [Přibram pai], eu, o

segundo e último judeu da institui-ção, aquele em vias de se desintegrar”[155]. Provavelmente não é de bom grado que ele comparece todas as manhãs a esse novo emprego, mas o Arbeiter-Unfall-Verischerungsanstalt für das Königreich Boehmen in Prag ao menos oferece uma vantagem: poder sair do escritório às duas horas da tarde e assim levar outra vida, a que ele escolheu, que só pode ser uma vida paralela, fantasiosa. Junto a Max Brod, ele se felicita por essa vitória, mas não se deixa enganar, ele não será feliz: “Agora, às cinco horas, engolir com leite o tédio de seis horas de trabalho, isso ainda tem algum sentido, a rigor, mas quanto ao resto...”[156]. Isso não o impede de continuar fantasiando sobre um eventual emprego “na Espanha ou, melhor, na América do Sul, nos Açores, na Madeira...”[157]. Na verdade, ele só pode se agarrar à hipótese de uma possível promoção e se felicitar por esses horários vantajosos. Mas ele tem consciência de que o cerco está se fechando sobre ele.

Essa instituição, em que ele entrou sem qualquer dificuldade, foi criada depois da votação das leis sobre a proteção social, entre 1885 e 1887, leis redigidas com base no modelo prussiano e que não possuem equivalente na Europa ocidental. Elas têm por fim definir as responsabilidades do Estado em relação aos trabalhadores. É por isso que na ótica dessa legislação, que representa um verdadeiro progresso social, consta um seguro obrigatório que cobre os acidentes de trabalho na indústria, alimentado por contribuições patronais e salariais. Essa instituição foi dotada de um estatuto semi-estatal, semiprivado, o que lhe concede uma relativa autonomia de funcionamento e garante a seus empregados a qualidade de funcionários, com todas as vantagens que isso representa. Na Boêmia, sua atividade engloba aproximadamente 35 mil empresas. Quanto à eficácia, ela parece, à época de Kafka, um pouco limitada. De fato, só conta com sete inspetores, o que é bastante insuficiente para o reino todo. Além do mais, os patrões procuram declarar o menor número possível de operários, e, por falta de verificações no local, as fraudes quase nunca são descobertas. Um déficit importante inicia a partir de 1893 e desde então só aumenta.

A chegada de Kafka coincide com uma total reorganização, “que correspondia de fato a um novo começo e lhe proporcionava uma situação favorável”[158]. Um novo diretor é nomeado, um certo Morschner, que decide retomar o controle com vigor, estabelecendo um sistema de controle draconiano, estabilizando as contas. Em um ano, ele consegue um balanço positivo, sem poder, no entanto, acabar com o déficit. Kafka é rapidamente valorizado por seus

superiores. Um deles chega a informar à hierarquia que ele “une um zelo notável a um interesse constante por todos os seus encargos”[159]. Alguns meses mais tarde, outro comunicado de serviço especifica: “O dr. Kafka é um empregado eminentemente trabalhador, dotado de um talento e de uma dedicação excepcionais”[160]. Minucioso, escrupuloso, ele é especialmente estimado pela qualidade de seus relatórios de encargos, que o fazem percorrer a região em todas as direções. Ele também é estimado por todos os seus colegas. Depois da morte de seu amigo, Max Brod fará uma visita aos empregados que o haviam conhecido muitos anos antes; eis o testemunho que ele trará de seu périplo:

> Há alguns dias, fui novamente [...] à companhia de seguros em que Kafka trabalhou. Somente algumas vezes fui visitá-lo lá; perambuláramos lado a lado por um dos corredores desertos e sonoros. Falei com um dos chefes que fora colega de Kafka. Pelo que ele me disse, Franz Kafka era muito amado; não tinha inimigos. Sua dedicação era exemplar, e tinha-se seu trabalho em alta conta. Esse senhor [...] enfatizou que ele tinha o costume de considerar os casos ao contrário dos outros, o que é uma observação muito pertinente[161].

Por menos gratificante que fosse esse emprego, valeu-lhe observações elogiosas. O que não o impede de escrever com raiva e um sentimento de impotência à jovem que ocupa então seus pensamentos:

> Sabes, tive uma semana horrível, fiquei sobrecarregado de trabalho no escritório, talvez continue sempre assim, pois é, é preciso ganhar a vida [...][162].

Ele se esforça então para dominar o tempo, como observa Brod com comiseração: “Logo ficou evidente que ele não conseguiria encontrar, apesar das repetidas tentativas, uma divisão de seu tempo que lhe tornasse possível dedicar-se sem restrição à sua paixão por escrever”[163]. Ele consegue dormir depois do almoço, pois sai do escritório às duas horas, e escrever durante uma parte da noite. Mas esse ritmo logo o exaure e, ainda por cima, não é muito fácil de seguir. Claro, Brod e Kafka chegaram a seus fins, ao contrário de Rainer Maria Rilke, que, uma década antes deles, fizera suas malas, deixando Praga atrás de si, para fugir de uma colocação em um banco que seu pai, alto funcionário das estradas de ferro, lhe conseguira. Mas Brod, com um pragmatismo que lhe é típico, expressa, preto no branco, a maneira de conciliar o necessário trabalho assalariado e o desejo de se dedicar à literatura: “Deveria haver uma margem nítida entre o ganha-pão e a arte da pluma; Franz se recusava a um serviço como o jornalismo”[164]. Kafka recusará ser redator do periódico *Der Jude*. Ele, no entanto, aceitará escrever alguns artigos – o que provocará alguns dilemas, como atesta uma carta enviada no início de 1909 a Franz Blei – poeta amigo de Brod,

tradutor de Claudel, Gide, Oscar Wilde, Valery, jornalista conhecido que também escreve comédias –, na qual ele se desculpa: “Não me guarde rancor por ter falado da Puderquaste, na revista berlinense *Der neue Weg*, da maneira que aqui segue anexa”[165]. E enumera ao autor do livro os erros tipográficos que mudaram o sentido das palavras, e portanto das frases, com um cuidado maniático – sem falar dos problemas de apresentação. Nesse livro, Blei conta a história de um príncipe imaginário que se chama Hippolyte, um epicurista que tem uma vasta cultura e é ao mesmo tempo um sofista que disserta sobre a vida fácil do erotismo. Ele também é o autor de um “breviário para senhoras” que com humor nomeia *La Houpette* [Die Puderquaste: ein Damenbrevier aus den Papieren des Prinzen Hippolyt]. Kafka também envia um artigo à revista *Bohemia*, em fins de 1908, que não é publicado, conforme comunica a Brod: “Meu caro Max, lembras, falei da *Bohemia* com confiança demais, é o que parece agora. Uma recusa me incomodaria bastante, menos pela recusa que pela coisa em si”[166].

Max Brod bem que tentou arrastá-lo para seguir seu caminho, a levar a vida de polígrafo imerso no pequeno mundo da cultura moderna, que ele faz tão bem, apesar de suas obrigações diárias na administração dos correios; mas seu amigo mantém-se reticente, furtivo, esquivo. Brod admite sem argumentos: “Fui amigo de Kafka por vários anos, antes de saber que ele escrevia”[167]. E quando este finalmente o comunica, é para anunciar-lhe que acaba de fazer uma experiência que resultou em derrota: “Uma das primeiras menções que ele fez de sua atividade literária foi quando me comunicou sua participação em um concurso da revista *Zeit* de Viena. A remessa fora feita sob um pseudônimo e com o seguinte título: *Himmel in engen Gassen* (O céu nas ruas estreitas)”[168]. Kafka não recebeu nenhuma resposta, e sua novela não foi aprovada. Isso não o impediu de continuar a trabalhar em uma segunda versão de *Descrição de uma luta*. E se ele tem outras coisas em mente, não as divulga, pois ainda não consegue encontrar o tempo indispensável para satisfazer à sua paixão.

---

[143]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 71.

[144]. Uma placa comemorativa em bronze foi ali afixada, obra de Karel Hladík.

[145]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 69.

[146]. *Ibid.*, p. 70.

[147]. *Ibid.*
[148]. Elena e Stelio Vinci, “Le premier emploi de Franz Kafka”, em *Métamorphoses de Kafka*, p. 122.
[149]. Carta a Hedwig Weiler, 8 de outubro de 1907, O.C. III, p. 604.
[150]. *Ibid.*, novembro de 1907, O.C. III, p. 606.
[151]. *Ibid.*, p. 606-607.
[152]. Carta a Max Brod, final de 1907, O.C. III, p. 610.
[153]. Carta a Max Brod, 9 de junho de 1908, O.C. III, p. 616.
[154]. Carta à companhia de seguros, 10 de junho de 1908, O.C. III, p. 616.
[155]. Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 192.
[156]. Cartão-postal a Max Brod, 2 de setembro de 1908, O.C. III, p. 617.
[157]. Carta a Max Brod, meados de agosto de 1907, O.C. III, p. 189.
[158]. Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 194.
[159]. *Ibid.*, p. 196.
[160]. *Ibid.*
[161]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 97.
[162]. Carta a Hedwig Weiler, início de 1908, O.C. III, p. 612.
[163]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 96.
[164]. *Ibid.*
[165]. Carta a Franz Blei, 7 de fevereiro de 1909, O.C. III, p. 628.
[166]. Carta a Max Brod, 21 de janeiro de 1909, O.C. III, p. 627.
[167]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 77.
[168]. *Ibid.*

A poderosa e fugaz tentação da arte

A maioria das biografias de Franz Kafka, a começar pela de Max Brod, que no entanto foi o primeiro a colecionar e depois publicar seus desenhos, evitou evocar, ou então minimizou, não sabemos por qual motivo, seu desejo efêmero e no entanto real de seguir uma carreira de desenhista, assim como seus estudos artísticos logo abreviados, dos quais fala em sua correspondência com Felice Bauer – a menos que se trate de estudos de história da arte, como alguns afirmam. Somente Joachim Unseld, em *Franz Kafka, une vie d'écrivain*[169], que se interessa mais precisamente pela questão editorial, enfatiza, em um curto capítulo, um episódio que marca o ano de 1907, tão indeciso e portanto tão importante para sua inscrição no universo. Ernst Pawel resolve a questão com uma leviandade incontestável e até com desenvoltura:

> [Kafka] parece até mesmo ter acalentado brevemente a idéia de renunciar à escrita pelas belas-artes – menos, supomos, a título de uma necessidade interior urgente do que por causa de uma insatisfação bem compreensível frente a seus resultados literários, comparados aos derramamentos prolixos de seus contemporâneos, como Brod, Werfel e Baum. Mas essa vontade não sobreviveu às poucas lições de pintura a que ele se obrigou, contra sua legítima intuição, e que mais tarde ele acusou de arruinar para sempre o pouco de talento que ele poderia ter tido no início[170].

Essa reconstrução é uma total ficção, que não se baseia em nenhum fato reconhecido, pois suas referências não são seus três amigos.

O que acontece então de tão importante na vida de Kafka durante esse ano de 1907, que vê o nascimento do cubismo em Paris e do grupo *Der Blaue Reiter* em Munique? Antes de tudo, ele escreve muito pouco. Talvez continue a redigir *Descrição de uma luta*, talvez inicie o esboço de *Preparativos para um casamento no campo*, que é uma ficção inacabada com tom fortemente autobiográfico. Mas sua correspondência só menciona suas leituras, seu novo trabalho, as dificuldades que enfrenta em todos os planos, sejam profissionais ou pessoais.

Em compensação, Kafka desenha, e desenha até mesmo bastante. Brod fica impressionado com a qualidade expressiva de seus desenhos, que possuem uma verdadeira qualidade "abstrata". É difícil saber como Kafka desenvolveu esse interesse pela arte. No entanto, é preciso ter em conta seu melhor amigo durante os estudos secundários e no início da universidade, Oskar Pollak, que lhe

recomendou assinar a revista *Kunstwart*, que abordava temas literários, mas também a pintura, a escultura, a arquitetura e as artes menores. Pollak se dedicava ao estudo da história da arte com incrível maturidade. Primeiro destinatário dos escritos de Kafka e também primeiro crítico de suas tímidas tentativas poéticas, ele rapidamente desaparece de seu círculo íntimo. Mas não é menos verdade que, apesar da decepção causada por essa saída, ele deixa uma marca profunda no espírito de seu amigo. Além disso, Kafka já desenhava nos polígrafos de suas aulas no liceu. E ele nunca cessará de fazê-lo. Mesmo quando desiste de fazer disso sua atividade principal, ele continua a desenhar compulsivamente, conforme atesta Gustav Janouch[171]. E ele o fará de uma maneira quase envergonhada, explicando a seu jovem interlocutor que são garatujas sem interesse, antes de destruí-las ostensivamente na sua frente.

O ano de 1907 é, se pensarmos bem, um ano essencial para a arte moderna tcheca. Ele marca a fundação do grupo de artistas chamado *Osma* [Oito]. Em Praga, sob o impulso da Câmara Municipal, preocupada em reforçar seus laços com a cidade de Paris, foram organizadas, com muitos gastos, importantes exposições de arte francesa. A primeira é de Auguste Rodin, em 1902, da qual se encarrega a sociedade Mánes, fundada pouco tempo antes. Esta também apresenta, em 1905, uma retrospectiva do pintor norueguês Edvard Munch, que abalou profundamente os meios artísticos europeus e que já estivera na origem, em 1892, da secessão berlinense[172]. A exposição do impressionismo francês, dois anos mais tarde, revela as obras de Paul Gauguin e Vincent van Gogh, as quais causam um impacto tremendo nos criadores praguenses. A exposição dos Independentes, em 1910, consuma a ruptura entre os artistas de vanguarda e os demais e favorece a propagação do cubismo tcheco.

A relação de Kafka com a arte moderna é muito enigmática, pois sabemos, por outro lado, que, quando esteve em Paris – por duas vezes, a primeira em 1910 e depois, por mais tempo, em 1911 –, ele não experimentou nenhuma curiosidade pelas grandes correntes artísticas que ali nasceram, pelo menos se confiarmos em seu *Diário*, sempre muito lacunar e elíptico... Ele se restringe a visitar o Louvre e a fazer esboços segundo Leonardo da Vinci. Ele faz um relato bastante preciso da visita ao museu com Brod, de suas longas pausas na frente dos quadros de Mantegna, de Tintoretto, de Ticiano, de Perugino e da escola florentina. Os dois amigos percorrem a grande galeria e contemplam as composições de Leonardo da Vinci que a integram, menos a *Gioconda*, que fora roubada algumas semanas antes. Ele também vê os quadros de batalhas e a

coleção do castelo de Versailles. Mas não quer ver nada que consista em modernidade, seja na esfera da arte ou da literatura.

Em 1907, Max Brod se prepara para publicar com o editor alemão Axel Junger uma antologia de poesia intitulada *Der Weg des Verliebten*. Ele propõe ilustrar a capa com um desenho de Kafka. Esse projeto não se consolida por razões técnicas. Mas tal anedota prova que Brod faz o possível para que seu amigo fique conhecido não somente como prosador, mas como artista, principalmente quando tenta fazer uma aproximação entre Kafka e os membros do grupo *Osma*, nos quais crê distinguir "artistas de um gênero inaudito, que abandonaram o aspecto e o comportamento esterotipados da boemia da Belle Époque"[173].

É notável que esse grupo seja formado por quatro tchecos (Antonín Procházka, Emil Filla, Bohumil Kubišta, Otakar Kubín) e quatro "alemães" (Willy Nowak, Horb, Georg Kars, Friedrich Feigl), dos quais três são judeus. Brod, como Kafka, está muito atento à situação política que abre caminho em Praga, onde o crescimento do nacionalismo tcheco é acompanhado por um sentimento anti-semita.

> E mesmo outras lutas são esquecidas. Primavera! Primavera! [...] Esses alemães e esses tchecos se encontraram, oito artistas que não se preocupam com suas nacionalidades. Justamente aqui, em Praga, o centro dessa luta, onde não apenas as associações de jogadores de boliche, mas também os clubes poéticos se reúnem à sombra das insígnias nacionais [...] É difícil explicar a alguém que não seja de Praga as curiosas sutilezas de nossa sociedade lingüisticamente estratificada, utilizadas com grande zelo sempre e exclusivamente para enfatizar o que divide os dois povos, e não o que os une[174].

E quando entra no âmago da questão, isto é, na descrição das obras desses criadores, Brod se revela particularmente impressionado pela capacidade deles de evocar sensações de calor ou de frio, pela capacidade de Horb de traduzir com sua linguagem a luz intensa do verão:

> Horb pinta um lugar inundado por um sol ofuscante [...] Há mais aqui que o habitual sol naturalista, mais que a verdade das cores e da observação. O lugar resplandece como que lavado pelo sol; está banhado pelo sol, um vasto e longo clarão. E, como se toda a luz do mundo se derramasse sobre esse lugar, no céu, na estrada adjacente e no fundo se concentra uma escuridão de noite misteriosa [...] quase que seria preciso uma lâmpada elétrica para haver luz e combater as trevas[175].

O que Brod diz desses quadros prova que foram concebidos pensando-se tanto em Munch como em Van Gogh.

Em suas memórias, o pintor Friedrich Feigl relata um encontro com Franz

Kafka que teve lugar, ao que tudo indica, no café Union, ponto de encontro preferido dos jovens artistas inovadores:

> Durante uma discussão que reunia os pintores de vanguarda conhecidos em Praga sob o nome de "Clube dos Oito", Max Brod fez a seguinte observação: "Posso dizer a vocês o nome de um grande artista: Franz Kafka". Então mostrou-nos alguns de seus desenhos, desenhos expressionistas que me fizeram pensar na obra de Paul Klee ou em Kubin. No entanto, Kafka não desenvolveu esse talento de desenhista[176].

Essa impressão de Feigl diante dos desenhos de seu antigo camarada de liceu é corroborada pelo que Brod conta em *Une vie combative*: "O imediatismo com o qual Kafka formula, em vez da realidade, a linguagem de formas que lhe é particular, aparenta-o às tendências expressionistas da pintura de hoje em dia"[177].

Desse encontro, pelo que se sabe, nada de concreto resultou. No entanto, Kafka continuou a freqüentar Feigl, incitando diversas vezes, e com insistência, Felice Bauer a visitá-lo em seu ateliê de Berlim, a informar-se de seus preços para um presente de casamento. Finalmente, ele decide comprar uma tela:

> Quando encontrei Kafka novamente, em Berlim, continuamos a discutir os mesmos assuntos. Ele comprou uma tela que eu pintara a partir de uma vista de Praga e cuja atmosfera assaz inquietante lembrava Edvard Munch. [...] É bastante revelador que Kafka tenha justamente escolhido essa tela. Ele parece ter sentido por Praga uma mistura de amor e de ódio. Ele deu a tela de presente à sua noiva[178].

Franz Kafka está longe de ter sido um colecionador ou mesmo um amador de arte informado. Isso não o impediu de ter relações mais ou menos contínuas com alguns artistas. Ele teve, entre outras, uma relação bastante amistosa, profunda e muito estranha com o desenhista e escritor Alfred Kubin, quando esse último deixou a Alta Áustria, onde se instalara em 1907, para passar algumas semanas em Praga, no final de 1911[179]. Numerosas passagens do *Diário* de Kafka falam desse relacionamento, que acontece sob o signo da hipocondria. É difícil entender, lendo essas páginas, quais são seus pontos de convergência em matéria de literatura ou de arte. Por outro lado, é certo que o romance de Kubin, *Das Andere Seite* (*O outro lado*), influenciou-o profundamente; e o livro está fartamente ilustrado por esse grande desenhista[180]. O universo fantástico e cruel desse artista também apresenta analogias evidentes com o universo do autor de *Na colônia penal*. Kafka também teve uma relação com Ladá Novák, amigo de Brod (ele conta com uma rara riqueza de detalhes a execução do

retrato de Max Brod por esse artista), sobre o qual escreveu um breve ensaio. Aqui também ele compra duas litografias do artista: *Vendedora de maçãs* e *Promenade*.

Como sempre, Kafka continua inatingível: quando responde, depois da guerra, às perguntas de Gustav Janouch, ele demonstra que não somente tem uma boa cultura artística clássica, como está amplamente a par da arte de seu tempo. Ele defende a atitude de Josef Èapek, irmão de Karel, escritor, que se ligara à via do cubismo, comenta Georg Grosz, que a seus olhos faz literatura na forma de desenhos, mas diz não gostar muito do estilo de Oskar Kokoschka. O nome de Giovanni Segantini, trazido para a conversa, inspira-lhe uma reflexão sobre a criação artística. Quando Janouch o acompanha para visitar a exposição dos artistas franceses em 1921 ou 1922, chega a registrar por escrito as reflexões que lhe inspiram as "deformações" de Pablo Picasso: "Ele apenas observa as deformidades que ainda não chegaram à nossa consciência. A arte é um espelho que 'adianta' como um relógio. Às vezes." Essas poucas confidências arrancadas por seu interlocutor comprovam amplamente o espírito aberto de Kafka, que sabe apreciar com discernimento as mais audaciosas aventuras da pintura do início do século XX.

Mas o único artista pelo qual ele manifesta um verdadeiro arrebatamento é Vincent van Gogh. Quando Gustav Janouch mostra-lhe reproduções das telas desse pintor, ele começa a comentar, em sua homenagem, *Café*[181], executado quando da estada do pintor em Arles: "Esse terraço de café, com a noite violeta em segundo plano, é de beleza total. Os outros quadros também são belos. Mas este café me encanta. O senhor conhece seus desenhos? – Não, não os conheço. – Pena. Eles estão na antologia das *Cartas do Asilo*"[182]. Curiosamente, Kafka prolonga seu comentário com considerações amargas sobre o fato de ele mesmo não saber desenhar: "Eu gostaria tanto de saber desenhar. Na verdade, eu tento constantemente. Mas não dá em nada. São ideogramas totalmente pessoais, de que eu mesmo sou incapaz de redescobrir o sentido depois de certo tempo"[183].

Essa retranscrição nada fala sobre a correspondência do artista – em seu *Diário*, ele escreve em 17 de dezembro de 1917: "Cartas de Gogh [*sic*]"[184]. Portanto, seu interesse por esses escritos deve ser grande, pois eles acabam de ser publicados em Berlim. As duas linhas que precedem esse simples registro dizem o seguinte: "A arte se sacrifica e se anula em si mesma: o que é fuga torna-se pretensamente passeio, inclusive ataque"[185]. Em 11 de dezembro, ele registrara em seu *Diário*: "Nossa arte é ser ofuscado pela verdade; só é

verdadeira a luz na face crispada que recua, nada mais”[186].

Suas meditações sobre a arte são raras o suficiente para chamar a nossa atenção. Ao contrário de Platão, Kafka acredita que a arte mantém uma relação estreita e perigosa com a verdade, e ele parece acreditar que seu sentido se encontra na relação pessoal com essa verdade, que é pavor e dor, logo em sua representação. Quer se trate de pintura ou de literatura, parece claro que em seu espírito os parâmetros da criação não têm possibilidade de chegar ao verdadeiro, que é deslumbrante e conseqüentemente indescritível, e àquilo que o verdadeiro provoca no indivíduo que o busca. A arte reside não no que é visto, pois nada podemos ver, mas na imprudência do desejo de ver e nas profundas cicatrizes causadas por essa louca ambição. O indivíduo vencido é o único e exclusivo objeto da arte. Os heróis de seus romances não buscam algo que foge, não-nomeado, que escapa incessantemente à mínima definição e à mínima qualificação? Esses seres descritos em *O processo*, *O castelo* ou *O desaparecido* não têm em comum o arruinar-se, obstinando-se em seguir sua busca, por mais vã e absurda que ela seja? É estranho ser tão enfático sobre a intenção do autor, pois nenhum desses três livros foi totalmente acabado, sendo que o último permanece incompleto. Mas temos o direito de suspeitá-lo.

Nas palavras que troca com Gustav Janouch, ele cita as palavras de Giovanni Segantini, tiradas de seu *Écrits et Lettres*:

> A arte não é essa verdade que existe e perdura fora de nós. Ela não tem e não pode ter nenhum valor enquanto arte. Ela é e só pode ser uma imitação cega da natureza; dito de outra forma, ela simplesmente reproduz a natureza da matéria. Mas a matéria precisa ser elaborada pelo espírito, para crescer e atingir a arte eterna[187].

Um pouco mais tarde, Kafka confessa ao jovem rapaz sua concepção da criação artística, que não está distante das idéias do pintor suíço:

> Em suma, ele inverte a perspectiva idealista, pois o artista parte da matéria para elevá-la à eternidade. E ele conclui afirmando que todo criador, seja qual for sua disciplina, enfrenta a tensão imanente que existe “entre o mundo subjetivo do eu e o mundo exterior objetivo”[188].

Com isso fica subentendido que tal tensão não pode nem deve jamais amainar, pois é o motor do pensamento e da ação criativa.

Seria inútil especular sobre a provável cumplicidade que Kafka imaginou entre ele próprio e Van Gogh. Em todo caso, deduz-se que Kafka encontrou na pintura material para refletir sobre os atos do escritor, que ele identifica

facilmente com os do artista, pois considera seu trabalho uma arte. Quase todas as vezes que fala de um pintor, ele não deixa de voltar à questão da evidência de um "segundo plano escondido"[189]. À insolente fórmula de Picasso que diz "Eu não procuro, eu encontro", Kafka poderia contrapor "Eu não encontro, eu procuro". Para ele só vale a busca que pode ter por fim a destruição, o impulso que vai ao encontro da fulguração e, por fim, da morte. É um estranho e incômodo entendimento do absoluto, não como fim, mas como agente revelador, como o ácido que dissolve o ser. Van Gogh também foi ao encontro desse desconhecido e desse incognoscível, que o atraiu como o vácuo e o fez perder a razão. Mas Vincent van Gogh foi tudo menos um louco. Ele simplesmente tomou um desses caminhos que parecem levar a lugar nenhum. E o que Kafka fez de diferente? Ele também se aproximou de regiões ambíguas, nos confins da razão e da loucura, como escreve a Grete Bloch em 11 de junho de 1914: "Sou anti-social até a loucura, não somente comigo, mas também com tudo o que amo"[190].

Patrizia Runfola analisou com precisão essa sua busca estética, da mesma forma que Van Gogh perseguiu uma representação em que o mundo tangível ladeia o mundo irrefutável que lhe traz um crescimento do espírito:

> Em nome da verdade, Kafka vasculhava o detalhe, mesmo o menos evidente, com uma precisão fulminante, desvelando os aspectos que pareciam estranhos à primeira vista, por serem inesperados. Eram buscas impetuosas, exatas, muito distantes dos bate-papos cotidianos e seguidamente inúteis da vida prática, mas nem sempre. A coerência de suas idéias não admitia nem lacunas nem palavras insignificantes. Ele estava atento para não perder de vista o núcleo original de cada questão, mantendo-se a uma boa distância da vaidade e do cinismo. Em sua presença, o mundo cotidiano se transformava, revelando facetas insuspeitadas, às vezes mesmo dolorosas e esmagadoras, mas sem nunca excluir uma possibilidade de alívio, pois nada se revela desprovido de interesse ou superficial[191].

---

[169]. *Franz Kafka, ein Schriftstellerleben*, 1982.

[170]. Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 178.

[171]. Gustav Janouch, *Conversations avec Kafka*.

[172]. Alusão ao impacto causado pela exposição de Munch em Berlim, em 1892, na Berliner Kunstverein. A exposição foi fechada uma semana depois da abertura, por causa dos protestos escandalizados do público. (N.T.)

[173]. Texto retirado de *Der Prager Kreist*, 1966.

[174]. "Osma", em *Métamorphoses de Kafka*, p. 128-129.

[175]. *Ibid.*, p. 131.

[176]. Friedrich Feigl, “Franz Kafka et l’art”, em *J’ai connu Kafka*, p. 171.
[177]. Max Brod, *Une vie combative*, p. 160.
[178]. Friedrich Feigl, em *J’ai connu Kafka*, p. 175.
[179]. Cf. Gérard-Georges Lemaire, *Kafka et Kubin*.
[180]. Gustav Janouch, *Conversations avec Kafka*, p. 191.
[181]. Trata-se de *Café de Nuit, Terrasse du café le soir* ou simplesmente *Café Terrace*, quadro de 1888. (N.T.)
[182]. Gustav Janouch, *Conversations avec Kafka*, p. 174-175.
[183]. *Ibid.*, p. 175.
[184]. O.C. II, p. 460.
[185]. *Ibid.*
[186]. *Ibid.*, p 458.
[187]. Gustav Janouch, *Conversations avec Kafka*, p. 212.
[188]. *Ibid.*, p. 248.
[189]. *Ibid.*, p. 211.
[190]. Em: Jürg Aman, *Franz Kafka, une étude sur l’artiste*, p. 67.
[191]. Patrizia Runfola, *Prague au temps de Kafka*, p. 31.

Iniciação à dor do amor

Ainda em 1907, no mês de agosto, Franz Kafka conhece uma jovem ao passar as férias na casa de seu tio Siegfried Löwy em Triesch, na Morávia. Ela se chama Hedwig Weiler e tem dezesseis anos. Ele se apressa em informar Max Brod desse belo encontro:

> Mas a maior parte de meu tempo [...] passei com duas jovens meninas muito inteligentes, estudantes bastante social-democratas que precisam cerrar os dentes para não correrem o risco de enunciar a todo momento um princípio ou uma convicção. Uma se chama A.; a outra, H. W., é pequena, suas bochechas são vermelhas, sem interrupções nem limites; ela é muito míope, e não somente por causa do lindo gesto para colocar seus óculos sobre o nariz – um nariz cuja ponta se decompõe em pequenas facetas de maneira realmente graciosa; esta noite, sonhei com suas grossas pernas curtas, é graças a rodeios desse tipo que reconheço a beleza de uma jovem e que me apaixono[192].

O retrato dessa estudante judia que ele trata de cortejar não parece muito lisonjeiro. E no entanto Kafka está apaixonado. Quando volta para Praga, ele escreve-lhe duas vezes no mesmo dia. Ao mesmo tempo em que se lamenta amargamente por sofrer e ser obrigado a trabalhos penosos, ele declara: “A mesa pressiona quase amorosamente o papel, a pena se deita como uma criança amável entre o polegar e o indicador, e o pêndulo canta como um pássaro”[193]. À noite, ele lhe envia um poema escrito alguns anos antes e aproveita para confessar-lhe: “Vês, sou um homem ridículo; se me amas um pouco, é por piedade, o que me resta é o medo”[194]. Esse medo é um medo escondido profundamente, um medo dilacerante do amor que o atrai e o repele. Por isso, ele rapidamente se apresenta sob um aspecto pouco favorável, para obter um amor incondicional e também, em uma contradição desconcertante, para fracassar imediatamente e não se encontrar mais sob sua égide.

Kafka sempre sentiu um mal-estar embaraçoso e uma timidez extrema diante das coisas do amor. É o que notaram todos os seus colegas de liceu:

> Como em todos os grupos de jovens, tínhamos conversas sobre a sexualidade. No colégio, a maioria de nós quase nada sabia, e, como em todos os grupos, também havia os precoces. No liceu, essa proporção se invertia. Se bem me lembro, Kafka nunca participava dessas conversas, quando se falava de sexo. Não ousávamos consultá-lo sobre esse assunto, até porque nunca o víamos na companhia de alguma menina[195].

Quando, durante o verão de 1921, envia longas cartas sobre a educação das crianças a suas irmãs, que se tornaram mães de família, ele aborda o ponto delicado do aparecimento da libido. Ressalta que o menino é “um incorruptível buscador da verdade e um informante sem segundas intenções; quanto ao que lhe falta em matéria de conhecimento e de experiência, podemos ter confiança de que os terá, em virtude da baixeza que está nele, pois é feito da mesma carne que os outros”[196]. E a partir dessas considerações, em que lança mão de sabedoria em um assunto que tão pouco lhe condiz, ele fala com franqueza de seus companheiros de aula que queriam iniciá-lo a todo custo. Ele dedica-lhes um menosprezo que não se apaga com o tempo e experimenta um profundo ressentimento ao encontrá-los. O que mais o chocava então eram seus risos (é também o riso que ele critica em seu pai), um riso que provavelmente o fez perder sua compostura e o pouco de confiança em si que tinha. Ele aponta dois responsáveis, “o da direita” e “o da esquerda”, sendo que o primeiro pegou sífilis e o segundo tornou-se professor de venereologia. O da direita é Hugo Hecht. Emil Utitz será o futuro especialista em doenças venéreas. Em suas memórias, Emil Utitz, ainda que insistindo na discrição e na distância de Kafka, confirma, no entanto, o que Kafka revelará muito mais tarde: “Uma única vez ele foi conosco a um local bastante duvidoso”[197]. Em seu *Diário*, Kafka confessa uma curiosa inclinação de seu espírito, uma espécie de perversão:

> Jovem menino eu era tão inocente, tão pouco interessado pelas questões sexuais (e assim ficaria muito tempo, se não me obrigassem a ocupar-me disso) quanto o sou hoje, digamos, pela teoria da relatividade. Somente os detalhes insignificantes chamavam a minha atenção (e mesmo estes, somente depois que me forneciam os esclarecimentos precisos), como o fato, por exemplo, de que as mulheres da rua que me pareciam as mais belas e melhor vestidas fossem precisamente as de má vida[198].

Franz Kafka nasceu em uma rua onde havia, quando de seu nascimento, vários prostíbulos. E, somente no velho gueto, nada menos que 35 estabelecimentos cairiam sob as enxadas dos demolidores por volta de 1905. Do início do século XX até 1920, data dos fechamentos pelo governo, Praga tinha prostíbulos que gozavam de grande reputação. Leopold B. Kreitner, que conheceu Kafka em 1902, fala dos encontros dos jovens intelectuais praguenses no Café Français, no café Louvre, no café Continental e principalmente no café Arco, a que compareciam Bergmann, Weltsch, Oskar Pollak e, é claro, Kafka. Ele relembra essas reuniões:

> Quando desses encontros diários, ou, para ser mais preciso, noturnos, os assuntos de conversação nem

> sempre eram espirituais e intelectuais. Depois de aproveitar o espetáculo da coleção bastante exaustiva dos livros pornográficos do dono, esses amigos, na época ainda celibatários, dirigiam-se seguidamente ao estabelecimento da sra. Goldschmidt na Gemsengasse, onde, antes da Primeira Guerra Mundial, podia-se dançar, beber o melhor café da cidade e escolher entre um leque de "damas" ligeiramente vestidas, que, por um preço fixo de dez coroas austro-húngaras, prestavam alguns serviços profissionais[199].

O salão fora comprado em 1898 pela mulher de um gerente de bordel, Friedmann, que dirige uma casa na Rabbinergasse (hoje Siroká). Ela o remodela e faz dele um lugar elegante, chamando-o Goldschmied. Os subterrâneos permitem esconder os clientes quando a polícia faz alguma inspeção. Todos os clientes chamam o local de *Gogo*: é o mais concorrido da cidade, tendo sido adotado pelos artistas, jornalistas, poetas e também pelos desocupados que lá vão conversar e jogar. Egon Erwin Kisch, que não tardará em ser um autor famoso, explica os rituais que ali ocorrem:

> A boemia se reunia aqui à noite, depois do fechamento dos cafés. Nem todos tinham o dinheiro necessário para a consumação. O café era servido sobre uma pequena bandeja, com uma bonita cafeteira de prata e uma taça de porcelana, pois não se servia uma taça de café, e sim uma "porção" (se fosse um grupo de cinco pessoas ou uma só, não fazia diferença, pedia-se uma "porção" de café, que custava quatro coroas. É por isso que sempre tentávamos encontrar quatro companheiros, esperando na esquina da Eisengasse [Zeletná] ou da Gemsengässchen conhecidos ou passantes desconhecidos com quem fazíamos uma associação de interesse comum)[200].

Paul Leppin, o mais insólito de todos os discípulos de Meyrink, também fez desse lugar uma descrição com cores vivas:

> Existe aqui uma tradição de várias décadas [...]. O local se impusera à nobreza e tinha quase que uma reputação européia. Lá dançavam ao som do piano lindas loucas com véus extraordinariamente fluidos, lá reinavam uma ordem impecável e uma dignidade que combinavam com o vício, da alegria e do luxo. Lá corriam o champanhe e o vinho do Reno para os ricos, lá cheirava um café delicioso para os menos abastados, que penetravam nesse paraíso armados somente de poucos trocados. Nas salas do fundo, fechadas ao público por espessas cortinas, algumas vezes havia visitantes importantes. Esses príncipes e notáveis festejavam de excelente humor, enquanto seus serviçais esperavam na rua, à distância. [...] Na verdade, era uma casa da festividade e da sociabilidade[201].

Dentre os clientes eminentes, podemos citar Bismarck, que ali festejou uma vitória prussiana e gravou o nome de sua companheira no vidro de uma janela, e Gustav Mahler, mestre-de-capela em Praga entre 1885 e 1886, que foi ouvir o pianista e mesmo experimentar seu instrumento. Na narrativa *A casa do luto*, Franz Werfel mostra seu aspecto cômico: "Esta é a mesa dos muito inteligentes, onde sentavam um empregado das cerimônias fúnebres, Mosé, presidente da

sociedade Spinoza e senhor da ordem dos *Söhne des Bundes* [Filhos da União], assim como o falastrão Julius Schleissner, onde Werfel fez o retrato de Ernst Pollak [...]”[202]. Werfel também faz um quadro bastante pitoresco desse bastião do prazer, que foi um dos pivôs da vida secreta dos praguenses da Belle Époque, um local

> [...] absolutamente feudal, com seus móveis renascentistas cheios de douraduras, seus espelhos ornados com coroas, suas tapeçarias de veludo vermelho e seu chão marchetado, escorregadio como uma pista [...] mediante todo esse esplendor cheio de poeira e já um pouco rançoso, o olhar embaraçado da dupla monarquia envelhecida caía sobre o visitante. [...] essas senhoras pareciam possuídas de um sentimento particular de dignidade, próprio a todo hóspede desse local distinto com reputação secular. Ser admitido significava fazer parte de um mundo superior[203] .

Kafka se revela relativamente discreto quanto a essas incursões noturnas à Maison Tellier[204] de sua cidade natal. Em compensação, ele escreve um bilhete a Max Brod em 1908, para contar-lhe como passara uma noite solitária quando estava em Spitzberg, por conta de seu trabalho:

> Tenho tanta necessidade de alguém para ter um contato unicamente amigável que ontem voltei para o hotel com uma prostituta. Ela é velha demais para ser melancólica, ela somente se lamenta; tanto que não fica espantada que não sejamos tão gentis com uma prostituta como com uma amante. Eu não a consolei, pois ela também não me consolou[205] .

Também é possível que o jovem, em companhia de Max Brod e de seu irmão Otto, tenha ido ao Hipódromo, que, durante o dia, é uma escola eqüestre e, à noite, um local para prazeres muito procurado. Concursos de beleza grotescos eram organizados, assim como atrações de feira. Que Kafka freqüentou locais de perdição como esse último, ou o salão Dessort no prédio chamado “Au Lion Bleu”, ou o U° Šuhu° de que fala Hašek em seu *Aventuras do bravo soldado Schweik* (ele o chama Šuha), ou ainda o salão Aaron imortalizado por Paul Leppin, não restam dúvidas, mesmo que ele nada fale sobre o assunto em seu diário, mesmo sabendo que só será lido por ele mesmo. Ele, no entanto, faz questão de pôr no papel algumas experiências ou algumas cenas memoráveis. A mais cômica e reveladora é, sem dúvida, aquela na qual ele assiste a uma cerimônia na sinagoga Velha-Nova [Staronová] (a mais antiga de Praga, mas necessariamente a mais recente à época de sua construção, daí seu nome paradoxal). Ele faz um apanhado geral das pessoas que estão presentes e produz uma descrição no mínimo inconveniente: “A família do dono do bordel”[206]. Quando visita Paris, no fim do verão de 1911, ele tenta guardar na lembrança o

tipo de estabelecimento que pôde ver, tão diferente dos de Praga: “Bordéis organizados racionalmente. Em toda a fachada da casa, janelas altas são ocultas por gelosias limpas. Em lugar de um homem no cubículo do porteiro, uma mulher vestida com correção, que poderia tomar seu lugar em tudo”[207]. Surpreso com a magnificência desses estabelecimentos parisienses, ele não se furta a compará-los com as casas de tolerância praguenses: “Em Praga, várias vezes observei o estilo Amazona dos bordéis”[208]. Brod lembra que Kafka se engraçou com uma servente de bar chamada Hansi, de quem conta, no entanto, que “regimentos inteiros haviam passado por seu corpo”. Kafka teve alguns casos e algumas aventuras sem futuro com criadas ou empregadas.

Essas alegres saídas noturnas, de que participa com a maioria de seus amigos e conhecidos, mesmo os mais austeros filósofos, Kafka se acha obrigado a relatá-las mais tarde, como quem vai ao confessionário. Ele o faz ao longo de sua exponencial correspondência com Felice Bauer ou na que troca com Milena Jesenská.

Com a primeira ele se abre de maneira velada e, por isso mesmo, sem dúvida totalmente transparente, mas que mesmo assim não fala do mais culposo:

> Se eu tivesse te conhecido há oito ou dez anos, como poderíamos ser felizes hoje, sem esses rodeios miseráveis, sem esses suspiros, sem esses lamentáveis silêncios! Em vez disso, eu encontrava jovens meninas pelas quais me apaixonava ligeiramente, com as quais ficava alegre e que abandonava ainda mais facilmente, ou então era abandonado sem experimentar o menor sofrimento (somente o plural dá a impressão do grande número, pois tudo isso aconteceu há muito tempo)[209].

Nesse relato há, aliás, uma grande ambigüidade, pois ele parece colocar na mesma categoria as “jovens meninas” com quem teve namoricos (e sabe-se que esses amores fugidios foram mais numerosos do que se imagina) e as jovens de vida fácil. E, aqui, é difícil decidir: ele sente ressentimento por essas jovens meninas ou, pelo contrário, tem essas prostitutas em alta conta?

À segunda, Milena Jesenská, com a vontade de falar-lhe sem rodeios, ele narra sua “primeira vez”, admitindo ter então “um pouco mais de vinte anos”. Aconteceu enquanto ele se preparava para as provas de direito, entre 1904 e 1906, quando ainda morava com sua família na Zeltnergasse. Eis os fatos... Ele avista uma jovem vendedora na loja de confecções situada em frente a seu quarto, comunica-se com ela por sinais e marca um encontro. À noite, ele a encontra na companhia de um homem. Eles vão beber juntos em um bar. Depois, Kafka e o desconhecido acompanham a jovem à sua casa. Discretamente, ela faz-lhe um sinal para ficar. Eles vão a um pequeno hotel da Kleinseite. “Tudo

tivera algo de irritante, de excitante, de abominável, e não foi diferente no hotel."[210] Ele acrescenta que a reviu "duas noites depois", mas que, uma vez de férias, fica feliz por poder entreter-se com alguma outra jovem. Mais tarde, ele já nem cumprimenta a jovem vendedora.

Alguma coisa o chocara desde a primeira noite juntos:

> Não quero dizer (seria falso) que minha hostilidade tenha acontecido somente pelo que a jovem fizera no hotel, inocentemente, um pequeno horror (que não vale a pena ser detalhado), [ela] havia dito alguma indecência (que também não o merece), mas a lembrança continuava; eu soubera desde o início que ela não se apagaria; eu soubera, ou pensei saber, que aquele horror e aquela indecência faziam parte integrante do todo, não necessariamente no plano material, mas necessariamente no plano moral, e que eram precisamente aquela indecência e aquele horror [...] que me haviam atraído com tão grande força a esse hotel, que eu teria evitado com todas as minhas forças em épocas normais[211].

E quando aborda o desejo, em geral ele o percebe como "um pequeno horror". Sua confissão não termina aqui. Ele admite então que, desde que começou a se corresponder com ela, "dia e noite, [ele faz] planos, contra [su]a vontade consciente, para agarrar a criada de quarto [...] uma jovem [lhe] caiu nas mãos, uma jovem muito aceitante..."[212]. E então ele demonstra uma flagrante contradição na avaliação de seus próprios sentimentos: "Eu não vejo aliás nada de sujo, não vejo nada exteriormente excitante, nada que tenha vida; enfim, respiro um pouco o ar que se respirava no Paraíso antes do pecado. Somente um pouco desse ar, não há *touha* [o desejo]; não há todo esse ar, há portanto 'o medo'"[213]. Em outro lugar, ele fala de um "leve mau cheiro", de "um pouco de enxofre", de "um pouco de inferno". E compara o ser levado pelo desejo a um judeu errante "absurdamente arrebatado, caminhando absurdamente através de um mundo absurdamente sórdido"[214].

Na *Carta ao pai*, Kafka aborda a questão dos "costumes sexuais gerais da classe, do povo e da época"[215] . O problema é evidente: essa ética que ele quer sua foi-lhe transmitida por um colérico genitor, a quem ele quer acusar, em uma relação impossível, que desde o início nasceu de um enorme equívoco, tornando inconcebível qualquer "confiança mútua"[216]. Kafka lembra um passeio que fez com seus pais, durante o qual, afetando um ar superior, mas também gaguejando, quis falar-lhes de coisas "interessantes":

> [...] censurei vocês pelo fato de não terem me ensinado uma série de coisas, de só meus colegas terem se preocupado de fato em me ajudar, de ter estado perto de uma série de grandes perigos [...], mas para concluir insinuei que felizmente agora já sabia de tudo, não precisava mais de conselho e que estava

tudo em ordem[217].

Seu pai, acreditando em suas palavras, contentou-se em dar-lhe um conselho que permitisse a ele fazer essas coisas sem correr perigo. Kafka admite que é o tipo de resposta que esperava. Mas faz uma objeção: “[...] ela é inescrupulosamente moderna”[218]. A reação do adolescente atrasado (que ainda é a do adulto que ele se tornou e que escreve essas páginas veementes) é uma reação de rejeição e de nojo: “[...] aquilo que tu me aconselhavas era, na tua e muito mais ainda na minha opinião à época, a coisa mais suja que poderia haver”[219]. E sua verdadeira queixa é tê-lo “atirado a essa sujeira”, como se isso fosse precisamente seu destino.

A partir desse raciocínio, que fundamenta tanto sua literatura como seu comportamento em relação às mulheres, fica claro que sua história sentimental com Hedwig Weiler não repousa sobre bases sólidas. Aquela que ele chama de *Liebe*[220] desde a primeira carta será, a partir desse momento, o testemunho privilegiado de suas fraquezas físicas, de seu abatimento, de seus humores cambiantes, de suas fantasmagorias e de seus arrebatamentos. Com essa prolixa correspondência, temos a impressão de que Kafka inicia um monólogo de que o ser amado é somente o destinatário quase mudo, um espectador que assiste, por meio das palavras, ao espetáculo proposto pelo autor das cartas. As reações da jovem só alimentam esse solilóquio. De fato, assim que sua interlocutora faz menção de recalcitrar, ele imediatamente responde e retoma o fio das minutas desconexas de seu drama, com uma desconcertante maneira de atraí-la para sua órbita. Ele se esforça para persuadi-la a vir a Praga, e utiliza argumentos preciosos. Sua “querida menina”, sua “lindinha”, tem outros interesses que não os seus, ou se sente atraída por outras pessoas? Ele lhe diz: “Somente tu és visível para mim”[221]. O que significa, na verdade, que somente ele deveria ser visível para ela. Ele lhe entrega a soma monstruosa de seu esgotamento, de sua exasperação, de suas sombrias mortificações (“na semana passada, eu realmente combinei bastante com a rua onde moro, que chamo ‘rua-trampolim-para-os-candidatos-ao-suicídio’”, pois essa rua “abre-se generosamente sobre o rio”[222]). Essa carta, que é a última que conhecemos, termina com uma desavença a propósito dos dias de festa no Império. Depois, há um silêncio definitivo. Hedwig Weiler foi à Praga? O que provocou essa súbita ruptura? A única coisa que restou é uma derradeira carta de Kafka, muito seca, hostil, do início de 1909, em que a convida para almoçar na casa de seus pais, garantindo

que ele não estaria presente! Há também uma última carta da jovem, de abril de 1909, em que ela aparentemente menciona um longo período em que experimentou um penoso sentimento de solidão. Kafka responde severamente, com certa maldade, e fala da vertiginosa e terrificante solidão que é a sua: “Para mim, contudo, era sempre pior durante o inverno. Quando era preciso acender a lâmpada desde o fim do jantar, abaixar as cortinas, sentar-se sem condições em sua mesa, repleto de infelicidade dos pés à cabeça, e mesmo assim nos levantávamos, gritando e levantando os braços para dar, de pé, o sinal da fuga!”[223] . Ele encerra essa cena fazendo um retrato clínico dos membros de sua família, determinado a produzir uma impressão desoladora.

Entrementes, Kafka solicitara em junho de 1908, e conseguira, ser admitido como auxiliar na companhia de seguros. Conflitos íntimos acompanharam sua entrada na triste esfera da administração: essa ligação epistolar fracassada, uma última mudança e um grande número de hesitações quanto a tudo o que ele poderia esperar de si mesmo nesse futuro já obscurecido que aparece a seus olhos. Mas, por ora, seu trabalho o absorve e ele começa, conforme exigem suas funções, a redação de uma “obra” de um gênero completamente diferente, pois são textos jurídicos, sendo o primeiro redigido durante o outono de 1908. Trata-se de um copioso relatório intitulado “Extensão da obrigação do seguro nas profissões de construção e profissões anexas”. Ele demonstra um raro talento nesse gênero literário, ao expor considerações sobre um assunto tão ingrato: a clareza da redação e a limpidez de seu estilo o fazem ser muito estimado por seus colegas. De certa forma, a armadilha já se fechou à sua volta, pois ele demonstra qualidades raras nessa literatura técnica. Em uma longa carta endereçada a Felice Bauer no final de 1912, ele não consegue fazer mais do que se lamentar por levar uma vida dividida entre seu trabalho de escritório e o tempo que dedica à escrita, com uma ironia mordaz que volta contra si mesmo e que torna as coisas ainda mais amargas:

> Por causa deste trabalho [...], tornei-me o pesadelo de meu chefe, quando antes era, se não um empregado exemplar, pelo menos alguém perfeitamente útil em vários casos (tenho provisoriamente o título de redator). [...] Às vezes, creio quase ouvir a pedra que me mói, literalmente, entre a literatura e o trabalho. Então ocorrem outros momentos, em que mantenho relativamente as duas em equilíbrio, principalmente quando trabalhei mal em casa[224] ...

Tomando consciência imediatamente da falta de leveza de suas palavras, ele corrige a descrição deprimente da sutil divisão entre sua vida profissional e sua vida imaginária de escritor: “Pensando bem, ontem à noite eu exagerei. Pois, no

escritório, vou levando. [...] E agora, à máquina de escrever!”[225].

---

[192]. Carta a Max Brod, meados de agosto de 1907, O.C. III, p. 590-591.
[193]. Carta a Hedwig Weiler, 29 de agosto de 1907, O.C. III, p. 592.
[194]. *Ibid*., p. 593.
[195]. Hugo Hecht, “Douze ans en classe avec Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 39-40.
[196]. Carta a Elli Hermann, verão de 1921, O.C. III, p. 1094.
[197]. Emil Utitz, “Huit années à l’Alstädter Gymnasium”, em *J’ai connu Kafka*, p. 54.
[198]. *Diários*, 10 de abril de 1922, O.C. III, p. 543.
[199]. Leopold B. Kreitner, “Portrait de Kafka en jeune homme”, em *J’ai connu Kafka*, p. 64.
[200]. Texto inédito, traduzido por Sabrina Carnevali [para o francês].
[201]. *Ibid.*
[202]. *Ibid.*
[203]. Em: Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunesse*, p. 145.
[204]. *Maison Tellier*: alusão à novela de mesmo nome de Guy de Maupassant (1850-1893), na qual é retratado um prostíbulo (a Maison Tellier) da província da Normandia. (N.T.)
[205]. Carta a Max Brod, setembro de 1908, O.C. III, p. 619.
[206]. *Diários*, 1º de outubro de 1911, O.C. III, p. 87.
[207]. *Diários*, setembro de 1911, O.C. III, p. 76.
[208]. *Ibid.*
[209]. Em: Claude David, *Franz Kafka*, p. 71-72.
[210]. Carta a Milena Jesenská, O.C. IV, p. 1920, 1034.
[211]. *Ibid.*, p. 1034-1035.
[212]. *Ibid.*, p. 1035.
[213]. *Ibid.*
[214]. Em: Claude David, *Franz Kafka*, p. 74.
[215]. *Carta ao pai*, p. 79.
[216]. *Ibid.*
[217]. *Ibid.*, p. 79-80.
[218]. *Ibid.*, p. 81.
[219]. *Ibid.*
[220]. *Liebe*, em alemão no original: amor. (N.T.)
[221]. Carta a Hedwig Weiler, novembro de 1907, O.C. III, p. 608.
[222]. Carta a Hedwig Weiler, início de 1908, O.C. III, p. 612.
[223]. Carta a Hedwig Weiler, meados de abril de 1909, O.C. III, p. 630.
[224]. Carta a Felice Bauer, 3 de dezembro de 1912, O.C. IV, p. 121.
[225]. Carta a Felice Bauer, 4 de dezembro de 1912, O.C. IV, p. 123.

A grande largada: o Círculo de Praga, a primeira publicação e a invenção do *Diário*

O que lê Kafka, então, durante esse período de propedêutica existencial? Ele lê os escritos de Max Brod, desnecessário dizê-lo, e seguidamente comenta o que este lhe entrega. Kafka aprecia sua poesia e, em abril de 1909, lhe diz:

> Esta noite, às seis horas, quando anoitecia, li *Steine, nicht Menschen* (Pedras, não homens) junto à janela. Faz com que você tenha abandonado agradavelmente o humano, não há nem pecado, nem saltos, o início acontece publicamente, ainda que sem escândalo; cada passo encontra sua justificativa. Temos a impressão de que, se agarrarmos o poema nos braços, sairemos sem esforço da infelicidade, totalmente na felicidade desse abraço e mais realmente do que na realidade[226].

Na mesma carta, ele comenta um romance de Knut Hamsun, *Sob a estrela de outono*, que o encanta. Em setembro de 1911, relata também, em seu diário, o encontro surrealista entre Hamsun e Kubin, tal qual o artista lhe contou. Goethe tem, é claro, um lugar privilegiado, mas também Thomas Mann, e principalmente Robert Walser, em 1908, de quem pôde ler textos na *Neue Rundschau*, que teria grande influência sobre ele e que ele aprecia particularmente por ter o raro mérito de o fazer rir. Ernst Eisner, seu superior na companhia, com quem tem boas relações, compara Kafka a um personagem de Walser que se deixa levar por devaneios. Kafka responde-lhe: "Walser me conhece? Eu não o conheço, conheço *Jakob von Gunten*, um bom livro. Não li os outros, em parte por culpa sua, pois, apesar de meu conselho, o senhor não quis comprar *Geschwister Tanner*". Ele divaga; por acaso não está feliz como peixe na água, e por fim não chega a nada, apenas proporcionando prazer ao leitor? Gustave Flaubert, que ele lê no original, continua sendo uma de suas grandes admirações. Brod lembra-se de que foi Kafka que o iniciou no autor de *Madame Bovary*: "Kafka, em compensação, me fez conhecer Flaubert. Foi dele que adquiri essa paixão. Lemos no original *L'Éducation Sentimental* e *La Tentation de Saint Antoine*"[227].

Apesar das vicissitudes de sua vida dividida pesarem-lhe, sem falar dessas outras vicissitudes que são seus conflitos íntimos, Franz Kafka encontrou-se em um pequeno grupo de amigos, à margem dos círculos então existentes em Praga. No entanto, ele encara essas reuniões reservadas sem distinção, não sem tecer

relações estreitas com algumas, como o grupo Concordia, os novos românticos da Jovem Praga, o grupo sionista de Hugo Bergmann, ao mesmo tempo em que atraía para sua órbita os jovens escritores morávios. Kafka tem acesso a eles graças a Max Brod, mesmo ao cenáculo bastante fechado de Gustav Meyrink, que se reúne no café Continental. Max Brod é o instigador do pequeno Círculo de Praga, pois quis reunir seus antigos colegas de classe, a começar por Felix Weltsch e um de seus melhores amigos, Oskar Baum (eles se conheceram em 1903; Brod e Kafka o conhecem no ano seguinte), e enfim Kafka. Somente agindo com prudência e introspecção é que Brod conseguirá arquitetar o que mais tarde chamará de "Círculo restrito de Praga", pois outros intelectuais se juntariam a ele, como Franz Werfel, que só faz aparições pontuais, sobretudo depois da morte de Kafka. Brod explica sua formação: "O círculo de nossas amizades se alargara já havia alguns anos. Eu levara Kafka a Felix Weltsch e Oskar Baum. Os dois se sentiram atraídos por Kafka, tanto o perspicaz filósofo [...] quanto o poeta". Essa aliança dos quatro "era bastante original, pois os laços íntimos, que nenhuma discordância jamais abalava, nos uniam dois a dois. Durante anos, nossas reuniões regulares deram a nossas vidas um ritmo sólido"[228].

Felix Weltsch tem um ano a menos que Kafka. Max Brod o conhece desde o jardim de infância:

> A amizade entre Felix Weltsch e eu remontava à época da infância e do ensino fundamental. Entre seis e nove anos, freqüentamos a famosa escola primária dos pianistas na Herrengasse (hoje Panská), onde os pais, sem nenhum fim missionário, nos proporcionaram, com muita paciência, uma excelente educação (um rabino encarregava-se, na sala de estudo, da educação religiosa hebraica). Felix e eu nos enfrentamos em mais de uma briga e cogitamos mais de uma maldade, mas inofensivas[229].

Eles perdem contato durante os anos de liceu e se reencontram na faculdade de direito. Kafka o conhece pela primeira vez na "Halle", em 1902.

> Eu apresentei meu dois amigos um ao outro. Foi assim que surgiu o triunvirato Kafka-Weltsch-Brod, que repousava em uma extrema sinceridade de cada um com os outros; era uma estranha formação cristalina, em que se confundiam três profundas relações duais: de fato, cada um tinha com cada um dos demais uma ligação íntima e única, autônoma, sem sombras, sem esnobismo, sem reservas, com um grande amor passional. Esses três laços se baseavam em uma unidade comum[230].

Com muitos dotes, de uma inteligência pouco comum, Weltsch adquire uma sólida cultura. Depois de obter seu doutorado em direito, ele faz estudos de filosofia e recebe o diploma do segundo doutorado em 1911. Mas só conseguirá

um modesto emprego, na biblioteca universitária de Praga. Ele fará a classificação das obras esotéricas e mais tarde trabalhará no departamento de encadernação. Em 1938, parte com sua mulher e sua filha para a Palestina, onde se torna bibliotecário na Biblioteca Nacional de Jerusalém. Dedica o essencial de seu tempo à filosofia. Em 1913, ele publica o tratado *Percepção e conceito* [Anschauung und Begriff]. Seguem outros ensaios, como *Graça e liberdade* [Gnade und Freiheit], *O enigma do riso* [Das Rätsel des Lachens], *A aventura do meio* [Das Wagnis der Mitte]. Ele escreve também um livro sobre Kafka: *Religião e humor na obra de Franz Kafka* [Religiöser Humor bei Franz Kafka]. Apesar de ter uma verdadeira ascendência sobre seus contemporâneos de Praga, suas idéias não ultrapassam a fronteira tcheca. Rapidamente ele toma consciência de seu isolamento internacional e se abre com Hugo Bergmann: "A filosofia... não gosto de tocar nesse ferimento. [...] Agora me dou conta de que um livro de filosofia só pode ter impacto sobre o mundo dos filósofos se for escrito por um discípulo ou por alguém que tenha discípulos..."[231]. Entre 1918 e 1938, ele é redator da revista *Selbstwehr* (Autodefesa), um hebdomadário sionista. Esse homem ferido, que leva uma vida difícil, tem pelo menos, além de suas prodigiosas capacidades intelectuais, a rara capacidade de fazer Kafka rir às gargalhadas.

Franz Kafka conhece Oskar Baum em 1904. Este se tornara amigo de Felix Weltsch e de Max Brod no ano anterior. Nascido em Pilsen, em 1883, como Kafka, Baum é, de nascença, cego de um olho. Aos onze anos, por causa de uma briga violenta entre alunos tchecos e colegiais "alemães", ele perdera seu segundo olho. Seus pais o enviaram a Viena, como interno de uma instituição judaica para cegos. Ele lá ficou durante todo o tempo de seus estudos secundários. Dessa experiência retirou uma inabalável repulsa por qualquer forma de coerção, principalmente na educação de crianças. Ele sente apenas um desprezo sem limites pelos filantropos de carteirinha, que só têm preconceitos e muita arrogância. Não tardam a perceber que ele possui uma grande inteligência, assim como dons pouco comuns para a música. Ele escreverá diversos romances, que conhecerão, aliás, um certo sucesso. A primeira ficção que ele escreveu para os videntes fala sobre o mundo dos cegos. Em *Das Leben im Dunkeln* (*Vida nas trevas*), publicado em 1909, Baum se faz porta-voz de todos os que lutam na escuridão – nos informa Patrizia Runfola –, que só encontram a incompreensão e que se opõem à moral fácil que lhes é imposta. Kafka tem muita estima e admiração por seus escritos e não pára de falar deles à sua volta. Ele lerá em seguida *Excursão no vermelho sombrio*, publicado em 1919, e depois *Ein*

Besuch in Prag [Uma visita a Praga]. Baum ganha a vida como pianista e organista na sinagoga, e se torna um dos mais importantes críticos musicais de Praga. Em 1939, ele organiza uma rede para salvar os judeus tchecos e os refugiados antinazistas, e morre em 1941, no hospital de Praga.

Oskar Baum conserva uma lembrança viva de seu primeiro encontro com Kafka: “Ela se deu por intermédio de Max Brod. Ele trouxera Kafka e nos lera, naquela tarde de outubro de 1904, sua novela *Ausflüge ins Dunkelrole*, que ele recém terminara”[232]. A leitura desse texto é o pretexto para uma discussão apaixonada. Mas o que impressionou Baum é a maneira como Kafka se comportara com ele: “Guardei a profunda impressão do primeiro gesto de Kafka, entrando em meu quarto. Ele sabia que estava na casa de um cego. E enquanto Brod me apresentava, ele se inclinou sem dizer palavra. [...] Pela primeira vez alguém considerara minha enfermidade como algo concernindo só a mim mesmo”[233]. Ele percebe que esse gesto estava de acordo com suas convicções: “Isso conferia uma vida intensa a suas maneiras e a todas as suas atitudes exteriores, apesar das lutas abstratas que constantemente ocupavam seu espírito”[234].

Kafka mantém com ele uma relação diferente, fala-lhe com grande respeito e só se permite tratá-lo por tu depois de dez anos. Ele confessa a Brod que esse homem grande, robusto e voluntarioso o impressionara bastante. Por seu lado, Oskar Baum também fica muito impressionado com Kafka, mas por outros motivos. Em seu *Almanach*, que é um livro de recordações, ele enfatiza sua singularidade e, também, sua desconcertante objetividade, que ultrapassa todos os sentimentos e todas as emoções que ele sente:

> Ele jamais condenava ou simplesmente registrava os fatos. Sem rancor, nem delicadeza em excesso, mas também sem sentimentalismo romântico, ele ia direto ao essencial. Com uma lucidez sem igual, ele examinava, desmistificava, realçava o núcleo autêntico da vida interior [...]. Por natureza, ele era um exaltado, com uma imaginação transbordante, mas mantinha seus ardores sob rédea curta, esforçando-se constantemente a uma rigorosa objetividade[235].

Os quatro conjurados – que só conspiravam com vistas a uma decodificação do universo e um esclarecimento das engrenagens secretas da vida – se encontram, na maior parte das vezes, depois do jantar, no apartamento de um dos membros, frente a uma xícara de chá com bolinhos, ou no café Arco uma vez por semana... Esse café, desde 1912, é um dos locais destacados da cultura praguense, tanto para os escritores e os artistas tchecos como para seus

homólogos “alemães”. É ali, por exemplo, que Heinrich Mann é convidado a proferir uma memorável conferência sobre Émile Zola. Karl Kraus, o terrível panfletário vienense – judeu mas anti-semita! –, descobre esse pequeno ninho de intelectuais e os acha risíveis. Ele os considera esnobes, com ares de místicos ortodoxos somente porque “os professores, os escreventes são ateus e imbuídos de ciência”[236]. Eles também lhe inspiram um poema satírico segundo o *Canto nupcial* de Goethe, que ele publica em sua revista *Die Fackel*: “Isso lhe maxbrod, isso lhe werfel, isso lhe kafka e lhe kisch...”[237]. Ele também imortaliza Oskar Pollak em uma de suas peças de teatro, *Literatur* – “opereta mágica” encenada em Viena em 1922, na qual coloca em cena Poschka, o famoso mordomo, tentando fazer versos para imortalizar o café.

Os cafés de Praga ocupam, como o café Arco, um lugar de importância cada vez maior no debate cultural, mas também na poética da cidade. Konstantin Biebl os representa no firmamento mítico: “O céu é um café onde brilham luminárias e os anjos jogam bilhar, enquanto os poetas mortos partem pequenos pães e escrevem poemas sobre a mesa, um madrigal para cada santo”[238]. Esse estabelecimento, localizado em frente à estação Masaryk, adquire lugar de destaque nessa mitologia e continua a receber os membros do Círculo de Praga onze anos depois da morte de Kafka. Um escritor morávio o substituiu, Ludwig Winder, autor de *Die Jüdische Orgel*.

As interessantes trocas entre os quatro jovens assumem as formas mais variadas e inesperadas quando pensamos na natureza de seus laços.

> Às vezes, eles pegavam Oskar Baum nos braços e, com a habilidade adquirida por um sólido e afetuoso companheirismo, guiavam seus passos até o campo, descrevendo as belezas da cidade que se esfumava ao longe e dos círculos traçados pelas gaivotas nas margens do Vlatva. Então eles se sentavam em um banco, num pequeno muro ou na grama: Baum sacava o aparelho Braille que sempre carregava consigo, inseria uma folha de papel e tocava rapidamente os buracos quadrados do teclado metálico. Ele corria rapidamente a ponta dos dedos sobre os relevos da página e lia suas notas aos amigos[239].

Max Brod tenta enfatizar o prazer que teve nessas felizes escapadas aos arredores de Praga:

> Todos os domingos, no verão, fazíamos grandes passeios a pé; na Páscoa e em Pentecostes, saíamos por dois ou três dias, e seguidamente saíamos da cidade desde sábado ao meio-dia. Na maioria das vezes, Felix Weltsch se juntava a nós. Caminhávamos de sete a oito horas por dia (passeios, diz meu diário, de “beleza indescritível”), este era o nosso esporte[240].

Por ocasião de uma excursão a Senohary, eles convidam Franz Werfel, mais

jovem que eles (ainda estava no liceu), a unir-se ao grupo, “e o iniciamos às belezas de nossa vida livre na natureza [escreve Max Brod]. Ele tomou uma terrível insolação. As poesias que ele recitou nos bambuzais de Sazava nos tinham entusiasmado”[241].

No fim das contas, o círculo pode se alargar, pois nenhuma regra se impõe ao quarteto; como Patrizia Runfola explica, o Círculo de Praga

> não tinha um mestre – ou tinha demais. Ele preconizava uma literatura não-artificial, nascida da verdade, do caráter natural dos pensamentos e da vida. “Nosso mestre e nosso programa era a cidade de Praga, afirmava Max Brod. Seus habitantes, sua história, seus belos arredores, próximos e distantes, os bosques e as aldeias que percorríamos em excursões fervorosas; a cidade com suas lutas, seus três povos, suas esperanças messiânicas encerradas em numerosos corações”[242].

Kafka exulta de felicidade com esses dias em que deixa para trás seu fardo de pensamentos obscuros, achando-os “cheios de todos os tipos de encantamentos e sinceras confissões”. Essa história de amor com Praga, Kafka a vive com insondável ambigüidade. Ele tem consciência de ser seu prisioneiro e de jamais poder escapar-lhe. Ele escreve a Oskar Pollak em fins de 1902: “Praga não me largará. Nem um, nem o outro. Essa pequena mãe tem garras. É preciso submeter-se, senão... Deveríamos pôr fogo nas duas pontas, no Vyšherad ou no Hradèany, assim talvez poderíamos partir”[243]. Mas ele não deixa de ser um ardente amante de sua cidade natal. Adora seu passado tortuoso e trágico, e sua arquitetura antiga não é segredo para ele. Em suas conversas com o escritor, o aspirante a poeta Gustav Janouch observa:

> Várias vezes fiquei estupefato com os profundos conhecimentos que Kafka tinha dos vários monumentos da cidade. Ele conhecia a fundo não somente o palácio e as igrejas, mas também as casas de pensão mais escondidas da cidade velha. Ele sabia os nomes antigos das casas mesmo quando suas antigas insígnias haviam sido retiradas da fachada e levadas ao museu municipal. [...] Kafka lia nos muros das velhas casas a história da cidade[244].

O jovem êmulo de Kafka continua a se maravilhar, lembrando as caminhadas que teve a felicidade de fazer em sua companhia: “O dr. Kafka amava as velhas ruas, os palacetes, os jardins e as igrejas da cidade em que nascera. Ele folheava com prazer todos os livros dedicados à velha Praga que eu ia lhe mostrar em seu escritório”[245]. Várias vezes ele percorrera a pé as ruas sinuosas ou íngremes, conforme revela Brod em seu diário em 1909: “Kafka faz aos domingos caminhadas solitárias, ele anda ao acaso, sem pensar em nada”[246].

Se esses dias passados no campo têm algo de idílico, já que proporcionam a possibilidade de uma intensa comunhão com a natureza, os outros dias eles passam, de tempos em tempos, a saborear os prazeres prometidos pela vida noturna. “Quantas noites passadas juntos nos teatros, nos cafés-concerto, ou então nos bares com belas moças. Pois é falsa a idéia daqueles que representam Kafka como um ermitão ou um anacoreta. Ele exigia da vida antes bem mais do que bem menos. Ele exigia dela a perfeição, tanto no amor como alhures, a perfeição ou nada”[247]. Os membros do minúsculo cenáculo que foi o Círculo de Praga não são nem recatados, nem animados por um espírito de seriedade, nem ratos de biblioteca, por maiores que fossem suas aspirações. Eles apreciavam particularmente os cabarés, como o Trocadero, o Kuchebad, o London, o Montmartre e o Lucerna. Em seu *Esboços* de 1909, Max Brod descreve um desses momentos de diversão:

> O aposento é estreito, superaquecido e, amanhã, a fumaça dos cigarros ainda me arderá os olhos. O pianista faz piruetas. O que está longe de dizer que seu tocar é brilhante. Ele tem uma técnica própria: suas piruetas; quer dizer, ele deixa transparecer as dificuldades de suas aparições e mais precisamente sua incapacidade de dominar esse miserável piano de parede... Eis as meninas, as queridas meninas, e nos esquecemos dele. Elas usam meias tricotadas, como nos tempos de nossos pais, mostram seus penteados, apontam obliquamente para seus sapatinhos; tudo isso para que se perceba que elas são, da cabeça aos pés, as “Rainhas do Caf’onc’[248]”, nem mais, nem menos. Elas têm gestos rituais, conforme a tradição: a maneira de brandir a bengala, à la dândi; as culotes de seda, curtas demais para suas coxas grossas, sugerem o tipo menino, e a fórmula “ainda sou jovem” é repetida, verso por verso, em um inventário não menos ruidoso de experiências sempre renovadas[249].

Os cabarés de Praga, como os de Viena ou de Berlim, não são exclusivamente locais para festejos populares, um pouco vulgares e deturpados. Alguns foram imaginados como imitação do Chat Noir parisiense, criado nos anos 1880 por Rodolphe Salis. A leviandade, as melodias na moda, os refrões fáceis não são incompatíveis com a verve trocista dos cantores e mesmo dos espetáculos de alta categoria. Kafka lembra em seu diário: “Mella Mars no cabaré Lucerna. Uma espiritual atriz dramática que se exibe, por assim dizer, em *um* palco montado ao contrário, como fazem às vezes nos bastidores. No momento de sua *entrada*, seu rosto está cansado, e aliás igualmente sem expressão, vazio e velho, como o de todos os atores conscientes, que por isso possuem um *élan* natural”[250]. Não se passam dois dias durante o inverno de 1911 sem que ele assista a uma *soirée* – por exemplo, uma leitura feita por Marc-Henry e Marie Delvaud, sendo que esta é vista em Viena, principalmente no cabaré dos Onze Bourreaux, decorado por Josef Hoffmann. Ele faz um relato dos

mais cáusticos:

> Gritos das ruas parisienses. Omitiram o grito dos vendedores de jornal. [...] A Delvaud é ridícula, ela tem o sorriso das solteironas, ela é uma solteirona de cabaré alemão. Ela faz a Revolução com uma echarpe vermelha, que vai buscar atrás da cortina [...]. Quando ela cantou *À Batignolles*, senti Paris me agarrar pelo pescoço[251].

O Lucerna, situado na bela passagem construída pelo avô de Václav Havel, é na verdade um lugar com múltiplas funções. Kafka o aprecia por sua inesgotável capacidade de surpreendê-lo e atiçar sua curiosidade. Ele ali assiste a uma exposição que reúne as fotografias de Lucie König e as telas de Langen. Ele aproveita para ouvir a atuação do cantor Vaschata, de quem não gosta muito: "Tão ruim que nos perdemos em sua contemplação. Mas, como é um homem rigoroso, ele consegue, apesar de tudo, manter focada a atenção do público, graças a uma força brutal, da qual eu certamente sou o único a ter consciência"[252]. Ele volta mais uma vez, dessa vez em maio de 1912, para assistir a uma *soirée* de gênero popular.

> Cena de amor durante a primavera, como nos cartões-postais. Retrato fiel, que emociona o público e o faz corar. Fatinitza. Cantora vienense. Riso cheio de doçura, profundo [...]. Tola dança dos punhais, acompanhada por fogos-fátuos, galhos, borboletas, fogos de papel, cabeças de mortos. Quatro Rocking Girls. Uma delas é muito bonita [...]. Ela tinha uma maneira afetada de lançar os braços, de agitar suas longas pernas e de jogar seus tornozelos delicados em um movimento que sentíamos particularmente mudo, de estar atrasada em relação ao ritmo, de não se deixar distrair de sua atividade por nenhum medo [...][253]

E outros locais noturnos o atraem. Ele freqüenta o Eldorado ou o Trocadero, onde uma noite, sem moedas para dar ao pianista, dá a ele um livro. Ele freqüenta o Nellys Maxim, zona do círculo do poeta prodígio Franz Werfel, aonde vai também Kraus quando passa por Praga. E algumas vezes ele chega a parar no café London, um café noturno cuja orquestra e atrações elogia a Max Brod.

O ano de 1909 é para Kafka um ano memorável, pois é quando ele publica seu primeiro texto. A revista *Hyperion*, dirigida por Franz Bleu, reproduz um excerto de *Descrição de uma luta* no número de fevereiro-março, ao lado de Rilke, Hofmannsthal e Heinrich Mann. Kafka de fato pretende retomar esse projeto abandonado e também reescrevê-lo completamente. Ele não conclui essa segunda versão, parando ao cabo de cinqüenta e oito páginas. Esses dois pequenos capítulos serão retomados quatro anos mais tarde em *Betrachtung* (*Contemplação*, *Meditação*, ou ainda *Olhar*), pequena obra que reúne escritos

como “Am Fenster” (“A janela da rua”), “Kleider” (“Roupas”), “Der Fahrgast” (“O passageiro”) e “Zum Nachdenken für Herrenreiter” (“Para a meditação de grão-cavaleiros”), publicada por Kurt Wolff.

E esse ano também é importante porque antes de seu fim Kafka dá início à redação de seu diário. Brod já tinha um. Será por espírito de emulação ou por sugestão desse último que ele começa a anotar os acontecimentos de sua vida e seus pensamentos? Em todo caso, para ele não se trata apenas de ali registrar seus feitos e gestos, assim como seus comentários sobre o que viu, ouviu, leu, sentiu. Desde a primeira página, ele o estabelece como um rascunho, ou melhor, como um reservatório de poemas e fragmentos narrativos mais ou menos elaborados. Ele o inicia, aliás, imediatamente mostrando essa vocação de fundo falso: por um lado, dedica um parágrafo a um ensaio de definição sobre o desespero e, por outro, constrói uma historieta que seria parte de um sonho que ele teria tido com a bailarina Eugenie Eduardowa. Esta faz parte do balé imperial da Rússia, que se apresentara em Praga no final de maio. Ela lhe causara tal impressão que ele chega a comentá-lo com Felice Bauer alguns anos mais tarde. Kafka tenta fazer-lhe sentir a suntuosidade dos balés russos e fala da dançarina: “[...] eu sonhava com uma bailarina absolutamente arrebatada, uma certa Eduardowa. Desta vez, ela não estará presente”[254]. É sem dúvida a única vez que Kafka utiliza um personagem real em uma narrativa:

> [...] eu rogava em sonho à bailarina Eduardowa que fizesse a gentileza de dançar mais uma vez as czardas. [...] A bailarina Eduardowa, entusiasta da música, circula de bonde e, por todos os lugares, acompanhada de dois violinistas que ela seguidamente mandava tocar. [...] A bailarina Eduardowa não é tão bonita ao ar livre quanto em cena. A tez pálida, as maçãs do rosto, que esticam a pele a ponto de não haver no rosto movimento mais marcado, o grande nariz, que surge como que de um buraco [...] ela se parece com uma das minhas tias, uma senhora já idosa. [...] Mas com exceção dos pés, que estão muito bem, não encontramos nada em Eduardowa ao ar livre que compense realmente as desvantagens[255].

Assim, os cadernos que ele manterá até o fim de seus dias, de maneira irregular, mas sem jamais poder renunciar a eles (os últimos foram, segundo Dora Diamant, tomados pela Gestapo quando seu marido era procurado, em 1933, e provavelmente destruídos), começam com uma visão proveniente desse universo da noite, na forma da bailarina russa que tanto o comovera em cena e tanto o decepcionara na realidade. De “Josefina, a cantora” a “Um artista da fome”, ele não cessará, mais tarde, de retirar do teatro, do balé e sobretudo dos números de cabaré, dos quais se mostra tão apreciador, e mesmo do circo, temas para seus contos. Portanto, seus diários não cessarão de fazer a ligação entre a

esfera mais baixa e a esfera mais elevada, o que ele anuncia logo de início: “Alguns escritores falam pestilências”[256]. E ele ali traduz suas emoções, suas agitações internas, seus padecimentos, seguindo o balanço inexorável entre esses dois pólos: “Eu passei perto do bordel como se tivesse sido da casa de um ente querido”[257]. Para concluir todas essas primeiras páginas, ele recorre a uma imagem poética, a um clichê da vida urbana, ou antes a um instante fugaz e fulgurante: “As lavadeiras de roupa-branca sob os aguaceiros”[258]. Depois, Kafka medita sobre essa sua imperiosa necessidade de manter com relativa assiduidade esses cadernos pessoais – relativa, pois o cansaço, a doença ou outros interesses o desviam muitas vezes:

> Uma das vantagens de redigir um diário é tomar consciência, com uma clareza apaziguadora, das transformações de que constantemente somos objeto. [...] Em um diário, encontramos as provas de que, mesmo nas situações que hoje nos parecem intoleráveis, sobrevivemos, contemplamos e anotamos os resultados de nossas observações, e que esta mão direita aqui fazia na época os mesmos movimentos de hoje [...][259]

A primeira coisa importante que ele registra nessas páginas, no final de 1910, é a trágica constatação de sua incapacidade de viver:

> Não posso simplesmente acreditar nas conclusões que tiro de meu estado atual, que já dura um ano, ele é grave demais para isso. Não sei nem mesmo se posso dizer que é um novo estado. Eis o que penso na verdade: esse estado é novo, conheci análogos, ainda não conheci idênticos. [...] Minhas dúvidas cercam cada palavra, eu as vejo antes das palavras, ora!, a palavra, eu não a vejo absolutamente, eu a invento[260].

Ali, ele se compara a uma pedra – “minha própria pedra tumular” – e se descreve no momento em que senta à mesa de trabalho, como em um filme cômico, com seu ritmo entrecortado e excessivo, sem esquecer as velozes reviravoltas. Quando confessa que essa crise já dura um ano, isso significa, na verdade, que ela coincide com sua firme resolução de manter esse diário.

Em setembro de 1911, depois de passar duas semanas em Paris e seus arredores, ele imagina:

> Um homem que não mantém um diário está em situação equívoca, no que diz respeito ao diário de um outro. Quando lê no *Diário* de Goethe, por exemplo, que este ficou em casa todo o dia de 11 de janeiro de 1797, “ocupado com várias providências a tomar”, parece-lhe, em seu caso, nunca ter feito tão poucas coisas[261].

E essa convicção não o larga mais, conforme demonstrado por esta injunção

do início do ano de 1912, rara certeza em um vasto oceano de meditações dubitativas e de hesitações frente a cada coisa: “Manter com firmeza o Diário a partir de hoje! Escrever regularmente! Não se declarar perdido! E quando mesmo assim a libertação não acontecer, quero a todo instante ser digno dela”[262].

Já no ano anterior ele declarara seu desejo mais caro: “Seja o que for, eu cederei a meu desejo de escrever uma autobiografia no mesmo instante em que for liberado do escritório. [...] escrever uma autobiografia seria uma grande alegria, pois seria tão fácil quanto uma transcrição de sonhos”[263]. Sim, é um grande desafio para uma pessoa que justamente não tem de fato uma vida, e que só à sua revelia terá uma.

---

[226]. Carta a Max Brod, Praga, meados de abril de 1909.
[227]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 69.
[228]. *Ibid.*, p. 123.
[229]. Max Brod, “Les prémisse du ‘cercle restreint de Prague’”, em *Métamorphoses de Kafka*, p. 127.
[230]. *Ibid.*, p. 128.
[231]. Em: Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 140.
[232]. Em: Max Brod, *Franz Kafka*, p. 124.
[233]. *Ibid.*
[234]. *Ibid.*
[235]. Em: Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 142.
[236]. Gérard-Georges Lemaire, “Kafka un amateur furtif des cafés de Prague”, em *Métamorphoses de Kafka*, p. 36.
[237]. *Ibid.*
[238]. *Ibid.*
[239]. Patrizia Runfola, *Prague au temps de Kafka*.
[240]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 116.
[241]. *Ibid.*
[242]. Patrizia Runfola, *Prague au temps de Kafka*, p. 92.
[243]. Carta a Oskar Pollak, 20 de dezembro de 1902, O.C. III, p. 561.
[244]. Gustav Janouch, *Conversations avec Kafka*, p. 61-62.
[245]. *Ibid.*
[246]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 91.
[247]. *Ibid.*
[248]. Caf’conc’: forma reduzida para “café-concerto”, usada informalmente. (N.T.)
[249]. Em: Klaus Wagenbach, *Franz Kafka, les années de jeunese*, p. 143-144.
[250]. *Diários*, 19 de fevereiro de 1911, O.C. III, p. 27-28.

[251]. *Ibid.*, p. 29.
[252]. *Ibid.*, 29 de setembro de 1911, O.C. III, p. 84.
[253]. *Ibid.*, março de 1912, O.C. III, p. 249.
[254]. Carta a Felice Bauer, 17 de janeiro de 1913, O.C. IV, p. 237.
[255]. *Diários*, 1909 [?],O.C. III, p. 3-4.
[256]. *Ibid.*, p. 5.
[257]. *Ibid.*
[258]. *Ibid.*
[259]. In: Max Brod, *Franz Kafka*, p. 122.
[260]. *Ibid.*
[261]. *Diários*, O.C. III, p. 70.
[262]. *Diários*, 25 de fevereiro de 1912, O.C. III, p. 232.
[263]. *Diários*, 14 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 185.

Três pequenas viagens ao exterior e depois um livro

Como é possível tirar curtas férias, graças à legislação do trabalho do Império, Franz Kafka e Max Brod decidem fazer uma viagem ao estrangeiro em 1909.

> Viajávamos juntos. Regozijávamo-nos dos meses a seguir e fazíamos nossos preparativos com uma minúcia que fazia rir a nós mesmos, mas que dissipava como um raio de sol a atmosfera cinza do escritório. Em minha vida, nunca tive um humor tão alegre e tão constante como durante essas viagens com Kafka. Todas as preocupações, todas as contrariedades ficavam em Praga. Tornávamo-nos crianças brincalhonas, inventávamos as viagens mais extraordinárias e charmosas[264].

O primeiro destino que eles escolhem juntos é a Itália. E Otto, o irmão de Max, faz parte da expedição. Mais jovem quatro anos que esse último, ainda estudante na época, ele se tornará, durante a guerra de que se pressente vagamente o caráter inevitável, um autêntico herói. Autor de uma biografia inacabada de Voltaire, ele será deportado para Auschwitz com sua mulher e sua filha em 1942.

Otto, Max e Franz partem então, em 4 de setembro, para Riva, sobre o Lago di Garda, que ainda se localiza em solo austríaco. Por que essa decisão? Porque Otto já conhecia o lugar e poderia ser um bom cicerone? Porque Goethe, que eles tanto adoram e veneram, acabou seu *Ifigênia em Táuris* não longe dali, em Torbole? Ou porque Riva conheceu seus dias de glória durante o Renascimento, ainda conservando uma edição do Talmude impresso em 1558 em seu museu? Essa estada de dez dias, sob o signo da ociosidade, só é marcada por um único acontecimento: as corridas de carros e as exibições aéreas que acontecem em Bréscia. Brod fala sobre isso, muitos anos mais tarde, em suas memórias:

> Em pleno centro dessa cidade idílica, o jornal (naturalmente só líamos a imprensa local, em italiano) nos trouxe a surpreendente notícia de que o primeiro festival aéreo aconteceria em Bréscia. Nós ainda não víramos aeroplanos, e foi com o maior entusiasmo que decidimos ir à Bréscia, apesar do estado precário de nosso caixa. Principalmente Kafka incitava essa excursão [...][265]

Eles tomam o trem em 12 de setembro, e Kafka faz o relato dessa expedição, instigado, desnecessário dizer, por Brod, que observa: “Fazendo-lhe essa proposta, agi com premeditação. Os trabalhos literários de Kafka estavam, na

época, em suspenso, ele não produzia nada havia meses e seguidamente eu o ouvia se queixar que seu talento secara e acabara”[266]. Dessa vez, o momento era bom demais. Brod incita-o a anotar o que pode sobre esse encontro aéreo: “Os primeiros vôos que vimos nos causaram uma profunda impressão. Eu pedi a Franz que escrevesse tudo o que ele tivesse visto e fizesse daquilo um artigo”[267]. Esse artigo seria publicado na revista *Bohemia*, no 28 de setembro seguinte. Kafka tem fórmulas lapidares para descrever a chegada deles na cidade: “Assim que chegamos no buraco negro da estação de Bréscia, onde as pessoas gritavam como se caminhassem sobre um solo escaldante, assumimos firmemente o compromisso de jamais nos separarmos. Não chegávamos com certo espírito de hostilidade?”. Kafka fica acima de tudo chocado com a sujeira ambiente, em primeiro lugar a da pousada, mas que se insinua um pouco por toda parte. Os três amigos vão a Montechiari, onde se encontra o terreno de aviação, não sem dificuldade, em meio a uma multidão borbulhante. E eles enfim podem ver de perto o herói desse novo esporte mecânico: primeiro Rougier, e o grande Blériot. Ali, Kafka tem a oportunidade de entrever o *vate* Gabriele D’Annunzio, que ele considera “pequeno e débil [que] saltita com um ar que diríamos tímido na frente do conde Oldofredi”[268]. A reportagem minuciosa e às vezes burlesca dessa jornada é a única desse gênero a que se dedicou Kafka. Uma semana mais tarde, Max Brod apresenta, também em *Bohemia*, sua versão dos fatos. Brod sente uma nostalgia quando se debruça sobre o passado: “Em 1909, não faltava mais nada à nossa felicidade. Mesmo nossas discussões com Dallado, o poeta e apóstolo da natureza, não chegavam a perturbar nossa tranqüilidade. A experiência de meu irmão [...] evitou-nos muitas dificuldades”[269]. Depois eles vão visitar o teatro Toblino, e Max tira uma foto de Franz encarapitado com seu irmão sobre um bloco de mármore.

Esse primeiro périplo e essa primeira tentativa, no fim das contas exitosa, reforçam em Brod a idéia de uma colaboração literária estreita com Kafka, que não tem perspectivas claras e se mostra bastante refratário. Ele tem a idéia de publicar seu artigo junto com o de Kafka, sem os cortes feitos pela revista, em uma coletânea intitulada *Über die Schönheit hässlicher Bilder*; ele já redigiu um curto prefácio em que declara: “Um único autor para um livro, eis uma idéia procurada e portanto banal. Nós, os dois amigos, que fomos tão inseparáveis durante essa viagem em terra estrangeira como o somos em pensamento, não poderíamos tentar sê-lo nesse livro nascido de nossa intimidade?”[270]. Ele submete o projeto a seu editor, que a princípio o aceita, mas que acaba desistindo

porque a coletânea de ensaios torna-se volumosa demais.

No ano seguinte, Kafka e Brod concordam em ir a Paris. Eles partem em 8 de outubro e passam a primeira noite em Nuremberg. Kafka não está no melhor de sua forma: está esgotado pelo trabalho realizado no escritório e é invadido por uma sensação penosa de fadiga. Na manhã seguinte, eles chegam a Paris. Uma súbita erupção de botões imediatamente atinge o pobre Kafka. Ele consulta um médico, que informa tratar-se de uma furunculose. Ele precisa voltar para Praga assim que a greve dos trens, que acaba de desencadear-se na França, permitir-lhe. Uma vez de volta à casa dos pais, ele envia três cartões-postais aos irmãos Brod, para dizer-lhes: "Caro Max, cheguei bem e estou muito pálido [...] passo a tarde fechado em casa como em uma tumba (não posso circular por causa de meu grande curativo, e ficar tranqüilamente sentado é impossível por causa das dores, que aumentaram ainda mais com a cura)..."[271]. E ele conta-lhes um sonho que teve assim que chegou:

> A primeira noite que passei em Praga, acho que toda a noite (o sono agarrava-se a esse sonho como um andaime a um prédio parisiense em construção), sonhei, então, que eu tinha uma cama para a noite em um grande edifício constituído unicamente por fiacres, automóveis e ônibus parisienses cuja única razão de ser consistia em circular contra, sobre e sob os outros, e onde tudo o que se dizia e pensava tinha relação unicamente com tarifas, conexões, gorjetas, rumo Pereire, dinheiro falso, etc[272].

Em 1911, Franz Kafka e Max Brod tentam novamente a viagem para Paris. Eles têm duas semanas à frente. Kafka toma notas copiosamente durante a viagem, que dessa vez os faz passar por Zurique, Lucerna e Lugano. São esboços muito breves e incisivos. E ele continua com esse trabalho quando os dois param em Milão. Eis o que Kafka retém da capital lombarda:

> Esqueci meu guia em uma loja. Voltei e roubei-o. Comi charlote de maçãs na *Loggia dei Mercanti*. Bolo de dieta. *Teatro Fossati*. Todos os chapéus e leques em movimento. Riso de criança nas alturas. Colaram um anúncio publicitário no programa. Uma senhora madura no meio dos homens da orquestra – *Poltrone – Ingresso*. Orquestra na mesma altura da sala. Cartaz da Lancia inserido na decoração de um forro[273].

Nesse ponto da excursão, os dois camaradas hesitam. Eles preparam vários mapas possíveis da seqüência da viagem e acabam optando por Stresa. Depois, em 8 de setembro, chegam a Paris. Lá, Kafka fica surpreso com a Place de la Concorde, que "está disposta de tal maneira que as coisas atraentes se encontram empurradas para longe, onde o olho as descobre facilmente, mas somente se as busca"[274]. Então tudo se acelera. Ele evoca os lampiões que ornam os cafés,

os quadros do Louvre (onde ele desenha uma cópia apressada de Leonardo da Vinci), a Opéra Garnier, as coleções históricas do castelo de Versalhes, um joalheiro judeu da Cracóvia com quem ele conversa em um compartimento de trem, a Opéra-Comique, e tudo isso se confunde com reminiscências e descobertas dos dias precedentes na Itália. O bulevar Poissonnière, o Champs-Élysées, os banhos turcos, os cafés e seus garçons, o bulevar Sébastopol, o restaurante da rua Richelieu, os bordéis "organizados racionalmente", o metrô ("a cor dominante era o aço escuro dos muros"[275])... As imagens afluem de todos os lados, a toda. Um acidente na via pública chega a lhe inspirar um novo esboço. Ele relata também visões sintéticas de outro tipo, como se tivesse a capacidade de abstrair um sentimento da cidade a partir de suas aparências:

> Paris é listrada: as altas chaminés delgadas que se alargam a partir de chaminés achatadas, todas as pequenas chaminés que têm a forma de um vaso de flor, os velhos candelabros a gás extremamente silenciosos, as raias transversais das gelosias que, sobre o muro das casas do subúrbio, somam-se às estrias formadas pela sujeira, as barras finas dos tetos como os que vimos à rua de Rivoli, o teto de vidro riscado do Grand Palais das artes, as janelas dos estabelecimentos comerciais separadas por linhas, as grades das sacadas, a torre Eiffel composta por riscos, as janelas de sacadas que possuem montantes nos lados e no meio, evocam mais que entre nós a imagem de riscos, as pequenas cadeiras que vemos ao ar livre e as pequenas mesas de café cujas pernas são linhas, os jardins públicos com suas grades de pontas douradas[276].

Nesse acúmulo de observações que dão vertigem, são principalmente impressões rítmicas e plásticas que dominam – mais de um desenhista e de um pintor que de um escritor.

Por que tal luxo de detalhes nesses cadernos em que se enredam inúmeras anotações sobre os lugares, mas também sobre as pessoas vistas nas ruas ou nos locais públicos? Se Kafka teve um imenso prazer em preparar essa viagem, com uma espécie de cuidado maniático, é que ele teve, desnecessário dizer que por diversão, a idéia de preparar com Max Brod um tipo de guia que não existe, um guia que deveria se chamar "para nada". Brod leva a coisa muito a sério: "Cheguei a responder muito seriamente à nossa 'reforma dos guias de viagem'. As negociações fracassaram porque não queríamos entregar nosso precioso segredo sem adiantamentos consideráveis"[277]. E ele acerta ao dizer que Kafka é perfeitamente capaz de colocar-se a meio caminho entre a gozação ou a brincadeira e a seriedade, mantendo-se em precário equilíbrio entre esses dois pólos:

> É assim que ele jogava comigo o jogo do novo Baedeker[278], nosso "para nada", que já víamos afixado

> nas paredes do metrô de Paris, ao lado do "Byrrh[279]" e de outros aperitivos famosos. "Para nada" deveria portanto, em primeiro lugar, poupar ao viajante o embaraço da escolha indicando-lhe rotas simples e impreteríveis, um único hotel em cada cidade, um único meio de transporte, o menos caro[280].

É por isso que eles mantiveram um memorando, na esperança de ganhar dinheiro suficiente para escapar de seus respectivos empregos, que reprimiam suas ambições literárias e tornavam suas vidas extenuantes. Eles acabam gostando da coisa, catalogam todos os assuntos a tratar e imaginam fornecer aos turistas os rudimentos de "uma espécie de esperanto, um inglês ou um francês incorretos que inventamos. Além disso, dialetos e mímicas segundo o costume local"[281]. Assim que voltam a Praga, Kafka se dedica a passar a limpo as anotações que fez na França. Mas o que aparece sob sua pena não tem muito mais a ver com o famoso guia turístico. São sainetes que têm como cenário o café Briard, um terraço no Champs-Élysées, uma vendedora ambulante de livros à charrete no bulevar Poissonnière em uma bela noite, uma piscina coberta, uma gorjeta dada a uma corpulenta arrumadeira na Opéra-Comique, o museu do Louvre e a multidão que se amontoa na frente da *Gioconda* no salão Carré, o metrô. Ele dá forma a grande parte do que rabiscara em Paris. Mas o que já está redigido com cuidado não é mais explorado. Ele retoma principalmente a história da colisão entre um automóvel e um triciclo. O final é realmente cômico. Aqui, mais uma vez sentimos a influência do cinema mudo com suas "quedas" (nos dois sentidos do termo[282]), mas também da repetição da ação falhada nos sonhos, pois não é tanto o que acontece entre o motorista e a vítima o centro desse episódio humorístico, nem mesmo a atitude dos basbaques que assistem à cena, quanto a chegada do policial que fará a autuação. Esse último mistura, de fato, todas as folhas de sua caderneta e se atrapalha cada vez mais. Por fim, ele identifica o escritor, conseqüentemente a si mesmo, com o cômico policial parisiense:

> Para crer nesse mau começo, ele precisa continuamente virar a folha. Mas como, abandonando esse início fracassado, ele não demorará em escrever em outro lugar, é-lhe impossível, ao terminar suas anotações, saber onde deveria normalmente continuar sem fazer grandes buscas. A calma que o incidente adquiriu nessa altura não é nem um pouco comparável à das partes interessadas, que tinham se arranjado sozinhas[283].

De todo esse trabalho, feito de bom humor e a toque de caixa em seu retorno, ele não reutiliza quase nada, a não ser, mais tarde, a continuação da grotesca

descrição do acidente em *O desaparecido* (*Amerika*).

Depois dessa derrota – que não é verdadeiramente uma, pois é difícil acreditar que os dois jovens tenham acreditado um único instante poder rivalizar com o inexpugnável Baedeker, com o qual aliás viajaram –, eles logo começam a devanear sobre sua próxima escapada ao estrangeiro. Para o verão de 1912, eles acabam optando pela Alemanha. Em 28 de junho, eles se encontram na estação das estradas de ferro do Estado. Chegam primeiramente em Dresden, depois fazem uma parada em Leipzig. Como quando foram a Paris, Kafka anota com extremo cuidado o que mais o impressiona ou diverte nas cidades por que passam ou nas pessoas que encontram. Mas agora não há mais guia de viagem como estímulo. O objetivo confesso desse périplo é Weimar. Eles decidem fazer um *grand tour* ao inverso e dirigem-se para a pequena cidade onde Goethe viveu. Pouco tempo antes, Kafka lera as conversações do autor de *Sofrimentos do jovem Werther* com o barão von Biedermann e anotara vários episódios de sua vida romana, interessando-se particularmente por seus comentários sobre a representação do *Servidor de dois patrões*, de Carlo Goldoni, e do *Alarkos*, de Schlegel. Ao que tudo indica, Kafka preparou essa peregrinação com cuidado. Em 1910, ele já escrevera: “Percorri o *Diário* de Goethe. O afastamento já fixo na serenidade, esse *Diário* põe fogo nele. A clareza de todos os acontecimentos os torna misteriosos...”[284]. Isso é confirmado por Max Brod, que compartilha esse grande amor pelo grande homem da literatura alemã:

> Estávamos particularmente bem preparados para a viagem a Weimar [...] por nosso amor a Goethe e aos estudos goethianos aos quais nos dedicávamos havia muitos anos. Sentia-se um sentimento singular quando se ouvia Kafka falar religiosamente de Goethe, parecia que uma criança falava de um de seus ancestrais que vivera em tempos mais felizes e mais puros e estivera em contato imediato com o divino. Citemos, a esse respeito, uma das pequenas maldades a que se permitiu Kafka: um dia ele destacou, com assombro, a imprudência de tantos autores que citavam Goethe, pois, dizia ele, o estilo de Goethe eclipsa infalivelmente o contexto de qualquer escritor[285].

E, para ilustrar essa afirmação, Brod cita uma passagem reveladora, entre tantas outras, em que Kafka aborda o problema da especificidade da língua alemã:

> Goethe provavelmente retarda, pelo poder de suas obras, a evolução da língua alemã. Ainda que a prosa, nesse ínterim, tenha muitas vezes se afastado dele, acabou no entanto reencontrando-o [...] com uma nostalgia aumentada, e ela se apropriou até mesmo das construções antigas que encontramos em Goethe, mas que nada têm a ver com seu ser profundo, comprazendo-se, assim, com o espetáculo consumado de uma absoluta dependência[286].

Quando estão instalados no trem que os levará a Weimar, Kafka diverte-se em fazer o retrato rápido de uma mulher, retrato digno de um caricaturista. Uma vez chegados a seu destino, os dois amigos chegam ao hotel e procuram imediatamente uma piscina. Logo após o banho, eles vão à casa de Goethe, em plena noite. Lá, Kafka não consegue dissimular um sentimento dividido, o de um sonho muito antigo e de um imperceptível mal-estar; então as palavras se esquivam, mas logo tomam velocidade:

> O conjunto do edifício tem um tom amarelado. Experimentamos em nossa sensação atual porções de tudo o que vivemos anteriormente. A cor escura das janelas lá onde os quartos estão desabitados. A cor clara do busto de Juno. Toco os muros. Persianas brancas estão parcialmente abaixadas em todos os quartos. Catorze janelas para a rua. A corrente na porta. Nenhuma imagem pode representar tudo isso. A praça com chão desigual, a fonte, a casa cuja linha quebrada segue a praça que sobe. Janelas escuras, ligeiramente oblongas, incrustadas no marrom amarelado. Em si mesma, é a casa burguesa mais surpreendente de Weimar[287].

Na manhã seguinte, eles visitam a casa de Schiller. “Na escada [observa Kafka], Clio representada como um escritor segurando seu diário”[288]. Eles conhecem uma jovem e fazem um pequeno passeio com sua família ao castelo de Tiefurt, outro local de eleição para os amantes de Goethe. No dia seguinte, estão no Pavilhão da Estrela. Não será antes de 2 de julho que eles adentrarão, enfim, a casa de Goethe. À tarde, eles explorarão a de Franz Liszt. A lembrança da jovem, Grete, mistura-se intimamente à das devotas descobertas e de todas as incursões na vida privada dos homens ilustres. Kafka não consegue esquecer “a delicadeza de seu corpo em seu vestido solto”[289]. Na manhã seguinte, eles voltam à casa de Goethe, dessa vez para fotografá-la. E passam o resto do dia na biblioteca do grão-duque, em busca de outros sinais tangíveis da passagem do escritor pela terra.

Em seu romance *O reino encantado do amor* [Zauberreich der Liebe], Brod faz de Kafka seu personagem principal, rebatizando-o Richard Garta, ele mesmo aparecendo sob o nome de Christophe Nowy. Brod alude à maneira original que seu amigo tinha de captar as coisas e de retê-las em seu caderno de forma fragmentária:

> As experiências que Garta tem são sempre fragmentárias. Ele só retém alguns pontos, então penetrando com doce insistência até o fundo das coisas; nunca se trata de abarcar um todo. Poderíamos facilmente fazer disso um lugar-comum elogioso, falar de uma vida intensa, que não se preocupa com programas. Mas Garta vê nisso uma fraqueza, ele se censura de nunca chegar a uma visão total[290].

Seus passos os conduzem mais uma vez ao santuário, no dia seguinte. Depois, Kafka visita a cripta dos príncipes, onde Goethe está enterrado. A jovem não comparece ao encontro que ele havia marcado. Em 5 de julho, novamente a casa e mais tarde a jovem, e enfim a piscina. Depois do café-da-manhã, eles fazem um passeio ao Belvedere e perscrutam os quartos do castelo de alto a baixo. No dia 6, Kafka faz um passeio com a bela Grete, depois visita um dos conhecidos de Max e depois faz uma viagem a Webicht, em companhia de Paul Ernst. Eles deixam Weimar para ir a Halle, que Kafka qualifica de "pequeno Leipzig". Depois Kafka aproveita as alegrias do campo, onde segue ao pé da letra os preceitos da ginástica de Müller. Desafortunadamente, ele torce o pé. O que não o impede de apanhar o feno, colher as cerejas e caminhar nos campos. Ele vai diversas vezes à pequena cidade de Stapelburg, onde assiste a uma festa que descreve longamente.

Viagem de recreio sem nenhum objetivo além dessa homenagem feita aos manes de Goethe? Na verdade, Brod tem uma idéia bastante precisa na cabeça. Mesmo duas. A primeira consiste em buscar, e sobretudo levar a cabo, uma colaboração comum iniciada no ano anterior em Lugano: trata-se da composição de uma novela a quatro mãos, chamada *Richard e Samuel*[291]. "Começamos, o trabalho logo desacelerou. Mas eu não cederia, até que pelo menos tivéssemos redigido uma parte considerável"[292]. Um excerto dessa ficção aparece no *Herderblätter*, de Willy Haas. Kafka mostra-se excessivamente reticente a essa aventura original desde a breve estada em Milão, em 1911: Brod constata com certa amargura quanto era difícil convencê-lo a prosseguir: "Às vezes ele trabalhava com alegria, é verdade que excepcionalmente"[293]. A parada em Leipzig também não é fortuita. Brod arranjara um encontro com o jovem editor Ernst Rowohlt, que dá seus primeiros passos na profissão. Ele, aliás, comparece sozinho pela manhã, enquanto Kafka visita o museu da Indústria do Livro, interessando-se principalmente pelo bairro dos livreiros: "As ruas do bairro dos editores guardam seu ar antigo, apesar de algumas ruas retas e casas mais novas, aliás desprovidas de ornamentos"[294]. Mais tarde, Brod o leva a Rowohlt e Kafka faz na mesma noite um esboço do homem: "Jovem, bochechas vermelhas, o suor pára entre seu nariz e suas bochechas, ele só é móvel a partir das ancas"[295]. Ele conclui o relato desse dia dizendo, como se não fosse nada: "Rowohlt quer seriamente um livro meu"[296]. Max Brod está orgulhoso de si e pode regozijar-se: "Eu ardia de vontade, havia muito tempo, de ver impressa

uma obra de meu amigo”[297]. Kurt Wolf, que comprará as edições de Rowohlt no fim do ano, dando-lhes seu nome, será o editor de Kafka daqui para frente, exceção feita a *Um artista da fome*. Esse criador inclassificável, imprevisível e difícil o confunde desde o primeiro encontro:

> Durante a tarde, Max Brod [...] introduziu Kafka no pequeno escritório bastante vetusto que havíamos alugado na velha e respeitável tipografia Drugulin. [...] Se a entrevista produziu uma impressão terrível, o erro também cabe a Kafka, incapaz de fazer um pequeno gesto ou gracejar para descontrair o ambiente. Ele realmente passava por um martírio! Silencioso, acanhado, frágil, vulnerável, tão intimidado quanto um colegial frente a seus examinadores, e convencido de que seria impossível corresponder às esperanças suscitadas pelos elogios de seu empresário. [...] Desejava ele realmente que imprimissem seus pequenos textos insignificantes? Não, não e não[298].

Ele ainda traz um pormenor sobre essa entrevista que salienta o caráter desconcertante de Kafka: “Quando se despediu de nós [...] Kafka pronunciou uma frase que jamais ouvi novamente [...]: “Se em vez de publicar meus manuscritos, o senhor me devolvê-los, ser-lhe-ei mais agradecido’”[299].

O livro que resultará, por bem ou por mal, dessas negociações é *Betrachtung* (*Consideração*, *Contemplação*, *Meditação*, *Olhar*, conforme traduzido para o fancês). Nesse ponto da história, Brod precisa explicar a atitude complexa, ambivalente, embaraçada e embaraçosa frente a tal eventualidade:

> Esse desejo deixou Kafka dividido. Ele queria, e depois não queria mais. Em certos momentos, era a atitude negativa que o dominava, notadamente quando, de volta a Praga, ele precisou procurar na sua montoeira de manuscritos – seus cadernos – as partes que podiam ser impressas e que precisavam de uma última revisão. Esse trabalho não ocorreu sem crises de escrúpulos, não sem buscas no Grimm[300], nem sem crises de excesso de desespero provocadas pela incerteza quanto às regras de pontuação ou ortografia. Pelas páginas que eu levara a Leipzig, os editores logo se declararam prontos a se encarregar da publicação (eram bons tempos!), só faltava que Franz enviasse o manuscrito definitivo[301].

No entanto, Brod o vê obstinar-se a uma recusa, pois “ele julgava ruim tudo o que escrevera, ele achava que o trabalho em seus velhos ‘fragmentos’ sem valor o impedia de produzir obras melhores”[302]. Ele sente muita dificuldade em fazer o que lhe pedem, e isso o consome: “Longo tormento. Enfim, escrevi a Max que não consigo passar a limpo os pequenos pedaços que faltam, que não quero me forçar e que conseqüentemente não publicarei o livro”[303]. Em 11 de agosto, ele ainda se lamenta: “Nada, nada. A publicação desse pequeno livro só me faz perder tempo, que sentimento nefasto e ridículo de meu valor invade-me

ao ler essas coisas antigas para publicá-las. Só que isso me impede de escrever”[304]. No final do mês, ele enfim chega ao cabo da tarefa que acreditava insuperável, mas ainda resmunga: “Se pelo menos Rowohlt o devolvesse, se eu pudesse guardá-lo e considerar isso como não tendo acontecido, para simplesmente ser tão infeliz quanto antes”[305].

É preciso entender que Kafka sofre de um terrível e paralisante mal crônico, que se manifesta por uma total esterilidade, que só pode ser combatida decidindo-se, custe o que custar, a escrever.

> O centro de toda a minha desgraça [explica ele a Max Brod] é que não consigo escrever. Não escrevi uma única linha que eu possa aceitar; em compensação, risquei tudo o que escrevi desde Paris – não era grande coisa, aliás. Meu corpo inteiro me põe de guarda a cada palavra; cada palavra, antes que eu a escreva, começa a olhar para todos os lados à sua volta; as frases literalmente se quebram sob minha pena, vejo o que há ali dentro e imediatamente sou obrigado a parar[306].

Essa contínua vertigem, essa sensação atroz de ver as frases se esquivando, as palavras se negando, esse mal-estar que toma conta dele assim que escreve nem que seja uma única linha, ele não acredita que seja o lugar-comum de todos os escritores, em maior ou menor grau, mas que se trata de uma paralisia mental que atinge somente a ele. E quando, ao custo de esforços enormes, ele supera seus receios e temores, ao fim de 1911 continua insatisfeito com o resultado:

> Folheei meu diário esta manhã, e durante esse exame não achei que o que escrevi até o momento seja particularmente precioso, nem que mereça absolutamente ser posto no lixo. Meu julgamento está entre os dois, sem dúvida mais próximo da primeira opinião, mas não tanto que eu possa, em vista do que escrevi até o momento, considerar-me esgotado, apesar de minha fraqueza[307].

Mas a esse extremo desânimo pode suceder uma espécie de euforia, uma leveza de espírito que o transporta e lhe dá forças, desde o início dessa aventura, para continuar seu trabalho literário e a redação de seu diário:

> Não abandonarei mais este diário. É nisso que preciso ser tenaz, pois é só nisso que o posso ser. Como eu gostaria de explicar o sentimento de felicidade que me invade de vez em quando, agora por exemplo. É verdadeiramente algo macio que me enche de leves e agradáveis estremecimentos e me persuade de que sou dotado de capacidades as quais posso a qualquer momento, mesmo agora, convencer-me com toda a certeza de que não existem[308].

Apesar de seus adiamentos, Kafka consegue mais ou menos aceitar a idéia de enviar o manuscrito de *Betrachtung* a Rowohlt em 14 de agosto de 1912. O livro sai da tipografia em janeiro de 1913. Leva a seguinte dedicatória: “Para M.B.”.

Uma página acaba de ser virada e, com ela, seu peso simbólico, sem falar do incrível alívio que essa liberação proporciona a um autor que tem várias outras coisas em mente.

---

[264]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 115.
[265]. *Ibid.*, p. 120.
[266]. *Ibid.*
[267]. *Ibid.*, p. 119.
[268]. “Die Aeroplane in Brescia”, O.C. II, p. 111.
[269]. *Ibid.*, p. 117-118.
[270]. *Ibid.*, p. 121.
[271]. Cartão-postal a Max e Otto Brod, 10 de outubro de 1910, O.C. III, p. 654-655.
[272]. *Ibid.*, p. 656.
[273]. *Diários*, setembro de 1911, O.C. III, p. 50.
[274]. *Ibid.*, p. 55.
[275]. *Ibid.*, p. 76.
[276]. *Ibid.*, p. 57.
[277]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 139.
[278]. *Baedeker*: editora alemã famosa por seus guias de viagens para turistas, conhecidos como “Baedeker”, que definiram o padrão do gênero. (N.T.)
[279]. *Byrrh*: aperitivo francês à base de vinho tinto e água de quinino. (N.T.)
[280]. *Ibid.*
[281]. *Ibid.*, p. 140.
[282]. *Chute*, em francês: literalmente, “queda”; pode ter tanto o sentido de “cair” como o de “fracasso”. (N.T.)
[283]. *Diários*, 11 de setembro de 1911, O.C. III, p. 81-82.
[284]. *Ibid.*, 19 de dezembro de 1910, O.C. III, p. 14.
[285]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 141.
[286]. *Ibid.*
[287]. *Diários*, 30 de junho de 1912, O.C. III, p. 260.
[288]. *Ibid.*, p. 261.
[289]. *Ibid.*, p. 263.
[290]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 143.
[291]. Richard und Samuel – Eine kleine Reise durch mitteleuropäische Gegenden. (N.T.)
[292]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 145.
[293]. *Ibid.*, p. 147.
[294]. *Diários*, sábado 29 de junho de 1912, O.C. III, p. 259.
[295]. *Ibid.*
[296]. *Ibid.*, p. 260.
[297]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 144.

[298]. Kurt Wolf, “L’auteur Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 119-120.
[299]. *Ibid.*
[300]. O dicionário de língua alemã, obra mestra de Grimm, que o ocupou até o fim da vida.
[301]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 144.
[302]. *Ibid.*
[303]. *Diários*, 7 de agosto de 1912, O.C. III, p. 285.
[304]. *Diários*, 11 de agosto de 1912, O.C. III, p. 286.
[305]. *Diários*, 20 de agosto de 1912, O.C. III, p. 287.
[306]. Carta a Max Brod, 17 de dezembro de 1912, O.C. III, p. 659-660.
[307]. Em: Claude David, *Franz Kafka*, p. 100.
[308]. *Diários*, 16 de dezembro de 1910, O.C. III, p. 12.

Um teatro da língua judaica no café Savoy

Max Brod, em um artigo dedicado à obra do amigo, acaba formulando uma curiosa consideração a respeito de uma de suas novelas:

> "Como te chamas? – Odradek. – E onde moras? – Sem domicílio fixo." Entendemos então que Kafka escreve não apenas a história do trágico humano, pura e simplesmente, mas também a dos sofrimentos de seu povo, esse povo fantasma, sem pátria, que é massa sem corpo e sem forma. E ele escreve sem que a palavra "judeu" apareça uma única vez em suas obras[309].

Hugo Bergmann lembra-se muito bem de como era a atitude do jovem Kafka frente às questões religiosas: "[...] ele queria absolutamente me desviar de minhas crenças judaicas. Ora, ele era um bom dialético, e em um dia de primavera, logo antes da Páscoa e da noite de Seder [...] tive de lutar firmemente para resistir a seus argumentos, pelo menos até o Seder: dessa vez consegui resistir bem"[310]. No liceu, ele se deixara corromper por alguns camaradas sem muita dificuldade e abraçara a causa do ateísmo com o arrebatamento da idade. Sua família, aliás, é pouco praticante, pois se limita a celebrar as grandes festas judaicas e só freqüenta a sinagoga em ocasiões importantes. Quando se forma o Círculo de Praga, cujos membros são todos judeus, dois deles, Felix Weltsch e Max Brod, já apóiam a causa sionista. No entanto, sobre a questão da relação de Kafka com a cultura judaica, Brod é obrigado a ser cauteloso, mesmo tentando demonstrar que pouco a pouco ele avança em direção às teorias de Herzl. Quando ocorre uma discussão sobre as relações entre os judeus da Europa ocidental e os judeus orientais, entre Sion e a Diáspora (aliás, devem ter acontecido várias discussões durante as reuniões no café Arco ou na casa de um deles), Brod destaca suas divergências de opinião:

> Quando me tornei um sionista convicto e tentava em vão convencer Kafka da necessidade dessa política, durante nossos passeios de barca no Vlatva, chegamos às vezes a disputas e mesmo a um leve desentendimento, que foi aliás o único[311].

No entanto, Kafka dá provas de uma grande sensibilidade a respeito do *ser judeu*. Sempre que a ocasião se apresenta, ele observa o que distingue um judeu em seu universo ou durante seus deslocamentos. Quando percorre a Boêmia para seu trabalho, ele não consegue evitar fazer pequenos croquis literários de seus

companheiros de viagem, como nesta pequena cena reveladora:

> Um judeu de Reichenberg em meu compartimento se faz notar por pequenas exclamações sobre os expressos, que só são expressos por causa das tarifas. [...] À minha frente, um senhor de voz fraca, duro de ouvido, usando barbicha e bigode; ele troça do judeu de Reichenberg, primeiro em voz baixa, sem se mostrar, de maneira irônica [...][312]

Ao fazer sua segunda viagem a Paris, a etapa de Milão propõe-lhe um questionamento sobre a identidade de uma jovem italiana, de quem ele faz um retrato detalhado, a começar pelo "rosto judeu no conjunto, tornava-se não-judeu de perfil"[313]. Em seguida, ele se interessa por seu pai, "sentado ao lado dela [que] tinha um nariz bastante curvo, enquanto o seu, no mesmo lugar, tinha uma curva mais leve, portanto mais judia"[314]. Há também o joalheiro polonês com quem ele conversa no trem e que fala de sua vida em Nova York e na Cracóvia. Aqui, também, um rápido retrato físico: "Ele tem longos cabelos encaracolados, nos quais, à guisa de pente, ele passa os dedos ocasionalmente, olhos muito brilhantes, nariz que se recurva levemente, bochechas cavadas, roupa de corte americano [...]"[315]. E ele o mostra deambulando com sua pequena mala, que "carrega como um fardo"; ele se interessa sobretudo por sua maneira de falar: "Seu alemão é perturbado por uma pronúncia e construções inglesas, o inglês é tão forte que o iídiche pode descansar"[316]. Essa viva curiosidade pelos sinais externos da judeidade é flagrante em *Preparativos para um casamento no campo*, em que ele aborda problemas de caráter espiritual, em primeiro lugar a Queda, que ele considera uma expressão do paraíso *hic et nunc*[317]. Ele ali apresenta um homem preso a uma cadeira que lhe dá "acesso a todos os espaços terrestres", sem no entanto poder ir ao além, tema que ele retomará mais tarde, em outros termos, em "Diante da lei", de onde tira o capítulo "Na catedral", no final de *O processo*.

"Sem judeus", ele comunica a Brod ao assistir a um concerto em Zurique. Na época, ele não faz nenhuma alusão à religião quando vai à sinagoga Velha-Nova para a festa de Kol Nidrei. Ele descreve principalmente os personagens pitorescos que ali estão rezando. No mesmo dia, faz um retrato muito elaborado de uma jovem que vira em um bordel pouco tempo antes: "Uma delas, uma judia de rosto estreito, ou melhor, com um rosto que se perde em um queixo estreito, mas é abalado quanto ao tamanho por um penteado de ondulações macias [...]"[318]. As páginas de seus cadernos pululam de anotações sobre a condição

judaica, a exemplo de uma pequena digressão sobre a mãe judia, que se distingue da mãe alemã:

> A mãe judia não é uma *Mutter*, essa maneira de chamá-la a torna um pouco ridícula [...]; damos a uma mulher judia o nome de mãe alemã, mas esquecemos que existe nisso uma contradição, e a contradição se embrenha cada vez mais profundamente no sentimento. Para os judeus, a palavra *Mutter* é particularmente alemã, ela contém para eles tanto frieza quanto esplendor cristãos [...][319]

Kafka também faz um comentário sobre *Die Jüdinnen*, de Max Brod, que é publicado em 1911; ele não vê ali solução para a questão judaica e desenvolve duas críticas nesse sentido. Mas foi preciso um acontecimento que saísse do comum para que ele se interrogasse mais profundamente sobre seu pertencimento à comunidade judaica, à sua história e às suas tradições. E é, como de hábito, por intermédio de Max Brod que ele se dará.

Brod explica em pormenores as circunstâncias dessa revelação, que é tão importante para Kafka, e não hesita em se vangloriar: “Dessa vez, eu fora o instigador”. Ele alude a um acontecimento que ocorreu na primavera de 1910: “Eu li em meu diário no dia 1º de maio: ‘Café Savoy, companhia Lwow. Muito importante para J.P.’ (um romance que eu projetava). Em 4 de maio: ‘Essa noite no Savoy com Kafka. Esplêndido’”[320]. Esse último fica literalmente fascinado. Brod confirma: “[...] eu assistia freqüentemente às apresentações no Savoy, e ali aprendi bastante sobre a alma nacional judia, mas Franz, assim que o introduzi nesse meio, nunca mais o abandonou”[321]. Mas, nesse momento, Kafka ainda não põe nada por escrito a respeito do teatro iídiche. É verdade que seus diários íntimos só estão no início e que ele ainda hesita quanto à sua razão de ser – um diário pessoal centrado sobre seus próprios feitos e gestos, ou um rascunho de projetos literários, ou ainda um memorando de suas leituras.

Sem ser um apaixonado das artes do espetáculo, Franz Kafka freqüenta de vez em quando os teatros de Praga e também os cinemas (mais raramente). Ele, aliás, seguidamente fica decepcionado com os espetáculos a que assiste. Eis, por exemplo, o que ele escreve, com vivacidade, a propósito da *Tragédia de Raguse*, do autor dramático croata Ivo Vojnovic, que é encenada no Nationaltheater: “A peça e a representação foram lamentáveis. Do primeiro ato só retive o bonito som do pêndulo; a *Marselhesa*, cantada sob as janelas pelos franceses que entram na cidade [...]”[322]. Ele faz um resumo de tudo, arrependendo-se de ter tido a idéia dessa malfadada noite: “Em suma, de novo provei a infeliz sina de todas as empreitadas de que tomo a iniciativa sozinho”[323]. Para um amante de

Schiller e Kleist, aquele drama histórico deve ter parecido empolado e pretensioso. Essa experiência catastrófica não o dissuade, ainda que com uma ponta de apreensão, de assistir à estréia de *Hippodamie*, de Jaroslav Kwapil, "peça lamentável. Passamos à aventura na mitologia grega, sem mais nem menos. [...] Como isso deve ser triste para um tcheco que, nem que seja só um pouco, viajou"[324]. Em 1916, ele assiste ao *Orfeu no Inferno*. "A representação era tão ruim, os aplausos e os risos eram tão fortes à minha volta nos lugares acima da platéia, que não tive outra opção além de me escapar depois do segundo ato, o que reduziu tudo ao silêncio"[325]. Ele não fica nem um pouco entusiasmado com *Das Weite Land*, de Arthur Schnitzler, autor famoso em Viena, adaptado por seu antigo amigo Emil Utitz: "O autor é um pouco próximo a mim, não posso impedir-me de expressar a opinião desfavorável que tenho da peça"[326]. Em contrapartida, ele aprecia a peça de Franz Wedekind, *Erdgeist*, e ainda mais sua mulher, Tilly, que faz o papel principal!

Apesar das numerosas decepções, ele amadurecerá um projeto para o teatro, que jamais passará de doces devaneios. Até que chega a noite de 4 de outubro de 1911 no café Savoy, que o faz entrar em uma dimensão totalmente diferente da teatralidade. No dia seguinte, sua emoção continua vibrante e forte. Ele escreve com sobriedade em um primeiro momento: "Ontem à noite, no café Savoy, trupe judaica". E inicia uma longa descrição dos personagens principais, que ele não entende e equipara a serviçais ou pequenos empregados do templo, em resumo uns *Schorrer*, uns inúteis, vadios, parasitas, mas que por causa de sua vida errante "sabem muitas canções" e "claramente penetram na situação de todos os membros da comunidade"[327]. Ele manifestamente está encantado quando assiste à encenação de *Meschumed* (*O batizado*), de Lateiner. Ele se interessa por pontos definidos da peça, como certos gestos, o sentimento que se desprende do espetáculo, a maneira de transmitir uma emoção. Ele analisa a relação entre a atuação dos atores e a música:

> As melodias são longas, o corpo se entrega a elas de bom grado. Em razão de seu comprimento, que se estende em linha reta, é balançando as ancas, afastando os braços e levantando-os e abaixando-os ao ritmo de uma respiração calma, aproximando as palmas das têmporas e ao mesmo tempo evitando tocá-las, que os atores melhor expressam seu caráter[328].

A propósito desses ares, ele encontra fórmulas surpreendentes:

> A melodia talmúdica das perguntas, das conjurações e das explicações precisas: o ar passa em um cano

que leva consigo; por outro lado, do fundo de longínquos e infinitos começos, um grande parafuso, altivo no conjunto, humilde em suas espirais, roda ao encontro do interrogado[329].

Ele fica tão fascinado que resume a peça tentando explicar seu sentido, lembrando a movimentação dos atores em cena; ele aspira a conhecer mais a fundo esse tipo de teatro, ao mesmo tempo exuberante e exótico: “Desejo ver um grande teatro iídiche, pois é possível, no fim das contas, que a representação sofra com o pequeno número de comediantes e com seu estudo imperfeito dos papéis”[330]. Ele continua pensando em voz alta sobre o mesmo assunto: “Desejo igualmente conhecer a literatura iídiche [...]”[331]. Ele abre a tampa da caixa de Pandora e tem a intenção de mergulhar de corpo e alma nessa cultura que lhe é desconhecida.

Em 26 de outubro seguinte, ele assiste a uma leitura de Isaac Löwy, o chefe da trupe. O ator lê *Gott, Mensch und Teufel,* de Gordin (é sua peça preferida), e seu próprio diário. Na véspera ele pudera assistir a *Der Wilde Mensch* (*O homem selvagem*), que ele julga superior a tudo o que conheceu até então. Aqui também ele conta com muita verve a ação da peça. Ele fica fascinado com o ódio que Lemech sente, o idiota da intriga, que detesta a sra. Selde porque ela ocupa o lugar de sua mãe desaparecida e a ama “porque ela é a primeira mulher em que ele encosta, caindo em uma idiotia delirante”[332]. Kafka tem consciência de que esse tipo de teatro possui uma vertente irritante, que o interessa: o mau gosto e o exagero são admissíveis. Mas talvez seja isso que o incite a voltar mais uma vez ao café Savoy, no dia 28 desse mesmo mês.

Alguma coisa de especial o atrai nesse Yirzhac (depois Jizhak e enfim Isjak) Löwy. Existe, primeiramente, tudo o que o transtornara ao mais alto grau no teatro iídiche e depois na leitura de seu diário parisiense: “Notre Dame o assusta, o tigre do jardim das plantas o comove como a própria imagem do desesperado esperançoso que encontra na pastagem a saciedade do desespero e da esperança [...]”[333]. Ele o encontra várias vezes para escutar suas histórias, iniciar-se nos ritos e nos costumes orientais e, paralelamente, começa a ler a *História do judaísmo* de Graetz. Ele se interessa pelos autores judeus que ignora e faz o que pode para ajudá-los. “Kafka tinha por eles, que estavam sempre na penúria [declara Max Brod], uma condescendência inesgotável. Foi por isso que ele esboçou [...] uma circular policopiada destinada a todas as brigadas sionistas da Boêmia, para organizar uma turnê”[334]. Kafka consegue convencer Brod a publicar um artigo no *Prager Tagblatt* de 27 de outubro.

> Ele ali se revela um pouco reservado, contentando-se em elogiar um teatro exótico com “um pendor natural para a música e um prazer elementar de grande efeito”, que seria, na sua opinião, apenas um divertimento “saboroso àquele que não conhece o gosto exótico, para nós, deste jargão” [o iídiche][335].

Por seu lado, Kafka conta em detalhes a partida da sra. Klug, uma das atrizes da trupe, partida que lhe permite resumir, ao longo de seu relato, tudo o que aconteceu entre eles, isto é, tudo o que não aconteceu, pois ele fora secretamente apaixonado por ela.

Löwy nascera em Varsóvia, em 1887, numa família hassidim muito ortodoxa. Aos dezessete anos, fugiu desse mundo sufocante e foi sozinho para Paris tentar a sorte. Lá, conseguiu trabalhar como operário. À noite, ele freqüentava o pequeno meio do teatro iídiche amador e conseguiu representar em vários espetáculos. Em 1907, ele entra numa verdadeira trupe e ali se impõe. Parte com ela em uma grande turnê pela Europa, que o leva a Praga em 1911. Kafka fica impressionado com esse homem apaixonado e impetuoso, que vai até o fim de seus sonhos sem se preocupar com convenções e dinheiro. Löwy é tudo o que ele mesmo gostaria de ter sido e sabe que jamais poderá ser: a encarnação de uma judeidade reivindicada em alto e bom som. Seu imenso talento de narrador o impressiona tanto quanto o universo que desvela, e que ele cobiça gulosamente. Seus cadernos se enchem de propósitos mantidos por Löwy, que conta infindáveis fábulas retiradas do Talmude ou anedotas de sua vida passada na Polônia. Kafka o ouve com admiração e toma nota do que ele tem a gentileza de contar sobre esse universo tão longínquo, que lhe é tão estranho. Ele o leva ao teatro ou caminha com ele até a fortaleza de Seon ou a ilha de Hetz. Kafka o considera um mestre que ensina uma disciplina que ele desconhecera até o momento:

> O que aprendi com Löwy sobre a literatura judaica atual em Varsóvia e o que me dizem algumas observações em parte pessoais sobre a literatura tcheca atual me levam a crer que vários atrativos do trabalho literário [...] já são produzidos por uma literatura que talvez ainda não atingiu uma amplitude excepcional de desenvolvimento, mas que tem essa aparência por causa da falta de talentos superiores[336].

Definitivamente, tudo o que vem de Löwy o cativa, o comove e o faz rejubilar-se interiormente. Em 21 de novembro, ele fala várias vezes, em meio a diversas considerações, sobre a civilização judaica, muitas vezes citando o ator em seus cadernos: “De uma carta de Löwy a seu pai: se eu for a Varsóvia, passearei entre vocês com minhas roupas européias como uma aranha sob seus

olhos, como um homem de luto no meio dos noivos”[337]. E quando não fala dele, é seu teatro que o orienta. Em 12 de dezembro, Kafka assiste à representação de *Der Schneider als Gemeinderat* e ao *David Geige* de Lateiner no dia 18, confiando suas impressões a seu diário e anotando o enredo:

> O irmão reprovado, um violinista de talento que ficou rico, volta para casa como nos sonhos de meus primeiros anos de liceu. [...] Sra. Tschissik atuou novamente. Ontem, seu corpo estava mais belo que seu rosto. [...] Ontem, seu grande corpo graciosamente arredondado, sem gordura demais, não combinava com seu rosto; ela me lembrava vagamente certas criaturas híbridas, ondinas, sereias ou centauros[338].

O apogeu dessa relação privilegiada e desse entusiasmo sem precedentes em sua vida acontece durante o inverno de 1912. Kafka, com efeito, está decidido a fazer uma conferência com o objetivo de convencer seus correligionários da importância desse tipo de teatro vindo do Leste e do valor da cultura iídiche. Ele a escreve com o maior cuidado: “Comecei a escrever a conferência que deverá acompanhar os textos recitados por Löwy [...]. Não terei muito tempo para me preparar e entôo aqui um recitativo, como na ópera”. Sua emoção é grande, e esse confronto com o público inspira-lhe tons líricos e de incontestável graça: “[...] sonho com vôos e quedas melódicas”[339]. Ele chama até mesmo Goethe a seu socorro.

Pôr de pé uma *soirée* desse tipo é uma coisa nova para ele, e não é pouca coisa. Ele recapitula as principais etapas com um tom cômico, como se tivesse redigido as minutas desta louca organização:

> Estabelecimentos onde fui e pessoas com quem falei. Disposições gerais: Max Schmerler, que veio à minha casa, Baum, que primeiramente tinha se encarregado da conferência, depois recusou fazê-la, depois se deixou convencer por mim, durante uma noite organizada especialmente para esse feito, depois cancelou novamente no dia seguinte, por correio expresso, o dr. Hugo Hermann e Leo Hermann no café Arco, diversas vezes Robert Weltsch em seu apartamento, o dr. Blei sobre a venda dos cartões (em vão), o dr. H., o dr. Fl., visita à srta. T., conferência no *Afike Jehuda*[340] (rabino Ehrentreu sobre Jeremias e seu tempo, durante a reunião amigável que seguiu, pequeno discurso falhado sobre Löwy), na casa do professor W. (depois juntos ao café; depois passeamos, ele ficou em minha casa como um animal, e não me deixou entrar). Na casa do dr. Karl B. sobre o salão, duas vezes na casa de Otto Pick, no banco, na conferência do salão Toynbee sobre a chave do piano, com M.R. e o professor St., depois na casa desse último para buscar a chave e devolvê-la, o porteiro e o oficial da câmara municipal sobre o pagamento (duas vezes), sra. Fr. Na exposição “A mesa posta”, sobre a venda dos cartões. Escrevi à srta. T., a um certo Otto Kl. (em vão), escrevi para o *Tagblatt* (em vão), a Löwy (“não poderei fazer a conferência, venha em meu socorro!”)[341].

Essa atividade excessiva, que ele reconstitui *a posteriori* com um humor devastador, mergulha Kafka em uma ansiedade inominável, que lhe provoca

graves insônias. Seja como for, em 27 de fevereiro ele lê sua conferência com clareza na sala de conferências da prefeitura judaica, famosa por seu relógio, cujos ponteiros andam ao contrário e que tanto estupeficaram Guillaume Apollinaire, que o evoca em *Zone*. Kafka inicia sua conferência com um dos paradoxos de que possui o segredo: “Antes que vocês escutem os primeiros versos dos poetas judeus da Europa oriental, gostaria de dizer-lhes, senhoras e senhores, que vocês entendem bem mais iídiche do que pensam”[342]. Ele demonstra ter assimilado bem a essência dessa língua estranha aos ouvidos dos judeus tão civilizados de Praga e fica indignado que a tenham por tanto tempo desprezado. Ele a propõe como língua universal, já que é composta de muitos vocábulos de origem diversa. “Migrações de povos perpassam o iídiche de ponta a ponta”[343], exclama ele. E conclui sua peroração aludindo, de forma surpreendente, à questão proposta no início, a da compreensão dos poemas que serão declamados – que não é evidente, mesmo para uma audiência germanófila –, atenuando *de facto* o paradoxo inicial, certo de que o iídiche só é acessível àquele que o pratica. Já que o alemão é a componente básica do iídiche, Kafka declara com certa desfaçatez:

> Não esperem nenhum socorro da explicação dos textos poéticos. Se vocês não estão em condições de entender o iídiche, nenhuma explicação imediata poderá ajudá-los. Vocês podem, na melhor das hipóteses, compreender a explicação e ficar à espera de ouvir alguma coisa difícil[344].

No programa, há escritos de Rosenberg, de Frug e de Frischmann.

É durante esse inverno de 1912 que a companhia de Löwy faz as malas para ir a Berlim. Kafka continua correspondendo-se com Löwy. Ele chega a tentar convencer sua noiva, Felice Bauer, a assistir a um de seus espetáculos. Alguns meses mais tarde, ele recebe uma carta de Viena em que Löwy lhe diz que está em maus lençóis e desesperado. Ele o revê rapidamente em Budapeste. Ali, tenta persuadi-lo a redigir suas memórias. Como Löwy não se mostra disposto a fazê-lo, ele propõe tomar nota de suas palavras e depois prepará-las para uma eventual publicação. No fim das contas, ele não faz a biografia de Löwy, mas um estudo resumido sobre o teatro iídiche, não maior que um artigo de revista. É uma reflexão sobre a familiaridade com o iídiche e a relação íntima que ele pôde ter com o teatro ligado a esse idioma.

Kafka ali conta uma anedota em que seu pai aparece, irritado com tudo isso e comunicando à sua mulher: “É preciso que saibas, ele está cada vez pior, ontem foi visto no teatro judaico”, e, virando-se para o filho, diz-lhe com desgosto e

incompreensão: “Meu filho, pensa bem, isso te levará longe, muito longe...”[345]. E coube a Kafka concluir, com duplo sentido: “[...] e ele teve razão”[346]. No quê, podemos saber? É certo que essa descoberta do teatro dos judeus da Europa oriental teve uma incidência fundamental sobre sua maneira de escrever, pois lhe permitiu desenvolver o que já estava presente em seus textos – uma maneira de sintetizar uma personalidade em alguns traços e um gestual exagerado. Essa relação tão forte com as peças desse repertório sugere-lhe, aliás, uma meditação sobre a especificidade de sua marcha:

> Meu gosto pela imitação não tem nada do que faz o comediante, falta-lhe antes de tudo a continuidade, sou incapaz de imitar em toda a amplitude as coisas grosseiras características à primeira vista, as tentativas que fiz nesse sentido sempre falharam, são opostas à minha natureza. Em contrapartida, tenho um gosto pronunciado pela imitação dos detalhes, o grosseiro [...][347]

Ele prolonga essa comparação falando do problema dos atores que imitam e que imitam demais. O teatro iídiche, por seu caráter exagerado, trouxe-lhe, por um lado, a revelação de uma identidade, que o leva, a partir de então, a aproximar-se dela (mas sem realmente consegui-lo, ou só atingindo-a sem querer, de maneira demorada, por intermédio das mulheres que tiveram lugar determinante em sua vida), e, por outro, a plena consciência do que ele pode – e do que não pode – realizar em literatura.

---

[309]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 155-156.
[310]. Hugo Bergmann, “À l’école et à l’université”, em *J’ai connu Kafka*, p. 27.
[311]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 130.
[312]. *Diários*, 19 de janeiro de 1911, O.C. III, p. 21.
[313]. *Diários*, 4 de setembro de 1911, O.C. III, p. 50.
[314]. *Ibid.*, p. 51.
[315]. *Ibid.*, p. 58.
[316]. *Ibid.*
[317]. *Hic et nunc*, em latim no original: aqui e agora. (N.T.)
[318]. *Diários*, 1º de outubro de 1911, O.C. III, p. 87.
[319]. *Diários*, 23 de outubro de 1911, O.C. III, p. 122-123.
[320]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 127.
[321]. *Ibid.*
[322]. *Diários*, 19 de outubro de 1911, O.C. III, p. 116-117.
[323]. *Ibid.*

[324]. *Diários*, 15 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 185.
[325]. *Diários*, 4 de fevereiro de 1912, O.C. III, p. 227.
[326]. *Diários*, domingo, 19 de outubro de 1911, O.C. III, p. 161.
[327]. *Diários*, 5 de outubro de 1911, O.C. III, p. 93.
[328]. *Ibid.*, p. 94.
[329]. *Ibid.*, p. 95.
[330]. *Ibid.*, p. 100.
[331]. *Ibid.*
[332]. *Diários*, quinta-feira, 26 de outubro de 1911, O.C. III, p. 124.
[333]. *Ibid.*, p. 126.
[334]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 130.
[335]. Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 258.
[336]. *Diários*, 23 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 194-195.
[337]. *Diários*, 20 de novembro de 1911, O.C. III, p. 167.
[338]. *Diários*, 19 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 186-187.
[339]. *Diários*, 13 de fevereiro de 1912, O.C. III, p. 231-232.
[340]. Sociedade fundada em 1859 para o desenvolvimento do judaísmo, que organiza reuniões, dentre as quais conferências.
[341]. *Diários*, 21 de fevereiro de 1912, O.C. III, p. 232-233.
[342]. *Diários*, p. 1141. “Discurso sobre a língua iídiche”, O.C. IV.
[343]. *Ibid.*, p. 1.142.
[344]. *Ibid.*, p. 1.143.
[345]. “Sobre o teatro iídiche”, 1917, O.C. IV, p. 1149.
[346]. *Ibid.*
[347]. *Diários*, 30 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 205.

Sobre a vida laboriosa e sobre a vida amorosa

A literatura não poderia, infelizmente, ser absolutamente tudo para Franz Kafka. E ainda menos o teatro, que tanto o animou, maravilhou e abriu-lhe horizontes inesperados. Ele precisa assumir com abnegação suas responsabilidades no seio de uma companhia que o mantém solidamente ancorado à rude realidade das coisas, obrigando-o a fazer viagens freqüentes e tediosas pela Boêmia industrializada. Kafka aceita sua condição, por mais exigente que ela seja, dedicando-se às suas tarefas ingratas com bastante diligência. Ele redige relatórios muito apreciados por seus superiores. Lembremos que, em 1908, ele já escrevera um longo relato sobre a extensão da obrigação do seguro nas profissões de construção e profissões anexas. Três anos mais tarde, ele volta com “O seguro contra os acidentes de trabalho e os empreendedores”. Estimado por seus superiores por seu zelo discreto e pelo excelente resultado de suas missões aos quatro cantos do reino, ele também é estimado por seus colegas. Aloïs Gütling, que entrara na companhia em 1910, na qualidade de estagiário, ocupa-se dos mesmos assuntos que ele no gabinete vizinho. Ele afirma que, na liquidação dos recursos contra o sistema de arquivamento em vigor, “Kafka se revelava o mais brilhante”, garantindo que, do ponto de vista jurídico, suas liquidações eram verdadeiros modelos do gênero[348].

Por mais difícil que pudessem ser, as coisas poderiam ter permanecido assim, e Kafka poderia ter preenchido suas obrigações para com essa máquina burocrática sem muitos dramas, mesmo elas constituindo um peso difícil de carregar. Mas Hermann Kafka continua alimentando grandes ambições para o filho. E a ocasião se apresenta ao casar sua filha mais velha, Gabriele, com um jovem comerciante, Karl Hermann. Um dote considerável de três mil florins é previsto para as bodas. Desde antes do casamento, Hermann sabe exatamente no que pretende empregar essa grande quantia de dinheiro: criar uma usina de amianto, a Prager Asbestwerke Hermann & Co., que lhe permitiria lançar as bases de um negócio familiar que o fará deixar o mundo desprezado dos comerciantes para entrar no clube muito fechado dos fabricantes. Com o casamento consumado, a usina é instalada no bairro de Žižkov e inaugurada em novembro de 1911. Ela conta com 25 operários, essencialmente mulheres. Um motor a gasolina de 35 cavalos aciona catorze máquinas. O cunhado de Franz se

encarrega da venda do produto; seguidamente está viajando. Franz precisa então assumir a direção da usina, o que faz com incomensurável reticência, tanto que imediatamente entra em atrito com seu pai, conforme escreve com raiva em seus cadernos:

> Meu pai me fez críticas ao meio-dia porque não me preocupo com a usina. Expliquei-lhe que entrei na sociedade porque achei que teria benefícios, mas que não posso colaborar tanto porque tenho meu emprego de escritório. Meu pai continuou discutindo comigo, eu fiquei de pé perto da janela e me calei[349].

Será que ele verdadeiramente teve esperança de escapar da triste rotina de seu trabalho jurídico e enfim obter sua independência? É possível, pois tem tendência a cortejar ilusões. Mas rapidamente ele se desencantará. Com o passar dos dias, as relações com seu pai assumem um tom amargo, as disputas se sucedem, e uma forte animosidade se instala entre eles. Franz não agüenta mais e o confessa: “O tormento que a usina me causa é insuportável. Por que me deixei levar quando me impuseram a obrigação de ali trabalhar todas as tardes?”[350]. Ele se sente aprisionado pelo dever que o liga aos membros de sua família. Ele não possui nem a força moral nem a coragem de fazer frente a esse aumento de responsabilidades. E não se considera à altura do que se espera dele, sabendo que esse mergulho no universo industrial levaria “necessariamente à total destruição de [sua] existência”[351].

A batalha doméstica perdura por semanas. Em março de 1912, ele aborda novamente a mesma questão, que continuava no mesmo ponto: “Anteontem, suportei críticas a propósito da usina. Depois disso, fiquei uma hora no sofá pensando no salto pela janela”[352]. Essa vontade de suicídio talvez não deva ser tomada como certa, mas revela o seu estado de espírito então. Ao participar a Max Brod sua angústia profunda, ele diz: “Simplesmente me dei conta de que me restavam duas possibilidades: ou me atirar pela janela quando todos estivessem dormindo, ou ir todos os dias à usina e ao gabinete de meu cunhado nos próximos quinze dias”[353]. Incapaz de se matar, Kafka conclui com um gracejo: “Parece-me também que permanecer vivo interromperia menos o meu trabalho que a morte”[354]. Max Brod, perturbado e inquieto, envia uma carta à mãe de seu amigo, para adverti-la de seu nefasto projeto, e acaba bolando com ela um plano: fazer Hermann Kafka acreditar que seu filho vai todos os dias à fábrica. Julie Kafka escreve a Brod pouco depois, para tranqüilizá-lo: “Falarei hoje mesmo com Franz, sem mencionar sua carta, e lhe direi que a partir de

agora ele não precisa mais ir à fábrica. Espero que ele aceite minha sugestão e se acalme”[355]. O parêntese do suicídio é fechado, mas por quanto tempo?

Nem sempre Kafka recusa esse extenuante confronto com o real, como se poderia crer. É antes o dilaceramento entre a realidade opressiva e aquilo a que ele aspira que lhe é difícil suportar. De repente, no meio da disputa familiar nascida da infeliz questão da usina, ele trata de um assunto, ainda no fim de 1911, que até então calara com cuidado – o casamento: “Hoje, no café-da-manhã, falei com minha mãe sobre filhos e casamento [...]”[356]. Ele se crispa imediatamente, pois sua mãe o considera alguém bem-apessoado, mas “que sofre um pouco das idéias e está doente”[357]; ela está convencida de que o casamento acabará com sua idéia fixa. Ele diz para si mesmo que um dia poderia se apaixonar por uma jovem moça e não mais conseguir ficar sem ela. No entanto, quando esse pensamento aflora, ele evoca seu oposto: “Mas se eu ficar celibatário, como o tio de Madri, também não será uma catástrofe, porque com minha inteligência saberei governar minha vida”[358]. Na *Carta ao pai*, que em 1919 faz um balanço de sua vida ao fim do longo e doloroso calvário de seu noivado, ele versa sobre a questão delicada do casamento:

> Casar, fundar uma família, aceitar todas as crianças que vierem, mantê-las neste mundo incerto e inclusive conduzi-las um pouco é, segundo minha convicção, o máximo entre todas as coisas que um homem pode alcançar. [...] na verdade, não é aquele máximo, mas é algo muito franco e muito honroso. [...] E, enfim, também não se trata de modo algum desse máximo, e sim de alguma aproximação remota, porém decente [...][359].

Ele vê nesse debate insolúvel, em que pesa sem cessar os prós e os contras, a possibilidade de uma liberação, de uma independência, de uma ruptura aberta com tudo o que o liga a seu pai. Mas ele também sabe que essa decisão primordial o ligará ainda mais estreitamente a Hermann, mesmo com a ilusão de encontrar-se perante ele em pé de igualdade. Sua conclusão? O casamento é impossível para ele, e essa impossibilidade é responsável por todos os seus dissabores, por todos os seus maus passos, por todos os seus fracassos: “Assim como somos, porém, o casamento está vedado para mim, pelo fato de que ele é precisamente o teu domínio mais próprio”[360].

Em seu diário, Kafka evoca o encontro com uma jovem na casa dos pais de Max Brod, pouco depois de seu retorno da Alemanha, enquanto tenta colocar em ordem as anotações que fez em Weimar. Ele conta suas primeiras impressões de maneira desconcertante:

> A srta. F.B. Quando cheguei na casa de Brod, em 13 de agosto [1912], ela estava sentada à mesa e por isso achei que fosse uma criada. Eu, aliás, não estava nem um pouco curioso para saber quem ela era, imediatamente aceitei-a. Rosto ossudo e insignificante, que suportava francamente sua insignificância. Pescoço descoberto. Blusa jogada sobre os ombros. Ela parecia vestida exatamente como uma empregada, apesar de não ser nada do que pude constatar mais tarde[361].

O retrato que ele registra nessas páginas e que, não podemos esquecer, é dirigido somente a ele mesmo é dos mais desanimadores. E quando, com mínima transição, ele resume o que aconteceu durante essa noite, retoma seu retrato pouco lisonjeiro, acentuando os defeitos de seu modelo: “Nariz quase quebrado. Cabelos loiros um pouco escorridos e sem charme, queixo forte. Ao sentar-me, olhei-a atentamente pela primeira vez; uma vez sentado, já tinha sobre ela uma opinião inabalável, como essa [...]”[362]. Ele pousa a pena, não termina a frase e se cala. Nada acontece. Nada passa de seus sentimentos, se é que os tem. Max Brod não faz parte do segredo, pois ele menciona apenas um rascunho de carta datado do início do mês de novembro, que não se sabe se foi enviado. Por seu lado, Kafka decide admitir: “Pensei muito – que dificuldade tenho em escrever nomes –, pensei muito em F.B.”[363]. Em 20 de setembro, ele se dedica à sua correspondência: “Carta a Löwy e a srta. Taussig, ontem a srta. B.”[364].

Essa carta, no entanto, ele simplesmente enviou-a para Praga, onde a srta. B. reside temporariamente. Ele a lembra de uma vaga promessa de viagem para a Palestina, prevista para o ano seguinte. Essa proposta feita com tanta gravidade pode parecer um pouco audaciosa. E é. Mas Kafka anexa algumas restrições, explicando não ser um correspondente pontual. Infelizmente, seu diário se interrompe repentinamente no fim de setembro e só é retomado em fevereiro de 1913. Ele escreve novamente à jovem em 28 de setembro, e dessa vez é uma longa carta, na qual lhe expõe sua dificuldade em escrever e na qual às vezes se desnorteia:

> Minha memória é sem dúvida muito ruim; mesmo se fosse a melhor de todas, ela não me ajudaria a transcrever com exatidão nem que fosse um pequeno parágrafo que eu tivesse imaginado e escrito anteriormente, pois no interior de cada frase existem transições que, antes de serem postas por escrito, devem ficar em suspenso. Quando em seguida me sento para escrever a frase notada, só vejo fragmentos diante dos olhos, não distingo nada entre elas, e, se isso concordasse com minha indiferença, eu só precisaria largar a pena. No entanto, pesei esta carta, pois não estava absolutamente decidido a escrevê-la, e esse tipo de reflexão é também a melhor maneira de me impedir de escrever[365].

A jovem leva quinze dias para responder-lhe. Enquanto isso, Kafka se

impacienta. Ele lhe fala de uma carta anterior, à qual ela não teria respondido; disserta sobre os contratempos do correio e calcula o tempo que teria levado a dita carta para chegar à sua casa. Na carta seguinte, ele confessa que aquela não era a carta que desejara escrever!

Essa correspondência, iniciada sob o signo de uma notável confusão e, é preciso admitir, de certa comicidade, assume na verdade outra dimensão quando, depois de falar sobre o teatro, ele anuncia: "Um 'almanaque de poesia' editado por Max será publicado, no mais tardar na primavera, pela editora Rowohlt em Leipzig. Haverá uma pequena história minha: *O veredicto*, que terá como dedicatória '*Para a srta. Felice B.*'"[366]. De forma que subitamente, sem nenhum aviso, ele liga o destino de Felice Bauer ao seu, sem mesmo a ter visto novamente, dando repentinamente uma nova configuração ao relacionamento deles. O nome da jovem aparecerá ao lado do de Kafka quando da publicação da revista *Arkadia*.

Em 27 de outubro, Kafka insiste em um reencontro, como se quisesse gravar no mármore o menor acontecimento acontecido naquela noite, somente para ela. No dia seguinte, ele escreve novamente para pedir que ela lhe escreva, nem que sejam cinco linhas. Quatro dias mais tarde, ele reitera esse pedido precisamente quando acaba de receber duas cartas ao mesmo tempo. Em 1º de novembro, ele confessa: "Minha vida no fundo consiste, e consistiu desde sempre, em tentativas de escrever, e na maioria das vezes em tentativas fracassadas"[367]. E ele martela sobre isso, revelando: "Minha maneira de viver está organizada unicamente em função da literatura [...]"[368]. Prova de que sua verdadeira amante é a escrita!

Os dias passam, será que ele não foi longe demais na confidência? Nas cartas seguintes, ele a interroga sobre seu trabalho, elogia o teatro iídiche, incita-a a ir vê-lo em Berlim; lamenta nada ter recebido dela há alguns dias e acaba se dando conta de que a faz sofrer inutilmente: "[...] é porque eu existo que faço você sofrer. No fundo estou inalterado, continuo girando em círculos, simplesmente um novo desejo insaciado veio se somar aos meus outros desejos insaciados [...]"[369]. Em 8 de novembro, ele parece desconcertado com uma carta em que ela diz achá-lo "valente", mas, depois de participar-lhe de sua "sensibilidade", ele conta que sonhou com ela. Na mesma noite, ele muda de opinião, não consegue nem aceitar nem entender a censura que ela lhe fez, e finaliza sua carta noturna com uma frase lapidar: "Adeus! Preciso de mais gentileza do que mereço!"[370].

Max Brod guardou o rascunho de uma carta de 9 de novembro em que Kafka diz a Felice B.: “Minha cara, não deves me escrever, eu também não escreverei mais. Eu a faria infeliz se escrevesse, e, quanto a mim, nenhuma ajuda pode me ser dada”[371]. Max Brod é testemunha das hesitações e dos movimentos desordenados de sua mente: “Ela quer pôr fim a tudo. Então ele redobra seus esforços. Quando não recebe notícias, fica aflito; quando recebe, é atormentado por dúvidas”[372]. Depois desse súbito recuo, em 11 de novembro Kafka exulta e exclama: “Sua bondade é infinita”[373]. Ele retoma sua pena para exprimir sua alegria e seu alívio: “Então não a perdi”[374]; depois, subitamente muda de tom mais uma vez:

> Vou fazer-lhe um pedido que parecerá verdadeiramente louco, e eu não julgaria de outra maneira se fosse eu que recebesse esta carta. Mas é também a prova mais dura que se pode impingir ao melhor dos seres. Ei-lo então: Não me escreva mais do que uma vez por, semana e de maneira que eu receba sua carta no domingo[375].

Finalmente, dois dias mais tarde, envia-lhe rosas, para desculpar-se de suas “palavras criminosas”, e a chama de “querida”. Violência, ternura, antecipações e vontade de romper o laço puramente epistolar que o prende a ela. Emerge desse diálogo de surdos uma espécie de terrível crueldade: “Querida, chega de tortura! Chega de tortura!”[376].

Mas voltemos a Felice Bauer. Quem é ela? De onde vem? Quando Kafka a conhece, ela tem 25 anos. É de uma família austríaca que deixara a Alta Silésia no fim do século anterior para instalar-se em Berlim. Seu pai, Carl, é representante comercial. Sua família não é nem um pouco rica, tanto que Felice precisa trabalhar. Ela começa como estenodatilógrafa em uma casa de discos, depois, em 1909, entra na Carl Lindstroem AG, uma companhia que produzia ditafones, onde consegue ser representante legal. É uma mulher reservada, ponderada, sensata, que tem os pés no chão e que está inscrita na pequena-burguesia respeitosa da religião sensível às idéias sionistas. Por que Felice freqüenta os Brod? Simplesmente porque seu primo casara com a irmã de Max. Kafka, imediatamente, se convence de que a ama, de que ela é a “noiva distante” dos poetas de outrora. A relação que estabelece com ela é de natureza dominadora, com um leve toque de sadismo, acompanhado por um real masoquismo. Esse “amor”, que progride no tempo e contra todas as expectativas se fortalece, resulta do fato de Kafka depender inteiramente de Felice. Rapidamente, ele a faz sua confidente exclusiva, a detentora de seus segredos:

ele só pode existir por meio dela, e por procuração. Felice não é capaz de assumir esse diálogo tão desejado, ainda mais porque Kafka ousa falar-lhe de literatura e dos tormentos da criação. Uma noite, ele se levanta e pega a pena: “Minha querida, é uma e meia da manhã, a história prometida está longe de ficar pronta, hoje não escrevi uma única linha do romance [...]”[377].

Em 21 de novembro de 1912, a mãe de Kafka descobre por acaso essa correspondência. Ela escreve imediatamente a Felice Bauer. Assim que fica sabendo disso, Kafka pede desculpas a essa última. Estranhamente, ele inclui nessa carta patética uma fotografia sua à idade de cinco anos e pede-lhe que faça o mesmo. Nos dias seguintes, ele fica com a consciência cheia de uma culpa sem recursos. A palavra “pecado” vem-lhe facilmente aos lábios. E é nesse estado de espírito que ele declara sua paixão.

Recém passada a crise, ele volta a falar imediatamente sobre literatura, evocando em uma nova carta seu último texto, *A metamorfose*, que ele acaba de passar a limpo: “A noite está muito avançada, pus de lado minha pequena história [...] que vagarosamente começa a tomar as medidas de um relato bastante longo. Como poderei entregá-la para leres, mesmo se estivesse pronta? Ela está muito mal escrita. [...] O que quero é lê-la para ti em voz alta”[378]. Segue-se uma série de cartas que nunca deixam de contar em detalhes os obstáculos encontrados durante essa gestação. A ponto de fazer Felice Bauer penetrar no âmago da ficção e viver à distância as horas mais decisivas:

> Chora, querida, chora, é chegado o momento de chorar! O herói de minha pequena história morreu há pouco. Se isso te consolar, saiba que ele morreu bastante tranqüilamente e reconciliado com todos. A história em si não está pronta, não tenho realmente coragem de continuá-la e deixo o fim para amanhã[379].

Passam-se alguns dias, e Kafka se acha no dever de dizer-lhe que não avançou um milímetro: “Pense bem, hoje ainda não escrevi, pois não pude me deitar nem um momento depois do almoço [...]. Sábado, domingo nada escrevi, segunda-feira pouca coisa e mediocremente, terça-feira nada, um belo final de semana! Um belo início de semana!”[380]. E de novo, durante a noite: “Querida, são três e meia da manhã, demorei-me muito ou muito pouco no meu romance, e agora [...] as mãos sujas por ter escrito uma cena repugnante, que saiu de mim com uma naturalidade singular [...]”[381]. E esse romance do romance não termina jamais, como se Felice precisasse sempre estar junto, a seu lado, enquanto ele trava uma luta com as palavras, explicando-lhe então que se

encontra em um impasse e que começou a trabalhar em outro texto: “Meu romance avançou um pouco; como meu relato me rejeitou, eu me aterei ao romance”[382], conta ele no dia seguinte ao Natal, não hesitando um segundo em confundir a ficção epistolar com a gênese de suas obras de ficção, como se uma exercesse atração irresistível sobre as outras, dando-se conta, de repente, de que sua literatura tornara-se invasora demais: “Em todo caso, querida, eu te suplico, com as mãos ao alto, que não tenhas ciúme de meu romance. Se as pessoas de meu romance provocam teu ciúme, elas me abandonarão; de qualquer forma, não as seguro pela manga da camisa”[383]. As semanas passam, e a crônica se enriquece. No fim de janeiro de 1913 ele se sente abatido: “Meu romance! Anteontem, à noite, declarei-me totalmente vencido por ele. Ele se desloca em minhas mãos, não posso mais contê-lo [...]”[384].

Duas vezes por dia, esse remoer perpétuo e obsessivo é consignado escrupulosamente em uma folha de papel, depois em outra e mais outra. Kafka se esforça para diminuir o abismo que se abre entre eles, não podendo anulá-lo definitivamente, mas dando a impressão de aproximar-se dela com gentilezas e com sentimento. De “querida” ele passa para “a mais cara jovem” e “minha menina” e para “mocinha” e “minha muito querida menina”. Desde que trocaram fotografias da infância, essa regressão na linguagem amorosa só se acentua, não sem inúmeras hesitações – cóleras bruscas seguidas de comedimentos e novas cóleras. Sem muito sair de seu quarto, Kafka vive na ilusão da experiência amorosa. Por outro lado, essa correspondência ininterrupta é uma droga poderosa: quando não há uma mensagem em sua caixa de correio ou sobre sua escrivaninha na companhia, ele imediatamente adentra uma zona de grandes turbulências mentais.

Preso a esse jogo equivocado, Kafka acaba falando a Felice Bauer sobre seu desejo de encontrá-la frente a frente. “Às vezes, o desejo de te ver me agarra pelo pescoço”, ele escreve no fim do ano de 1912[385]. Alguns meses mais tarde, em fevereiro de 1913, ele arquiteta o plano de um reencontro em um futuro próximo. Ele ganha coragem, chega a se mostrar bastante insistente: “Boa noite, minha querida. Tenho permissão para abraçar-te, tenho permissão para acalmar teu corpo real?[386]”. No entanto, ao mesmo tempo ele se esquiva: “Cartas como a de hoje [...] só são propícias para me fazer negligente em meus esforços para explicar-me e convencer-te da impossibilidade de um comércio humano comigo”[387]. Passados alguns dias, ele lamenta não poder ir a Berlim a

seu encontro. Isso não quer dizer que não se impaciente. Muito pelo contrário. Ele propõe-lhe vir a Praga para as festas de Páscoa. Como ela se faz de rogada, ele decide por impulso ir a Berlim, mas não a encontra na estação. No dia seguinte à sua chegada, os dois "apaixonados" podem enfim passear no Tiergarten de mãos dadas. Não é uma paixão desenfreada, mas pelo menos o laço não se rompera. Kafka, no entanto, está convencido de que o caso deles não tem solução. Quando regressa, envia-lhe sua "confissão": "[...] na melhor das hipóteses, eu deveria me contentar, como um cão perdidamente fiel, em beijar a mão que me entregarás distraidamente, o que não seria de minha parte um sinal de amor, mas o sinal do desespero do animal condenado ao mutismo e a uma distância eterna"[388].

Algumas semanas mais tarde, por ocasião do noivado do irmão de Felice, Kafka conhece em Berlim os pais dela. Ele volta realizado, imediatamente comunica-lhe sua alegria, mas rapidamente o balé infernal das cartas em que se alternam o quente e o frio recomeça. "Querida, escuta-me! Não te afasta do caminho pelo qual te ligas a mim! Mas, se for necessário, faz meia-volta!"[389]. Menos de uma semana mais tarde, ele anuncia que tomou a decisão de escrever a seu pai. A valsa das cartas sem resposta, remorsos, contradições, vaivéns, reinicia. Ele pergunta o que ela acha de seu *O veredicto*, envia-lhe um exemplar de *O foguista*, evoca uma viagem a Praga, outra a Berlim, declara que quer se casar, e imediatamente acrescenta: "Felice querida, o que dizes de uma vida conjugal na qual o marido, pelo menos alguns meses por ano, sai do escritório às duas e meia ou às três horas, almoça, deita, dorme até às seis ou sete horas, engole rapidamente alguma coisa, vai caminhar por uma hora, depois começa a escrever e continua até uma ou duas da manhã?"[390]. No fundo, Kafka gostaria que ela reconhecesse nele um escritor, mas não consegue. Então as queixas, as súplicas, as recriminações, a descrição de inúmeros pesares se sucedem de maneira obsessiva. Em seu aniversário, Kafka diz à sua mãe que está noivo. Essa declaração só aumenta suas dúvidas, suas agonias, seus sofrimentos, suas acusações contra si mesmo, seus vaivéns e sua culpa. Um ano passara desde seu primeiro encontro com Felice em Berlim. Eles só se viram novamente duas vezes, e, apesar de terem gravado seus nomes na árvore de um parque, o amor deles repousa em base frágil.

Quando o verão chega, Felice sai de férias para a ilha de Sylt, sem demonstrar a mínima intenção de ir a Praga, como Kafka lhe pedira. Em suas cartas, este continua a expor-lhe suas angústias, suas incapacidades, suas

fraquezas e chega mesmo a aludir a um vago desejo suicida. Em 6 de setembro, ele acompanha seu superior, Robert Marschner, ao Congresso Internacional da Prevenção de Acidentes, que acontece em Viena; também assiste a algumas sessões do XI Congresso Sionista Internacional. O pouco que registra em seu diário passa uma visão teatral cômica e ácida: “[...] eternas gritarias [...]. Discursos alemães sem efeito algum, muito hebraico, o trabalho principal ocorre em sessões restritas”[391].

No outono, ele vai para a Itália: Trieste, Veneza, Verona, Desenzano, Lago di Garda, périplo que o conduz ao sanatório de Riva. Lá, ele conhece uma russa ousada que lhe tira as cartas; depois, uma jovem suíça que mora perto de Gênova e que lhe agrada imediatamente. Ele quer seduzi-la. Isso toma ares de uma brincadeira de colegiais: à noite, como seus quartos são um acima do outro, ele comunica-se com ela batendo no teto; de dia, eles passeiam de barco no lago, conversando despreocupadamente. Esse encontro lhe proporciona uma revelação inesperada: “Minha estada em Riva foi de grande importância a meus olhos. Pela primeira vez, entendi uma jovem cristã e vivi quase que inteiramente em sua esfera de atividade”[392].

No final de setembro, depois de uma carta desiludida enviada de Veneza, na qual escreve “Precisamos despedir-nos um do outro”[393], Kafka decide encerrar a correspondência com Felice Bauer. O que não o impede de retomar a pena em 29 de outubro, para reafirmar de maneira desconcertante seu amor por ela: “Meu desejo por ti é tão forte que me pesa no peito como as lágrimas que não conseguimos chorar [...]”[394]. Ele reclama o quanto sofreu e como teve esperança; ele se declara responsável pela infelicidade em que estão imersos, cada um por seu lado. A ruptura não fora realmente consumada. Contra todas as evidências, ele persevera, bem quando a situação é radicalmente interrompida. Claudio Magris enfatizou, com razão, que essa correspondência representa um autêntico “protocolo, maníaco e penoso, com hesitações”[395]. Ele vê a única justificativa para isso na necessidade de Kafka de ter uma “presença amiga que o acompanhe de longe e o distraia de sua paixão exclusiva, a escrita”[396]. Convém acrescentar que essa presença amiga também precisa ter ouvidos atentos e bondosos com o homem, mas mais ainda com o escritor, que, escondido, e freqüentemente à noite, vive sua “verdadeira” vida. Felice Bauer só existe por causa da vontade obstinada de Kafka. Mas, quando surge a questão do casamento, a jovem se revela incapaz de compartilhar a vida com um homem

que oscila sem parar entre o real e o imaginário, sendo que Kafka exigia que ela, em suma, aceitasse viver com dois homens em perpétuo conflito.

---

[348]. Aloïs Gütling, “Meu colega Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 110.
[349]. *Diários*, 14 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 181.
[350]. *Diários*, 28 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 203.
[351]. *Ibid.*, p. 204.
[352]. *Diários*, 8 de março de 1912, O.C. III, p. 244.
[353]. Carta a Max Brod, 8 de outubro de 1912, O.C. III, p. 693-694.
[354]. *Ibid.*, p. 694.
[355]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 109.
[356]. *Diários*, 19 de dezembro de 1911, O.C. III, p. 188.
[357]. *Ibid.*
[358]. *Ibid.*
[359]. *Carta ao pai*, p. 78.
[360]. *Ibid.*, p. 88.
[361]. *Diários*, 20 de agosto de 1912, O.C. III, p. 287-288.
[362]. *Ibid.*, p. 288.
[363]. *Diários*, 15 de agosto de 1912, O.C. III, p. 286.
[364]. *Diários*, 20 de setembro de 1912, O.C. III, p. 294.
[365]. Carta a Felice Bauer, 28 de setembro de 1912, O.C. IV, p. 5-6.
[366]. Carta a Felice Bauer, 24 de outubro de 1914, O.C. IV, p. 14.
[367]. Carta a Felice Bauer, 1º de novembro de 1912, O.C. IV, p. 27.
[368]. *Ibid.*, p. 29.
[369]. Carta a Felice Bauer, 7 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 41.
[370]. Carta a Felice Bauer, 8 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 47.
[371]. Em: Max Brod, *Franz Kafka*, p. 161.
[372]. *Ibid.*, p. 162.
[373]. Carta a Felice Bauer, 11 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 48.
[374]. *Ibid.*
[375]. *Ibid.*, p. 51.
[376]. Carta a Felice Bauer, 15 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 60.
[377]. Carta a Felice Bauer, 18 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 65.
[378]. Carta a Felice Bauer, 23 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 79.
[379]. Carta a Felice Bauer, de 5 para 6 de dezembro de 1912, O.C. IV, p. 128.
[380]. Carta a Felice Bauer, 11 de dezembro de 1912, O.C. IV, p. 146.
[381]. Carta a Felice Bauer, de 16 para 17 de dezembro de 1912, O.C. IV, p. 158-159.
[382]. Carta a Felice Bauer, de 25 para 26 de dezembro de 1912, O.C. IV, p. 183.
[383]. Carta a Felice Bauer, de 2 para 3 de janeiro de 1913, O.C. IV, p. 204.

[384]. Carta a Felice Bauer, domingo, 26 de janeiro de 1913, O.C. IV, p. 257.
[385]. Carta a Felice Bauer, de 27 para 28 de dezembro de 1912, O.C. IV, p. 187.
[386]. Carta a Felice Bauer, de 4 para 5 de março de 1913, O.C. IV, p. 325.
[387]. Carta a Felice Bauer, de 7 para 8 de março de 1913, O.C. IV, p. 325.
[388]. Carta a Felice Bauer, 1º de abril de 1913, O.C. IV, p. 352.
[389]. Carta a Felice Bauer, 16 de maio de 1913, O.C. IV, p. 390.
[390]. Carta a Felice Bauer, 21 de junho de 1913, O.C. IV, p. 418.
[391]. *Diários*, 8 de setembro de 1913, O.C. III, p. 311.
[392]. *Diários*, 15 de outubro de 1913, O.C. III, p. 313.
[393]. Carta a Felice Bauer, 16 de setembro de 1913, O.C. IV, p. 485.
[394]. Carta a Felice Bauer, 29 de outubro de 1913, O.C. IV, p. 486.
[395]. Claudio Magris, “L’amour du lointain”, em “Kafka le rebelle”, *Magazine littéraire* n. 415, dezembro de 2000, p. 55.
[396]. *Ibid.*, p. 56.

Um parêntese chamado Grete e um processo em Berlim

No fim do mês de outubro de 1913, uma nova mulher entra na vida de Kafka. Uma certa Grete Bloch, amiga de Felice, escreve-lhe dizendo que vai a Praga e gostaria de encontrá-lo. Kafka fica embaraçado, mas aceita o encontro previsto para 1º de novembro. O resultado não tarda: ao mesmo tempo que se mostra duvidoso, ele anuncia a Felice que irá a Berlim o mais breve possível. Essa nova estada não proporciona nenhum dos esclarecimentos desejados. Inicia-se, então, uma troca epistolar a três bastante tortuosa. Grete Bloch nasceu em Berlim, em 1892. Ela fez seus estudos em uma escola de comércio, sendo diplomada em 1908. Encontrou um emprego de estenodatilógrafa em uma empresa que fabrica material de escritório. De escalão em escalão, ela rapidamente chegou ao posto de assistente de direção. Quando conhece Kafka, ela já abandonara Berlim para ir trabalhar em uma filial em Viena. Seu distanciamento da cidade natal, sua vida pouco desejável em um modesto quarto mobiliado e seu novo emprego com Joe Lešti a deixam bastante infeliz e solitária. Só faz seis meses que ela é amiga de Felice.

De volta a Praga, Kafka escreve uma longa carta a Grete Bloch, interrogando-se sobre sua personalidade, e, ao evocar Felice, faz esta declaração no mínimo surpreendente:

> Preciso dizer-lhe previamente que, na verdade, conheço F. sob a forma de quatro jovens quase inconciliáveis entre si, que me são quase que totalmente caras. A primeira é a que veio a Praga; a segunda é a que me escreveu cartas (esta era múltipla, mas ainda dotada de unidade); a terceira, a que encontrei em Berlim; a quarta, a que freqüenta estranhos que só conheço por cartas ou por suas próprias palavras[397].

A partir dessa data, Grete se torna sua única interlocutora por semanas. E isso mais facilmente porque as três cartas enviadas a Felice para os votos de final de ano haviam ficado sem resposta, mesmo a carta em que ele pedia, pela segunda vez, que ela casasse com ele. Tomando Grete por confidente, ele lhe conta tudo o que vivera com Felice, confia-lhe seus sonhos e revela até mesmo a existência da breve história de amor iniciada no sanatório de Riva. Ele fala também sobre literatura, elogia o último livro de Ernst Weiss, *Die Galeere*, e lho envia. Mais uma vez, ele tenta retomar o contato com Felice, em 9 de fevereiro

de 1914, e pede-lhe desculpas: acaba por conseguir um novo encontro em Berlim, de 28 de fevereiro a 1º de março. Ao voltar, ele conta em detalhes o episódio a Grete Bloch, mas conclui: “O resultado de tudo foi o seguinte: F. gosta de mim, mas na sua opinião isso não é o suficiente para fundamentar uma união, não para esta união [...]”[398].

Germina então, na mente de Kafka, o projeto de arranjar um encontro com Felice em que Grete esteja presente. O que não o impede de insistir para que eles se vejam antes sozinhos, sem Felice: “Você é [...] a melhor, mais charmosa e mais bondosa criatura”[399], confessa. Mas a situação não evolui, até o dia em que surge um novo encontro em Berlim. Ele ainda quer que Grete participe desse encontro, e programa fazer a viagem em companhia de Otto Pick e Max Brod. Dessa vez, a estada berlinense, que vai de 12 a 13 de abril de 1914, é mais concludente: ele fica oficialmente noivo. O que não o impede de imediatamente censurar Felice: “[...] no momento, sermos noivos não passa de encenar para a galeria a comédia do casamento sem casamento”[400]. E de continuar a fazer a corte a Grete: “Cara senhorita Grete, se eu segurasse sua mão, em vez do telegrama, seria muito mais agradável”[401]. Incomodada com essa situação ambígua, Grete pede que Kafka lhe devolva suas primeiras cartas. Este responde utilizando uma metáfora inesperada, que leva a crer que existe entre eles algo além da estima:

> Naturalmente, eu sabia exatamente o que você iria escrever, você o indicou muitas vezes, você muitas vezes tentou sair desse nó corredio, que no entanto não é um nó corredio, mas somente – deixemos disso; em todo caso, se você quiser desfazer esse nó, eu tratarei de mantê-lo no lugar com todas as minhas forças[402].

As cartas endereçadas a Felice Bauer retomam seu ritmo desenfreado. Kafka repete que tem esperança no futuro deles e que pretende ir morar em Berlim. Em 30 de maio de 1914, ele para ali retorna. Seu pai e sua irmã Ottla haviam chegado na véspera. Em 1º de junho, seu noivado oficial é celebrado durante uma pequena recepção na casa dos Bauer. Ao regressar, ele não está realmente louco de alegria. Em seu caderno, ele escreve: “Estive manietado como um criminoso”[403]. Conclusão lógica para quem acaba de ler as cartas de Dostoiévski a seu irmão sobre a vida nos banhos[404]? Pouco tempo antes, ele não tentara esclarecer a situação do casamento, o que deu no seguinte: “Meu argumento geral: estou perdido por F. Não esquecerei F. nesta vida;

conseqüentemente, não me casarei. Será mesmo? Sim, posso dizê-lo [...]. Não pude me casar [...]”[405]. Em plena confusão, ele vai à redação do jornal para publicar o anúncio de seu noivado, como manda o costume...

Nada no mundo parece poder frear sua atividade de grafômano: na mesma noite, ele passa de Grete a Felice, e vice-versa. Ele não pára de convidar Grete a ir a seu encontro em Gmünd. Por outro lado, se impacienta com Felice para que ela chegue a uma resolução: “Histórias! Vem sem demora, casemos, acabemos com isso”[406]. Ele quer convencê-la a ser positiva diante da eventualidade de sua união vindoura: “Escreve-me então, em cada uma das tuas cartas, que os preparativos para o casamento avançam, e isso bastará para contentar-me”[407]. Para incitá-la a tomar uma decisão, ele assegura-lhe que está procurando um apartamento, quando na verdade é seu pai que se encarrega disso. Rapidamente, aliás, os dois “noivos” entram em conflito sobre o mobiliário: Kafka quer móveis modernos da Deutsches Werstätte, e Felice, móveis mais tradicionais e mais sólidos. Ele imagina o vestido que Felice usará quando se reencontrarem: “Seja qual for sua aparência, ela será olhada com os olhos, bem, os olhos mais ternos”, e confessa: “[...] você não pode imaginar o que você significa para mim”, beija sua “querida mão” e, conforme é seu costume, não deixa de se queixar para ela de todos os males que o atingem.

Quando se aproxima o dia em que deve voltar a Berlim, Kafka propõe a Grete vários encontros. Em 27 de junho, ele toma o trem para Dresden com Otto Pick. O objetivo dessa breve viagem é visitar a vila-jardim de Hellerau, colônia de artistas fundada havia cinco anos, que se tornara o centro da cultura de vanguarda da Alemanha. Ele ali visita ateliês de arte artesanal que produzem um mobiliário funcional, nos antípodas do que quer Felice Bauer para a futura casa deles, e visita a escola experimental criada por Émile-Jacques Dalcroze, cujas teorias pedagógicas e métodos de ensino da dança eurítmica interessam-no ao extremo. Mais tarde, ele tentará convencer suas irmãs a enviar os filhos para o que doravante será o instituto internacional de Hellerau, fundado por A. S. Neill. No dia seguinte à sua chegada, ele passa o dia em Leipzig, onde se encontra com seu editor, Kurt Wolff, e também com Franz Werfel, Else Lasker-Schüler e Willy Haas, um jovem de vinte anos que se tornará um brilhante crítico e criará o *Literarische Welt* (Mundo literário). Em 1º de de julho, ele escreve a Grete para anunciar-lhe que irá visitar sua irmã Ottla em Radešice, na casa de campo da família Kafka. No dia 11, toma um trem que o leva a Berlim. Ele pretende passar suas férias em Gleschendorf, à beira do Mar do Norte, em companhia de Felice.

Mas, no dia seguinte, essa última, acompanhada de sua irmã Erna e de Grete Bloch, apresenta-se no hotel Askanischer Hof, perto da estação de Anhalt, a dois passos da Alexanderplatz. A ruptura é inevitável.

Dessa patética jornada, em que Felice Bauer aparece como sua acusadora, amparada por Grete Bloch, Kafka faz um dos seus mais concisos relatos:

> A amiga de F. esteve presente durante essa explicação decisiva. Depois, a cena na casa dos pais. Choro discreto da mãe. Eu expus a questão. O pai entende muito bem, nada lhe escapa. Tendo vindo expressamente para isso de Malmö, viagem à noite, ele está em mangas de camisa. Eles consentem comigo, não se pode dizer muito, ou quase nada contra mim. Diabólico em total inocência[408].

É só mais tarde, quando passa algum tempo na Dinamarca com Ernst Weiss e sua companheira, que ele consegue reconstituir esse dia fatídico em sua totalidade. O relato é impiedoso:

> O tribunal no hotel. O trajeto num fiacre. O rosto de F. [...] Encontro subitamente forças e digo coisas bem pensadas, mantidas há muito tempo escondidas, hostis. A volta com a srta. Bl. Meu quarto no hotel, o calor refletido pela parede da frente. [...] Algazarra no pátio, como em uma oficina de construção de máquinas. Cheiros ruins. Buraco. [...] À noite, sozinho em uma poltrona *Unter den Linden*. Dor de barriga. Ar triste do homem que distribui os bilhetes. [...] Com E. [Erna] no restaurante Belvedere, perto da ponte de Stralau. Ela ainda espera ou finge esperar um final feliz. Bebi vinho. Ela tem lágrimas nos olhos[409].

Parece que Grete Bloch teve um papel considerável nesse mau pedaço, em que Kafka teve de enfrentar uma feroz acusação à qual só pôde contrapor seu silêncio, defendido por Ernst Weiss. Estranhamente, Kafka está mais ressentido com ele do que com Felice. Quando mais tarde ela lhe escreve, ele responde friamente que a detesta, e deixa claro que é a última carta que lhe enviará. Grete Bloch sai de sua vida nessa altura, apesar de uma lenda, forjada muitos anos mais tarde, ter por muito tempo circulado a propósito de uma relação que ela teria tido com o autor de *O processo*.

Em 1948, Max Brod recebe uma carta do músico Wolfgang Schoren. Este conta que uma certa sra. M.M., que conhecera em Praga antes da ocupação alemã, quando ela fora meditar sobre o túmulo de Kafka, enviou-lhe uma carta que ele recebeu na Palestina em 20 de abril de 1940. Ela faz a seguinte revelação sobre suas relações com o escritor: “Ele foi o pai de meu filho, que morreu subitamente em Munique, em 1921, ao fazer sete anos. Longe de mim e de Kafka, longe daqueles de quem tive de me separar com a guerra [...]”. Ela afirma que ninguém, nem mesmo sua família, sabia dessa paternidade de Kafka, exceto seu antigo patrão. Sabemos, por sua correspondência com Felice Bauer, que

Grete Bloch viveu uma grave crise em sua vida, em 1916. Mas as datas não coincidem e, portanto, não podemos ligar esse suposto nascimento à sua ainda mais hipotética história com Kafka. Este, aliás, viu-a tão pouco, e sob circunstâncias que seriam tão pouco propícias a uma relação íntima, que seria difícil dar algum crédito a alguma tardia reivindicação.

Seja como for, Grete Bloch teve um fim terrível. Em 1935, ela foge da Alemanha e consegue se refugiar na Suíça. Logo antes do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, ela envia uma parte das cartas que Kafka lhe escrevera a Felice Bauer, com quem mantivera contato. Mais tarde, ela vai à Palestina, depois à Itália em 1940, para viver em Florença – iniciativa perigosa, pois a Itália promulgara leis raciais em dezembro de 1938 e era aliada da Alemanha nazista. Max Brod tenta se informar sobre seu destino posterior. Um outro correspondente informa-lhe que M.M. contara-lhe muitas coisas sobre Kafka e seu filho e também sobre a "mulher de Berlim" (Felice Bauer). Grete Bloch teria sido presa pelos alemães, em maio de 1944, em S. Donato di Comino, na região de Frasinone, durante uma operação que tinha como objetivo a expedição de todos os judeus do lugar para os campos de extermínio. Ela teria sido morta a coronhadas por um soldado.

Max Brod, ao mesmo tempo comovido e dubitativo, depois de recuperar outra parte das cartas que Kafka enviara-lhe, confessa que não conseguiu resolver o enigma: "Jamais se descobriu o nome dado ao menino de Kafka, a quem se assemelhava, nem de que maneira morreu. Poucas pessoas deixaram rastros tão tênues quanto o filho de Kafka"[410]. Seria apenas fabulação?

---

[397]. Carta a Grete Bloch, 10 de novembro de 1913, O.C. IV, p. 492.
[398]. Carta a Grete Bloch, 2 de março de 1914, O.C. IV, p. 537.
[399]. Carta a Grete Bloch, 20 de março de 1914, O.C. IV, p. 578.
[400]. Carta a Grete Bloch, 14 de abril de 1914, O.C. IV, p. 578.
[401]. Carta a Grete Bloch, 14 de abril de 1914, O.C. IV, p. 579.
[402]. Carta a Grete Bloch, 16 de abril de 1914, O.C. IV, p. 582.
[403]. *Diários*, 6 de junho de 1914, O.C. III, p. 348.
[404]. *Banhos*: prisão de trabalhos forçados. (N.T.)
[405]. *Diários*, 8 de março de 1914, O.C. III, p. 342.
[406]. Carta a Felice Bauer, 22 de abril de 1914, O.C. IV, p. 594.
[407]. Carta a Felice Bauer, 25 de maio de 1914, O.C. IV, p. 626.
[408]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 167-168.

[409]. *Diários*, 23 de julho de 1914, O.C. III, p. 352-353.
[410]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 184.

Últimos preparativos de casamento em Praga

Depois do desastroso episódio do dia 12 de julho de 1914 em Berlim, tudo levaria a crer que Franz Kafka romperia de maneira definitiva com Felice Bauer. Mas não foi isso que aconteceu. Em 27 de outubro de 1914, ele envia-lhe um telegrama em que diz se restabelecer e, alguns dias mais tarde, redige uma de suas intermináveis cartas, para comunicar-lhe que seus sentimentos continuam os mesmos. Ele retoma, é claro, as horas traumatizantes vividas no hall do pequeno hotel berlinense, para justificar a atitude que adotara em tais circunstâncias:

> Mesmo no Askanischer Hof não me calei em desafio. O que dizias era muito claro, não quero repeti-lo, mas na quantidade havia coisas que devem ter sido quase impossíveis dizer frente a frente. É verdade que só as disseste depois de eu ter ficado bastante tempo em silêncio ou balbuciado palavras insignificantes[411].

Ele acaba explicando que tem em si dois seres inimigos que passam o tempo a se combater com obstinação: “O primeiro é dependente do segundo; nunca, nunca por motivos interiores, seria possível abatê-lo [...]”[412].

Essa carta traz um novo elemento ao doloroso e penoso rompimento. Ele fala a respeito de Erna Bauer, irmã de Felice, que se mostrou a mais compreensiva com ele. No fim da carta, ele se expressa de maneira no mínimo desconcertante: “Mencionas minha correspondência com Erna. Dizes que devo responder-te independentemente dessa correspondência; não sei o que queres dizer com isso. Acontece que amanhã escreverei para Erna. Direi a ela que te escrevi. Erna foi inconcebivelmente boa comigo, e ela o é também contigo”[413]. Desde que a conheceu em Berlim, em 1913, Kafka sempre cultivou uma relação muitíssimo cortês com Erna. Depois do julgamento pronunciado no hotel berlinense, ela passou um tempo com ele, para tentar atenuar seu sofrimento, e o acompanhou à estação. Depois disso, seu relacionamento se torna mais difuso, tendo Kafka até mesmo proposto passar as festas de final de ano com ela! Ele a encontra uma última vez em 1915, depois do que a jovem se casa e tudo volta à ordem. Erna pode sair de cena.

Em sua complicada história com Felice, Kafka dessa vez não tem mais intermediário. Com pesados pressentimentos, idéias negras e uma indecifrável

vontade de prolongar contra ventos e marés um noivado fracassado desde o início, ele escreve em seus cadernos: “Eu sonhei com ela como uma morta que nunca poderia viver, e, agora que a possibilidade de reencontrá-la se apresenta, ela novamente está no centro de tudo”[414]. Eles de fato se revêem diversas vezes, em 23 e 24 de janeiro de 1915, em Bodenbach (não foi um grande sucesso), e depois em junho do mesmo ano, em Carlsbad (as coisas vão muito mal) e em Marienbad, onde uma reconciliação parece possível. Eles enfim passam algum tempo em Franzenbad, uma estação termal vizinha, onde está a mãe de Franz. Eles chegam a escrever cartas juntos à mãe de Felice e a Max Brod.

A partir de agosto de 1916, o tom das cartas de Kafka muda sensivelmente. Ele deixa de lado a literatura, desiste de fazer Felice gostar da arte romanesca de seu tempo e lhe fala de coisas relativas às novas idéias que circulam no mundo judeu e sobretudo do sionismo. Ele fala principalmente do Lar popular judeu e de suas atividades em favor dos refugiados do Leste, incitando-a a se aproximar de seu animador, o dr. Siegfried Lehmann. Ele encontra nisso uma plataforma de entendimento que lhe permite encetar um diálogo construtivo. Ele lhe envia um exemplar do *Jüdischer Rundschau* com um artigo de Max Brod e declara: “O sionismo, acessível à maioria dos judeus vivos, pelo menos de maneira externa, é somente um caminho para o mais importante”[415]. Ele também envia obras pedagógicas, como *A teoria da juventude*, de Friedrich Wilhelm Foerster, aconselha a leitura de autores para crianças, como Sholem Aleichem (cf. seu famoso *Die Geschichten Tewjes, des Milchhändlers*), e escreve um longo e sério discurso sobre a educação moderna. Seus intercâmbios parecem enfim se apaziguar...

Mas, como nada poderia ser simples no espírito de Kafka, nesse mesmo mês acontece algo que, sem ser extremamente grave, no entanto degenerará rapidamente e se revelará incômodo. Um de seus primos, a ponto de se casar, quer um quadro como presente de casamento. Franz Kafka decide encarregar-se disso, pois conhece em Berlim um antigo condiscípulo do liceu, Friedrich Feigl, pintor que pertence ao grupo *Osma*. Kafka vira seus quadros mais recentes e acha que conviriam muito bem. Como Feigl lhe diz que seus quadros estão em Colônia, ele encarrega Felice de tratar da transação e tentar comprá-los ao melhor preço. Com a esperança de estimular sua curiosidade, ele acrescenta que Feigl e sua mulher merecem ser conhecidos. Os bilhetes e cartas se sucedem com grande velocidade, Kafka falando de tudo o que concerne de perto ou de

longe ao universo do pintor e também evocando a partida do casal Feigl para Praga: é portanto urgente resolver a questão dos quadros. Nada acontece até setembro!

Em 10 de novembro de 1916, Kafka e Felice Bauer se encontram novamente em Munique, apesar de algumas hesitações por parte desta, por ocasião de uma leitura que Kafka fará em uma livraria. Uma nova discussão explode, qualificada por Kafka como “abominável pastelaria”. Apesar disso, sua correspondência não é interrompida, girando essencialmente em torno do Lar judeu e da maneira como Kafka pode se mostrar útil com o envio de livros e encomendas, sem no entanto esquecer as provações cotidianas que ele precisa enfrentar. No fim do ano, ele fala novamente sobre a dificuldade de encontrar um apartamento em Praga, outra novela que não dá a impressão de que um dia se resolverá. Depois, novamente o silêncio! Depois, novamente o anúncio do noivado! Eles estão em Praga e vão a Budapeste, para visitar uma irmã de Felice, Else Braun. Kafka confessa a Ottla que essa viagem o cansara muito e que não havia favorecido o “bom entendimento” entre os dois. De volta a Praga em 20 de julho, ele não escreve a Felice por dois meses. E quando decide retomar o contato com ela, dá para esse silêncio prolongado a seguinte explicação: “[...] tive à noite, por volta das cinco horas da manhã, uma hemorragia pulmonar. Bastante forte, cuspi sangue durante dez minutos ou mais, pensei que nunca pararia”[416]. O médico diagnostica uma hemoptise. Em seu caderno, Kafka escreve palavras terríveis: “As trombetas de alarme do vazio”. Ele não tem nenhuma ilusão em relação à sua doença e se abre com Felice:

> De resto, confio-te um segredo, no qual, no momento, eu mesmo não acredito nem um pouco [...], mas que no entanto deve ser verdade: não recuperarei mais a saúde. Precisamente porque não se trata de uma tuberculose em que nos deitamos numa espreguiçadeira e a tratamos até a cura, mas de uma arma cuja inevitabilidade máxima persistirá enquanto eu continuar em vida. E não podemos continuar vivos os dois, eu e ela[417].

A aparição da doença o obriga a fazer um balanço dos últimos cinco anos, em que sempre fez a descrição de um combate mais ou menos fantasmático, com o máximo de sinceridade possível, mas também com uma pitada de cálculo e de perversidade. Ele lhe comunica, uma vez instalado em Zürau, na casa de sua irmã Ottla, que é obrigado a abandoná-la e mais adiante não se preocupa em justificar-se: “Não pergunte por que ponho um ponto final”[418], ordena. Felice, alarmada com seu estado de saúde e sua carta de tom trágico, vai a seu encontro nessa região agrícola do noroeste da Boêmia. Ela chega em 20 de setembro e

parte no dia seguinte. Kafka preparara um rascunho de carta de separação no dia 19. Ele já tomara sua decisão. Envia a Max Brod uma cópia do que escreve a ela depois de sua partida. Em 8 de outubro, ele anota: “Intervalo: carta para F., talvez a última [...]”[419]. Quando chega, nessa carta que é mesmo a última, a esta frase: “Em resumo, somente me importo com o tribunal dos homens, e, ainda por cima, é este que quero enganar, sem que no entanto haja fraude”[420], ele só consegue dizer-lhe que considera essa doença sua “bancarrota geral”[421].

Felice desaparece definitivamente da vida de Kafka. Ela se casará alguns anos mais tarde, deixará a Alemanha em 1931 para ir morar na Confederação Suíça e atravessará o Atlântico em 1936, com seu marido, para instalar-se nos Estados Unidos. Vinte anos mais tarde, ela decidirá vender a copiosa correspondência que manteve com Kafka à editora Schoken, à qual cede na mesma ocasião as cartas que Grete Bloch enviara-lhe antes de sua partida para o Novo Mundo.

---

[411]. Carta a Felice Bauer, fim de outubro-início de novembro de 1914, O.C. IV, p. 652.

[412]. *Ibid.*, p. 653.

[413]. *Ibid.*, p. 658.

[414]. *Diários*, outubro de 1914, O.C. III, p. 365.

[415]. Carta a Felice Bauer, 2 de agosto de 1916, O.C. IV, p. 724.

[416]. Carta a Felice Bauer, 9 de setembro de 1917, O.C. IV, p. 822.

[417]. Carta a Felice Bauer, 30 de setembro ou 1º de outubro de 1917, O.C. IV, p. 826-827.

[418]. *Ibid.*, p. 826.

[419]. *Diários*, 8 de outubro de 1917, O.C. III, p. 43.

[420]. Carta a Felice Bauer, 30 de setembro ou 1º de outubro de 1917, O.C. IV, p. 825.

[421]. *Ibid.*, p. 826.

Julie Wohryzek ou um noivado impossível

A partir do outono de 1917, como demonstram seus cadernos, Franz Kafka passa por um período de crise destinado a se enraizar permanentemente. O início da doença é sua causa inicial, mas não a única. Ele interioriza o sofrimento e a angústia: “Medo da noite. Medo da não-noite”[422], suspira. Mas desiste de falar com complacência mortífera de seus inúmeros males, de suas impossibilidades, de seus conflitos insolúveis consigo mesmo. Ele quase não fala mais dos acontecimentos de sua vida. E, principalmente, não fala mais de literatura. Ele preenche seu diário sobretudo com pensamentos de caráter filosófico e começa a escrever aforismos obscuros que constituem uma obra em si, paralela à sua obra de ficção.

No fim do ano, ele dedica uma única frase à sua desventura de seis longos anos, que resultara no fracasso total dos esforços que fizera para casar, esforços que só poderiam estar condenados ao fracasso desde o primeiro instante: “Não fundamentalmente decepcionado”[423].

Quando o ano de 1918 começa, ele está “taciturno, febril, impaciente”[424]. Suas reflexões, alimentadas pela leitura intensiva de Søren Kirkegaard, levam-no cada vez mais a temáticas religiosas e a suas conseqüências morais: ele medita sobre a Árvore da vida, o Paraíso, a Queda, Adão, o mal, a mentira, a morte, Abraão. Ele está obcecado pela consciência aguda do que sempre chamou “o combate”, de onde sai derrotado. Essas mortificações pessimistas que o mobilizam agora o fazem descer até as profundezas mais sombrias da dor: “Nós vemos todo ser humano viver sua vida (ou morrer sua morte). Sem justificativa interior, esse resultado não seria possível, nenhum ser pode viver uma vida não-justificada. Subestimando o ser humano, poderíamos concluir que cada um constrói sua vida, desde a base, com justificativas”[425].

Em licença profissional desde setembro de 1917, Kafka se instala na casa de Ottla em Zürau. Ele dirá mais tarde, a Milena Jesenská, que ali viveu seus melhores momentos. A vida no campo o encanta, apesar de pequenos dissabores como, por exemplo, a falta de luz à noite. Pouco depois de sua chegada nessa aldeia pacata da Boêmia, que já lhe era familiar, com a presença protetora de Ottla, ele escreve a Max Brod para esclarecer a situação de sua doença e tranqüilizá-lo, afirmando que seu quarto “é perfeito, espaçoso, quente, e tudo

isso em meio a um silêncio interior quase completo”[426]. Em uma segunda missiva, ele se parabeniza por essa estada prolongada no meio do campo e das árvores: “Levo com Ottla uma boa vidinha conjugal”[427]. Mas, desde seu rompimento definitivo com Felice, ele se encontra novamente confrontado com uma total e opressiva esterilidade criativa. E ela dura. Na primavera, ele agradece a Johannes Urzidil por enviar-lhe a revista *Der Mensch*, dirigida por este, mas esclarece: “No entanto, rogo-lhe que desista de minha colaboração, pelo menos por enquanto, pois não tenho nada que possa ser publicado”[428].

Sua saúde parece melhorar, e ele volta a Praga em maio de 1918, para retomar seu trabalho na companhia de seguros. Ao fim do verão, ele pretende fazer uma curta estada no sanatório de Rumberg. Mas não gosta do local e aluga um quarto de hotel em uma localidade vizinha, Turnau, onde fica por três semanas. Em outubro, há pouco em Praga, ele contrai uma forte gripe, que o enfraquece enormemente. O médico o aconselha a voltar para o campo. Dessa vez ele escolhe Schlen, onde se hospeda na casa da sra. Stüdl. Ele já conhecia esse povoado situado nos arredores de Liboch. Sua mãe lhe faz companhia em dezembro. Ele é o único cliente nessa estação, mas se sente à vontade, segundo confessa a Max Brod antes de retornar brevemente para Praga, para as festas de Ano-Novo: “Não é tão bom quanto em Zürau, ainda que, naturalmente, também não seja mal, e instrutivo como sempre”[429].

Logo Kafka não será mais o único pensionista da sra. Stüdl. Ele também adverte Max Brod da presença de uma jovem, e, sem demora, seu velho demônio se acorda. Como é de costume, ele faz um retrato dela que não é vantajoso:

> O elemento judeu é uma jovem moça doente, mas não muito, espero. Uma personagem ao mesmo tempo comum e impressionante. Pouco judia, pouco não-judia, pouco alemã, pouco não-alemã, apaixonada por cinema, operetas, comédias, pó-de-arroz e véus, em posse de uma quantidade irresistível e inesgotável de expressões iídiches das mais chocantes, no conjunto bastante ignorante, mais alegre que triste [...]. Se quiséssemos circunscrever com mais exatidão o grupo ao qual ela pertence, deveríamos dizer que ela é do tipo das empregadas de balcão[430].

Como fora com Felice, sua primeira impressão é vaga, se não negativa, apesar de achar que a moça “não é de todo desprovido de beleza”. Ela parece um pouco, diz ele a Brod, com Grete Bloch. Ele pede a seu amigo que lhe envie um livro sobre o sionismo, para emprestar a ela. Ela se interessa e parece ter algumas noções vagas sobre o assunto. Dessa vez, Kafka mantém-se muito discreto sobre o que sente por ela. Ele contará, alguns meses mais tarde, à irmã

da jovem, toda a estranheza de seus primeiros encontros:

> Durante vários dias, começávamos a rir sem parar a cada vez que nos encontrávamos durante as refeições, os passeios, quando estávamos sentados um em frente ao outro. Esse riso nada tinha de agradável, ele acontecia sem motivo, era torturante, humilhante. Ele contribuiu para nos afastar um do outro, tanto que renunciamos às refeições em conjunto, e passamos a nos ver com menos freqüência[431].

A jovem tem 28 anos. Ela se chama Julie Wohryzek. Seu pai é um modesto sapateiro, um homem muito piedoso que faz as vezes de *Schammer*, isto é, sacristão de uma sinagoga do subúrbio de Praga. Ela dirige uma pequena loja de modista na cidade. Teve um noivo que foi morto durante a guerra. Kafka também fica sabendo que sua irmã freqüenta as conferências judias e que sua melhor amiga é uma ouvinte assídua das conferências de Max Brod. Seu diário fica completamente mudo sobre esse episódio, assim como sobre todos os outros: silêncio total até o final de junho... Sua correspondência também está em ponto morto. Julie Wohryzek parte algumas semanas antes dele. Nada de decisivo aconteceu durante esse período?

Kafka revê Julie em 30 de junho de 1919, em Praga, conforme testemunham seus cadernos: “Riegerpark. Andei de um lado para outro com J. em frente aos arbustos de jasmim. Mentiroso e sincero, mentiroso em meus suspiros, sincero em meu apego por ela, em minha confiança, no sentimento de segurança que ela me dá. Coração atormentado”[432]. Ele acredita que ela não esteja em busca de um marido. Em outubro, ele escreve uma carta de incrível prolixidade à irmã de Julie e conta-lhe toda a história deles. Ele descreve “dois seres tão imperiosamente adequados um ao outro, independentemente da alegria ou do sofrimento, também necessariamente unidos na alegria e no sofrimento”[433]. Apesar de uma clara propensão a continuar com outra mulher o que fora a causa da ruína de sua primeira tentativa de casamento – as eternas oscilações, a confusão de sensações e sentimentos misturados e freqüentemente contraditórios –, ele chega a uma conclusão provisória aparentemente mais sólida: “Nós então ganhamos o jogo [...]”[434].

Ele não poupa Julie de nada, nem dos imprevistos materiais, que são numerosos, nem de suas tergiversações para o casamento. Não escondendo nenhum de seus terríveis debates internos nem o que os fundamenta, ele no entanto quer demonstrar a essa desconhecida que finalmente conseguiu vencer a força maléfica que reside dentro dele, mas que continua sendo um grande

obstáculo: “Quero dizer agora que minha esperança de chegar ao casamento não era justificada e que, tendo em vista os fatos, sou apenas um pobre homem, reduzido a jogar tudo em um lance de dados, mas seguramente não um mentiroso”[435]. E já que ele manifesta que acaba de ter uma vitória sobre si mesmo, a custo de esforços imensos, ele propõe a Julie ir com ele a Munique: “J., que desde sempre quis abandonar Praga, poderia vir a Munique. Veríamos outro pedaço do mundo; talvez muitas coisas mudassem um pouco; tal fraqueza, tal angústia mudaria pelo menos de forma ou de direção”[436].

Kafka quer que as coisas sejam levadas sem rodeios. Os anúncios públicos são rapidamente publicados no fim do outono. Novamente ele começa a procurar uma moradia. É o que revela em uma carta do ano seguinte:

> Lembro-me: estávamos sentados lado a lado no sofá, em um apartamento de uma peça. Em Wrschowitz (provavelmente era novembro; o apartamento, na próxima semana, seria nosso lar), ela estava feliz, depois de tanta dificuldade, por pelo menos conseguir esse lugar, e a seu lado ela tinha seu futuro marido [...][437]

A cerimônia está prevista para o domingo; na sexta-feira, eles ficam sabendo que a moradia não está mais disponível. Tudo desmorona. Por outro lado, seu pai não está nada satisfeito com essa perspectiva. Kafka precisa mais uma vez renunciar ao casamento. De qualquer modo, ele precisará voltar a Schlesen em companhia de Max Brod, pois a doença voltou. Lá, ele escreve a violenta *Carta ao pai*, que termina com uma melancólica meditação sobre o casamento e as qualidades necessárias para alcançá-lo. Ele faz a súmula de suas duas tentativas abortadas e pensa ter tido razão nas duas vezes que quis forçar o destino e sua natureza. O fracasso, pois há fracasso, só deve ser imputado a ele mesmo: “Nenhuma das duas jovens me decepcionou, fui eu que decepcionei as duas”[438]. Mas ele continua convencido de que a segunda experiência, com Julie, foi de um tipo que “prometia chances muito maiores de êxito”[439].

Kafka não pára de freqüentar a jovem. Em 11 de dezembro de 1919, ele a reencontra e escreve em seu caderno: “Quinta-feira. Frio. Passeio com J. no Riegerpark. Tentação no Graben. Tudo isto é pesado demais. Não estou suficientemente preparado”[440]. Sua ligação se prolonga até o início dos anos 1920, no final do inverno, pois Kafka pôde voltar a Praga. Seu estado se degrada rapidamente, e ele ainda precisa cogitar ir para um estabelecimento especializado. Ele pede uma nova licença no fim do mês de fevereiro de 1920, hesita e acaba optando por Merano, para onde vai em abril. Assim que chega, ele

escreve à Ottla para dizer-lhe que não sabe direito onde se hospedar. Primeiro, ele fica em um hotel que lhe agrada medianamente. Por fim, escolhe um lugar muito mais simples, mas ainda assim agradável: a pensão Ottoburg.

Quando Julie Wohrizek fica sabendo que ele precisou partir para tratar-se, ela quer ir a seu encontro e lhe escreve um telegrama: "*Rendez-vous* em Carlsbad dia 8 [de abril], favor confirmar por carta"[441], mas ele reconhece que não tem mais nem a força nem a coragem para enfrentar essa situação e aceitar o encontro: "Confesso que, quando o abri, achei sua expressão assustadora, ainda que viesse do ser mais modesto, mais pacífico e mais devotado, e que tudo no fundo dependesse de minha própria vontade"[442]. Depois de aludir à sua insidiosa "doença moral", ele decide responder-lhe.

> Telefonei a Praga dizendo que não poderia ir a Carlsbad; eu o explicava por minha saúde precária, o que era verdade, mas, por outro lado, pouco conseqüente, pois era por causa dessa precariedade que eu antes queria ir. É assim que brinco com um ser vivo. Mas não posso fazer nada, pois em Carlsbad eu não saberia nem falar, nem calar, ou melhor: eu falaria mesmo calando, pois todo o meu ser não passa de uma única palavra[443].

Quando volta a Praga, Kafka revê, no entanto, aquela que chama de "a pequena", que considera o ser mais desinteressante, mais silencioso, mais modesto, e que o faz recriminar-se por tê-la arrastado para o seu inferno. Ele contará a Milena Jesenská o último encontro deles:

> No geral, hoje, as coisas se passaram mais calmamente; dominei-me, consegui falar sem a febre de Merano; a atmosfera estava menos tensa. Mas, quando voltamos a falar do essencial, ela ficou muito tempo tremendo junto a mim com todo o seu corpo, na Karlplatz [...]. Ela fez uma última pergunta, a que sempre me deixa indefeso: "Não posso partir, mas, mesmo assim, se me expulsares, eu partirei; me expulsarás?" [...] Respondi: "Sim". E ela: "Mesmo assim não consigo ir embora"[444].

O que aconteceu com Julie Wohryzek? Não sabemos... Com razão, supõe-se que ela foi internada no hospital psiquiátrico de Weleslawin, onde o pai de Milena Jesenská internara sua jovem filha por nove meses, para dissuadi-la de manter relações perniciosas. Em contrapartida, sabemos que no exato momento em que Julie sai definitivamente da vida de Kafka, outra mulher já ocupa o seu espírito. Ele acaba de conhecê-la em Schlesen. Ela se chama Minze Eisner, é originária de Teplitz e só tem dezoito anos. Sua primeira impressão não é totalmente boa, conforme ele confessa a Ottla: "Em si, ela me agrada em tudo; de resto, ela tem toda a histeria de uma juventude infeliz, mas apesar disso é perfeita; aparentemente, elas são todas perfeitas, alegra-te por ser menina"[445].

Eles continuarão a se escrever até 1923, ano em que ela se casa. Kafka parece ter encontrado nela uma correspondente de valor, já que prossegue com alegria o que não conseguira fazer com Felice Bauer: encetar e manter um diálogo em torno de questões literárias e problemas ligados à judeidade, Minze aceitando com alegria seus conselhos de leitura.

---

[422]. *Diários*, 18 de outubro de 1917, O.C. III, p. 439.
[423]. *Diários*, 30 de dezembro de 1917, O.C. III, p. 462.
[424]. *Diários*, 1º de janeiro de 1918, O.C. III, p. 464.
[425]. *Diários*, 25 de fevereiro de 1918, O.C. III, p. 483.
[426]. Carta a Max Brod, meados de setembro de 1917, O.C. III, p. 793.
[427]. *Ibid.*, p. 797-798.
[428]. Carta a Johannes Urzidil, primavera de 1918, O.C. III, p. 898.
[429]. Carta a Max Brod, início de dezembro de 1918, O.C. III, p. 913.
[430]. Carta a Max Brod, 6 de fevereiro de 1919, O.C. III, p. 922.
[431]. Carta à irmã de Julie Wohryzek, 14 de novembro de 1919, O.C. III, p. 937.
[432]. *Diários*, 30 de junho de 1919, O.C. III, p. 489.
[433]. Carta à irmã de Julie Wohryzek, 1919, O.C. III, p. 937.
[434]. *Ibid.*
[435]. *Ibid.*, p. 943.
[436]. *Ibid.*, p. 944.
[437]. Carta a Milena Jesenská, quinta-feira [1920], O.C. IV, p. 921-922.
[438]. *Carta ao pai*, p. 86.
[439]. *Ibid.*
[440]. *Diários*, 11 de dezembro de 1919, O.C. III, p. 490.
[441]. Carta a Milena Jesenská, segunda-feira 31 de maio de 1920, p. 906.
[442]. *Ibid.*
[443]. *Ibid.*, p. 907-908.
[444]. Carta a Milena Jesenská, segunda-feira, 5 de julho de 1920, O.C. IV, p. 954.
[445]. Carta a Ottla, 13 de novembro de 1919, O.C. III, p. 935.

A “verdadeira vida”

A vida amorosa de Franz Kafka e sua vida de escritor mantêm vínculos complexos, dolorosos, confusos e, portanto, necessários e importantes: uma não existiria sem a outra. Assim, o que ele chama de “verdadeira vida” só consegue ajustar-se com o grande sofrimento da vida real (a família, o trabalho), harmonizando-se muito mal com tudo aquilo implicado em cada aventura sentimental, a começar, evidentemente, pelo casamento. A longa e catastrófica relação com Felice Bauer não passou de uma tentativa insensata de se fazer aceitar como escritor por uma mulher levada a compartilhar os seus dias. No entanto, apesar do espantoso círculo vicioso em que Kafka se encerrou, essa relação não foi totalmente negativa para a “verdadeira vida”. O encontro deles, que aconteceu em 13 de agosto de 1912, quando ele acabara, não sem dificuldades, de se livrar de seu cargo de diretor suplente da usina de seu cunhado, quando ele enfim pudera ter um pouco de clareza quanto a suas ambições literárias (notadamente, queimando um bom número de escritos da juventude) e quando ele começara uma obra de dimensões até então impensáveis – um primeiro romance intitulado *O desaparecido* (*Amerika*) –, não teve influências negativas sobre essa dinâmica interior, bem pelo contrário. Seja como for, Kafka continua até então um autor sem livros. Max Brod, lembremo-nos, o apresentara a Ernest Rowohlt, que lhe pedira para agrupar novelas para uma coletânea. Ao voltar de Weimar, ele sente muita dificuldade em fazer a escolha e retomar seus manuscritos com vistas a publicação. Isso o exaspera. Ele bem que anotara em seu pequeno caderno: “Nada, nada. A publicação desse pequeno livro só me faz perder tempo, que sentimento nefasto e ridículo de meu valor me acomete ao ler essas coisas antigas para publicá-las”[446]. Mas, assim que ele conhece a jovem berlinense, tudo parece se aclarar como um novo dia e com uma facilidade inusitada. Em 13 de agosto, ele envia um curto bilhete a Max Brod:

> Bom dia, caro Max, eu estava ontem, quando organizei os fragmentos, sob influência da srta. B.; é, portanto, bem possível que eu tenha feito alguma besteira, alguma disposição cômica, quando só faria rir aos iniciados. Eu te rogo, verifica-os mais uma vez e deixa-me acrescentar meu agradecimento ao grande obrigado que te devo[447].

Todo esse período é pródigo. Kafka está nas nuvens. Em 8 de agosto, ele

escreve uma pequena novela, *Desmascaramento de um trapaceiro*, e algumas semanas depois anota em seu diário, com certo orgulho:

> Escrevi esta narrativa – *O veredicto* – de uma só vez, das dez da noite às seis horas da manhã, na noite de 22 para 23. Fiquei tanto tempo sentado que é com dificuldade que consigo tirar minhas pernas paralisadas de baixo da escrivaninha. Meu terrível cansaço e minha alegria, com a história se desenrolando sob meus olhos, eu avançava cortando as águas[448].

Essa mesma sensação de fluidez e de pura lógica na construção de suas narrativas se confirma como que por milagre quando ele corrige as provas de *O veredicto*, em 11 de fevereiro de 1913: "Eu noto, à medida que me surgem à mente, todas as associações que tiveram um sentido claro para mim na história. Isso é necessário, pois esse relato saiu de mim como um verdadeiro parto, coberto de sujeira e muco"[449]. Quando Max Brod volta de viagem, Kafka o espera na plataforma da estação, para anunciar-lhe que tem um texto pronto para sua nova revista, *Arkadia*, de que este prepara o lançamento na editora de Kurt Wolff. Brod fica maravilhado e escreve em seu diário: "Kafka, em seu incrível êxtase [...] passa suas noites escrevendo".

O outono de 1913 é para Kafka um período particularmente fecundo. O *Herder-Blätter* publica uma curta novela sua, "Grosser Lärm", sendo que *Contemplação* verá o dia em 11 de dezembro. Finalmente, entre 7 e 27 de novembro, ele conclui, a toque de caixa, a redação de *A metamorfose*. E ele acaba até lendo a primeira parte da obra, que ainda não tem título, na casa de Oskar Baum.

No início do ano de 1914, essa grande energia e esse impulso criativo se esgotam. *O desaparecido*, cujo primeiro capítulo, *O foguista*, ele rapidamente terminara, é posto de lado provisoriamente. Ele não o concluirá jamais. Mais nada, ou quase, sairá de sua pluma. No entanto, ele não desiste de publicar tudo o que pôde acumular. Franz Werfel surge então, de maneira providencial, para satisfazer a seu desejo. Conselheiro das edições Kurt Wolff, que este acaba de comprar de Rowohlt, Werfel é, além disso, responsável pelos escritores praguenses e também ele um escritor: sua última coletânea de poemas (*Der Weltfreund*) fizera certo sucesso.

Wolff, prevenido por Werfel, escreve a Kafka: "O sr. Franz Werfel falou-me tanto de seu último relato, intitulado, creio eu, 'O percevejo', que gostaria muito de lê-lo. O senhor poderia enviá-lo?"[450]. Kafka responde de Charlottenburg, onde está de passagem, dizendo que Wolff não deve acreditar em Werfel, "que

não conhece uma palavra da história", e propõe enviar-lhe *O foguista*, único texto com que está satisfeito, sugerindo reuni-lo a *A metamorfose*, quando esta estiver totalmente concluída, e a *O veredicto*, em um volume intitulado *Filhos*, pois, diz ele, esses relatos "fazem parte exterior e interiormente do mesmo conjunto, há entre eles uma ligação visível, e mais ainda uma ligação secreta, que eu não gostaria de deixar de ilustrar, juntando-os em um livro"[451]. No final de março, um dos textos que compõem *Contemplação* é publicado no *Deutsche Montags Zeitung* sob o título "Excertos do maravilhoso caderno de esboços de um novo poeta". Em meados de abril, Franz Werfel, na ausência de Wolff, envia para preparação *O foguista*. Kafka constata que há muitos erros nas primeiras provas, exige uma nova revisão e pede que se acrescente um subtítulo: "Um fragmento". Mas surge outro problema: a ilustração que o editor escolhe, uma gravura representando Nova York no século XIX, acaba por chocá-lo, pois ele queria mostrar os aspectos mais modernos dessa cidade. Finalmente, o almanaque das edições Kurt Wolff, *Das Bunte Buch*, é publicado em outubro, com tiragem de dois mil exemplares, rapidamente esgotados. Ele inclui "Para a meditação de grão-cavaleiros", extraído de *Contemplação*.

Um recém-chegado então aparece no horizonte editorial de Kafka: Robert Musil. Este defendera com sucesso sua tese em Berlim e agora tentava fazer uma carreira na literatura. Redator-chefe da *Neue Rundschau*, é sob esse título que ele contata Kafka. O artigo que Musil acaba de dedicar a *Contemplação* e *O foguista* é testemunho de uma curiosa mistura de admiração e reserva:

> Aqui também uma enorme maestria artística, e somente aqui, talvez essa ressonância de pequenos infinitos no vazio, uma nulidade humildemente escolhida, uma doçura amarga como encontramos em um suicida nas horas que separam a decisão do ato, ou algum nome que se queira dar a esse sentimento que pode conter muita coisa, por só ser um intermediário, obscuro e surdo; cheio de charme, por certo; somente um pouco vago e velado demais[452].

Dizendo não ter nenhum texto pronto para publicação, Kafka recusa a oferta de colaboração de Musil. Na verdade, ele passa por nova crise: "Eu não escrevo nada há um ano, e, que eu saiba, não sirvo para nada"[453], confessa a Grete Bloch.

Em um rascunho de carta para Felice Bauer, ele declara que tudo o que não é literatura o aborrece. Mas a literatura fugiu-lhe durante todos esses meses. Ela é também sua proteção contra o mundo. Em seu diário, ele sente o perigo que o espreita: "Se eu não me refugiar no trabalho, estarei perdido". Não conseguindo mais progredir, ele se dedica com energia e obstinação raras à publicação de suas

obras, sem dúvida com a esperança de poder abandonar seu emprego e partir para Berlim (ele escreve uma carta a seus pais sobre isso). Kafka pouco a pouco recupera força e inspiração durante o outono de 1914. Em outubro, ele decide tirar uma licença de duas semanas para compor *O processo*. Em vez disso, escreve o último capítulo de *O desaparecido*, "O teatro de Oklahoma". Como está particularmente inspirado, escreve uma novela que contrasta com tudo que escrevera até então, *Na colônia penal*. Essa licença foi extraordinariamente aproveitada, pois ele escreve aproximadamente setenta folhas. No entanto, a seguir sente dificuldade em retomar a preparação de *O processo*. No final de 1914, ele pode fazer um balanço que está longe de ser negativo, mesmo não estando totalmente satisfeito:

> De maneira geral, meu trabalho desde o mês de agosto não foi nem insuficiente nem ruim, mas, no que diz respeito tanto ao primeiro quanto ao segundo ponto, não trabalhei até o limite de minhas capacidades, como deveria ter feito, principalmente porque, segundo todas as probabilidades (insônia, dores de cabeça, fraqueza cardíaca), essa capacidade não durará muito tempo. Textos inacabados: *O processo*, *Memória do caminho de ferro de Kalda*, *O mestre-escola da aldeia*, *O substituto*, assim como outros fragmentos mais curtos. Terminados somente: *Na colônia penal* e um capítulo de *O desaparecido*, os dois durante meus quinze dias de licença. Não sei por que faço esse inventário, não é meu costume! [454]

Mas em janeiro ele abandona *O processo* e novamente cessa de escrever por um ano e meio.

Já que a incrível fertilidade literária do fim de 1913 não se prolonga, Kafka, compreendendo que sua salvação está no trabalho, dedica-se com determinação à publicação das obras que considera terminadas. Assim, quando Musil vai visitá-lo no mês de abril de 1914, ele pode, dessa vez, responder de maneira afirmativa: *A metamorfose* está agora pronta para publicação. Mas, decididamente, nada é simples. A publicação vai mal. Pedem a Kafka para reduzir a história em um terço:

> É um comportamento indigno [escreve ele, decepcionado e amargo]. Para dizer a verdade, caro doutor Musil, pois sei que o senhor me aprova totalmente: se tivessem exigido isso de mim antes do consentimento, teriam evitado o dissabor que foi causado tanto ao senhor quanto a mim. Mas mesmo então eu não teria reduzido essa história, não mais que a reduzo hoje; o senhor certamente também o aprovaria – não existe outra possibilidade[455].

Em desespero de causa, Kafka envia o manuscrito a Max Brod na primavera de 1915 e pede-lhe para negociar o texto. Há a guerra, as coisas se arrastam indefinidamente, mas, por fim, o escritor alsaciano René Schickele publica *A metamorfose* no número de outubro de 1915 da revista *Die Weissen Blätter*.

Meyer, o diretor interino, propõe então publicá-la, sem demora, na coleção “Der Jüngste Tag”: “O pequeno volume poderia ser impresso imediatamente e sair já no mês seguinte”[456].

Por que tanta pressa? Porque o prêmio Fontane, reservado ao melhor romancista moderno, logo seria atribuído. Tencionava-se concedê-lo a Kafka? As coisas, na verdade, são bem mais complexas. O prêmio, criado por Otto Flake em fevereiro de 1913, tendo Blei como seu *deus ex machina*, deve ser concedido a Sternheim, que publicara na mesma coleção *Busekov,* em 1914, e cujo *Napoleão* está na tipografia. O editor tem uma idéia e a expõe a Kafka:

> Como você sabe sem dúvida, Sternheim é milionário, e, como não se pode dar um prêmio em dinheiro a um milionário, Franz Blei, que deve entregar o prêmio este ano, propôs entregar a quantia, que é de oitocentos marcos, eu acho, a você mesmo, porque você é o mais digno. Sternheim leu suas coisas e, como você pode ver na carta anexa, está sinceramente encantado com você[457].

Como era de se esperar, Kafka fica mortificado: “Por mais importância que o prêmio, ou uma participação no prêmio, tenha para mim, certamente eu não poderia aceitar somente o dinheiro, sem tomar a mínima parte no prêmio”[458]. A publicação do livro, por outro lado, inicia sob maus auspícios. Kafka, em uma carta enviada ao editor, queixa-se dos caracteres, da justificação “sóbria e compacta”, gostaria de outra encadernação e não aceita que a ilustração da capa represente um inseto: “Isso não, sobretudo isso! O inseto não pode ser desenhado. Não pode nem aparecer de longe”[459].

Depois das atribulações ligadas ao prêmio Fontane, Kafka pretende fazer uma coletânea com *A metamorfose* e *O veredicto*, sob o título de *Punições*. Meyer não está convencido. De proposta em contraproposta, de alteração em desânimo, a publicação se arrasta indefinidamente mais uma vez. Nem o retorno de Kurt Wolff à direção da casa editorial nem as intervenções de Max Brod fazem as coisas avançarem.

Enquanto isso, Kafka se instala no primeiro quarto que alugou, na rua Bilkova, depois no segundo, na casa “Zum goldenen Hecht”, na Dlouá. Em abril, ele convida Max Brod para ouvir os capítulos V e VI de *O processo*. A dureza que Kafka demonstra para com essa obra é total: “Já lido o início. É hediondo e dá dores de cabeça. Apesar de toda a verdade que ali existe, é mau, pedante, mecânico, um peixe contorcendo-se em um banco de areia. Logo escrevo meu *Bouvard et Pécuchet*”[460].

Durante o inverno de 1916, Ottla encontra para seu irmão uma das pequenas

casas da Alchymistengasse (Zlatá ulícka). Max Brod se diverte corrigindo uma lenda que se propaga em seguida: “Franz não escolhera essa moradia por espírito místico ou semântico [...] o primeiro motivo foi simplesmente sua necessidade de um lugar calmo para trabalhar”[461]. É preciso dizer que sua irmã soube metamorfosear esse buraco de toupeira sujo e empoeirado em um lugar agradável para escrever em total quietude. Até fevereiro de 1917, Kafka pode aproveitar a calma e o silêncio da noite, antes de ir dormir em sua casa, para redigir um certo número de relatos. Estes constituirão, na essência, a coletânea *Um médico rural*. Na época, ele quer juntá-los sob o título *Onze filhos*, que “são simplesmente onze histórias em que estou trabalhando”[462]. Ele acaba de terminar “Cavaleiro do balde”, “Chacais e árabes”, “Na galeria”, “Uma visita à mina”, “O vizinho”, “Um cavaleiro”, “Um fratricídio”, sem contar “A ponte”, “O guardião do túmulo” e “O caçador Graco”. Em 11 de fevereiro de 1917, avisado dessa proeza literária, Max Brod é convidado a ouvir os novos textos.

O resto do ano de 1917, sem nenhuma criação literária notável, só será marcado por pequenas satisfações. A revista de luxo *Marsyas*, com tiragem de 235 exemplares, que acaba de ser fundada por Theodor Tagger, publica em seu primeiro número “Uma folha antiga”, “O novo advogado” e “Um fratricídio”. A revista *Der Jude*, dirigida por Martin Buber, publica “Duas histórias de animais”. No entanto, paralelamente, não faltam decepções. O almanaque das edições de Kurt Wolff, batizado *O novo romance* no ano de 1917, não publica nenhum de seus textos, o rompimento com Felice Bauer é finalmente consumado e, ao mesmo tempo, Kafka precisa abandonar o apartamento de seus sonhos no palacete Schönborn, no bairro de Malá Strana.

No ano seguinte, ele não escreve quase nada, salvo *Contemplação* e um curto relato, “Prometeu”. O único texto importante é a *Carta ao pai*, escrito em novembro de 1919, depois do casamento fracassado com Julie Wohryzek. E a única vitória verdadeira desse período continua sendo a publicação de *Na colônia penal*, na Kurt Wolff, durante o mês de maio. Duas novelas são publicadas em *Selbstwehr*, “Uma mensagem imperial”, em 24 de setembro, e “A preocupação do pai de família”, em 19 de dezembro do mesmo ano. Mas é fato que desde a primavera Kafka não mais se aproximara da ficção.

Se para Kafka a escrita sempre se apresenta sob um aspecto duplo, o de júbilo, quando sua pena parece voar sozinha, levada por uma inspiração fecunda, e o de desânimo, acompanhado por intermináveis períodos de vazio, existe um aspecto de sua vida de escritor que jamais o desaponta e que ele adora: a leitura

de seus textos em público. Primeiro, isso acontece diante de seus amigos próximos e, algumas vezes, dos membros de sua família. Max Brod, testemunha privilegiada de sua aventura literária, é um dos seus primeiros admiradores: “6 de outubro [1912] ele leu para mim *O veredicto* e *O foguista*, o primeiro capítulo de seu romance *Amerika*”[463]; ou ainda: “na casa de Oskar Baum, onde Kafka leu seu segundo capítulo, maravilhoso [...]. Esse seu romance: uma obra magnífica”[464]; e “Kafka leu-nos, na casa de Baum, sua magnífica novela do inseto [*A metamorfose*]”[465]. Kafka é um excelente leitor, como o foram vários escritores do século XIX. Oskar Baum, conquistado pela qualidade e intensidade de suas leituras, o diz com clareza:

> Quando ele lia em voz alta – era sua paixão –, a desgraça da palavra violada se submetia inteiramente, apesar da nitidez de cada som, à amplidão da frase musical, em um ritmo às vezes vertiginoso, e, sustentados por um fôlego indefinido, os crescendos escalonavam poderosamente seus planos dinâmicos. São esses os planos que encontramos na prosa: obras tão notáveis quanto *A dançarina de circo* estão encerradas no maravilhoso edifício de uma única frase[466].

Mas a leitura de seus textos não é apenas um exercício privado que fornece ao escritor a possibilidade de pôr à prova seus últimos escritos ou de apresentá-los ao pequeno círculo de suas relações íntimas. Em 23 de novembro de 1912, respondendo a Willy Haas, que é ainda um jovem, apaixonado pela literatura, Kafka escreve: “Caro senhor Haas, aceito, naturalmente, o convite da associação Herder, dá-me a maior alegria ler alguma coisa. Escolhi o conto de *Arkadia*, ele não chega a durar meia hora [...]”[467]. Em 4 de dezembro, esse “encontro de autores praguenses” reúne Franz Werfel, Max Brod, Otto Pick, Oskar Baum. Ele acontece na espetacular sala dos espelhos do café Europa, que, na época, localizava-se no antigo hotel Sroubek e acabava de receber esse nome, na praça Venceslas. Rudolf Fuchs, que está na audiência, fica impressionado com a atuação de Kafka: “Kafka leu então *O veredicto* [...]. Ele leu com tal magia, com tal tom de desespero contido que, mais ou menos vinte anos mais tarde, eu ainda o revejo de pé na pequena sala mergulhada na penumbra”.

Apesar de Franz Kafka repetir essa experiência todas as vezes que é possível fazê-lo, sua leitura mais memorável é sem dúvida a que ele faz em Munique, depois de receber o prêmio Fontane. Em setembro de 1916, por instigação de Max Brod (o que ele ignora na época), a galeria Neue Kunst Hans Goltz o convida a fazer uma leitura no âmbito de um ciclo intitulado “Encontros para a nova literatura”. Kafka sai de Praga em 10 de novembro e, depois de dez horas

de viagem de trem, chega a Berlim pouco antes da abertura das portas. Lá estão vários escritores famosos, exceto Max Brod, que, no último momento, desistira de fazer a viagem. A sala de conferências está localizada no primeiro andar da antiga livraria Goltz, perto do célebre café Luitpold. Eugen Mondt guarda uma lembrança perene dessa leitura:

> Esse relato muito seco, *O veredicto* [na verdade, trata-se de *Na colônia penal*], era de um realismo tão fascinante e ao mesmo tempo tão horrível, e o tom era tão novo, esse tom que já conhecíamos de seu livro *O foguista*, e ele marcava tão bem o advento do homem dos tempos modernos, que várias mulheres se levantaram e abandonaram o recinto[468].

Um outro escritor presente, Max Pulver, amigo de Rilke, fica literalmente transtornado:

> Esqueci a maneira como ele leu. Desde suas primeiras palavras, pareceu-me que um leve cheiro de sangue começou a se propagar, e um gosto estranhamente insípido e vago se depositou sobre meus lábios. Sua voz tinha sem querer um ar de levemente desculpar-se, suas imagens penetravam em mim como facas, como agulhas de vidro provocando dores vertiginosas. Não era apenas a descrição de um suplício e de um aparelho de tortura por meio das palavras do carrasco executando a sentença e mergulhado em um doce êxtase. O ouvinte também era lançado nesses sofrimentos infernais, como a vítima, estendido sobre a cama de tortura, e cada nova palavra, como uma nova agulha, gravava lentamente em suas costas os termos da execução[469].

E o espectador, estupefato, logo vê sua intuição se realizar: “Depois, houve um barulho surdo de uma queda, a confusão encheu a sala, e levaram uma senhora que desmaiara. A descrição continuou. Suas palavras provocaram mais dois desmaios”[470].

Mas Kafka, apesar do efeito devastador de *Na colônia penal*, que surpreende até a ele, gosta, acima de tudo, do exercício e do desafio da leitura pública, não demonstrando o mesmo entusiasmo quando outra pessoa deseja declamar seus textos. No outono de 1921, Loni Lapper-Strich (sra. Rudolph Fuchs) lê numa noite poetas e romancistas como Franz Werfel, Ernst Weiss, Otto Pick, seu marido e Kafka – Fred Berence, escritor franco-suíço que ensinava então em Praga, também faz parte desse grupo. Kafka não fica satisfeito com essa iniciativa e o diz a Robert Klopstock: “Ontem mesmo fui na casa de pessoas que tinham se reunido para ouvir uma jovem recitadora cujo futuro artístico – ela estuda com Reinhard – não me parece aliás menos desesperado que o da srta. Irene [...]”. Da mesma forma, quando o ator Ludwig Hardt entre em contato com ele para ler seus textos, Kafka se mostra muito cortês e respeitoso, mas pouco receptivo a suas intenções. O ator se lembra perfeitamente das educadas

reticências de Kafka: “Ele certamente não viu com bons olhos as leituras que eu fazia a partir de seus textos. Uma recitação se reduzia, para ele, a uma tentativa de sedução. E era justamente essa sedução que sua obra não esperava nem deveria exercer”[471]. O ator não fica menos fascinado

> com a graça presente em cada palavra, que incute um ritmo amplo e puro à sua prosa, mas onde, sob esse calmo vaivém, sonhos tenazes levam você a profundezas insondáveis, onde reina uma ordem bastante misteriosa, onde enigmas de extrema importância se refletem ao infinito, transparentes e insolúveis ao mesmo tempo, e onde a consciência soluça sobre imagens e figuras de estranha e melancólica clareza [472].

Kafka também gosta de ler os textos de seus autores prediletos. Em 11 de dezembro de 1913, ele lê o início de *Michael Kohlhass*, de Heinrich von Kleist, na sala Toynbee, por ocasião de uma noite benemerente organizada pela associação judaica Bar Koshba. “Fracasso [ele deplora em seu diário] do início ao fim. Mal escolhido, mal lido, e, por fim, divaguei absurdamente no texto”[473]. Max Brod, que assiste à leitura, pensa o contrário, mesmo Kafka tendo escolhido, na sua opinião, uma passagem comprida demais, que o obriga a abreviar o final.

É uma bela obstinação a de Franz Kafka defender suas produções literárias, pois desde o início ele é de um pessimismo intrínseco quanto a elas. Rudolf Fuchs conta uma anedota particularmente saborosa e reveladora da maneira como Kafka enfrenta essa questão – com bastante ceticismo, uma certa aflição e um humor irresistível: “Quando seu primeiro livro, *Contemplação*, foi publicado na Wolff, ele me disse: ‘Onze livros foram vendidos na André. Eu mesmo comprei dez. Gostaria de saber quem foi o décimo primeiro’”[474].

O humor – à sua custa – é seu último recurso.

---

[446]. *Diários*, 11 de agosto de 1912, O.C. III, p. 286.

[447]. Em: Max Brod, *Franz Kafka*, p. 147.

[448]. *Diários*, 23 de setembro de 1912, O.C. III, p. 294.

[449]. *Diários*, 11 de fevereiro de 1913, O.C. III, p. 296.

[450]. Em: Joachim Unseld, *Franz Kafka, une vie d’écrivain*, p. 95.

[451]. Carta a Kurt Wolff, 11 de abril de 1913, O.C. III, p. 710.

[452]. Robert Musil, “Chronique littéraire”, *Neue Rundschau*, agosto de 1914, em *Le Siècle de Kafka*, p. 102.

[453]. Carta a Grete Bloch, 18 de abril de 1914, O.C. IV, p. 586.

[454]. *Diários*, 31 de dezembro de 1914, O.C. III, p. 375.

[455]. Em: Joachim Unseld, *Franz Kafka, une vie d'écrivain*, p. 106.
[456]. *Ibid.*, p. 113.
[457]. *Ibid.*, p. 114.
[458]. *Ibid.*, p. 117.
[459]. Carta à editora Kurt Wolff, 25 de outubro de 1915, O.C. III, p. 743.
[460]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 180.
[461]. Em: Joachim Unseld, *Franz Kafka, une vie d'écrivain*, p. 162.
[462]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 180.
[463]. *Ibid.*, p. 147-148.
[464]. *Ibid.*, p. 148.
[465]. *Diários*, 25 de setembro de 1912, O.C. III, p. 295.
[466]. Em: Max Brod, *Franz Kafka*, p. 124-125.
[467]. Carta a Willy Haas, 23 de novembro de 1912, O.C. III, p. 698.
[468]. Eugen Mondt, "Une soirée avec Franz Kafka", em *J'ai connu Kafka*, p. 161-162.
[469]. Max Pulver, "Promenade avec Franz Kafka", em *J'ai connu Kafka*, p. 167.
[470]. Eugen Mondt, "Une soirée avec Franz Kafka", em *J'ai connu Kafka*, p. 162.
[471]. Ludwig Hardt, "L'Auteur et son conteur", em *J'ai connu Kafka*, p. 246.
[472]. *Ibid.*
[473]. *Diários*, 11 de dezembro de 1913, O.C. III, p. 324.
[474]. "Quelques souvenirs de Rudolf Fuchs". In: Max Brod, *Franz Kafka*, p. 267.

Milena Jesenská, ou quatro dias para se aproximar do amor

Quando Franz Kafka se exila numa pensão de Ottoburg, em Merano, para enfrentar a doença, ele responde a diversas cartas vindas de Viena, escritas por uma desconhecida chamada Milena Jesenská. Ele se lembra de tê-la visto furtivamente em Praga, antes da guerra, no salão do café Arco: “Dei-me conta, de repente, de que na verdade não me lembro de nenhum detalhe particular de seu rosto. Somente sua silhueta, sua roupa, no momento que você partiu, por entre as mesas do café; disso, sim, me lembro”[475], escreve a ela em abril de 1920. O objetivo do pedido dessa jovem tcheca, que vive em Viena, é a tradução de uma novela de Kafka, que ela transcrevera mal, chamando-a *Der Mord* (O assassinato), quando se trata de *Um assassinato*, texto posteriormente rebatizado de *Um fratricídio*. O texto foi publicado na revista *Marsyas*, em 1917, e retomado no almanaque *Die Neue Dichtung* (A nova poesia), promovido pelas edições Kurt Wolff. Kafka fora avisado por esse último do projeto da tradução para o tcheco, o primeiro na época. Depois de enviar-lhe um exemplar do hebdomadário *Kmen* datado de 22 de abril de 1920, em que fora impresso *O foguista*, a jovem pede autorização para traduzir *Um médico rural*. Como resposta a todos esses pedidos, Kafka a informa sobre as diferenças que existem entre as duas línguas e propõe-lhe também uma relação epistolar em tcheco:

> Seguramente, eu entendo o tcheco. Várias vezes já quis perguntar-lhe por que não escreve [uma vez] nessa língua. Não que você não conheça perfeitamente o alemão. Você o conhece a fundo, de maneira espantosa, e, quando acontece de não dominá-lo, ele mesmo se inclina perante você [...]. Mas eu gostaria de ler o seu tcheco, pois, enfim, você lhe pertence, porque no fim das contas só ali se encontra inteiramente Milena [...][476]

Kafka escolhe o local do encontro decisivo: a escrita.

Milena Jesenská nasceu em Praga, em 1896. Ela pertence a uma importante família tcheca. Seu ancestral mais ilustre, Jan Jessenius, foi quem levou o astrônomo Tycho Brahe para Praga. Ele foi executado em 1621, por ter-se oposto ao imperador Ferdinando II, ter abraçado a causa dos protestantes e participado da batalha da Montanha Branca, onde estes foram derrotados. Seu pai, o dr. Jan Jesendky, é professor da universidade Karl. Especialista renomado

em cirurgia dentária, o seu consultório fica na Ferdinandgasse (hoje Nàrodni). Nacionalista fervoroso, ele é um dos representantes eminentes dos Jovens Tchecos e não tarda a figurar entre as personalidades políticas mais em destaque de Praga. Sua mãe, uma mulher sensível às artes, que faz gravuras em madeira e é capaz de copiar móveis antigos, sofre de anemia perniciosa e morre quando Milena tem treze anos. Filha única, Milena muito cedo entra em conflito com o pai, um homem autoritário, não desprovido de elegância. Sempre muito ocupado, assim que pode ele freqüenta o seu clube, ali jogando bastante e perdendo seguidamente. Depois de estudar no colégio Minerva, um dos primeiros liceus de jovens meninas da Europa, forçada por seu pai Milena se inscreve na faculdade de medicina. Não sentindo interesse algum por essa disciplina, ela desiste após alguns meses e inicia estudos musicais dos quais se afasta rapidamente. Tendo herdado o espírito liberal das alunas do Minerva, ela freqüenta os meios anarquistas e socialistas, lê livros de Šrámek e Neumann, as antologias de poesia de Josef Hora e, naturalmente, acaba freqüentando o microcosmo da nova geração de escritores e críticos judeus e "alemães", Willy Haas, Rudolf Fuchs, Paul Kornfel, Franz Werfel. Ela é bela, audaciosa e principalmente extravagante, como o demonstra este testemunho do romancista Jaroslav Kodièek:

> Dizem que Milena joga dinheiro pela janela como uma louca; dizem que, para chegar a tempo a um encontro, ela atravessou o Moldau a nado totalmente vestida; dizem que ela foi presa às cinco horas da manhã, no parque municipal, porque tinha colhido magnólias "públicas" para oferecê-las a um amigo que tanto as apreciava[477].

A vida de Milena Jesenská dá uma volta mais difícil quando ela fica seriamente apaixonada. Margarete Buber-Neumann recorda as circunstâncias:

> Milena estava no concerto; ela estava sentada em um degrau de escada, na primeira fila, totalmente absorvida na partitura. Usava um vestido de seda de cor malva, como se devesse ser recebida na corte real. Então, alguém se inclinou por cima de seu ombro para ler a partitura. Era Ernst Pollak [...][478]

Ela se torna sua amante. Ernst Pollak tem um modesto emprego de tradutor em um banco. Mas sua verdadeira paixão é a literatura. Ele escreve textos críticos e freqüenta os cafés literários. Apresenta-lhe Egon Erwin Kisch, Johannes Urzidil e os poetas que fixaram residência no café Arco, o mesmo que acolhe Brod, Kafka e todo o Círculo de Praga. O relacionamento escandaloso acaba chegando aos ouvidos do pai de Milena, que fica num furor pouco comum. Para cessar o escândalo (mais grave ainda porque sua filha escolhera

um judeu “alemão”, portanto um “inimigo”), ele decide interná-la em um asilo psiquiátrico em Veleslavin. Ela ali ficará de junho de 1917 até março de 1918, até o dia em que, depois de roubar as chaves do dormitório, sairá para reencontrar seu amante. Cansado de lutar, Jan Jesensky cede. Milena deixa a sinistra moradia e foge com Ernst Pollak para Viena, onde casam em 16 de março de 1918.

Tendo rompido todos os laços com seu pai, Milena se encontra sem recursos. O jovem casal vive em um pequeno apartamento triste e sombrio da Lerchenfelderstrasse. Sem dinheiro e mal adaptados, o casal Pollak não demora a soçobrar. Ao mesmo tempo em que Pollak prepara uma tese de doutorado e segue de perto as atividades do meio neopositivista durante o dia, ele passa todas as noites no café Herrenhof ou em outros grandes cafés da intelectualidade vienense, conversando até horas tardias. Pollak tem como amigos Franz Werfel, Franz Blei, Otto Kraus, Otto Gross, Willy Haas, Hermann Broch. Ele já tem diversos laços, o que faz Milena mergulhar na aflição e na solidão. Willy Haas deixou este estranho retrato dela:

> Ela às vezes lembrava uma aristocrata do século XVI ou XVII, um desses temperamentos que Stendhal tomou emprestado das antigas crônicas italianas para transpor para seus próprios romances, como a duquesa de Sanseverina ou Mathilde de la Mole [...]. Como amiga, ela era inesgotável, inesgotável em bondade, inesgotável em expedientes – sobre os quais seguidamente nos perguntávamos com perplexidade como ela os encontrava –, mas também inesgotável em suas exigências com os amigos – coisa que, aliás, parecia, tanto a ela quanto a seus amigos, das mais naturais [...] Ela destoava consideravelmente do clima de promiscuidade erótica e intelectual pós-1918 – e ela sofria [...][479]

Desesperada, ela precisa trabalhar como carregadora na estação de Viena, e acaba buscando refúgio na droga.

Sem poder continuar vivendo assim, desrespeitada e desprezada por seu marido, ela se dedica ao jornalismo. Depois do *Tribuna*, um jornal praguense, ela trabalha, a partir de 1920, no *Národni Listy*. Buscando conseguir traduções de autores contemporâneos e tendo ouvido falar de Kafka no círculo de letrados da conturbada Viena do pós-guerra, ela descobre seus textos e é imediatamente conquistada.

É assim que tem início uma história quase surreal entre Milena Jesenská e Franz Kafka, já que eles só se conhecem pelo que escrevem. No início desse relacionamento, Kafka se esforça por corrigir a opinião que ela tem das pessoas que conhece, como Franz Werfel, ou mesmo seu marido, que Kafka conhecera no café Arco e que Max Brod tem em alta estima. Mas o que, em um primeiro momento, o surpreende favoravelmente é a qualidade de seus artigos para o

Tribuna, em que ela descreve a vida vienense sob ângulos inesperados e originais. Com ela, sobretudo, Kafka pode enfim partilhar sem reservas seus gostos literários. Com ele, Milena se revela de grande franqueza, nada dissimulando quanto a seus contratempos conjugais. Por sua vez, Kafka faz um relato completo de seus três "casamentos" e conta, sem rodeios, as últimas repercussões de sua ligação com Julie Wohryzek. Cada um tem seu fardo – ou sua cruz – a carregar, mas nem um nem o outro ainda estão prontos para se emancipar. Milena pede, a partir do momento em que eles começam a se tratar por você, que ele venha a seu encontro em Viena. Em 31 de maio, Kafka entra em pânico, ou finge entrar em pânico, com a perspectiva de cruzar a fronteira: "Eu não quero [...]. Eu não quero (isto não é gagueira), eu não quero ir a Viena, porque é um esforço moral que eu não suportaria. Estou moralmente doente..."[480]. Quanto mais os laços se estreitam entre eles – somente pela força de suas confidências e de seu entendimento, que se confirma cada vez mais a cada dia, apesar das enormes e substanciais diferenças de caráter e de cultura –, mais a urgente necessidade dessa viagem assume um ar perigoso e portanto atraente. Quanto mais Kafka tem prazer em mergulhar nas cartas de Milena, mais ele teme encontrar-se na situação ridícula e embaraçosa do amante secreto que não sabe como se portar.

Kafka sonha seguidamente com Milena, murmurando-lhe em segredo: "*Tu fazes parte de mim*, mesmo eu não devendo jamais te rever"[481] ; ele sabe desde o início que é prisioneiro das palavras dela, da abundância das palavras dela; que fazem eco às suas. Da mesma forma, ele sabe também que não é seu aspecto físico o que interessa, mas sua palavra, "sua simples palavra" que importa. Então suas defesas começam a se esboroar: ele logo admite que quase nenhum obstáculo poderia retê-lo e que irá a seu encontro. Finalmente, em 29 de junho, ele lhe envia uma carta em que escreve: "[...] estou mesmo em Viena, sentado em um café perto da estação sul [...]"[482]. Ele renunciara ao projeto de ir a Karlovy Vary para encontrar seus pais e Julie Wohryzek. Ele não resistiu à tentação, instalou-se no hotel Riva. Ao explicar, em uma longa carta a Max Brod, quais foram seus sentimentos em relação a Kafka, Milena evocará com emoção os belos dias de junho de 1920, que viveu em companhia daquele que ela chama intimamente de Frank:

> Durante os quatro dias que Frank passou a meu lado, ele o perdeu [o medo]. [...] Quando sentia esse medo, ele me olhava nos olhos, esperávamos um instante, como se tivéssemos perdido o fôlego ou como se nos doessem os pés, e, depois de um instante, havia passado. [...] eu o levei atrás de mim para as

> colinas que ficam atrás de Viena; eu ia à frente, pois ele avançava lentamente, vinha atrás de mim martelando seus passos, e, quando eu fecho os olhos, ainda vejo sua camisa branca e seu pescoço bronzeado e o esforço que ele fazia. Ele caminhou o dia inteiro, ele subiu, ele desceu, ele ficou ao sol, ele não tossiu uma única vez, ele comeu muito e dormiu como uma pedra [...][483]

Apesar de Kafka exclamar, quando volta a Praga em 4 de julho, "Desde que te amo, amo o mundo inteiro", a situação entre os dois amantes está longe de ficar clara. Kafka, que sem dúvida explicara a Milena que romperia tudo com "a pequena" Julie, estava longe de conseguir convencê-la. Por sua vez, ele espera que Milena tenha coragem de se afastar de seu marido, o que ela hesita em fazer manifestamente, conforme testemunha esta carta enviada a Max Brod, na qual ela diz: "Eu estava muito fraca para fazer e cumprir aquilo que eu sabia ser a única coisa que poderia tê-lo ajudado, e que teria ajudado somente a ele"[484]. Kafka continua um tempo persuadido de que ela irá a seu encontro em Praga. Mas, rapidamente, as cartas desse homem doente se tornam monótonas, sem força interior. Ele se perde em detalhes insignificantes, brinca com as palavras, anda em círculos, não tem mais fé nessa paixão, apesar de ainda apegar-se a ela. E quando ela lhe acena com a eventualidade de uma ida a Praga em breve, ele lhe responde:

> Tu escreves dizendo que talvez venhas a Praga no mês que vem. Tenho quase vontade de te dizer: não venhas. Deixa-me a esperança de que, se um dia eu te pedir para vires quando eu estiver no pior desespero, tu chegarás *imediatamente*, mas agora é melhor que não venhas[485].

Mais uma vez tudo se parte, mais uma vez Kafka volta a seus antigos fantasmas, ainda mais mordaz, ainda mais desesperado:

> O que resulta talvez é que agora nós dois estamos casados, tu em Viena, eu em Praga com o medo, e que tu não és a única a morder o freio conjugal; somos dois a fazê-lo, na verdade, pois vê, Milena, se eu tivesse te *convencido totalmente* em Viena [...], não estarias mais em Viena, apesar de tudo [...] simplesmente estarias em Praga [...][486].

Os dias se seguem, e ele calcula: "Cantei forte demais minha alegria?"[487]. Uma única coisa é certa: Kafka não pretende voltar a Viena, o que quer que aconteça. É durante esse período, em que a bela lembrança de Viena se desvanece, que ele envia a Milena a *Carta ao pai*.

De hesitação para retirada prudente, eles não poderiam se rever ainda uma vez? Kafka propõe a cidade fronteiriça de Gmünd. Ele estuda os horários das estradas de ferro, examina todas as soluções possíveis e imagináveis. À medida

que a data do reencontro se aproxima, a crise interior aumenta, fica excessiva. E quando Milena comunica o seu sofrimento, isso só faz aumentar o dele. Ele escreve cartas que não acabam mais, nas quais fala de sua primeira experiência com uma mulher, tão decepcionante; ele evoca seu aniversário, sua confirmação (o *bar mitzvah* dos judeus), conta seus sonhos. Em suas respostas, Milena faz o mesmo. Os dois se entregam a uma confissão infinita, espécie de corrida enlouquecida e enlouquecedora em busca de suas verdades e suas liberdades. Quando finalmente se revêm, no sábado 14 de agosto, conforme combinaram, só existem recriminações, mal-entendidos, receios. O tempo fizera seu trabalho...

De volta a Praga, Kafka está consciente de que a união espiritual deles, tão forte, é também uma união sentimental frágil e que, a partir de então, tudo corre o risco de se partir. A súplica que ele lhe dirige então é de uma tristeza infinita: "[...] se encontrares a menor possibilidade neste mundo sem parapeito [...] não te deixes desanimar por mim, mesmo eu te decepcionando uma vez, ou mil vezes, ou justamente neste momento, ou melhor, sempre justamente neste momento". Pouco a pouco, inexoravelmente, esse amor imenso se decompõe e não tem mais forças para resistir a essa fatalidade: "Mas agora é tão triste! Mordo meus lábios ao te ler; nada mais é certo; somente a pequena dor nas têmporas"[488].

No fim do mês de agosto de 1920, Kafka consulta um médico que quer mandá-lo para um sanatório. Fala-se do Grimmenstein ou do Wiener Wald, os dois na Baixa Áustria. Kafka pesa os prós e os contras, principalmente os contras. As cartas trocadas continuam seu vaivém, mas não são mais mensagens de esperança. Elas contêm cada vez mais palavras sobre questões periféricas, sobre os amigos, sobre a vida da imprensa, sobre aqueles que escrevem ou pensam. Frente a tantas banalidades, Kafka fica magoado, desiludido, e pergunta: "Por que falar, Milena, de um futuro comum que jamais acontecerá?"[489]. Fechando-se, em um primeiro momento, num marasmo impenetrável feito de desgostos, remorsos e alegrias que se tornaram cinzas, ele acaba enxergando a verdade, tal como ela é, fria, implacável, e declara sem rodeios: "Não, Milena, não temos a possibilidade comum que pensávamos ter em Viena, nem um pouco [...]"[490]. Será, portanto, ele que partirá a última ilusão imaginável, no fim desse ano antes tão rico, depois tão mortificante: "Se não for bom que paremos de nos escrever, é porque me engano redondamente. Mas não estou enganado, Milena"[491].

Uma estação, apenas, o separa desses dias que literalmente o fizeram renascer em Viena, apesar da suspeita e da sombra da doença. Patrizia Runfola

lembra com que impaciência, com que arrebatamento juvenil, ele voltara para Praga depois dos quatro gloriosos dias vienenses, trazendo em sua bagagem uma louca esperança que deixava para trás seus três “casamentos” natimortos:

> Max Brod seguidamente visitava Kafka em seu escritório, para ajudá-lo a passar as longas horas durante as quais ele esperava um telegrama. Contrariamente a seus hábitos, ele ficava no escritório mesmo à tarde, pois novidades de Milena poderiam chegar a qualquer momento. “Ainda tenho a impressão de ver Kafka correr para o quiosque de jornal, para ver se o novo número do *Tribuna* tinha alguma coisa de Milena”, conta Brod. Ele não encontrava palavras suficientemente elogiosas para realçar a sagacidade, a vivacidade, a fluidez do estilo dos artigos dela, que ele comparava aos relatos de viagem de Théodore Fontane, um de seus autores prediletos[492].

Quando Milena Jesenská acaba se reconciliando com seu pai e enfim decide deixar Ernst Pollak, é tarde demais. Kafka, por sua vez, tem outro encontro. Em 1921, Milena passa os últimos meses do inverno em Praga. Ela o revê em outubro, quatro vezes. É pouco e é suficiente, pois Kafka lhe envia todos os seus diários, para que ela os conheça (o que ele ainda não fizera com ninguém), com a instrução de remetê-los a Brod depois de sua morte. Ele ainda a revê duas vezes no ano seguinte, em 27 de abril e 8 de maio, data em que lhe confia o manuscrito de *Amerika*. Milena pensa então em voltar a viver em Praga e colabora regularmente com o *Národni Listy*. Em 1926, ela conhece um brilhante arquiteto, Jaromir Kejcár, membro do grupo de vanguarda Devetšil, um dos pioneiros da arquitetura moderna tchecoslovaca; apaixona-se, casa com ele e engravida. Mas porque sua gravidez avança muito mal, ela acaba com o hábito à morfina, de que só se livrará dez anos mais tarde. É o início de um fim de vida atroz: vida de casal destroçada, perda do emprego, distanciamento do círculo de intelectuais praguenses. No meio dos anos 1930, ela adere ao partido comunista e retoma, com energia insuspeitada, a redação de seus artigos, separa-se definitivamente do marido, depois deixa o partido comunista. Quando seu país é invadido pelos exércitos do III Reich, ela se une à resistência imediatamente e participa de uma rede que ajuda os judeus a fugir do país. Presa uma primeira vez pela Gestapo e enviada para o campo de Benešov, depois presa em Dresden, ela é novamente encarcerada, antes de ser deportada para Ravensbrück, onde morrerá depois de cinco anos de sofrimentos, em 17 de março de 1944.

Com Milena Jesenská, Kafka coloca um ponto final no grande romance de sua vida sentimental, que poderia ter construído uma ponte viável entre a literatura e o mundo. Com Milena, ele pelo menos renuncia a introduzir no jogo da sedução o que sempre fora um veneno pernicioso. São de fato suas incessantes alusões à vida amorosa de seus escritores preferidos, a Kleist, de

quem lhe agrada citar a correspondência à sua noiva (“São apenas realidades tangíveis que me fazem obstáculo, o medo de ser feliz, o desejo e a obrigação de me torturar por um objetivo superior!”), mas principalmente à de Grillparzer. Ele destaca a importância que esse último tem a seus olhos: “Este homem foi um ser assustador [...]. Uma pequena anedota retirada de seus cadernos ou de sua correspondência: com o noivado rompido há bastante tempo, somente os parentes mais fracos de espírito acreditavam ainda em alguma longínqua possibilidade de casamento. Katharina tinha passado havia muito dos trinta. Um dia, G. está, como na maior parte das noites, de visita na casa das irmãs. Katharina é particularmente amável com ele; meio por piedade, ele a toma em seus joelhos [...]”[493]. O que aconteceu entre o escritor e Milena foi algo de outra natureza. Mas o mecanismo infernal escondido dentro dele o impede de renunciar ao celibato – ou melhor, à sua esposa exclusiva, ciumenta, a escrita, que repele todas as rivais. E, além disso, ele conhece a triste realidade: o tempo que ele não tem mais.

---

[475]. Carta a Milena Jesenská, abril de 1920, O.C. IV, p. 886.
[476]. Carta a Milena Jesenská, abril de 1920, O.C. IV, p. 890.
[477]. Em: Margarete Buber-Neumann, *Milena*, p. 49.
[478]. *Ibid.*, p. 64.
[479]. *Ibid.*, p. 77-78.
[480]. Carta a Milena Jesenská, 31 de maio de 1920, O.C. IV, p. 905.
[481]. Carta a Milena Jesenská, 12 de junho de 1920, O.C. IV, p. 926.
[482]. Carta a Milena Jesenská, 29 de junho de 1920, O.C. IV, p. 945.
[483]. Carta a Max Brod, Milena Jesenská, 29 de julho de 1920, O.C. IV, p. 1421-1422.
[484]. *Ibid.*, p. 1422.
[485]. Carta a Milena Jesenská, 18 de julho de 1920, O.C. IV, p. 981-982.
[486]. Carta a Milena Jesenská, 21 de julho de 1920, O.C. IV, p. 987-988.
[487]. Carta a Milena Jesenská, 26 de julho de 1920, O.C. IV, p. 999.
[488]. Carta a Milena Jesenská, de 26 a 27 de agosto de 1920, O.C. IV, p. 1059.
[489]. Carta a Milena Jesenská, setembro de 1920, O.C. IV, p. 1093.
[490]. Carta a Milena Jesenská, 1920, O.C. IV, p. 1103.
[491]. Carta a Milena Jesenská, novembro de 1920, O.C. IV, p. 1110.
[492]. Patrizia Runfola, *Prague au temps de Kafka*, p. 207.
VOLTAR Carta a Grete Bloch, 12 de maio de 1914, O.C. IV, p. 609.

A derrota do hipocondríaco e a construção de seu Castelo

Assim que Kafka retoma seu cargo na companhia de seguros, depois de sua longa estada em Merano, sua saúde se deteriora novamente durante o outono. Ele precisa ser enviado a um novo sanatório, em Szontagh, Novy Smonéreux, pois os que ficam na Áustria são muito onerosos. No fim das contas, ele parte para Matliary, na Eslováquia, no meio das montanhas Tatras. A chegada nesse lugar, em 18 de dezembro de 1920, causa-lhe uma grande impressão, que se ameniza a ponto de reduzir-se a nada quando ele chega na frente do sanatório:

> O trenó me esperava, o trajeto ao luar, atravessando florestas e montanhas cobertas de neve, também era muito bonito; em seguida, chegamos a um grande edifício, uma espécie de hotel brilhantemente iluminado, mas não paramos, continuamos um pouco mais pelo caminho até uma casa mergulhada na escuridão que me pareceu suspeita[494].

O lugar não lhe agrada nem um pouco; seu quarto, ainda menos. Ele se muda. Mas os dias se acumulam com tédio e sem melhoras, pelo contrário. Ele tem consciência de estar afundando para sempre na doença. Ela o tem à sua mercê; de agora em diante, não o largará mais:

> Minha fadiga se agravou, passo horas inteiras deitado em minha cadeira, mergulhado em um estado crepuscular. [...] Não estou bem; é claro, o médico afirma que a afecção pulmonar teria regredido pela metade; eu diria que ela progrediu muito mais que o dobro, jamais tive tais acessos de tosse, jamais tais perdas de fôlego, jamais semelhante fraqueza [...][495]

Ele gostaria de voltar a Praga em meados de março. Mas o médico o desaconselha, prevendo um colapso total. Uma gripe intestinal vem agravar um quadro clínico já desastroso. Com a primavera, parece surgir uma calmaria. Ele escreve novamente a Brod, para contar-lhe que se sente infinitamente melhor.

A doença entrara na vida de Kafka, desde sua infância, na forma de um receio permanente de seus efeitos. Apesar de não ter sido o menino “enérgico e robusto” que seu pai teria desejado, de ser um pouco magro, franzino e frágil, principalmente quando se pensa na sua altura, ele não era nada enfermiço. A criança tímida e reservada não se destacava muito em ginástica na escola ou no colegial, mas quando jovem ele se revela um perfeito esportista. Um de seus

colegas de aula nota que ele “amava praticar diversos esportes náuticos no Moldau”. Outros, como Hugo Hecht, ficam surpresos de encontrá-lo várias vezes na piscina. Max Brod, tão fraco e tão incapaz para essas coisas, tem muita admiração por seu amigo, que possui qualidades esportivas de que ele jamais suspeitara: “Eu admirava a virtuosidade com que Franz nadava e remava, ele dirigia uma barca com particular destreza. Ele sempre foi mais hábil e ousado que eu”[496]. Os dois estudantes de direito a contragosto, fervorosos pela literatura, dedicam bastante de seu tempo livre a exercícios náuticos, desde o início da temporada: “Passamos inúmeras horas sobre as tábuas das piscinas de Praga ou sobre o Vltava, em barcas, manobrando acrobaticamente através das barragens”[497]. E Kafka só renunciará a esse hábito bem mais tarde, sob coação. Além da natação e da canoagem, ele faz um pouco de equitação, esqui, joga tênis durante suas permanências com Brod na ilha de Primatoreninsel, onde aliás é visto chegar de bicicleta “com a raquete na frente do guidom, enquanto salta do selim com o amável sorriso envergonhado, que esboça para justificar um atraso devido à cuidadosa toalete dominical a que ele absolutamente não pode se furtar”[498]. E também existem suas longas caminhadas com os amigos pelos bosques, campos e rios, ou suas errâncias solitárias pelas ruas de Praga. Enquanto pôde, Kafka se obrigou a esse tipo de exercício, pois preza sua aparência física acima de tudo, mas também porque para ele isso consiste em uma verdadeira filosofia.

De fato, Kafka inventou para si, em detalhes, uma concepção um pouco espartana da vida, inspirado pelos novos métodos naturistas. Brod é obrigado a constatar que ele pratica esses métodos higienistas “em larga escala”, acrescentando: “Ele dormia com a janela aberta. Quando o visitávamos em seu quarto, ficávamos surpresos com o ar fresco, quase frio. Ele sempre usava roupas leves, mesmo no inverno [...]”[499]. Além do mais, ele é um vegetariano convicto. Em uma de suas primeiras cartas a Felice Bauer, ele assume a responsabilidade de explicar-lhe em que consiste sua dieta:

> Faço três refeições por dia, nos intervalos não como nada, mas nada mesmo. Pela manhã, compota, biscoitos e leite. Às duas e meia, por piedade filial, a mesma coisa que os outros, mas no total um pouco menos que os outros, principalmente o mínimo possível de carne, e muitos legumes. À noite, às nove e meia, no inverno, iogurte, pão integral, manteiga, nozes e avelãs, castanhas, tâmaras, figos, uvas, amêndoas, passas, sementes de abóbora, bananas, maçãs, peras, laranjas. Naturalmente, tudo isso é comido com seleção, e não engolido de qualquer maneira, como que saindo de uma cornucópia. Nenhuma refeição me será mais estimulante que esta[500].

Enquanto esclarece que não tem simpatia pelos verdadeiros vegetarianos, preferindo aqueles “que fazem pouco caso da comida, comem carne ou qualquer coisa como acessórios, de certo modo ilegítimo, é desses que eu gosto”[501], ele não se alegra menos em saber que Felice também tem inclinação para seguir uma dieta vegetariana. E, é desnecessário dizer, ele não bebe nada de álcool. Chega a propor a Brod e a Baum uma interpretação vegetariana da Bíblia:

> Moisés conduziu os judeus pelo deserto para que, durante esses quarenta anos, eles se desacostumassem a comer carne. O maná, dieta vegetariana. As perdizes mortas, o desejo de “cozidos de carne” egípcios. No Novo Testamento, Jesus é ainda mais explícito, ele fala do pão: “Este é meu corpo”[502].

É fato que Kafka gosta da vida ao ar livre. Ele aprecia sobretudo as escapadas para a casa de sua irmã Ottla em Zürau, na Boêmia rural. Ele se interessa pela jardinagem e pela horticultura. Por um tempo, ele arranja um jeito de passar algumas horas com um jardineiro no subúrbio de Nulsle:

> Eu tinha como objetivo principalmente livrar-me por algumas horas da tortura que eu infligia a mim mesmo, e fazer, em oposição ao trabalho fantasmático do escritório, que me foge completamente quando o quero agarrar [...], um trabalho estúpido, honesto, útil, mudo, solitário, sadio, cansativo[503].

Ele tem horror aos médicos, e desconfia deles, mas precisa continuamente recorrer à sua arbitragem. Rapidamente, ele desenvolve todos os sintomas da hipocondria. Assim, quando em junho de 1913 ele reecontra Alfred Kubin, “rosto amarelado, cabelos ralos colados na cabeça, de vez em quando uma luz de excitação nos olhos”[504], esse desenhista genial, que também é escritor, parece-lhe um irmão: o encontro oficial deles acontece sob o signo da hipocondria. Suas discussões acabam sempre girando em torno de questões relacionadas com pequenos problemas de saúde às vezes constrangedores:

> A noite inteira, ele falou com freqüência, e na minha opinião com muita seriedade, de minha constipação e da sua. Mas por volta da meia-noite, como deixei minha mão pender na beira da mesa, ele viu um pedaço de meu braço e exclamou: “Pois é verdade que você está realmente doente”. A partir desse momento, ele me tratou com mais indulgência ainda; além disso, opôs-se aos outros, que queriam me persuadir a ir com eles ao b... Depois que nos despedimos, ele ainda gritou-me de longe: “Regulin!”[505].

A isso se somam diversos outros inconvenientes que comprometem sua boa saúde geral. Para Grete Bloch, por exemplo, ele não pára de expor as aflições e as penosas provações por que passa, noite após noite, por causa de suas

recorrentes insônias: “Minha cabeça, que quase não conheceu o sono em quatro noites – isso já melhorara bastante –, começa um pouco a se apaziguar”[506]. Alguns dias mais tarde, ele volta ao assunto:

> Eu pensei ter descoberto as causas de minha insônia e as combati. Agora é outra coisa que me atormenta. E começo a temer que tudo não passe de ilusões atrás das quais o verdadeiro núcleo do verdadeiro sofrimento espera, esse sofrimento de que nada sei diretamente ainda e que só conheço por suas intoleráveis ameaças[507].

E quando escreve a Felice Bauer, ele não pára de falar-lhe de suas “dores de cabeça que [o] torturam continuamente”, de seus pesadelos e das freqüentes “interrupções de [seu] sono”.

Mas ainda há uma coisa: o receio permanente do barulho. Em março de 1915, Kafka, que pensa em se mudar, preocupa-se com o problema dos aborrecimentos sonoros: “[...] o lugar é bastante calmo, mas ainda não trabalhei ali, de forma que não tive uma experiência suficiente nem da calma nem do barulho”[508]. Pouco depois, ele se decepciona:

> Perseguido pelo barulho. Meu quarto é bonito, muito mais agradável que o da Bilekgasse. [...] Mas embaixo os carros fazem uma algazarra a que no entanto começo a me acostumar. Impossível, por outro lado, acostumar-me aos barulhos da tarde. De tempos em tempos, um estrondo na cozinha ou no corredor. Em cima de mim, o rolar eterno de uma bola pelo chão, como se jogassem boliche com um fim que me escapa; depois disso, ainda tem o piano do andar de baixo. [...] hoje, comecei alegre, depois subitamente pessoas começaram a falar, ao lado ou abaixo de mim, com vozes tão fortes e tão variáveis que tive a impressão de que me envolviam por todos os lados[509].

Essa obsessão crescerá com o progresso da doença:

> Eu ainda estava longe de superar meus ressentimentos com a sacada; é verdade que a sacada de cima estava no momento completamente silenciosa, mas minha audição aguçada pela angústia percebe tudo, mesmo o cirurgião-dentista, apesar de ele estar separado de mim por quatro janelas e um andar inteiro. [...] Sua voz causa-me dores cardíacas[510].

Quando a doença o ataca definitivamente e o deixa à sua mercê, ele se confia a Oskar Baum e desenvolve uma teoria sobre sua hipocondria: “Queres um diagnóstico profano? A doença física é um transbordamento da doença espiritual; trata-se agora de fazê-la voltar para cama, a cabeça naturalmente se opõe, ela que justamente em seu desespero botou para fora a doença pulmonar; e eis que a querem impor novamente [...]”[511]. Ele faz mais ou menos o mesmo discurso a Max Brod alguns meses mais tarde, e quando antes de partir para Matliary, recebe Gustav Janouch, um poeta muito jovem que viera mostrar-lhe suas primeiras obras e prediz que ele voltará “restabelecido de sua estada nos

Tatras”, Kafka replica: “O futuro, ele já está em mim. Se alguma coisa precisa mudar, são esses ferimentos ainda escondidos, que são chamados a tornarem-se mais visíveis”[512].

No sanatório, ele conhece Robert Klopstock, um jovem estudante de medicina húngaro que contraíra uma lesão pulmonar durante a guerra e que está ali para curar sua tuberculose. Eles se entendem muito bem; Kafka aprecia sua gentileza, sua discrição, seu comovente respeito. Quando o jovem vai embora, eles começam a se corresponder: Kafka pode falar sem reservas da doença e de sua evolução, pois Klopstock sabe perfeitamente, como médico e vítima do mesmo mal, do que se trata.

Kafka retorna a Praga no final de agosto de 1921, longe de estar curado. Ele volta imediatamente a trabalhar, mas, muito cansado, não escreve mais. Ao contrário do que acontecera um ano antes, na sua volta de Merano, nenhuma palavra se deixa dominar por ele. Ele conseguira fazer esboços, relatos curtos, fragmentos. Dessa vez, ele se contenta com a redação de duas longas dissertações sobre a educação das crianças, em parte inspiradas por Swift, que envia à sua irmã Elli Hermann. Ele continua enviando cartões-postais e cartas a Minz Eisner e a Robert Klopstock, os dois longe de Praga, que são, ao fim desse ano doloroso, seus principais correspondentes. Ele volta a morar com os pais, o que considera uma terrível derrota. Mas o que muda fundamentalmente é que, depois de uma interrupção total de nove meses, ele retoma a redação de seu diário. As páginas que escreve então, com muita dificuldade, são as mais áridas e abstratas de todas as que escrevera até então. Ele parece ter renunciado a suas meditações e a todos os seus aforismos nascidos de um confronto frontal com a tradição judia, mas também e principalmente consigo mesmo.

Sua relação com o judaísmo é mais complexa, contraditória, tortuosa e ambígua – como, aliás, sua relação com o sionismo. Ela toma um novo rumo depois das numerosas discussões no Círculo de Praga, depois de seu encontro com o ator Löwy, quando conhece Jíří Mordechai Langer, o irmão de František Langer, romancista, dramaturgo e diretor da influente revista *Umlecky’ mešiscnik*. Esse Jíří Langer, autor de *Nove portas*, um livro que reúne relatos da tradição hassidim, rejeita sua educação à ocidental e quer chegar à fonte de sua religião. Para isso, ele vai a Palestina em 1913, depois vive no círculo imediato de um rabino milagroso em Blez, na Galícia. Kafka vai visitá-lo no bairro periférico de Žižkov. Descobre então um rabino digno de um conto oriental, que “usa um cafetã de seda sob o qual percebemos ceroulas. Pêlos no dorso do nariz. Solidéu forrado de pele, que ele mexe sem cessar em todos os sentidos. Sujeira e

pureza, característica dos seres que pensam intensamente”[513]. Ele se interessa com avidez por suas histórias e examina de perto a questão da obediência ao *zaddik*, um justo dos hassidim que o intriga e o diverte. Ele relata em seu caderno, sem esquecer o mínimo detalhe, a história do *zaddik* supremo, o Zaddik Hador, e a do Baal Shem, que está acima dele. Fica evidentemente maravilhado, não por essas esquisitices religiosas com as quais não tem nenhuma ligação, por falta de iniciação e também de interesse, mas por suas inconcebíveis riquezas feéricas. Ele também fica encantado com o relato de todos os ritos arcaicos de que toma conhecimento graças a Langer, como a proibição feita ao interesse pelas belas-letras, aliás por qualquer ciência, antes da idade de setenta anos! Com Langer, ele fica submerso em uma ficção que ultrapassa a ficção!

No fim do ano de 1917, Kafka escreve a Brod para tentar compartilhar com ele sua nova mania pelos contos hassidim, porque estes são “as únicas coisas judaicas nas quais me reconheço imediatamente e me sinto logo em casa, independentemente de meu estado de espírito; para todo o resto, só entro empurrado por um pé-de-vento e sou levado embora por outra corrente de ar”[514]. Não se poderia ser mais claro! Quanto ao engajamento de Kafka a favor da causa sionista, é quase impossível entender até que ponto ele se reconhece nesses objetivos. Brod menciona uma discussão sobre o assunto entre Martin Buber, Franz Werfel, Otto Pick, Oskar Baum e ele mesmo, em 23 de agosto de 1913, durante um passeio de vela e um mergulho por causa da forte canícula; ele escreve em seu diário: “Kafka. Sobre os problemas sociais. No parque municipal. A partir desse momento, Kafka se aproxima cada vez mais de minhas convicções sionistas”[515]. Gustav Janouch não hesita em aumentar isso e em afirmar que “Kafka era um partidário convicto do sionismo”[516]. Certo... o que podemos afirmar é que Kafka tem uma consciência aguda da situação acrobática e necessariamente perigosa do homem judeu na Europa moderna. Ele sabe que essa situação é o fruto de uma longa, longuíssima história cujos fundamentos estão deturpados. Quando ele passeia na cidade velha com Janouch, ele quer explicar isso, apoiando-se simplesmente na geografia do local:

> Você vê a sinagoga? Ela é dominada por todos os prédios que a circundam. Entre esses imóveis modernos, ela é um fragmento da Idade Média, um corpo estranho. Essa é a sina de tudo o que é judaico. É a origem das tensões hostis que constantemente se condensam em reações agressivas[517].

A crer em Janouch, Kafka pressente o pior: “A sinagoga já está abaixo do nível da rua. Mas se irá mais longe. Haverá a tentativa de esmagar a sinagoga,

nem que seja aniquilando os próprios judeus”[518]. A *Carta ao pai* representa, sem dúvida, uma vibrante alegação contra o judaísmo de fachada de seus pais. Mas ele não diz, nessa mesma *Carta*, tão severa e no entanto autopunitiva, uma frase reveladora por sua perturbadora ambigüidade: “Salvação igualmente pouca diante de ti eu encontrei no judaísmo”[519]26 ?

Interessado pelas idéias radicais-socialistas ou anarquistas durante seus estudos universitários, Kafka também se interessa pelo sionismo, mas sem a dedicação (nem o envolvimento) de seus amigos do Círculo de Praga. Ele quer se aproximar de tudo o que esteve na origem da singularidade do povo judeu, e lê com avidez e alegria a colossal *História dos judeus*, de Heinrich Graetz, e mergulha com fervor na *História da literatura iídiche*, de Pines. Ele partilha das preocupações de sua geração, que, depois da Grande Guerra, encontra-se numa terrível situação. Mas não abraça esses combates. Quando assiste à conferência de seu antigo condiscípulo Hugo Bergmann sobre Moisés e o presente, ele nota: “Em todo caso, não tenho nada a ver com isso”[520]. E, no mesmo dia, ele exclama: “As belas e fortes disjunções dentro do judaísmo!”[521]. Max Brod é obrigado a admitir que, em sua sinuosa evolução intelectual em direção ao sionismo, Kafka deu um passo maior e mais decisivo que o seu: “Aqui também ele acabou me superando, graças a seus estudos avançados da língua hebraica”[522]. Para iniciar-se nessa língua, ele primeiro se dirigiu a Friedrich Thieberger, filho de rabino e filólogo de talento, que já observara que “suas convicções metafísicas não tinham nada a ver com as nossas”[523]. Thieberger só conhece o hebraico bíblico e confessa a seu amigo: “[...] eu estava pouco acostumado a levar uma conversa cotidiana”. Diante da insistência de Kafka, ele acaba aceitando:

> A partir de então e durante várias semanas, encontramo-nos em sua casa no mesmo horário, quase sempre em uma peça atrás da cozinha, que dava para o pátio. Ele me seguia à risca com um caderno de vocabulários e exercícios escritos, e se zangava à menor imprecisão do manual. Uma única vez ele não fez seus exercícios e pediu desculpas com uma frase que pronunciou em hebraico: “Estou doente, estou muito doente”[524].

Jíří Langer aceita, por sua vez, ensinar o hebraico moderno a Kafka. O autor de *O erotismo da Cabala* acolhe com prazer esse aluno, estranho mas muito dedicado, na classe que ensina à tarde. Miriam Singer, autora de *Das verschlossene Buch* (um livro de contos judaicos para crianças), também assiste às aulas e observa com espanto que Kafka possuía um pequeno caderno, em que

escrevia cada palavra pronunciada em hebraico, e que tinha, para aprender com mais facilidade, um método próprio, recorrendo a "associações de idéias, muitas vezes com bastante humor". Ele às vezes troçava dos sionistas, que entendiam a iniciação em hebraico tão levianamente: "[Ele] fez uma observação bem verdadeira: 'Os sionistas praguenses começam em setembro com a primeira lição do Moses-Rath; então são alunos muito sérios até o mês de junho. Durante as férias, eles conseguem esquecer tudo o que aprenderam, antes de recomeçar em setembro com a primeira lição do Moses-Rath'"[525]. Depois, Kafka segue o curso de conversação de Puah Ben-Touim, que veio a Praga a conselho de Hugo Bergmann. Kafka lhe diz ter a intenção de ir à Palestina com ela.

Ao lado dessa iniciação no hebraico, que o método estudado por Kafka chama *Sfat Amenou* ("A língua de nosso povo"), o que acontece com sua criação literária? Depois do bastante espantoso, bastante excitante e também bastante desolador encontro amoroso com Milena Jesenská, Kafka não está mais em condições de retomar a pena e dedicar-se à ficção. Ele vê, milagrosamente, três anos de difíceis negociações com Kurt Wolf finalmente resultarem, durante o outono de 1920, na publicação de *Um médico rural*, que ele quis dedicar a seu pai, "com obstinação". Friedrich Thieberger, ao assinalar a estranheza da dedicatória, ouve como resposta de Kafka: "Mas esta dedicatória a meu pai, eu a fiz ironicamente. Acabei de terminar ontem uma carta de cem páginas dirigida a meu pai [...] na qual de alto a baixo me confronto com ele"[526]. Essa publicação foi precedida por uma longa e penosa batalha de opiniões para um segundo conjunto de provas. Os silêncios se eternizam, problemas sem fim sobre a ordem dos textos surgem, sem esquecer o famoso caso do subtítulo: segundo o autor, na coletânea deveriam absolutamente figurar as palavras *Pequenas narrativas*, mas o editor, sem avisá-lo, manda imprimir *Novas contemplações*! Depois de várias trocas de cartas em tom glacial e ironia cortante, revelando uma irritação crescente dos dois lados, a obra enfim é publicada em uma coleção de luxo intitulada "Drugulin", mas o assunto não está encerrado. No momento em que *Um médico rural* vai ser impresso, Kurt Wolf retoma sua recusa categórica de publicar *Na colônia penal*. Composto na primavera de 1919, o livro só será publicado no outono.

Essas duas últimas aventuras editoriais na Wolff irritaram Kafka, pois foram longas e desgastantes demais para seus nervos. Elas o dissuadem de continuar sua colaboração com Wolff, mesmo encontrando-se provisoriamente sem editor. Por mais que Wolff lhe proponha, em 1921, ser ilustrado pelo célebre pintor

expressionista de *Die Brücke*, Ernst Ludwig Kirschner, Kafka não se deixa convencer e promete a si mesmo não mais confiar-lhe seus manuscritos.

Somente no início de 1922 ele faz nova alusão à única grande questão de sua vida, pela qual tanto sacrificou; paixão tão forte que ele só ousa confessar na intimidade de seu diário. Desamparado, ele escreve a Klopstock: “Faz algum tempo que comecei a escrever para me curar do que chamam nervos”. É essa “paixão” que ainda o mantém alerta durante todos os meses do inverno, com uma alegria excepcional. Ele lê a Max Brod o início de seu romance *O castelo*, escreve várias novelas, entre as quais “Primeira dor”, “A partida”, “Advogados de defesa” e “Um artista da fome”. Várias são até mesmo publicadas em revistas nas semanas que seguem. A obra avança, dolorosamente, mas o enorme edifício romanesco de Kafka continuará, no entanto, inédito em vida, pois em parte continuará inacabado e longe de ter sido relido e preparado com vistas a uma composição e uma publicação.

---

[494]. Carta a Ottla, cerca de 27 de dezembro de 1920, O.C. III, p. 998.
[495]. Carta a Max Brod, início de março de 1921, O.C. III, p. 1033.
[496]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 116-117.
[497]. *Ibid.*, p. 130.
[498]. Patrizia Runfola, *Prague au temps de Kafka*, p. 42.
[499]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 126.
[500]. Carta a Felice Bauer, 21 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 73.
[501]. Carta a Felice Bauer, 24 de novembro de 1912, O.C. IV, p. 83.
[502]. Carta a Max Brod, 13 de janeiro de 1921, O.C. III, p. 1011.
[503]. Carta a Felice Bauer, 7 de abril de 1913, O.C. IV, p. 359.
[504]. *Diários*, 12 de junho de 1914, O.C. III, p. 349.
[505]. *Diários*, 30 de setembro de 1911, O.C. III, p. 85.
[506]. Carta a Grete Bloch, 16 ou 17 de junho de 1914, O.C. IV, p. 640.
[507]. Carta a Grete Bloch, 26 de junho de 1914, O.C. IV, p. 644.
[508]. *Diários*, 1º de março de 1915, O.C. III, p. 384.
[509]. *Diários*, 17 de março de 1915, O.C. III, p. 386.
[510]. Carta a Max Brod, final de 1921, O.C. III, p. 1015.
[511]. Carta a Oskar Baum, junho de 1920, O.C. III, p. 988.
[512]. Gustav Janouch, “Conversations avec Kafka”, in *J’ai connu Kafka*, p. 195.
[513]. *Diários*, 14 de setembro de 1915, p. 396.
[514]. Carta a Max Brod, 1917, O.C. III, p. 807.
[515]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 130.
[516]. Gustav Janouch, *Conversations avec Kafka*, p. 136.

[517]. *Ibid.*, p. 184.
[518]. *Ibid.*
[519]. *Carta ao pai*, p. 61.
[520]. *Diários*, 17 de dezembro de 1913, O.C. III, p. 327.
[521]. *Ibid.*, p. 328.
[522]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 130.
[523]. Friedrich Thieberger, “Kafka et les Thieberger”, em *J’ai connu Kafka*, p. 157.
[524]. *Ibid.*, p. 158-159.
[525]. Miriam Singer, “Cours d’hébreu avec Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 178.
[526]. Friedrich Thieberger, “Kafka et les Thieberger”, em *J’ai connu Kafka*, p. 160.

Um ano em Berlim, Jerusalém terrestre

Tudo parece começar para Franz Kafka durante o verão de 1923, quando na realidade tudo está a ponto de terminar. Ele decide passar suas férias com Elli Hermann, sua irmã mais velha, e seus dois filhos, Felix e Gerti, perto da estação balneária de Müritz. Essa estada nas margens do Báltico pelo menos promete ser pacífica. Kafka pretende descansar de uma fadiga insuportável causada por seus problemas de saúde. Ele pára em Berlim no caminho, para tentar visitar Puah Menczel Ben-Touim, que fora sua professora de hebraico. Ele pretendia encontrá-la em Eberswald, em uma colônia de férias onde ela trabalhava. Ele escreve a Max Brod para dizer que tentou visitar essa colônia, "mas o deus do lar de Emmy triunfou e nós ficamos em Bernau". Ele observa que há outra colônia em Müritz, onde se vêem "crianças de olhos azuis, sadias e felizes [que] me deixam alegre". Na verdade, ele renunciara a passar por lá porque estava doente. Em Müritz, a iniciativa do dr. Siegfried Lehmann, diretor do Lar popular judeu de Berlim, que acabara de montar uma colônia de férias, ocupa toda a sua atenção. Ele logo conhece os professores e encontra as crianças, que contempla com alegria, pois são "saudáveis e falam hebraico"[527]. Seu entusiasmo é tão grande que ele imediatamente comunica sua felicidade efêmera a Hugo Bergmann ("Judeus do Leste salvos do perigo berlinense por Judeus do Oeste"), finalizando sua mensagem com estas palavras, que dispensam comentários: "Quando estou entre eles, não estou feliz, mas às portas da felicidade [...]"[528].

Durante essa estada, Kafka se interessa particularmente por uma jovem menina: Tile Rössler. Mais tarde, ela se tornará uma dançarina apreciada e uma coreógrafa reconhecida em Israel. Ela não fica indiferente ao interesse desse homem singular: falará sobre isso em um romance que publicará em 1943, *Dinah e o escritor*. Ali, ela conta, com bastante liberdade, seu encontro com Kafka e, principalmente, como este começa a se interessar por outra jovem da colônia de férias que logo não teria mais segredos para ele:

> Dinah [...] teve, de maneira inconsciente, um papel intermediário. Foi ela que Kafka notou primeiro, durante uma apresentação teatral feita pelas crianças da colônia, e que ele convidou para sua casa; foi ela que foi autorizada a ir até sua cadeira de praia, e com quem ele conversou [...]. E também foi ela que primeiro convidou Kafka a participar das *soirées* organizadas pela casa. Ela concedeu-lhe total confiança, ofereceu-lhe toda a sua alma. Antes, finalmente, que essa adolescente apresentasse o escritor a Dora, diretora do refeitório [...] sem suspeitar, é claro, da importância que essas duas pessoas teriam

uma para a outra[529].

Tile Rössler portanto não fica indiferente ao charme singular de Kafka e não está longe de experimentar por ele um sentimento amoroso que poderia ter sido partilhado se, durante um jantar organizado na colônia para festejar o *Oneg Shabbat*, Franz Kafka não tivesse cruzado com uma certa Dora Diamant (grafado “Dymant” por Max Brod”), que trabalha como empregada do refeitório e relata em suas memórias seu encontro com o grande homem:

> Um dia, vi uma família, os pais e seus dois filhos, que brincavam na praia. Foi principalmente o homem que eu notei, e não consegui esquecer a impressão que ele produziu em mim. Cheguei mesmo a seguir essas pessoas na cidade, e mais tarde encontrei-as novamente. Um dia, anunciaram no Lar popular que um certo dr. Franz Kafka viria jantar conosco. Era na hora em que eu tinha muito a fazer na cozinha. Quando finalmente pude levantar os olhos de meus afazeres – a sala estava mais escura e alguém estava de pé lá fora, na frente da janela –, reconheci o homem que eu vira na praia [...]. “Mãos tão bonitas para esse trabalho de açougueiro”, disse ele com uma voz muito suave[530].

Dora Diamant tem dezenove anos. Vinda de uma família hassidim muito respeitada, ela abandonou-a para fugir ao confinamento dos pais, sem no entanto renegar suas convicções religiosas, e acabou instalando-se em Breslau; depois, para encontrar trabalho, em Berlim. É uma hebraísta notável. Segundo Brod, Kafka teria, desde suas primeiras conversas, ficado impressionado com uma leitura que ela fizera de um capítulo de Isaías, e teria imediatamente percebido nela um talento de comediante. Pode-se falar de uma nova paixão súbita?

Ao se preparar para deixar Müritz, Kafka responde demoradamente a Tile Rössler, que lhe enviara duas cartas. Imediatamente, ele lhe fala de sua relação com Dora: “É uma criatura maravilhosa”[531]. Nas longas e ininterruptas páginas da missiva, Kafka também o faz entender que tem reservas quanto ao encontro no Lar, sem explicar quais. Não sem motivo: a verdadeira explicação, ele a dá a Robert Klopstock, quando anuncia que seus parentes fazem as malas e que ele precisa fazer o mesmo:

> Partiremos segunda-feira pela manhã; sem dúvida eu poderia prolongar minha estada, se fosse capaz de ficar sozinho. Nesse aspecto, eu não poderia viver unicamente da colônia, pois sou apenas um convidado. E nem mesmo um convidado insuspeito, pois um laço pessoal agora interfere nos laços coletivos[532].

A verdadeira explicação é Dora... Ele toma o trem para Berlim em 6 de agosto e assiste à representação de *Os bandoleiros*, de Schiller. Três mulheres o acompanham, dentre elas Tile Rössler, que compreende imediatamente,

mortificada, o que se passa entre Kafka e Dora:

> [...] ele levou a pequena Dinah para assistir a *Os bandoleiros*, de Schiller ("Você ouviu? Você viu? O canalha se chama Franz"), mas somente quando Dinah, convidada por Kafka depois de sua mudança para o apartamento de Stieglitz, ali encontrou Dora [...] transformada em dona de casa.

Antes de voltar a Praga, Kafka passa alguns dias em Schlesen, para retomar as forças. Ele está febril, exausto e de mau humor. No início do mês de setembro, sob o pretexto de que não escreve nada há muito tempo e não possui nenhum inédito, ele recusa uma proposta feita pelo escritor suíço Carl Seelig, que acabara de criar uma coleção chamada "Die Zwölf Bücher" ("Os doze livros"), apesar da razoável quantia em dinheiro proposta. Cheio de remorsos, porque acha que sua recusa foi formulada de maneira muito abrupta, sem no entanto voltar atrás na decisão, ele aconselha a publicação de Ernst Weiss!

De volta a Praga no final de setembro, Kafka precisa enfrentar seus pais e falar de seus projetos. Ele permanece surdo a todas as suas objeções. Na véspera de sua partida para a Alemanha, ele passa uma noite horrorosa, que narra à sua jovem irmã uma vez chegado em Berlim, alguns dias mais tarde:

> Para dizer a verdade, eu também estava um pouco atordoado, pois a noite anterior havia sido uma das piores que jamais tive, dividida mais ou menos em três partes: primeiro, um ataque de todas as minhas angústias, e tão fortes quanto essas angústias nenhum exército da história mundial jamais foi; depois me levantei, acordei a pobre boa senhorita [Marie Werner] (que dormia em meu quarto por causa da instalação dos trilhos do bonde, exausta depois de fazer minhas malas, algo terrivelmente complicado); fui buscar um Froligan, engoli-o avidamente e dormitei por um quarto de hora, mas parou aí, e passei o resto da noite redigindo um telegrama anulando a locação de meu quarto em Berlim e a me desesperar por fazê-lo. Pela manhã, no entanto, não caí ao me levantar (graças a ti e a Schlesen) e parti, consolado pela empregada, assustado por Pepa [seu cunhado Josef David], afetuosamente criticado por papai, tristemente olhado por mamãe[533].

Mas o que importa tudo isso?, Kafka finalmente consegue ir ao encontro de Dora Diamant.

> Em um primeiro momento [conta Dora], vivemos em Steglitz, em um estúdio, depois em Zehlendorf, onde tínhamos dois quartos. Saímos do primeiro apartamento por causa da proprietária. Kafka a descreveu nestes termos, em *Uma mulher pequena*: "Ela se ocupava de mim somente com má vontade, uma má vontade permanente que parecia estimulá-la[534].

Depois de diversos problemas com o senhorio, uma certa sra. Hermann, o casal enfrenta dificuldades, dessa vez de ordem pecuniária, e Franz chega até a escrever a Ottla para pedir-lhe que envie manteiga. Quanto à saúde, a situação não vai nada bem. Kafka confessa a Max Brod que perde o fôlego facilmente, e

que uma tosse persistente o oprime. A todos, ele não pára de enfatizar o caráter dramático da situação política e econômica da Alemanha de Weimar, escrevendo particularmente a Max Brod:

> Certamente tens razão nisto: se as condições de vida em Berlim fossem as mesmas do ano passado, por exemplo, se elas fossem escassas, com possibilidades variadas, distrações agradáveis, etc., é bastante provável que essa explosão tivesse acontecido; mas de modo algum porque não teria havido fogo no vulcão, simplesmente porque se teriam buscado outras saídas; poderiam resultar períodos pacíficos, mas certamente de maneira durável, pois existe um sofrimento central a que várias outras coisas se misturam e que mudam de aspecto segundo as épocas – principalmente sob a influência visivelmente todo-poderosa de tua presença –, mas que não deixa de existir. [...] Ora, a Berlim de hoje não pode trazer essa paz provisória[535].

Dora Diamant e Franz Kafka se mudam em 15 de novembro, no dia da desvalorização do marco, fixando residência no número 13 da Grünewaldstrasse, em um bonito solar mantido por Frau Rethberg. Eles só têm dois pequenos quartos à sua disposição. Mas estão satisfeitos. E Kafka está feliz por estar longe do centro da antiga capital, como conta à irmã em uma de suas missivas: “Aqui, no subúrbio, temos até o momento uma paz profunda”[536]. E ele o especifica em um breve cartão-postal:

> Quando olhamos por nada pela janela: o céu azul, todo este verdor, depois voltamos para o quarto: as frutas, as flores, a manteiga, o quefir, e continuamos a pensar: os belos parques, o Jardim Botânico, o Grunewald, e nos deixamos levar ainda mais longe: uma noite infinitamente boa no teatro [...][537]

Max Brod vai a Berlim em meados do mês de novembro. Pelo menos uma coisa o tranqüiliza: seu amigo conhece a felicidade, apesar da situação precária:

> Encontrei uma vida idílica, enfim eu via meu amigo em boa disposição. Seu estado físico piorara, é verdade, mas ainda não o suficiente para inspirar temores sérios. Franz falava dos demônios de que se livrara: “Eu escapei por entre os dedos deles. Essa partida para Berlim foi magnífica, eles agora me procuram, mas não me encontram, pelos menos por enquanto”[538].

Por seu lado, ao escrever para a irmã, Valli, Kafka se representa com uma ironia alegre e o coração leve dentro de seu pequeno paraíso doméstico: “Minha mesa fica perto do fogão, acabo de sair do canto do fogo porque faz calor demais, até mesmo para minhas costas eternamente geladas; minha lâmpada a petróleo queima às mil maravilhas, é uma obra-prima, por causa tanto da arte do comprador quanto do fabricante [...]”[539]. Nesse quadro idílico, é claro que ele esquece de especificar que a “lâmpada a petróleo” está ali porque cortaram a

eletricidade e o gás, por causa de contas atrasadas.

Kafka também volta a escrever com convicção. Dora avalia corretamente que a escrita é seu oxigênio:

> Ele só respirava nos dias em que escrevia. Quando dizem que ele escrevia catorze dias seguidos, isso quer dizer que durante catorze anoiteceres e catorze noites a fio ele não parava de escrever. De hábito, antes de começar a escrever, ele caminhava com passos pesados, com um ar carrancudo. Então ele falava pouco, comia sem apetite, não se interessava por nada, e ficava muito abatido; ele queria ficar sozinho[540].

Ela também conta, sobre seu conto *Um artista da fome*, que ele "foi escrito em uma única noite durante o inverno. Ele começou no início da noite e terminou ao amanhecer, antes de ir trabalhar"[541]. Essa fúria de escrever deixa Dora, que o observa em silêncio, maravilhada:

> Um dia, depois do jantar, ele escreveu por muito tempo, tanto que apesar da luz acabei adormecendo. Então, de repente, ele ficou lá, sentado ao meu lado, que acordara. Eu o olhava. Uma transformação bastante sensível acontecera em seu rosto; os traços da tensão de espírito que o haviam agitado eram tão visíveis que seu rosto ficara completamente transformado. Ele me contou a história, alternando um tom de brincadeira com um tom mais sério. Tratava-se de um relato autobiográfico, em que o sentimento de pânico talvez tivesse sido provocado pelo pressentimento de sua volta para a casa dos pais e o fim da liberdade. Ele me explicou que nesse "covil" eu era "o coração da cidadela"[542].

Mesmo Max Brod, a quem ele lê um fragmento da novela que acaba de terminar durante sua breve passagem por Berlim, fica encantado, admira seu ardor no trabalho e pensa que Kafka se aproxima então da perfeição. Posto em contato com o diretor da casa editorial Die Schmiede, Kafka consente sem dificuldade, o que é tão raro nele que é preciso salientá-lo, à publicação de quatro novelas, às quais dá o título de *Ein Hungerkünstler*.

Quando não escreve, Kafka lê. Lê os livros de Martin Buber, *Die Feuerprobe*, de Ernst Weiss, o artigo de Max Brod sobre Franz Werfel, a revista de Karl Kraus, *Die Fackel*. Ele lê a Torá, os comentários de Rachi sobre a Torá e o Talmude, ou um romance de Brunner de que não gosta nem um pouco. E quando ele se arrisca no centro da cidade decaída, é somente para seguir um curso de cultura hebraica na Hochschule für der Wissehschaft des Judentums, localizada na Artilleriestrasse. Ele escuta o professor Torcyner e os comentários do Talmude ensinados pelo professor Guttman. Ele não freqüenta mais tanto Puah Menczel Ben-Touim, que, quando de sua instalação, veio ajudá-los, ensinando rudimentos de costura a Dora e iniciando Kafka no hebraico ainda por algum tempo. Ela entende que Kafka ainda busca raízes.

> Eu acredito que sua atração por Dora Diamant foi em grande parte alimentada pelo fato de ela pertencer a uma família hassidim ultraconservadora. Ele queria tudo saber sobre a vida dos pioneiros judeus lá, ele queria se familiarizar com as técnicas agrícolas, pois falava em também trabalhar a terra. Por causa de sua fraqueza física e de suas contradições pessoais, o estudo do hebraico acabou tornando-se seu laço simbólico com a Palestina[543].

O certo é que Kafka teve a intenção de iniciar-se na horticultura, na direção do duplo sonho da volta às origens: a reconstrução de Israel pelos pioneiros e a vida prática da vida simples e saudável, no campo. Pelo menos é o que ele imagina, não sem ingenuidade.

Mas Kafka sofre cada vez mais. Sofre com uma febre forte entre o Natal e o Ano-Novo. Ele se preocupa principalmente com as despesas médicas. E as privações não existem para melhorar as coisas: “Todavia, o principal obstáculo é a minha saúde; hoje, por exemplo, eu esperava uma ligação telefônica de E., mas não pude ir com facilidade para o quarto frio ao lado, pois tenho 37,7 e estou de cama”[544].

Em fevereiro de 1924, acontece uma nova mudança. O casal troca pela primeira vez de bairro, instalando-se em Zehlendorf. A proprietária é a viúva do escritor Carle Busse. Kafka sabe que não poderá fazer frente a essa nova despesa e fala disso a Brod, com uma mistura de desespero e ironia: “Se nos restringimos quanto à moradia (para falar a verdade bem demais, no mês que vem cederei um quarto) e à alimentação (para falar a verdade extraordinário, surgido como por magia de dois fogareiros a álcool e de uma marmita norueguesa – certamente um luxo excessivo, comparado ao sistema desse senhor que, nas palavras de minha última proprietária, cozinha tudo exclusivamente em sua cama) [...]”[545].

Dia após dia, Kafka vê sua saúde declinar perigosamente: “Meu caro Robert, não estou bem, não posso escrever”[546] , revela a Klopstock em meados de fevereiro. No início do mês de março, o dr. Ludwig Nelken, que Dora conhecera em Breslau, aceita examinar o doente. O jovem especialista, que se tornara uma sumidade em Jerusalém, só registra uma situação sem solução: “Ele não estava na cama quando entrei no quarto. [...] Mas ele estava num estado assustador. [...] A única coisa que eu podia fazer então era prescrever-lhe algo para acalmar a tosse e os outros sintomas”[547]. O médico guardou uma imagem forte e conturbada desse encontro, Kafka estando perfeitamente consciente do fato de não haver mais tempo para salvá-lo: “Ele se apoiou no peitoril da janela, dirigindo-me um sorriso amistoso, como se quase tivesse piedade de mim e

quisesse dizer: ‘Por que desperdiçar o seu talento comigo, meu jovem? É tarde demais para vir em minha ajuda’ [...]”[548].

Só resta uma saída: o sanatório. Kafka recusa internar-se, sempre por motivos financeiros. A que poderia servir? Ele sabe que nada mais pode contra essa fatalidade, como disse a Klopstock: “Oponho-me ao sanatório, assim como à pensão: mas para que serve, já que não posso me opor à febre?”[549]. Ele finge pesar os prós e os contras, evocando os encantos da “vida natural”, por um lado, e sua fraqueza e sua incapacidade de se deslocar, por outro: “[...] assim, a idéia de pacificamente ir me enterrar em vida em um sanatório ainda não me é absolutamente desagradável”[550].

Dessa vez, ele realmente perde a batalha.

Nesses meses passados em Berlim, em meio ao mais completo despojamento, mas também na antecâmara da felicidade, enquanto lentamente toma consciência da iminência de sua morte, Kafka vive, no entanto, uma belíssima história, que Dora Diamant conservou preciosamente como uma espécie de conto maravilhoso, tão revelador do universo desse homem que ela amou com paixão e devoção. Durante uma de suas freqüentes caminhadas no parque Steglitz, eles encontram uma menininha que chora. Eles perguntam o que a fez chorar tanto e ela responde que perdera sua boneca. “Para explicar seu desaparecimento, Kafka inventa imediatamente uma história totalmente verossímil: ‘Sua boneca só estava fazendo uma pequena viagem, eu sei porque ela me enviou uma carta’. Mas a menininha o olha com um ar desconfiado: ‘Tens contigo essa carta?’, ela pergunta. ‘Não, deixei em casa, mas a trarei amanhã’, ele responde”.

Assim que chega em casa, Kafka começa a escrever a famosa carta. No dia seguinte, ele a leva para a menininha: “‘A boneca explicava que tinha cansado de viver na mesma família, ela dizia que queria trocar de ares; em uma palavra, queria se separar por algum tempo da menininha, que no entanto ela amava muito’”[551], conta Dora em suas memórias. A história não termina assim... A boneca escreve então todos os dias, para contar sobre a nova vida fascinante que ela tem...

> Alguns dias depois [continua Dora], a criança esquecera a perda de seu brinquedo e só pensava na ficção que ele lhe oferecera como compensação. Franz escreveu cada frase do romance com tanta precisão e humor que a situação da boneca ficara fácil de entender: a boneca crescera, fora para a escola, encontrara outras pessoas. Ela sempre assegurava seu amor à criança [...][552]

Com essa história, Kafka enfim conhece a leitora ideal, uma leitora que, como ele, prefere a “verdadeira vida” da ficção à vida real. Ele só tem mais alguns meses de vida.

---

[527] .Cartão-postal a Robert Klopstock, 13 de julho de 1923, O.C. III, p. 1217.
[528] .Carta a Hugo Bergmann, 13 de julho de 1923, O.C. III, p. 1218.
[529] .Tile Rössler, “Rencontre à Müritz”, em *J’ai connu Kafka*, p. 220.
[530] .Dora Diamant, “Ma vie avec Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 225-226.
[531] .Carta a Tile Rössler, 2 de agosto de 1923, O.C. III, p. 1221-1222.
[532] .Carta a Robert Klopstock, início de agosto de 1923, O.C. III, p. 1224.
[533] .Carta a Ottla, 26 de setembro de 1923, O.C. III, p. 1233.
[534] .Dora Diamant, “Ma vie avec Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 228.
[535].Carta a Max Brod, 5 de novembro de 1923, O.C. III, p. 1265.
[536] Carta a Ottla, 13 de outubro de 1923, O.C. III, p. 1243.
[537] Carta a Ottla, 14 de outubro de 1923, O.C. III, p. 1243-1244.
[538]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 228.
[539].. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 229.
[540] Dora Diamant, “Ma vie avec Franz Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 230.
[541] *Ibid.*
[542]. *Ibid.*
[543]. *Ibid.*
[544]. Carta a Max Brod, meados de janeiro de 1924, O.C. III, p. 1283.
[545] Max Brod, *Franz Kafka*, p. 233.
[546]. Carta a Robert Klopstock, 19 de fevereiro de 1924, O.C. III, p. 1290.
[547] Ludwig Nelken, “Une consultation médicale chez Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 240.
[548] *Ibid.*, p. 239.
[549]. Carta a Robert Klopstock, início de março de 1924, O.C. III, p. 1291.
[550]. *Ibid.*
[551] Dora Diamant, “Ma vie avec Kafka”, in *J’ai connu Kafka*, p. 228.
[552]. *Ibid.*, p. 229.

Fim de jogo no centro de um império extinto

No final do mês de janeiro de 1924, Kafka revela a Max Brod:

> Caro Max, em primeiro lugar não te escrevi mais porque estive doente (febre forte, calafrios), e, em conseqüência da doença, honorários de setenta coroas por uma única visita do médico; D[ora] conseguiu reduzi-las pela metade negociando mais tarde: em todo caso, desde então tenho dez vezes mais medo que antes de ficar doente; um lugar de segunda classe no hospital judaico custa 64 coroas por dia [...] [553]

Essa carta em que ele evoca por muito tempo a angústia que a doença lhe provoca, e que ele descreve em detalhes, é um chamado de socorro. Brod não tarda a ir a Berlim, mas só pode constatar a terrível realidade: “Finalmente se tornou óbvio que seu estado físico piorava, apesar de seu equilíbrio moral, que permanecia constante. Uma enfermeira veio vê-lo; depois, logo que voltei a Praga, avisei seu tio (o médico), que foi a Berlim e constatou o pior”[554]. Brod volta a Berlim em 17 de março, para assistir à estréia de *Jenufa*, de Leoš Janaèek, apressa-se em visitar Kafka e decide levá-lo consigo para Praga. O jovem doutor Robert Klopstock e Dora Diamant os acompanham à estação, essa última devendo encontrá-los em Praga alguns dias mais tarde. Para Kafka, essa estada é vista como um fracasso; ele precisa se instalar na casa dos pais. “Apesar de toda a solicitude com que o rodeávamos, ele tinha a sensação de um naufrágio, de uma derrota que o atingia em sua vontade de independência[555].”

Ele não ficará muito tempo no apartamento da família, pois uma permanência no sanatório torna-se indispensável. Assim que o avisam, Brod escreve em seu *Diário*: “Notícia pavorosa [...], fiquei sabendo que Kafka foi enviado ao sanatório Wiener Wald. Clínica vienense. Constatada uma tuberculose da laringe. Dia de desgraça terrível”[556]. Kafka parte em companhia de Dora. Esta pedira que Robert Klopstock viesse o mais rápido possível. Ele chega alguns dias mais tarde. A jovem e ele formam o que eles chamam “a pequena família”. Kafka se preocupa muito com as despesas de sua hospitalização. Em 9 de abril, ele escreve a Max Brod para pedir-lhe um serviço de urgência:

> Caro Max, aqui está caro e em tais circunstâncias continuará sendo assustadoramente caro, é preciso que *Josefina* me ajude, não existe outra maneira, propõe isso, por favor, a Otto Pick (é claro que ele pode

> imprimir o que quiser de *Regard*); se ele aceitar, só desiste, por favor, de *Die Schmiede* depois; se ele não aceitar, envia-a *imediatamente*[557].

Dora Diamant dá provas de uma dedicação extraordinária. É uma mulher amorosa, que sabe encontrar as palavras para que Kafka esqueça suas dores, ocupe sua mente:

> Os vastos conhecimentos de Dora sobre a tradição religiosa do judaísmo do Leste da Europa eram para Franz uma fonte de deslumbramento constante; e a jovem, que não sabia nada dos altos feitos da cultura, amava e reverenciava seu grande mestre, não menos que o universo de sonhos estranhos a que sua imaginação se entregava, universo em que ela se aclimatara sem esforços. Eles muitas vezes se divertiam juntos como crianças[558].

Apesar de ignorar a gravidade de sua doença e apesar das dores que sente – "é preciso fazer injeções de álcool no nervo e sem dúvida também uma ressecção"[559] –, ele escreve a Robert Klopstock –, Kafka está cheio de esperança e coragem. Mas o professor Haje, que dirige a clínica, não quer ouvir as requisições de seus parentes, que em vão pedem que lhe seja concedido um quarto individual.

> Ele dividia [conta Dora] um quarto com diversos doentes graves. A cada noite, um deles morria. Ele me comunicava isso mostrando, sem nada dizer, a cama vazia. Uma vez, ele me mostrou um tipo divertido que corria por tudo e comia com apetite, apesar do tubo que lhe haviam introduzido na garganta. [...] ele se alegrava em vê-lo com bom apetite. No dia seguinte, ele me mostrou sua cama vazia [...][560]

Max Brod e Franz Werfel, que tentam utilizar as pessoas influentes que conhecem em Viena para suavizar a sorte do amigo, chegam a um novo revés. O que fazer? Uma decisão é tomada: fazer com que o doente seja admitido no sanatório de Klosterneuburg, em Kiesinger. Kafka lá chega em 19 de abril. "Lá [escreve Dora], deram-lhe um quarto magnífico, constantemente exposto ao sol e com uma sacada"[561]. Brod acrescenta que o bonito quarto é "enfeitado com flores e se abre para o verde"[562].

Mas a doença ainda ganha terreno. Sua garganta o faz sofrer horrivelmente, e ele quase não pode mais comer. Dora chama o doutor Neumann, que só pode constatar o desastre: a tuberculose seguira sua obra de decomposição com tal tenacidade que uma operação cirúrgica torna-se impensável. O diagnóstico chega: Kafka só tem mais três meses de vida; melhor seria levá-lo de volta a Praga, onde lhe serão administrados pantapon e morfina.

Kafka continua a escrever. Willy Haas, que visita a irmã Anne, que cuidara

de Kafka em Kierling, é informado: “Kafka ainda escrevia várias horas por dia. Mas pouco a pouco ele não conseguia mais comer”[563]. A enfermeira fará também uma observação impressionante: “Na novela *Um artista da fome*, ele descreve a repugnância frente à comida, sete anos antes de sua morte, como ele mesmo experimentará quando sua laringe ficar cada vez mais comprometida. [...] Seu espírito ficava essencialmente absorvido pelo que ele escrevia [...]”[564]. Dora Diamant, por sua vez, assegura que ele não trabalhou muito, mas que sobretudo se dedicou à sua correspondência: “Nesse sanatório, Kafka escreveu diversas cartas a seus pais, a seus colegas e irmãs e a Max Brod, que também veio visitá-lo, mas somente depois de dar uma conferência em Viena, para não deixar transparecer a Kafka a gravidade de seu estado”[565]. É Dora quem diz a verdade. Kafka escreve, por certo, mais cartas. A seus pais, principalmente, para tranqüilizá-los: “Meu tratamento consiste no momento – a febre não permite outra coisa – a lindos emplastros e inalações”[566]. Ou ainda isto a seu pai:

> E depois tomarmos juntos “um bom copo de cerveja” como o senhor escreve, o que mostra que meu pai não faz muito caso do novo vinho; quanto à cerveja, aliás, dou-lhe razão. A propósito, seguidamente penso agora, durante os grandes calores, que já bebemos muita cerveja juntos, isso há muitos anos, quando papai me levava à Escola civil de natação[567].

Em um de seus bilhetes, ele pergunta ao médico que o atende: “O senhor é conhecedor em matéria de vinho, doutor? O senhor já bebeu vinho novo?”[568]. E quando escreve um cartão-postal a seus pais em 26 de maio (é, aliás, a última vez que ele pega a pena para escrever à sua família), ele declara, não sem demonstrar uma formidável ironia: “Caríssimos pais, só uma palavra para retificar: meu desejo de beber água (como sempre se serve em nossa casa depois da cerveja, em grandes copos) e de comer frutas não é menor que o da cerveja; mas, no momento, faço progressos lentamente”[569] . Essa obsessão devoradora pela sede assume proporções colossais. Nos pequenos bilhetes que servem para que ele se comunique com o corpo médico e seus visitantes, ele não pára de aludir a isso: “Acho que posso simplesmente arriscar uma vez um grande gole de água”; “Pergunta se tem uma boa água mineral, só por curiosidade”; “Você tem um momento? Então, por favor, dê um pouco de água às peônias”; “O pior é que não posso nem tomar um copo de água, saciar assim um pouco de nosso desejo”; “Um bom conselho: coloque uma fatia de limão no vinho”; “Água mineral, eu

poderia experimentar uma vez por brincadeira"; "Muita água. Fresca"; "O lilás está maravilhoso, não? – Ele bebe morrendo, ele ainda se farta"; "Por que não experimentei cerveja no hospital. Serviço de bar, tudo era tão infinito"; e ainda esta, que é a manifestação de uma forma de humor negro: "Não existe o que um moribundo beba". A vida escorre como os líquidos, que ele não consegue mais absorver.

Desde sua chegada à Áustria, Kafka viu-se proibido de falar – talvez ele quase não pudesse fazê-lo. Nos pequenos bilhetes, lembra-se Brod, "ele fala muito de seu estado, de suas necessidades do momento, de pílulas, de compressas". Ele pede, por exemplo, "uma espécie de cilindro de água". Utiliza palavras enigmáticas: "Filhos de reis", "em direção das profundezas, em direção ao porto profundo". Ele está cansado, impaciente, mas lembra-se do aniversário de Brod (27 de maio), pede que se ofereça mais seguidamente vinho à enfermeira. Kafka segue seu tratamento com uma minúcia escrupulosa que não se conhecia até então. Nada a fazer. Não, não há mais nada a fazer. E ele tem pressentimentos lúgubres: confessa, ao ouvido de Max, que vê uma coruja aparecer, o pássaro dos mortos, cada noite à sua janela.

Kafka alterna incessantemente lucidez e desorientação. Por sua vez, Dora faz esforços admiráveis, e Klopstock faz tudo o que pode para aliviar os sofrimentos de seu amigo. Ele se preocupa e vê o final próximo:

> O estado físico de Kafka neste momento e o conjunto da situação, a saber que ele literalmente morria de fome, eram realmente alucinantes. Quando ele terminou a correção, o que deve ter representado um esforço imenso, não apenas intelectual, mas também uma espécie de reencontro desconcertante (com seu passado), as lágrimas literalmente escorriam de seus olhos, foi a primeira vez que testemunhei esse tipo de emoção em Kafka. Ele sempre teve um controle extraordinário de si mesmo[570] .

No final do mês de maio, o estado do doente se deteriora subitamente: uma doença intestinal se soma a seus males e acelera sua desidratação. Kafka não conhece o extraordinário momento de alívio dos doentes de tuberculose, que em geral se traduz em uma brusca exaltação e uma vontade de prazeres sensuais. Irmã Anne conserva uma lembrança bastante precisa: "Seu espírito estava antes todo absorvido no que ele escrevia [...]", e acrescenta: "[...] ele não demonstrou nenhum sinal da alegria de viver e da euforia que caracterizam os tuberculosos logo antes da morte"[571] .

Na segunda-feira 2 de junho, pela manhã, Kafka trabalha nas primeiras provas de seu último livro, *Der Hungerkünstler* (*Um artista da fome*), chegadas pouco tempo antes. Ele toma providências para que se troque a ordem das

histórias e se mostra ofendido porque o editor não prestou atenção suficiente a algumas de suas indicações. Ao meio-dia, esgotado, ele adormece. Brod, presente, segue o relato de seus últimos momentos:

> Às quatro horas da manhã, Dora chama Klopstock ao quarto, porque Franz respira muito mal. Klopstock tem consciência do perigo e acorda o médico, que faz uma injeção canforada. Então começa a última batalha do escritor, a da morfina. Ele culpa, com raiva, seu amigo, recriminando-o por não querer ajudá-lo: "Você sempre me prometeu, há quatro anos. Você me tortura, você sempre me enganou... Não falarei mais com você. Eu estou morrendo, afinal". Aplicaram-lhe duas injeções. Na segunda, ele disse: "Não trapaceie, você está me dando um antídoto". Depois ele disse [...]: "Mate-me, senão você é um assassino". Deram-lhe pantapon, ele ficou feliz: "É bom assim, mas mais, mais, você está vendo que não está fazendo efeito". Depois, ele lentamente adormeceu. Suas últimas palavras foram para sua irmã Elli, Klopstock segurava-lhe a cabeça. Kafka, que sempre teve um medo extremo de contaminar alguém, disse, olhando para o amigo que tomava por sua irmã: "Vamos, Elli, não tão perto". E como Klopstock se endireitasse um pouco: "Sim, assim, está bem"[572].

Ele faz então um pequeno sinal à enfermeira para pedir-lhe que saísse do quarto, arranca seu pneumotórax e o atira longe, com raiva. Enquanto Klopstock se afastava para limpar a seringa, ele teria dito: "Não vá embora". Seu amigo respondeu: "Mas eu não estou indo". Franz retorquiu com voz grave: "Mas eu estou indo".

Irmã Anne tem outra versão de seus últimos momentos: Kafka teria mandado Dora embora, com o pretexto de fazê-la levar uma carta ao correio, mas, deplorando sua ausência no mesmo instante, teria pedido à enfermeira que fosse buscá-la imediatamente.

> Dora voltou toda ofegante, com flores, que sem dúvida acabara de comprar, na mão. Kafka parecia ter perdido totalmente a consciência: "Franz, olha as lindas flores, sente-as um pouco", murmurou-lhe Dora. Foi então que o moribundo, que parecia já ter passado ao outro mundo, endireitou-se uma última vez e cheirou as flores. Foi de nada se entender. E ainda mais incompreensível foi o fato de que seu olho esquerdo abriu-se novamente e retomou um pouco de vida. Ele não podia mais falar, mas tinha nos olhos um brilho tão maravilhoso e um sorriso tão expressivo, e suas mãos e seus olhos estavam muito eloqüentes[573] .

Na verdade, como Klopstock revela em uma carta datada de 4 de junho de 1924, Dora teria ido descansar, seguindo os conselhos do jovem doutor, que teria prometido acordá-la ao menor sinal. Ela não teria ficado à cabeceira de Kafka quando ele deixou este mundo. Na mesma carta, Klopstock relata a cena, emocionante, terrível, a que assiste. Quando fica sabendo da notícia terrível, Dora dirige-se uma última vez ao homem que tanto amara, nestes termos: "Tu que estás sozinho, absolutamente sozinho, e nós que não podemos fazer nada e ficamos aqui, e te deixaremos lá [na câmara mortuária] sozinho nas trevas, nu,

oh!, meu Franz, meu amado Franz”[574] . “Só quem conhece Dora pode saber o que é o amor”, conclui Klopstock, esgotado com tanto desespero.

---

[553]. Carta a Max Brod, Berlim-Steglitz, meados de janeiro de 1924, O.C. III, p. 1282-1283.
[554]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 234.
[555].*Ibid.*
[556]. *Ibid.*, p. 234-239.
[557]. Carta a Max Brod, 9 de abril de 1924, O.C. III, p. 1294-1295.
[558]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 240.
[559]. Carta a Robert Klopstock, 13 de abril de 1924, O.C. III, p. 1245.
[560] Dora Diamant, “Ma vie avec Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 236.
[561] *Ibid.*, p. 237.
[562] Max Brod, *Franz Kafka*, p. 236.
[563] .Willy Haas, “Les derniers jours”, em *J’ai connu Kafka*, p. 247-248.
[564] *Ibid.*
[565] Dora Diamant, “Ma vie avec Kafka”, em *J’ai connu Kafka*, p. 237.
[566] Carta a Julie e Hermann Kafka, final de abril de 1924, O.C. III, p. 1298.
[567]Carta a Julie e Hermann Kafka, 19 de maio de 1924, O.C. III, p. 1299.
[568] Páginas de conversação, O.C. III, p. 1305.
[569]. Carta a Julie e Hermann Kafka, 19 de maio de 1924, O.C. III, p. 1299.
[570] Ernst Pawel, *Franz Kafka ou Le cauchemar de la raison*, p. 460.
[571]Willy Haas, “Les derniers jours”, em *J’ai connu Kafka*, p. 248-249.
[572]Max Brod, *Franz Kafka*, p. 244.
[573] Willy Haas, “Les derniers jours”, em *J’ai connu Kafka*, p. 249-250.
[574]. Max Brod, *Franz Kafka*, p. 245.

ANEXOS

Referências cronológicas

1883 – *3 de julho*: nascimento de Franz Kafka em Praga, filho de Hermann e Julie Kafka.

1884 – Nascimento de sua irmã Gabriele (Elli).

1890 – Nascimento de sua irmã Valerie (Valli).

1892 – Nascimento de sua irmã Ottilie (Ottla).

1893 – Franz Kafka entra no liceu alemão da Cidade Velha.

1896 – *Bar mitzvah* de Franz Kafka.

1901 – Obtém o *Abitur* (diploma do ensino secundário). Começa os estudos de química na universidade.

1902 – Estudos de literatura na faculdade de letras e de história da arte. Entra na faculdade de direito. Adere à *Lese-und-Redehalle der deutschen Studenten*. Sanatório perto de Dresden.

1904 – Começa a escrever a primeira versão de *Descrição de uma luta*.

1905 – Sanatório de Zuckejmantel (Silésia austríaca).

1906 – Doutorado em direito. Estágio com o tio, o advogado Richard Löwy, depois junto a dois tribunais de Praga.

1907 – Entra na *Assicurazioni Generali* como "auxiliar".

1908 – Primeira publicação dos oito contos que compõem *Betrachtung* (*Contemplação*) na revista *Hyperion* (Munique). Entra em uma companhia de seguros contra acidentes de trabalho.

1910 – Começa a redação de seu *Diário*.

1911 – Viagem com Max Brod: Zurique, Fluëlen, Lugano, Milão, Paris, Versalhes. Eles escrevem a quatro mãos um romance intitulado *Richard und Samuel – Eine kleine Reise durch mitteleuropäische Gegenden*. Sanatório de Erlebach (região de Zurique).

1912 – Destrói seus escritos de juventude. Esboça *O desaparecido* (*Amerika*). *13 de agosto:* conhece Felice Bauer na casa dos pais de Max Brod. *20 de setembro:* primeira carta a Felice Bauer. Seguem-se cem cartas até o fim do ano. Interrupção do *Diário*. *Noite de 22 a 23 de setembro:* redação de *O veredicto*.

1913 – Abandona a redação de *O desaparecido*. Propõe a coletânea *Filhos* a

Kurt Wolff (*O foguista*, *O Veredicto* e *A metamorfose*). Sanatório de Riva. Conhece Hedwig Weiler. Grete Bloch serve de intermediária entre Franz Kafka e Felice Bauer.

1914 – Retomada do *Diário*. Noivado com Felice. Rompimento. Tira uma licença para escrever *O processo*.

1915 – Instala-se na Bilekstrasse, no apartamento de sua irmã Elli Hermann, depois na casa "O lúcio de ouro", na Langenstrasse. Sanatório de Rumburg (Boêmia do Norte). Publicação de *A metamorfose* em *Weisse Blätter*, de René Schickele.

1916 – Visita de Robert Musil a Praga. Reencontra Felice Bauer e nova correspondência. Publicação de *O veredicto*. Escreve "O guardião do túmulo". Publicação de "Um sonho".

1917 – Kafka escreve bastante. Instala-se no palácio Schönborn, no bairro de Malá Strana. *9 de julho:* segundo noivado com Felice Bauer. Crise revelando a hemoptise. A tuberculose pulmonar é diagnosticada. Última carta a Felice Bauer.

1918 – Meditações metafísicas e religiosas no *Diário*. Primavera: Turnau. *Novembro:* Pensão Stüdl em Schlesen. Escreve "Prometeu".

1919 – Relação com Julie Wohryzek. Publicação de *Na colônia penal*. Escreve a *Carta ao pai*.

1920 – Início da correspondência com Milena Jesenská. Rompimento definitivo com Julie Wohryzek. Grande atividade literária. Publicação de *Um médico rural* (edições Kurt Wolff). Sanatório de Matliary nos Tatras, na Eslováquia.

1921 – Interrupção do *Diário* até outubro. Conhece o dr. Robert Klopstock. Remete todos os seus cadernos a Milena Jesenská. Publicação de "Cavaleiro do balde". Escreve "Primeira dor". Escreve seu primeiro testamento.

1922 – Começa a redação dos primeiros capítulos de *O castelo*. Estada em Spindelmühle (montes dos gigantes). Última visita de Milena Jesenská. Ele lhe envia o manuscrito de *O desaparecido*. Publicação de "Primeira dor" e de "Um artista da fome".

1923 – Férias em Müritz, no Báltico. Colônia de férias do Lar judeu de Berlim, onde conhece Dora Diamant. Instala-se em Berlim com Dora Diamant, no bairro de Steglitz. Escreve "A construção" e "Uma mulher pequena".

1924 – *1º de fevereiro:* mudança para o bairro de Zehlendorf. Escreve "Josefina, a cantora". Deterioração de seu estado de saúde. *Final de março:* sanatório de Wiener Wald (Baixa Áustria). *19 de abril:* mudança para o sanatório de Kierling,

perto de Viena. Dora Diamant o acompanha. *Maio:* provas da coletânea *Um artista da fome*. *10 de maio:* o pai de Dora Diamant recusa que sua filha case com ele. *1º de junho:* morte em Kierling. *11 de junho:* funeral no novo cemitério judeu de Praga.

Sobre o autor

Escritor, historiador e crítico de arte, Gérard-Georges Lemaire dirigiu as coleções “Connections”, da editora Flammarion, e “Les derniers mots” e a revista *L’Ennemi*, da editora Christian Bourgeois. É considerado um dos grandes especialistas na obra de Kafka. Publicou cerca de quarenta obras, entre as quais: *Lês Préraphaélites* (Bourgeois, 1980), *Cafés d’artistes à Prague* (Éditions du Chêne, 2002), *Le Goût de Trieste* (Mercure de France, 2003), *Maison d’artistes* (Éditions du Chêne, 2004), *Beat generation: une anthologie* (Al Dante, 2004).

Título original: *Kafka*

Tradução: Julia da Rosa Simões

Capa: Projeto gráfico – Editora Gallimard

Foto – Fotografia anônima de Kafka, Budapeste, 1917

Ilustração – Jirí Votruba (© Fun Explosive, Praga)

Revisão: André de Godoy Vieira e Jó Saldanha

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L563k
Lemaire, Gérard-Georges, 1948-
Kafka / Gérard-Georges Lemaire; tradução Julia da Rosa Simões. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
(Coleção L&PM POCKET ; v.558)

Tradução de: *Kafka*

ISBN 978.85.254.2806-6

1. Kafka, Franz, 1883-1924 – Biografia. I. Título. II. Série.

CDD 928.3
CDU 929:821.112.2

© Éditions Gallimard 2005
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br
Impresso no Brasil
Primavera de 2007

Table of Contents

O funeral de Kafka, funeral de um mundo
Uma família sob o signo do corvo
De uma infância, outra
A vida em família
Os anos de universidade, ou o início de uma vida dupla
Duas amizades sob o signo da literatura
A entrada na vida
A poderosa e fugaz tentação da arte
Iniciação à dor do amor
A grande largada: o Círculo de Praga, a primeira publicação e a invenção do Diário
Três pequenas viagens ao exterior e depois um livro
Um teatro da língua judaica no café Savoy
Sobre a vida laboriosa e sobre a vida amorosa
Um parêntese chamado Grete e um processo em Berlim
Últimos preparativos de casamento em Praga
Julie Wohryzek ou um noivado impossível
A “verdadeira vida”
Milena Jesenská, ou quatro dias para se aproximar do amor
A derrota do hipocondríaco e a construção de seu Castelo
Um ano em Berlim, Jerusalém terrestre
Fim de jogo no centro de um império extinto
Anexos

Referências cronológicas
Sobre o autor